

CONFIDENCIAL

MISSÕES II



MEMÓRIA Nº 15/87-DSI

FUNAI

MISSÕES RELIGIOSAS

BRAN, BSB AA3. MRL. 16, p. 1/311

Em 10 JUN 87

1. ANTECEDENTES

A princípio, a ação missionária no BRASIL, exclusivamente católica, buscou a integração do índio à sociedade colonial pela modificação de seus padrões, usos e costumes tradicionais, destruindo sua unidade étnica e linguística.

Com a Constituição de 1891, que estipulou a liberdade religiosa, foram criadas missões protestantes e de outros credos.

2. ATUAÇÃO

Basicamente, a atuação dos missionários está ligada à catequese, ao atendimento de saúde e educação, e às pesquisas científicas relacionadas com linguística instrumental e antropologia aplicada.

Hoje existem no país numerosos grupos assistidos por missões. A maior concentração está nos estados e territórios da região norte e centro-oeste, onde se encontra a parcela mais numerosa da população indígena.

Os dois credos, com predominância em ação missionária, são o católico e o protestante que apresentam comportamento peculiar.

Ver Mapa, anexo.

3. MISSÕES PROTESTANTES

Os protestantes são mais ligados aos aspectos religiosos com fundamento na leitura da Bíblia. Prestam melhor assistência de saúde. A tradução dos textos bíblicos em língua nativa leva-os a falar o idioma dos índios e estimula o ensino bilingüe.

Procuram atender rigorosamente às normas da FUNAI e respeitar a Lei 6001/73.

Os missionários normalmente residem com seus familiares nas aldeias.

CONFIDENCIAL

deias, angariam os recursos para ação missionária nas igrejas de suas origens, nacionais e estrangeiras.

MRL-16, p. 2/311



4. MISSÕES CATÓLICAS

Os católicos, normalmente sob influência da Teologia da Libertação, procuram a conscientização do índio para seus direitos; contestam a lei 6001/73 e a conduta da FUNAI. Exacerbam a reivindicação pela terra indígena. Dão importância secundária à catequese, salvo naqueles aldeamentos em que a ação missionária é antiga, dispondo de grandes instalações onde existe internato para meninos e meninas índias.

Os recursos são obtidos principalmente de fontes exteriores, através de organismos internacionais, muitas vezes canalizados pelo órgão central da pastoral indígena - o CIMI. Este Conselho, ativista e contestador, tem grande influência na atuação das missões e também na condução do indigenismo em geral.

Sob sua orientação espalham-se por todo território nacional, adeptos militantes normalmente leigos (não religiosos), que levam a palavra da igreja em trabalho de conscientização cujos postulados principais são:

- . propriedade da terra pelos índios;
- . nações indígenas dentro da nação brasileira;
- . propriedade do subsolo (mineração); e
- . oposição ao indigenismo oficial.

Em ambos os credos, há missionários brasileiros e estrangeiros.

5. VANTAGENS E DESVANTAGENS

A atuação do missionário é insubstituível quanto à dedicação, à permanência e ao baixo custo. No caso dos protestantes, a estrutura da missão é montada, e a subsistência mantida com apoio material e financeiro das igrejas de origem. Não há como estabelecer um paralelo de custos com o dispêndio com servidores da FUNAI nos postos indígenas.

As desvantagens das missões estão principalmente na quebra dos padrões culturais através da catequese, no trabalho de pressão ideológica e reivindicatória, nem sempre se limitando ao conveniente aos índios e, sempre, descuidando da realidade legal e



conjuntural. A ação contestadora só ocorre com os missionários católicos. Entretanto, no aspecto meramente cultural, há a consideração do estágio de aculturação de cada etnia.

Para que a atuação missionária saia do campo religioso e ideológico e proporcione resultado efetivo dentro de uma política nacional indigenista, sem as desvantagens já apontadas, é necessário que a FUNAI supervisione e fiscalize as missões, mediante convênios.

Há muitos anos a FUNAI não tem, de maneira sistemática, estabelecido convênios com as missões o que conduz à uma situação desordenada e de desconhecimento por parte do órgão responsável.

6. ANTAGONISMO E CONFLITO DE INTERESSE

Influindo negativamente nesse quadro, está a ação da igreja progressista (CIMI) que através de artifícios e oportunismos, tem explorado as dificuldades dos missionários protestantes. Em consequência, a 27 NOV 85, a FUNAI suspendeu por seis meses a assinatura de novos convênios ou sua renovação com as missões, atribuindo ao Museu do Índio o estudo e avaliação da atuação das missões.

Além do antagonismo religioso, têm-se observado a ação de pessoas e grupos ativistas leigos que se conduzem praticamente dentro dos postulados do CIMI, uma vez que missões protestantes não concorrem para os seus objetivos.

Assim, freqüentemente até pela imprensa, os protestantes são falsamente denunciados de trabalhar para a CIA/USA, contrabandear minérios e pedras, instalar-se em locais estratégicos. Na verdade, trata-se, no fundo, de divergência religiosa explorada para conquista de espaço de poder junto às etnias e proporcionar condições para proselitismo.

7. RESPONSABILIDADE DA FUNAI

A FUNAI, no momento e possivelmente por muitos anos, não terá condições de assumir a obra assistencial realizada pelas missões que atinge parcela considerável da população indígena.

Uma de suas maiores dificuldades é pessoal que tenha atributos

MRL.16, p.4/311

de dedicação, capacidade de sacrifícios pessoal familiar. Por outro lado, o custo operacional de um posto indígena bem dotado é elevado, havendo o problema da permanência afastado dos centros populacionais e seus benefícios.

Nesse quadro, a opção administrativa da FUNAI é contornar as desvantagens da ação missionária pela orientação, supervisão e fiscalização das missões. Isso é feito por documento hábil, normalmente convênio. A escusa em não promovê-los, apesar das tentativas do SIL, MEVA e outras missões, implica em grave responsabilidade de omissão que, em contrapartida, libera as missões de qualquer controle.

O número de missões com convênios é insignificante, principalmente pelas delongas administrativas da FUNAI, influenciada pela ideologia e ação religiosa adversa ao indigenismo oficial.

8. CONCLUSÃO

Em 1981, um GT(DSI/MINTER, SG/CSN, AC/SNI, FUNAI, FAB) chegou à seguinte conclusão quanto às Missões Religiosas na Área YANOMAMI que é atual e válida para todo universo da FUNAI (transcrição):

" A FUNAI deve:

- Reavaliar o trabalho das Missões, com vistas a julgar a conveniência da sua permanência na área, particularmente das católicas;
- Formalizar em documentos legais (convênios e outros), sem perdas de tempo, toda e qualquer atividade desenvolvida pelas Missões; definir com precisão, nesses documentos, a orientação da FUNAI, sua autoridade para supervisão e fiscalização, bem como a responsabilidade da Missão, que deve ser a mais abrangente (educação, saúde e outros aspectos de assistência);
- Dar apoio logístico e técnico, à Missão, sempre que necessário;
- Manter junto à Missão, sempre que possível, um representante, sem prejuízo da fiscalização periódica;
- Reestudar as Normas de Ação Missionária de modo a adaptá-las à situação atual, bem como desenvolver atividade coordenadora como seminários, simpósios e similares;

MRL. 16, p. 5/311



- Estudar a possibilidade de abrir novas frentes missionárias na Área YANOMAMI, a fim de complementar a ação da FUNAI."
- Dentro desse enfoque, seria laborar a favor dos adversos às missões, tomar a data de hoje como ponto de partida para es tudo e depois implementação das recomendações do GT.
- Portanto, desde logo, impõe-se retomar a formulação de con vênios dentro de uma orientação dinâmica e vigilante da FUNAI, deixando de lado os conflitos de interesses entre missionários.

É óbvio que a conclusão do GT que se refere explicitamente aos YANOMAMI, deve ser estendida a todas as comunidades da FUNAI, respeitadas suas peculiaridades e interesses.

MINISTÉRIO DO INTERIOR
FUNDAÇÃO NACIONAL DO ÍNDIO - FUNAI

SEMINÁRIO: FUNAI/MISSÕES

LOCAL: 1ª DR - Manaus (Amazonas)
PERÍODO: 06 a 11 de abril de 1975
PARTICIPANTES:
I. FUNAI:

PRESIDENTE:

Gen. Ismarth de Araújo Oliveira
Superintendente:
~~Gelcimar Soares dos Santos~~
Coordenador da Amazônia
Hélio da Rocha Santos

DIRETORES:

Departamento Geral de Planejamento Comunitário
Rubens Auto da Cruz Oliveira
Departamento Geral de Operações
Dr. João Crisóstomo
Departamento Geral de Administração
~~Cel. Artur Orlando Costa Ferreira~~

TÉCNICOS:

COAMA: Lamartine Ribeiro Oliveira
Dr. José Alfredo Guimarães
DGPC - DEP: Olympio José Trindade Serra
Diana Cléa Garcia da Motta
Ana Maria da Paixão
~~DDC: Delvair Montagner Melatti~~
DE : Meiriel de Abreu Souza
Mario Rubens Ferreira de Cerqueira

MINISTÉRIO DO INTERIOR
FUNDAÇÃO NACIONAL DO ÍNDIO - FUNAI

02

DS : ~~Dr. Aldo Olmos Molina~~ *não compareceu*
Sebastiana Luíza de Oliveira

DGO: Cel. Joel José Marques

~~Walter Prates de Oliveira~~

1ª DR: Francisco Mont'Alverne Pires - Delegado Regional

Carmem Lúcia Teixeira de M. Mota

Francisca Pertétua Socorro Marques

Dr. Irineu de Castro

Dr. Romildo Moraes de Oliveira

10ª DR: Adolfo Kilian Kelsering

Divisão Amazônica

Major Saul Carvalho Lopes

Raimundo Frânio de Almeida Lima

II - MISSÕES:

1 - Prelazia do Rio Negro:

Bases: Jauaretê

Pari-Cachoeira

Taracua

Içana

Maturacá

Marauia

Tunui

Tapuruquara

Barcelos

2 - Prelazia do Alto Solimões (P.A.S.):

Base: Belém

3 - Prelazia de Roraima:

Bases: Catrimani

Barata

Surumu

4 - Batista:

Base: Santa Rita de Weil

MINISTÉRIO DO INTERIOR
FUNDAÇÃO NACIONAL DO ÍNDIO - FUNAI

03.

5 - Evangélica da Amazônia (MEVA):

Bases: Auaris
Anauá
Surucucu
Mucajaí
Macuxi

6 - Novas Tribos do Brasil:

Bases: Demeni
Tototobi
Ituí
Padauari

7 - Summer Institute of Linguistics

Bases: Maku
Tukuna
Nhamundá
Pacu (Macuki)
Paumari
Jamamadi

- Rio Teoré
- Juma (Cungol)

8 - Assembléia de Deus:

~~Base: Elim~~

~~9 - Asas do Socorro:~~

Locomoção de Missionários Evangélicos na
Amazônia e em Roraima.

III - Convidados:

Comando Militar da Amazônia (CMA) ✓
Instituto Nacional de Colonização e Reforma Agrá-
ria (INCRA)
Fundação de Serviço Especial de Saúde Pública
(FSESP)
Instituto Nacional de Desenvolvimento Florestal
(IBDF)
Associação de Crédito e Assistência Rural (ACAR)

MINISTÉRIO DO INTERIOR
FUNDAÇÃO NACIONAL DO ÍNDIO - FUNAI

04

Superintendência de Campanhas (SUCAM)
Conselho Indígena Missionário (CIMI)
Superintendência de Desenvolvimento do Amazonas
Secretaria de Educação do Amazonas
Secretaria de Saúde do Amazonas
Secretaria de Agricultura do Amazonas
Secretaria de Educação do Território Federal de
Roraima
Secretaria de Saúde do Território Federal de Ro
raima
Secretaria de Agricultura do Território Federal
de Roraima

Prelazia de Roraima

Prelazia de Manaus

Bispos - Prelazia do Alto Solimões

Prelazia de Lábrea

Prelazia de Parintins

Pe Casimiro Bekster

Superintendência da Zona Franca de Manaus

IV - Antropólogos que atuam na área:

- ✓ Peter Silverwood Cope - Projeto Rio Negro
- ✓ Pacheco - Projeto Alto Solimões
- ✓ Kenneth Iaian Taylor - Projeto Yanoama
- ✓ Alcida Rita Ramos Taylor Projeto Yanoama

AMP/hff

MINISTÉRIO DO INTERIOR
FUNDAÇÃO NACIONAL DO ÍNDIO - FUNAI

Of. Circ. nº /PRES

Brasília, 06 de março de 1975

Prezado Senhor,

A Fundação Nacional do Índio, realizará no período de 06 a 11 de abril sob a Presidência desta Fundação e de seus Técnicos, um Seminário entre os missionários atuantes no Estado do Amazonas e Território Federal de Roraima, cujo objetivo será o estabelecimento de bases de atuação conjunta nas referidas áreas. Para tanto, faz-se necessário a presença de V.Sa. e de missionários de base que compõem sua Instituição.

Em anexo, segue o programa que será debatido em plenário, esclarecendo que a colaboração de seus missionários será de grande valor para o êxito dos trabalhos e o desenvolvimento dos grupos tribais.

O local das reuniões será oportunamente, comunicado a V.Sa., mas para efeito de informações, quando da proximidade das mesmas, indicamos a Sede da 1ª Delegacia Regional:

- Av. Getúlio Vargas, 937 - Manaus
FRANCISCO MONT'ALVERNE PIRES - Delegado

Solicitamos a V.Sa., a indicação dos missionários que irão tomar parte no Seminário, sem ônus para a FUNAI, cujas designações deverão ser enviadas à 1ª DR.

Na oportunidade, reiteramos nossos protestos de estima e consideração.

ISMARTH DE ARAÚJO OLIVEIRA
Presidente

AMP/hff

MINISTÉRIO DO INTERIOR
FUNDAÇÃO NACIONAL DO ÍNDIO - FUNAI

TEMÁRIO

Economia e Ação e Comunitária - dia 6/4

1. Atividades Produtivas de Subsistência
(individual e coletiva)
2. Comercialização e Escoamento da Produção Indígena
3. Mão de obra indígena - especialização
4. Terra
5. Outros assuntos ligados ao tema
6. Problemas e sugestões relacionados ao tema

Saúde - dia 7/4

1. Problemas de Saúde nas Comunidades Indígenas:
Medicina Preventiva e Curativa;
Atendimento Hospitalar;
Educação Sanitária;
Medicamentos;
2. Infra Estrutura e Condições para Melhoria Operacional nas Comunidades Indígenas.
3. Entidades que colaboram com a Missão:
no fornecimento de medicamentos;
no fornecimento de pessoal especializado;
no setor assistencial.
4. Outros assuntos ligados ao tema.
5. Problemas e sugestões relacionados ao tema.

Educação - 8/4

1. Ensino Bilíngüe - Alfabetização como instrumento aculturativo.
2. Adaptação da Educação à realidade local
3. Corpo Docente - seleção
instrução
capacitação profissional

MINISTÉRIO DO INTERIOR
FUNDAÇÃO NACIONAL DO ÍNDIO - FUNAI

fl. 02

4. Material Didático - aquisição por parte das Missões e dos Índios.
5. Merenda Escolar
6. Evasão - causas
7. Outros assuntos ligados ao tema
8. Problemas e sugestões relacionados ao tema

Sócio-cultural e Religioso - 9/4

1. Grau de contato
2. Método utilizado de aproximação MISSÃO/COMUNIDADES INDÍGENAS.
3. Religião Predominante
4. Relacionamento Missionário/Índios/Sociedade envolvente
5. Contato da comunidade indígena com a sociedade envolvente: problemas - causas.
6. Outros assuntos ligados ao tema .
7. Problemas e sugestões relacionados ao tema

MINISTÉRIO DO INTERIOR
FUNDAÇÃO NACIONAL DO ÍNDIO - FUNAI

PROGRAMA

Dia - 5/4

8:00 - Inscrição na sede da 1ª DR
Av. Getúlio Vargas - 937
Manaus

12:00 - Encerramento das inscrições

Dia - 6/4

8:00 - Abertura: Presidente da FUNAI -
Gen. Ismarth de Araújo Oliveira

9:00 - Início dos trabalhos com a exposição das Missões,
obedecendo ao calendário estabelecido, sobre suas
atividades nas áreas de atuação

Tema - Economia e Ação Comunitária

12:00 - Almoço

14:00 - Reabertura dos trabalhos de exposição das Missões

18:00 - Encerramento do plenário
Início de reunião das Comissões de Trabalho

Dia - 7/4

8:00 - Início dos trabalhos com a Exposição das Missões,
obedecendo ao calendário estabelecido, sobre suas
atividades nas áreas de atuação

Tema: Saúde

12:00 - Almoço

14:00 - Reabertura dos trabalhos de exposição das Missões

18:00 - Encerramento de plenário
Início de reunião das Comissões de Trabalho

Dia - 8/4

8:00 - Início dos trabalhos com a Exposição das Missões,
obedecendo ao calendário estabelecido, sobre suas
atividades nas áreas de atuação.

Tema - Educação

MINISTÉRIO DO INTERIOR
FUNDAÇÃO NACIONAL DO ÍNDIO - FUNAI

fl. 02

- 12:00 - Almoço
- 14:00 - Reabertura dos trabalhos de exposição das Missões
- 18:00 - Encerramento de plenário
- Início de reunião das Comissões de Trabalho

Dia - 9/4

- 8:00 - Início dos trabalhos com a exposição das Missões, obedecendo ao calendário estabelecido, sobre suas atividades nas áreas de atuação.

Tema - Sócio-Cultural e Religioso

- 12:00 - Almoço
- 14:00 - Reabertura dos trabalhos de exposição das Missões
- 18:00 - Encerramento de plenário
- Início de reunião das Comissões de Trabalho

Dia - 10/4

Debates de grupos de trabalho, por área, com missionários, Técnicos da FUNAI, e Antropólogos, para discussão e a efetivação de proposições a serem levadas a plenário.

- 8:00 - Tema: Economia e Ação Comunitária
- 10:00 - Tema: Saúde
- 12:00 - Almoço
- 14:00 - Tema: Educação
- 16:00 - Tema: Sócio-Cultural e Religioso
- 18:00 - Encerramento

Dia - 11/4

- 8:00 - Apresentação das proposições ao Plenário e ao Sr. Presidente da FUNAI para votação.
- 12:00 - Encerramento

AMP/hg.

MINISTÉRIO DO INTERIOR
FUNDAÇÃO NACIONAL DO ÍNDIO - FUNAI

DINÂMICA DAS REUNIÕES EM PLENÁRIO

Cada Missão disporá do período de 45 minutos, para discorrer sobre os temas propostos, do qual deverão constar relato dos trabalhos que vem realizando em cada setor específico, incluindo dificuldades e problemas encontrados, bem como providências e sugestões que julguem necessárias. Haverá o período de 15 minutos após a fala de cada Missão para debates em plenário.

Os relatos deverão ser escritos e entregues à Secretaria do Seminário, logo após a fala, a fim de serem datilografados e mimeografados para entrega aos participantes das comissões de trabalho, para estudo e formalização de proposições. As Comissões de Trabalho serão compostas por um membro de cada Missão, por área de atuação, Técnicos da FUNAI e Antropólogos, que apresentarão suas proposições nas reuniões de grupos, para serem julgadas, e posteriormente levadas a Plenário no último dia do Seminário.

A ordem de fala das Missões será a seguinte:

1. Prelazia do Alto Solimões
2. Missão Batista
3. Missão Evangélica da Amazonia
4. Novas Tribos do Brasil
5. Prelazia do Rio Negro
6. Summer Institute of Linguistics
7. Prelazia de Roraima
8. Missão Elim

AMP/hg.

MINISTÉRIO DO INTERIOR
FUNDAÇÃO NACIONAL DO ÍNDIO - FUNAI

FICHA DE INSCRIÇÃO

Nome: _____

Missão: _____

Endereço da Missão: _____

Nacionalidade: _____ Data de Nascimento: _____

Carteira de Identidade ou Modelo 19: _____

Profissão: _____

Grupo (s) Indígena (s) Supervisionado: (s) _____

Local de atuação: _____

DATA: _____

Assinatura do Representante

AMP/hff

MINISTÉRIO DO INTERIOR
FUNDAÇÃO NACIONAL DO ÍNDIO - FUNAI

COMPOSIÇÃO DOS GRUPOS

Os grupos serão reunidos por área de atuação missionária, com Técnicos da FUNAI participantes da Comitativa Presidencial e Antropólogos.

Distribuição por área para reuniões:

1. Rio Negro:

Prelazia do Rio Negro

Missão Novas Tribos do Brasil

Summer Institute of Linguistics

Antropólogo: Peter Silverwood Cope

Olympio José Trindade Serra

Técnicos: Dr. Irineu de Castro

Cel. Joel José Marques

2. Baixo Amazonas:

Summer Institute of Linguistics

Técnicos: Mário Rubens Ferreira de Cerqueira

Dr. Aldo Olmos Molina

Dr. João Crisóstomo

3. Território de Roraima

Prelazia de Roraima

Missão Evangélica da Amazônia

Missão Elim

Summer Institute of Linguistics

Antropólogos: Kenneth I. Taulor

Alcida Rita Ramos Taylor

Hélio Rocha

Técnicos: Walter Prates

Rubens Auto da Cruz Oliveira

4. Purus/Solimões:

Prelazia do Alto Solimões

MINISTÉRIO DO INTERIOR
FUNDAÇÃO NACIONAL DO ÍNDIO - FUNAI

02

Missão Batista

Summer Institute of Linguistics

Antropólogo: Pacheco

Técnicos: Major Saul

Meiriel de Abreu Souza

Lamartine Ribeiro, Oliveira

Dr. João Alfredo

AMP/hff

MINISTÉRIO DO INTERIOR
FUNDAÇÃO NACIONAL DO ÍNDIO - FUNAI

MATERIAL NECESSÁRIO

Impressos da FUNAI (ARP)

* Canetas	100
* Blocos	100
* Pastas com elástico	100
Papel ofício trimbrado	
Papel cópia trimbrado	
* Caixa de carbono	003
* Perfuradores	002
* Grampeadores	003
* Stencil	003(caixas)
Crachá	100
Certificados de Comparecimento	100
Papel Buffon 24kg	10(resmas)

Obs.: 1 - O material assinalado(*) poderá ser adquirido em Manaus, a fim de se evitar gastos com frete dos mesmos.

2 - Perfuradores e grampeadores serão da 1ª Delegacia Regional.

MINISTÉRIO DO INTERIOR
FUNDAÇÃO NACIONAL DO ÍNDIO - FUNAI

Suprimento para hospedagem, alimentação e passagens.

Para: Ana Maria da Paixão

Diana Cléa Garcia da Motta

Sebastiana Luíza de Oliveira

Passagens: BSB/MAO/BSB

(partida dia 23 de março)

Obs: 1) Técnicos que não comporão a Comitativa Presidencial à 1ª e 10ª DRs.

2) A ida da enfermeira Sebastiana Luíza de Oliveira prende-se a seu trabalho específico dentro da Divisão de Saúde do DGPC.



MINISTÉRIO DO INTERIOR
FUNDAÇÃO NACIONAL DO ÍNDIO
FUNAI

Dia 06/4/75.

Seminário

FUNAI/MISSÕES Religiosas.

Amazonas e Roraima

" II SEMINÁRIO - FUNAI - MISSÕES RELIGIOSAS - AMAZÔNIA LEGAL. "

(Em 06-4-75 às 8:00 horas)

O SR. PRESIDENTE:- (Gen. Ismarth de Araújo Oliveira)

Vamos iniciar a partir de agora o Seminário FUNAI e Missões Religiosas.

Convidaremos os ilustres representantes de missões' religiosas, tanto das católicas como das não católicas, para tomarem assento à Mesa. Primeiramente o representante do COMANDO MILITAR DA AMAZÔNIA, o representante do CONSELHO CURADOR DA FUNAI, o ARCEBISPO ' COADJUNTOR DE MANAUS(Dom Milton Correia), o professor Roberto Cardoso (Universidade de Brasília), o representante da MISSÃO NOVAS TRIBOS DO BRASIL (Missionário Luiz Monteiro da Cruz), o representante da SUFRAMA e o representante da SUDAM.

A Presidência da FUNAI, inicia o que nós chamamos ' de seminário da FUNAI com as Missões Religiosas.

Quem participou do I Seminário, realizado em Brasília, verifica que a FUNAI alterou profundamente a mecânica deste seminário. Enquanto aquele realizado, se não me engano, em 1972, não deu oportunidade de participação ativa dos missionário, já este nós chamamos ' mais de diálogo entre FUNAI E MISSÕES RELIGIOSAS. As missões, terão' oportunidade de expor para o Plenário, o trabalho que vêm realizando entre as comunidades indígenas, a capacidade que têm de produzir ou de realizar mais alguma coisa além daquilo que vem sendo feito, os problemas que enfrentam nesse trabalho de assistência as comunidades indígenas, sugestões para solução desses problemas, a fim de que a FUNAI, com esse panorama preservado por cada missão que irá usar da palavra, possa sentir não só o trabalho, mas verificar a possibilidade de de cooperar com elas na solução de seu problemas. Esta é a finalidade da FUNAI neste seminário.

Estamos realizando este encontro, depois de fazer - mos visitas com vários grupos de trabalho em determinadas regiões. Evidentemente que a própria FUNAI, não pode se aprofundar aos trabalhos realizados por essas missões, não pode realizar um trabalho em pro

fundidade. A apresentação de cada uma das missões, para nós será de grande validade e poderemos complementar as observações feitas por cada grupo de trabalho em todas as diferentes áreas da Amazônia, do Estado do Amazonas e do território de Roraima.

Durante dois dias a própria FUNAI, realizou uma auto-crítica dos seus trabalhos nessas regiões. Verificamos as nossas falhas e sabemos que elas existem, mas, vamos procurar corrigi-las em nossa própria infra-estrutura, se a própria FUNAI tem falhas, nós admitimos também que as nossas missões tenham falhas, pois a virtude está em procurar corrigi-las e é para isso que a FUNAI estará disposta em expor todas as necessidades, porque muita coisa foi deturpada em relação a cada missão, tanto pelas rádios como pelos jornais. Para nós terá validade, o que a missão irá apresentar aqui neste Plenário, e a sinceridade de cada uma. A certeza que poderão ter, é de que a FUNAI terá toda boa vontade em cooperar na solução desses problemas dentro de sua possibilidade.

Queremos congregar esforços e não dividi-los. A finalidade da FUNAI não é dividir, o único objetivo dela é o índio e para que esse índio, até agora renegado a um plano secundário por parte da própria FUNAI no Amazonas, seja beneficiado, é necessário que haja congregação de esforços. Isso que nós queremos obter, no final deste seminário, soluções para trazer benefícios às comunidades indígenas. Dai a razão da nossa presença aqui e com a cooperação quase que em massa das diferentes missões atuantes nessas regiões.

Para nós é um prazer, quero dar as boas vindas, sentir a motivação de cada missão a respeito dos problemas dos índios amazônicos.

Algum membro da Mesa, deseja usar da palavra?

Com a palavra o representante da Arquidiocese de Manaus, Dom Milton Correia.

DOM MILTON CORREIA:

Sr. Presidente, demais representantes de entidades, aqui me encontro na qualidade de representante da Arquidiocese de Manaus, e na qualidade de representante do Sr. Arcebispo Metropolita

no de Manaus. (Lê)...

Muito obrigado, Sr. Presidente,

O SR. PRESIDENTE: (Gen. Ismarth de Araújo).

Das perguntas formuladas pelo ilustre representante do Sr. Arcebispo Metropolitano, a primeira já foi narrada por mim. O objetivo do seminário é congregar esforços em benefício do índio, esse que é o objetivo principal de nossa presença aqui. Vamos congrega^r esforços, FUNAI e Missões, visando beneficiá-los.

Os grupos de trabalho, que é a segunda pergunta, es^tão constituídos por "Áreas GEOGRÁFICA", cujo documento foi distribuído a cada participante e esses grupos também são constituídos por elementos que operam na área do Rio Negro, na área do Solimões, na área de Roraima, na área do Amazonas, na área do Purus e na área do Madei^rra. Então, praticamente por áreas geográficas, onde operam todas as missões, essa foi uma das maneiras de constituirmos os grupos e admitimos que eles tenham problemas semelhantes nessas áreas.

Sabemos que a Amazônia, é uma área difícil pelas suas próprias condições intrínsecas, inclusive no transporte que é predominante em determinadas áreas. Então, achamos tudo válido e talvez os resultados fossem mais objetivos. Mas, de qualquer maneira será uma proposição que poderá ser posta em discussão, a mudança de estruturação desses índios. Eu acredito que se trabalharmos por área geográfica com os grupos, missões e FUNAI, o relatório, as discussões e os debates de cada grupo sejam mais proveitosos.

DOM MILTON CORREIA:

Há um outro grupo de trabalho, Sr. Presidente, que não tem nenhum representante das nossas missões, porque em todas as áreas há missões da igreja católica. Nós somos aqui no Estado do Amazonas e Território de Roraima, nove prelazias, cada prelazia tem várias missões e existe uma área que não tem representante da missão.

O SR. PRESIDENTE: (Gen. Ismarth de Araújo)

A única que não tem seria a do Amazonas, mas, foi atingida e encaixada à de Itacoatiara, Humaitá que não tinha, também foi contemplada. Houve alteração nessa documentação, quer dizer, exis

tem representantes nas prelaías de Humaitá e de Itacoatiara. Tenho impressão que agora todas as áreas têm representantes de prelaías.

DOM MILTON CORREIA:

Mas, há apenas um representante na prelaia?

O SR. PRESIDENTE: (Gen. Ismarth Araújo)

A terceira pergunta, seria quem tem o direito de votar

Nós não fizemos limitação de votos, a votação será ampla nas proposições, sem limitação de votos. Não vamos fazer nada de restritivo que possa impedir a plena liberdade de manifestação dos diferentes grupos, aqui presentes.

A quarta pergunta, sendo o seminário de interesse dos indígenas amazônicos, talvez tenha sido esquecimento de nossa parte, que esses índios aqui estivessem presentes. Mas, para que esses índios amazônicos participassem deste seminário, eles teriam que ter plena consciência do trabalho a ser discutido e debatido, talvez nem houvesse um resultado positivo com a presença desses índios aqui em plenário, a não ser mesmo a presença deles, provavelmente não teriam a possibilidade de olharem em conjunto e não há dúvida de que em uma comunidade eles estariam em condições de debater o problema da comunidade a que eles pertencem, mas, o diverso deles seria bem menor, acredito até que não pudessem discutir em termos amplos como nós queremos discutir problemas de saúde e educação. E sobre problemas das comunidades nas próprias áreas indígenas da Funai, levantaremos o caso para ouvir o próprio indígena sentindo essas necessidades.

Aquela outra proposta, que seria a última, a apresentação do relatório de trabalhos realizados pela FUNAI nas diferentes áreas, isso vai depender que essa idéia seja geral, a fim de fazermos reajustamento completo dessa mecânica que está prevista para o seminário dentro dos dias disponíveis. Nós daremos ênfase as diferentes missões apresentadas, estamos deixando para os grupos de trabalho de participação da FUNAI, a apresentação em plenário das observações feitas por nós e talvez tenhamos que estruturar toda a programação do organograma executado para o seminário.

DOM MILTON CORREIA:

Nós nos dariamos por satisfeitos se ao menos uma breve síntese fosse apresentada.

O SR. PRESIDENTE: (Gen. Ismarth de Araújo)

Tudo vai depender de como transcorrerá o seminário, nós teremos uma hora inicial para começar, às 8:00 horas e apesar de na Pauta de Trabalho está previsto o encerramento para às 18:00 horas, não quer dizer que o encerramento deixará de ocorrer às 20:00 horas, às 21:00 horas. Cumpriremos a Pauta de Trabalho, para não acumularmos no dia seguinte, pode ser também que se abrevie os trabalhos, então melhor, porque ao término do seminário será apresentado um relatório, proposto pelo ilustre representante do Sr. Arcebispo, de cada trabalho realizado.

DOM MILTON CORREIA:

Sr. Presidente, agradeço a resposta porque realmente pelo acesso que os representantes terão com os grupos de trabalho, terão também contato com esses relatórios. E se por acaso houver publicação desses relatórios nós gostaríamos de adquirir cópia.

O SR. PRESIDENTE: (Gen. Ismarth de Araújo)

Alguém da Mesa, deseja fazer uso da palavra, antes de iniciarmos os trabalhos?

Com a palavra a Missão Novas Tribos do Brasil.

MISSÃO NOVAS TRIBOS DO BRASIL: (Rinaldo de Mattos)

Sr. Presidente, membros da Mesa e componentes da comitiva Presidencial da FUNAI: nesses trabalhos em nossa Amazônia, como representante da Missão Novas Tribos do Brasil, gostaria, antes de dizer alguma palavra, de procurar fazer uma pequena correção em nossos trabalhos porque nós temos, na lista de atuação das missões em áreas indígenas, página 3, número 6 "MISSÃO NOVAS TRIBOS DO BRASIL", bases em: "ANEMÉ", "TOBUTOBI", "Ituí", "CANANARÍ", e não aparece as três bases que temos no rio "Içana". Temos ainda bases de trabalho localizadas no rio "Juruá", no seringal "PENÉDO" e seringal "TRÊS UNIDOS". Essa é a correção que queríamos fazer.

Sr. Presidente, aproveitando o ensejo, quero fazer um pronunciamento sobre um tema que vem sendo, atualmente, motivo de po-

lêmicas e o motivo de críticas aparecidas até mesmo em alguns de nossos jornais. Trata-se do problema de necessidade materiais e espirituais dos nossos índios. Essas críticas, têm sido levantadas às Missões Religiosas que pretendem resolver problemas de necessidades espirituais dos índios ao invés de procurarem sanar a primeira necessidade, que é de saúde ou seja, a necessidade física. Críticas que, ignoram o caráter social e humano do cristianismo, são baseadas em observações pouco dignas de crédito, pois não apresentam uma conclusão real e imparcial das obras sociais realizadas pelas Missões Religiosas entre as Tribos Indígenas do País. (Lê)...

O SR. PRESIDENTE: (Gen. Ismarth de Araújo)

Estamos praticamente na hora de iniciarmos nossos trabalhos, e de cada missão apresentar perante o Plenário, os trabalhos que realizaram entre as comunidades indígenas.

Queria fazer um reparo no que diz respeito às críticas. Difícil será contornar qualquer crítica, a FUNAI é criticada, as Missões são criticadas, é difícil evitar que isso aconteça. Com a apresentação que cada missão irá fazer no Plenário, muitas dessas críticas serão minimizadas e a verdade aparecerá em relação aos trabalhos que vêm sendo realizados.

Está previsto um intervalo para hoje à tarde, mas, vai depender também de um planejamento geral, se arbitrarmos um tempo de 45 minutos para que as missões apresentem os trabalhos que vêm realizando. Eu sei que as vezes é difícil fazer essa limitação de tempo, porque o assunto é de tal interesse que não é conveniente caçar palavras antes do assunto ser completamente apresentado. Nós vamos ter hora para começar, mas não vamos ter hora para terminar. Nós queremos é cumprir a Pauta dos trabalhos anteriores, nós não queremos sentir profundidades, os trabalhos de cada uma das missões são individuais, haverá oportunidade também, de debates com elementos do Plenário que queiram discutir assuntos apresentados pela própria missão, e que sejam de interesse geral. Vamos ajustar esse problema de horário, porque parece haver uma falha com referência ao reinício dos trabalhos que ainda hoje serão realizados.

DIRETOR DOS PADRES SALESIANOS: (Pe. Antonio Hércio Rasera)

Eu pediria um esclarecimento sobre a constituição das comissões de trabalhos, porque estou vendo uma contradição. Aqui diz ' que as comissões serão compostas por um membro de cada missão e V. ! Exa. diz: "Todas que quiserem podem participar dessa comissão". Eu ' gostaria de ter um esclarecimento muito importante para todos nós: ' que essas comissões foram encarregadas de elaborarem as propostas ? É de livre acesso, pois está restrito "aqueles que estão marcados ' nas comissões"?

O SR. PRESIDENTE:- (Gen. Ismarth de Araújo)

Queremos que essas propostas representem efetivamente a participação de todas as missões, que foram englobadas na área. Então, há liberdade das missões acrescentarem em cada grupo os elementos ' que julgarem necessários dentro do tema que vai ser debatido.

PE. ANTONIO HÉRCIO RASERA:

Quando aqui na dinâmica diz: "Um por cada área", está fora de cogitação "quantos quiser".

O SR. PRESIDENTE:- (Gen. Ismarth de Araújo)

Foi prevista aqui uma lista de apresentação, houve acréscimo de duas prelações que não estavam prenunciadas no início de nossos trabalhos, é a Prelazia de Humatá e a Prelazia de Itacoatiara. ' Esse foi o acréscimo na relação das prelações.

A ordem e apresentação prevista é a seguinte: Prelazia do Alto Solimões, Associação Batista para o Evangelismo Mundial, Missão Evangélica da Amazonia, Missão Novas Tribos do Brasil, Prelazia do Rio Negro, Prelazia de Roraima, Summer Institute of Linguistics, Prelazia de Humaitá e Prelazia de Itacoatiara.

Antes de dar palavra a essas missões, dentro dessa ordem, eu desejaria ouvir um elemento transmitir ao Plenário, para conhecimento geral os problemas do "Conselho Indigenista", que está representado aqui pelo padre Egydio Schwade. Existirá outro representante do CIMI ?

CIMI - (Pe. Egydio Schwade)

Propriamente, o padre José, conselheiro do CIMI.

O SR. PRESIDENTE:- (Gen. Ismarth de Araújo)

Acho que seria válido o CIMI, transmitir ao Plenário as suas finalidades e como ele vem trabalhando nas missões.

CONSELHEIRO DO CIMI:- (Pe. ANTONIO JOSÉ JR.)

O CIMI, Conselho Indigenista Missionário, é um órgão oficial da C.N.B.B./ Conferencia Nacional dos Bispos do Brasil, da Igreja Católica, como órgão de assessoramento das missões, o CIMI, tem a finalidade de prestar ajuda assistencial a todos os missionários católicos que requerem esse auxílio, no sentido de orientar. Não tem nenhuma finalidade material-econômica, é só uma assistência espiritual, no sentido de prover formação de missionários, encontro de missionários. Haja visto que nesses últimos meses houve encontro com todas as Prelazias do Brasil, debatendo esses assuntos.

Queremos tratar aqui, durante esta semana, de colaboração com as Missões Religiosas e FUNAI, nada mais.

O SR. PRESIDENTE:- (Gen. Ismarth de Araújo)

Vamos dar a palavra a Prelazia do Alto Solimões.

PRELAZIA DO ALTO SOLIMÕES:- (D. Adalberto Marsi)

Antes de tudo, quero chamar atenção nesta página 2, (Lê)...

Assim a nossa explanação termina, deixando o julgamento a cargo dos representantes de outras missões, aqui presentes, nesta reunião de hoje.

O SR. PRESIDENTE:- (Gen. Ismarth de Araújo)

Ouvimos uma exposição sincera, da Prelazia do Rio Solimões, e em largo espaço apresentou os problemas que afligem a prelazia. Em resumo os problemas que a FUNAI, também enfrenta em outras áreas. Mas, dentro do temário apresentado, temos 15 minutos para que outras missões obtenham esclarecimentos de determinados assuntos aqui apresentados.

A palavra agora é livre durante 15 minutos.

DIRETOR DO CENESC:- (Pe. Tiago Boets)

Sou o padre Tiago Boets - Diretor do Centro de Estudos do Comportamento Humano de Manaus.

Uma das questões, que o Bispo da Prelazia do Alto Solimões apresentou, foi o problema do paralelismo entre certas instituições. Então, o Sr. Bispo apontou uma das situações problemáticas pelo fato de várias organizações estarem atuando paralelamente nesta área da Prelazia. Gostaria de saber do expositor quais são essas instituições e se já existe alguma tentativa de compatibilizar as correlações entre si.

D. ADALBERTO MARSI:

Chamei instituições para distinguir as diferenças, temos o padrão, temos FUNAI, temos prelaças, temos influências indígenas dentro dessa área.

PE. TIAGO BOETS:

Existe alguma tendência para compatibilização dessas entidades entre si na sua área? Há alguma programação em conjunto das entidades?

D. ADALBERTO MARSI:

Até agora, não.

REPRESENTANTE DA SESAU:- (Dr. Marcos Barros)

O expositor explanou bem a respeito da realidade sócio-econômica, nós estamos acompanhando através da imprensa e através de contatos pessoais o aparecimento de novas entidades patológicas, e novas doenças na Amazônia Oeste. Naquela região onde houve a exposição a cerca das áreas do rio Ituí e onde a doença mais em causa é a tuberculose, uma doença séria capaz de levar a cegueira e a inatividade. Nós gostaríamos de saber se há algum planejamento a respeito de saúde comunitária, para essas populações indígenas?

D. ADALBERTO MARSI:

Este assunto a respeito de saúde, será abordado pela FUNAI, e pelas missões, amanhã conforme a programação.

O SR. PRESIDENTE: (Gen. Ismarth de Araújo)

Exatamente no temário de amanhã, dia 7, ocorrerá as explicações a respeito desse assunto de saúde.

Por parte da FUNAI, só desejamos dar um esclarecimento porque a atuação efetiva com relação a essa área do Solimões, vai

ser debatida dentro do grupo de trabalho e vai estudar em profundida de esses diferentes campos de atuação. Com o esclarecimento geral , nós queremos afirmar que essa área está sendo objeto de estudos por parte da FUNAI, com a colaboração de elementos capacitados, já conhecidos da comunidade "Tikuna", vão propiciar à elaboração de projetos, com relação a essa comunidade. Este é exatamente o momento em que se pense em termos de projeto, de congregação de esforços entre a FUNAI e Missões Religiosas, de podermos sentir a capacidade de cada um, e integradamente realizarmos projetos em todos os seus campos de atividades, que possam beneficiar a comunidade "Tikuna".

Esse é um esclarecimento geral e nós entendemos que ao término deste seminário nós haveremos de obter em termos de projeto, essa congregação de esforços.

REPRESENTANTE DA ASSOCIAÇÃO BATISTA PARA O EVANGELISMO

MUNDIAL:- (Lindsey E. Harrell)

Tenho dificuldade de compreender as palavras. Alguma coisa que vou dizer, não posso falar sobre a parte de trabalho dos "Tikunas", essa parte é sobre economia de ação comunitária . (Lê)...

Muito obrigado.

O SR. PRESIDENTE:- (Gen. Ismarth de Araújo)

Palavra franca para o debate.

PE. EGYDIO SCHWADE:

Conforme a Constituição, capítulo 198, parece que as terras, onde os índios moram, são da União. Então, eu perguntaria: Qual propriamente, é o sentido das missões comprarem terras para os índios ? Porque na verdade elas estão comprando terras para a União.

Sr. Lindsey E. Harrell:

Não entendi bem a pergunta.

PE. EGYDIO SCHWADE:

Conforme o artigo 198, da Constituição, se não me engano, as terras onde os índios moram são de propriedade da União.

Eu perguntaria: Qual o sentido das missões adquirirem terras para os índios, porque dessa maneira a missão, parece estar comprando terras para a União e não para o índio.

SR.LINDSEY E.HARRELL:

Não sei se eu posso responder, mas as terras que as missões têm comprado, estamos prontos a entregar aos índios para propriedade deles, quando isso pode ser feito para proteção deles.

PE.EGYDIO SCHWADE:

Parece que essa ação não pode ser feita pela missão e sim, pelo Estado.

O SR.PRESIDENTE:- (Gen.Ismarth de Araújo)

Eu desejo fazer uma intervenção, conforme artigo 198, da Constituição Federal, que garante ao índio a posse das terras onde é seu "habitat".

Esse é o artigo 198, da Constituição, naturalmente para ele ter sua validade é preciso que seja feita uma delimitação de área correspondente a esse "habitat" da comunidade indígena, não pode ser também de uma maneira ampla, pois desconheço por exemplo o caso em que área adquirida pela missão está ou não enquadrada no artigo 198, da Constituição, quer habitada pelo próprio indígena ou não. De modo que esse, talvez seja um dos trabalhos, inclusive tendo no grupo de trabalho o professor Roberto Cardoso e seus auxiliares, que vêm trazendo em profundidade esse problema, terão a oportunidade de no grupo de trabalho; quando se tratar do problema de terras, de debaterem o problema. São exatamente essas as dificuldades que a FUNAI tem; quando se trata de defender e garantir a terra do índio, é exatamente poder comprovar que aquele é o "habitat" dessa comunidade indígena, pois dessa maneira estaria garantida a comunidade indígena na Constituição Federal.

PE.TIAGO BOETS:

Gostaria de ouvir alguma coisa do expositor sobre entendimentos entre Missão Católica e a Missão Batista na mesma área, uma vez que tanto o 1º como o 2º expositor salientaram esses problemas assim como a exploração pelos regatões, sistema de financiamento, problema de invasão de terras, títulos definitivos, escoamento de produção e cooperativas. Uma vez que as duas missões sentem a mesma problemática, até que ponto as duas já se encontraram numa luta comum pelo bem do índio ?

SR.LINDSEY E.HARRELL:

Queremos separar o Estado da religião. Estamos prontos para fazer qualquer coisa que necessário for a fim de ajudar os índios nessas áreas.

PE.TIAGO BOETS:

Mas, ainda não existe nada de entendimento entre as duas missões nesse sentido? Não digo no campo específico religioso, mas no campo sócio-econômico, em termos de área conjunta e regularidade em que a "União faz a força".

SR.LINDSEY E.HARRELL:

Acreditamos que a FUNAI, poderá trabalhar, pois ela tem autoridade nesse trabalho.

PE.TIAGO BOETS:

Eu creio que a FUNAI, sozinha também não consegue resolver esse problema. O ideal seria juntar todas as entidades que atuam em uma determinada área, aí sim, e melhor ainda com a participação ativa dos próprios índios nativos das tribos.

DR.MARCOS BARROS:

Eu gostaria de voltar ao assunto anterior, do artigo 198 da Constituição.

Fiz voltar, porque não entendi a problemática, o expositor mencionou que havia uma área delimitada, e se essa área foi comprada, eu acho o problema mais simplório. Porque essa área, já delimitada; não foi adquirida e ao invés de comprada pela missão, não foi entregue ao índio o verdadeiro dono da terra?

SR.LINDSEY E.HARRELL:

Cercamos o terreno que tínhamos comprado em "Betânia", onde não havia índios morando, compramos também um sítio e uma reserva em Santo Antonio do Içá. Depois que nós compramos, os índios que tinham se mudado para a cidade de Santo Antonio do Içá, para o Rio Solimões e para outros lugares onde estavam procurando lugares para si, eles se mudaram de livre vontade para aquele local onde estávamos, nós não pedimos. Quando tiveram a notícia de que nós íamos trabalhar com os "Tikunas", quiseram que nós conseguíssemos um terreno nessas

condições para eles. Nós tínhamos comprado esse terreno e falamos que se eles quisessem se mudar para lá, poderíamos fazer os lotes, para que os gados não destruíssem as plantações, já que são livres para pastar. Mas, quando conseguimos o terreno, os "Tikunas", não estavam morando nesse local. Depois, pouco-a-pouco eles foram chegando e hoje têm liberdade de morar, fazer as roças e vender a quem quer que seja.

No início foram alguns regatões com civilizados que pediram permissão para irem até o local e instalarem botequins ou lojas a fim de venderem mercadorias aos índios e comprar deles, e eu falei: "Acho que não precisavamos disso, porque um dia os índios podem ter as lojas deles, mas, até que eles possam fazer isso, as lanchas e regatões podem fazer negócios com os índios".

Então nesse lugar que nós conseguimos, não existia "Tikuna" morando e só passaram para lá depois que nós adquirimos esse terreno.

O SR. PRESIDENTE:- (Gen. Ismarth de Araújo)

Antes de dar a palavra aos representantes de missões, fiz questão de distribuir para cada membro das mesmas, um exemplar do Estatuto do Índio, e é ele quem vai constituir todas as nossas metas de procedimento com relação às comunidades indígenas. E sobre problemas de terras há definição, não é só o artigo 198, da Constituição Federal, que trata do assunto de terras com relação ao problema do índio, o Estatuto do Índio, também tem muitas instituições válidas, e quando examinávamos esse Estatuto inclusive olhávamos o artigo 62, que diz: (Lê)... E no seu parágrafo 1º diz: (Lê)...

Isso é porque as vezes o índio é obrigado a se afastar do seu "habitat" de origem. O Estatuto do Índio, garante inclusive que se corrija com base no artigo 62. Mas, pelo fato de uma missão ter adquirido uma área, para isso há solução, como já fizemos na área da Reserva S. Marcos, em que a área da missão foi englobada dentro da reserva da área indígena. Criou-se a reserva e o índio foi ocupando as terras que estavam sob o domínio da missão.

DOM MILTON CORREA:

Eu gostaria de saber qual relacionamento da Missão Batis

MRL.16, p. 35/311

ta com a FUNAI ? Há perfeito entrosamento ? Há boas relações entre a Missão Batista e a FUNAI ?

SR. LINDSEY E. HARRELL:

Não sei se posso afirmar com certeza. Nós somos uma missão e o nosso propósito é pregar o evangelho, ensinar os índios "Tikunas" e ajudá-los a melhorar na vida. Sobre as coisas políticas de proteção do índio, nós reconhecemos que a FUNAI é a organização para tratar desse assunto.

O SR. PRESIDENTE:- (Gen. Ismarth de Araújo)

Eu talvez possa complementar o informe, já confessei publicamente que a área da Amazônia, era uma das áreas desconhecida pela própria FUNAI. Desconhecíamos a maioria dos trabalhos das Missões Religiosas que operam nessa região, exceto a própria Presidência da FUNAI, que teve a oportunidade de fazer duas visitas à Prelazia do Rio Negro. Essa é uma área que conhecemos em profundidade, nós agora é que estamos querendo nos entrosar perfeitamente, não havia relacionamento anterior entre FUNAI e Missões Religiosas, isso é que nós estamos querendo conseguir com este seminário.

PE. EGYDIO SCHWADE:

Eu creio que vou esclarecer um pouquinho mais o problema e talvez seja muito oportuno, como o Sr. Presidente, disse a respeito dessa área dos "Tikuna". Parece que no problema terra, essa missão, como também diversas Missões Católicas, tiveram boas intenções ao comprarem terras para os índios. Mas, apesar de tudo se agravou com a última Constituição, e existe, parece, o problema de várzea que é o seguinte: há um desacordo entre o que diz a Constituição, no seu artigo 198, e o que diz a "Convenção de Genebra" no seu artigo 11, "Problemas de Terras", também aceito e promulgado pelo Governo de Brasília, no seu Decreto 58.824, no qual diz: (Lê)...

Quer dizer, o "Direito de Propriedade" e segundo a Constituição, esse direito cabe a União.

O SR. PRESIDENTE:- (Gen. Ismarth de Araújo)

O Procurador Jurídico, vai esclarecer mais o problema. Uma das preocupações da FUNAI, e o que a Presidência deu

prioridade absoluta no corrente ano, sabendo que a terra é acessível a toda comunidade indígena do País, foi ao que se relaciona com problemas da regulamentação de terras, uma vez que sabemos que a terra regularizada tem influência fundamental em todas as demais atividades das comunidades indígenas.

PROCURADOR JURÍDICO DA FUNAI:- (SR. Getúlio

)

Sr. Presidente, a nossa Constituição é a nossa Lei Maior e jamais poder-se-á evocar como chocante, qualquer diploma, cujo grau de hierarquia demonstre a princípio uma interpretação menos apurada, é uma incompatibilidade.

A Constituição, em termos hierárquicos é a nossa Lei Maior e qualquer Lei, Decreto ou qualquer Ato, que venha diminuir as nossas objeções, evidentemente será reputado como inconstitucional. No caso das terras dos índios, existe essa garantia condicional reconhecida como "Uso-fruto", o índio pode usar e gozar dessas propriedades garantidas pela Constituição. Realmente o domínio está colocado como um bem da União, todavia, o próprio Estatuto do Índio, admite uma possibilidade, e nessas comunidades que necessitam das disposições desse bem, poderá então, ser conferido ao próprio índio.

O SR. PRESIDENTE:- (Gen. Ismarth de Araújo)

Há mais alguma intervenção ?...

Nós vamos discutir esse assunto no grupo de trabalho, sobre problemas de terras, onde teremos oportunidade de debatermos.

A Mesa, está a disposição, para mais alguma intervenção.

Com a palavra a Missão Evangélica da Amazônia.

As missões que tiveram trazido material de "slides", para complementarem a proposição, o nosso auditório está capacitado para apresentar essas projeções.

REPRESENTANTE DA MISSÃO EVANGÉLICA DA AMAZÔNIA:

Sr. Presidente, demais autoridades e nobres colegas, eu gostaria de aqui, não apenas como representante da Missão Evangélica da Amazônia, mas, também como representante da minha tribo, "Tribo *Sa NOMA*", que está situada ao noroeste, vou apontar no mapa. Não estou

aqui, como disse, representando a missão, mas a minha tribo. Eu gosto de usar essa expressão: "Minha tribo SANOMAN". Sei que numa reunião como esta prestamos tanta atenção aos relatórios e a mente vai ficando um pouco cansada, então, para ativar um pouquinho, eu quero apresentar uma saudação na língua "SANOMAN".

A razão para isso é a seguinte: Eu creio que se o índio estivesse aqui, ele gostaria de dizer alguma coisa para nós. Então, eu vou tentar interpretar o pensamento do índio numa saudação ao Plenário:

"Huki kamakö niha ša hapalo pia kule
kaikiana makö kokamonö, pö pihi ha-
tukuikeil.
Šanöma šamakö noamöei":

Em linhas gerais, a tradução é um pouco diferente porque a língua indígena tem suas limitações, mas seria essa:

"Vocês que são chefes, e que estão tratando dos nossos problemas, pensem bem e nos defendam". Seria mais ou menos assim, se o índio estivesse aqui e pudesse falar português, se estivesse aqui um antropólogo também poderia traduzir mais ou menos desse modo essa expressão.

Quis usar também esse pequeno trecho da língua indígena, para ilustrar um fato que me impressiona sempre. Sei que aqueles que estão familiarizados com a literatura brasileira, lembram de uma frase de "Euclides da Cunha" em que diz: "O sertanejo, é antes de tudo um POBRE", mas, gostaria de usar uma parábola de Euclides da Cunha e dizer: "O Índio, é antes de tudo um brasileiro", é uma afirmação. Mas, não obstante, por várias razões, e principalmente pela língua, e quando falo em índios estou pensando nos índios da nossa área, e principalmente nos índios YANOMAMAS. Quando disse: "O índio, é antes de tudo um brasileiro diferente, um brasileiro que tem língua diferente, uma cor diferente, um cabelo diferente e uma cultura diferente.

Eu gostaria de usar uma outra frase: "O índio, é antes de tudo um nosso irmão e o nosso bom compatriota", que merece toda consi

deração. Eu creio que o objetivo básico deste seminário é justamente esse, congregar esforços entre FUNAI e missões, as autoridades de saúde e de seja lá quem for, para o bem do nosso índio, do nosso irmão índio brasileiro. Para mim é um privilégio ser parte do missionário, vamos dizer, um ente da nossa comunidade que tem o privilégio de ter contáto com os índios YANDAMAS, eu considero isso um privilégio pessoal, viver, morar na maloca. E é por isso que eu disse: "a minha tribo SANOMAN", porque eu moro lá, converso com as crianças, eles vêm na minha casa, e a gente tem aquela comunhão, apesar de ser um grupo totalmente isolado de outras comunidades, não há problema de regatões nem de comerciantes, é um grupo conforme eu vou mostrar no mapa bem isolado, é um grupo interessante que merece a nossa consideração.

Passo a ler agora o relatório sobre a Missão Evangélica da Amazônia, e o tema que hoje requer: "Economia e Ação Comunitária" (Lê)...

A palavra YANDAMA, é uma das palavras que talvez venha ser discutida num dos grupos de trabalho, para definir um termo técnico oficial a fim de descrever esses índios. O termo está pegando, embora tenha mais dialetos e diversos grupos que estão em várias formas. Eles cantam e chamam nomes diferentes, mas todos eles estão agrupados no ramo YANDAMA, a ênfase de nossos trabalhos está no grupo YANDAMA, embora a "MEVA" tenha trabalho também entre os MACUXIS e os "Wai-Wais".

Os MACUXIS estão praticamente integrados à comunidade, e na sua maior parte falam português.

Os Wai-wais, não falam português, mas são mais ou menos limitados.

O grupo YANDAMA é um grupo muito grande. A ênfase do nosso trabalho está no grupo YANDAMA. A nossa missão não é a única que trabalha entre os YANDAMAS, temos Missões Católicas e a Missão Novas Tribos do Brasil. (Lê)...

Quando eu fiz aqui uma pequena saudação na língua SANOMAN vocês puderam sentir o problema, o drama do índio, ele é um brasileiro

ro-estrangeiro dentro do nosso País, quanto a língua. E é esse o tipo de problema que a gente tem que ter bem claro na mente, porque a língua é fundamental para a comunicação e para qualquer programa de desenvolvimento comunitário, então seria bom termos isso em mente.

O objetivo básico da MEVA, é ajudar o índio no que diz ' respeito a três coisas, principalmente: nº I - Saúde, nº II - Educação, ênfase em alfabetização; nº III - está dividido em três letras, conscientizando o índio de que ele é uma parte da Comunhão Nacional.

Nessa região onde a MEVA trabalha, são mais ou menos ' 425 Km de Boa Vista, até o ponto extremo dentro do País, onde está ' localizado o grupo YANDAMA nessa linha. Há uma lista, onde é o pos to que eu pessoalmente trabalho, o posto está nessa extrema. Então, é difícil para o índio; que está morando aí, com 32 cachoeiras sepa - rando e evitando a entrada de civilizados, e praticamente o contato ' com a civilização brasileira. Realmente o índio não sabia, que esta - va no Brasil, mas está se tornando consciente com a visita agora de ' grupos da FUNAI e missões. O objetivo é conscientizar o índio, de que ele é uma parte da Comunhão Nacional. (Lê)...

Outro fator de grande importância para nossa missão é o ensinamento de padrões de ética cristã, visando o desenvolvimento mo ral e espiritual. (Lê)...

Passamos a falar agora sobre a Economia e Ação Comunitá - ria. (Lê)...

Os produtos básicos, já foram bastante repetidos aqui: ' mandioca, batata, (diversos tipos de batata), cará. Isso, principal - mente, no grupo CARIBE, grupo MANHANDON. Talvez um outro detalhe, a única maloca dos índios MANHANDON E CARIBE, está localizada naque - la extrema noroeste de Roraima, na localidade Javari.

O grupo YANDAMA, tem os seguintes produtos: bananas, (in cluindo 12 variedades), existe o tipo para ser cozido e assado, e ge - ralmente preferidos ainda verde pelos índios.

Interessante que em uma das reportagens publicadas, não foi apresentado o quadro claro da situação dos indígenas brasileiros.

Eu acho lamentável isso, porque o público brasileiro, precisa de uma formação correta em relação aos índios, creio que todos aqui estão familiarizados e vamos dizer a população, que não está acostumada a ler antropologia, etc., e que não tem uma consideração pelos indígenas, é lamentável que a imprensa, em certas reportagens, não apresente uma informação precisa. Uma coisa que marcou recentemente foi o seguinte: "em certo ponto os índios estavam com tanta fome, que chegavam até a comer banana verde", a afirmação não tem base, porque os índios normalmente assam as bananas ainda verde. Então, a pessoa que fez a reportagem, apresentou completo desconhecimento da causa. Isso causa uma mentalidade errada ao leitor. É uma coisa importante para a qual nós queríamos prever uma ação de mentalidade sadia, com a cooperação da imprensa e dos órgãos, para uma atitude positiva por parte dos brasileiros leigos, não antropólogos, não missionários, não técnicos em relação aos indígenas, porque não são em todas as áreas que o missionário, o antropólogo, o técnico, ou a FUNAI podem estar controlando. Muitos leigos entram em contato com os índios prejudicando... Há um parêntese aqui: (Lê)...

A situação do grupo YANDAMA, antes da atuação da MEVA.

O grupo YANDAMA, tem sido constatado mais ou menos em tempos recentes, pelo menos comparando com os grupos que têm sido apresentados aqui.

O grupo MACUXI, tem mais ou menos 50 anos de contato.

O grupo YANDAMA, tem pouco contato pelo menos na área onde a MEVA atua. Mais ou menos em 1958, chegamos na área e as ferramentas de aço, eram praticamente inexistentes, entre o grupo YANDAMA as que existiam em algumas aldeias, eram bem gastas e desamoladas. No posto URICA, por exemplo, havia apenas um machado, e a derrubada da roça sem o machado é um processo bem complicado. (Lê)...

Uma coisa muito simples mais ou menos elementar, de um impacto muito grande na saúde, na comunidade e no desenvolvimento do índio, é o machado, o teçado e o facão, coisas muito simples mas de grande contribuição. Uma outra fonte de subsistência é a coleta de frutas nativas, há também, vários tipos de cogumelos comestíveis, a

pesca não é muito abundante em certas áreas, principalmente nas cabeceiras do rio AVAKI na região do Surucucu, onde antigamente estavam os índios do grupo três. Na região MUCAJAI, é o contrário, é um dos postos da MEVA, onde nós temos 4 bases, que não estão em operação no presente, porque os índios foram para outra área, mas nós temos os MAQUIAIS, e os Wai-Wais.

Como temos dito, outra fonte de subsistência para os índios é a caça. Acho que a caça é fonte de subsistência em todos os grupos indígenas primitivos, que tem quase exclusivamente a caça para o suprimento de proteínas. Temos entre as espécies de caça, a anta, queixada, caitetú e outros animais da nossa fauna, embora todas essas espécies existam no território YANDAMA. Há certas áreas em que existem em abundância, é uma coisa natural, sempre foi assim, não é decorrência de qualquer ação do civilizado. MACUJAI, tem abundância de caça, mesmo que esteja mais próxima da civilização, embora na região de Surucucu onde não há civilização e nem armas de fogo, e assim mesmo, a caça é bem rara.

Uma coisa interessante, é que nas regiões, onde há escassez da caça, o índio complementa a sua alimentação com a coleta de... (Lê)... Sei que é estranho, mas é necessária uma adaptação de nossas mentes, porque há muitos alimentos de civilizados, que parecem estranhos aos índios. Quando a gente vê um pacote de lagartas assadas dentro de uma folha, pensamos que não é muito bom, mas, é uma fonte boa de proteínas para os índios YANDAMAS. Nós temos de caça, sistemas individuais em que a pessoa sai num dia e volta no outro, isso é mais ou menos comum, o outro sistema que não há palavras em português, que eu saiba, é o KIROMONO. Um tipo de caçada em que eles saem até a distancia de dois dias, ou mais e acampam em alguma maloca, feita para esse tipo de caçada e depois de terem uma certa quantidade de caças, voltam para a aldeia. (Lê)...

O sistema de conservação da carne é pouco usado no ambiente deles, é a defumação, porque eles consomem a carne mais ou menos rapidamente.

Nós tiramos uma conclusão dessa parte do meio de subsis-

tência, em linhas gerais os índios são bem nutridos na região mais pobre de caça como Surucucu, e achamos por bem pensar pelo menos em tentar produzir produtos ricos em proteínas, como feijão ou soja. É um programa que está em estudos, haja visto a situação geográfica e o fato do trabalho YANDAMA, ser um trabalho relativamente novo. Ainda estamos na fase de contáto de estudos da língua e vamos somar todos os fatores para então iniciarmos o projeto, em sentido comunitário. (Lê)...

Como disse, há 32 cachoeiras, somente no rio AYARI, isso impede a facilidade de escoamento de qualquer produto daquela área e também daquela região de Surucucu, (Lê)...

Entre os YANDAMAS, não existe, felizmente, problemas de invasão de terras, em virtude do difícil acesso ao seu "habitat". Falando na área de atuação da MEVA, com o grupo YANDAMA, da região Catrimani que têm tido problemas com as terras, ou pelo menos no contáto com o civilizado. Não há civilizados nessas outras áreas que nós estávamos falando, apenas em MUCATARI, os índios têm contáto esporádicos com um fazendeiro que mora bem abaixo do rio, mas sem nenhuma complicação no sentido de terras, é um problema que, no momento, não existe, e está na iminência de ser resolvido de uma maneira mais razoável possível, porque o território todo estaria à disposição. Então é o tempo certo, de se pensar numa área demarcada para os YANDAMAS, antes que o problema comece a aparecer.

Apenas uma sugestão na parte de evitar a introdução de elementos estranhos e desnecessários à comunidade dos índios, como o sal, a roupa, por exemplo. Têm várias coisas, que podem ser consumidas, mas, sal e roupa pode se tornar o essencial para o índio.

Recentemente, equipes técnicas trabalharam em pesquisas de minérios na região de Surucucu, forneceram aos índios, os itens que se nota acima como também, o grupo de garimpeiros que trabalharam na área têm incorrido nesse mesmo problema.

A razão da nossa objeção está no seguinte: Os índios YANDAMAS como eu disse na parte inicial, a maioria não veste roupas e não tem aceitação de sal, e esses grupos de trabalho, de equipes

técnicas que têm trabalhado na área, por falta de conhecimento antropológico, etc, e até por medo... o missionário, já ouviu o relato dos índios, dizendo que os homens daquelas equipes estavam fornecendo com medo, e talvez de serem atacados. Então é um problema que nós podemos trazer ao Plenário, porque seria suprir o índio de uma necessidade desnecessária. O índio YANOMAMÁ está precisando de coisas mais básicas de que o sal e a roupa, por exemplo. Há outras necessidades de maior importância, isso nós vamos introduzindo. Mas, se esses grupos introduzem esses tipos de coisas, eles criam a necessidade do sal, por exemplo, ficam acostumados e se torna mais um peso para a economia deles, que já é bem limitada e precária, assim não teriam condições financeiras de adquirir aquele luxo novo, que rapidamente aparece na cultura deles. Essa é a nossa explanação e encerramos por aqui o nosso Relatório.

O SR. PRESIDENTE:- (Gen. Ismarth de Araújo)

Quem quiser fazer alguma intervenção, pode se aproximar do microfone.

SR. LINDSEY E. HARRELL:

Gostaria de saber, em termos demográficos, qual o número de habitantes na região dos YANOMAMAS, onde atua a MEVA.

REPRESENTANTE DA MEVA:

Segundo observações de missionários e de antropólogos em trabalhos já escritos e publicados, existem aproximadamente 6 mil, incluindo todos os grupos, é uma estimativa, porque os YANOMAMAS, vivem espalhados, as aldeias são distantes horas e às vezes até vários dias, uma das outras, envolvendo uma grande área. Dentro do território brasileiro, há uma estimativa de 6 mil índios e 6 mil mais dentro do território da Venezuela.

Essa região colorida que se apresenta no mapa, indica a área de atuação da MEVA, juntamente com a missão de MUCAJAI, que é mais ou menos separada. Aqui no mapa se localiza o "XIRIANÁ" o grupo YANOMAMI, o REAL, o WAICA, e o grupo YANOMA. Do lado da Venezuela, não marcamos aqui as malocas existentes e a localização dos índios, mas, como pode se notar a área brasileira é bem estreita,

então, nós temos índios de ambos os lados. O que nós poderíamos dizer é o seguinte: cada maloca tem uma média de 30 a 40 pessoas e tem uma área em volta, vamos dizer assim, colocando em média, porque certos grupos as vezes tem várias casas, com certos grupos perto de uma grande área vazia. Mas, se formos falar em termos genéricos, cada maloca tem uma área de um dia, se falando em andar na mata, chega a uns 10 Km. talvez 15 ou 20 Km, ou alguma coisa assim.

Em linhas gerais, o território é bem espalhado, tem muitas terras, não vamos dizer para poucos índios, mas sim, terras suficientes dentro do território que eles ocupam, e não há problemas de exploração demográficas, em outras palavras.

MEMBRO DO CONSELHO CURADOR DA FUNAI:

Gostaria de saber quantos índios existem em nosso território, porque me parece que são três mil índios na área YANDAMA.

O SR. PRESIDENTE:- (Gen. Ismarth de Araújo)

A pergunta parece que é sobre a não totalidade da população YANDAMA. Mas, tem reservas que são atendidas diretamente pela MEVA.

REPRESENTANTE DA MEVA:

Atendidas diretamente, seria um pouco difícil de definir, mas vamos dizer que passam pelos nossos postos, nós fazemos atendimentos médicos, e estamos em contato. Isso não é o suficiente, acho que poderíamos falar em três mil, incluindo os três dialetos, que entram em contato variando do permanente ao esporádico. (Três por área).

O SR. PRESIDENTE:- (Gen. Ismarth de Araújo)

O expositor, levantou o problema de coisas desnecessárias, como a roupa. É um assunto que pode ser ventilado.

Quem deseja fazer alguma intervenção a respeito ?...

PE. EGYDIO SCHWADE:

Gostaria de perguntar ao expositor, quais seriam as principais necessidades dos YANDAMAS, sem se falar do sal e da roupa ? Em segundo lugar, se existe relacionamento entre os índios brasileiros e venezuelanos ?

REPRESENTANTE DA MEVA:

Eu acho que para eles, é um grupo só. A fronteira é bem próxima e só agora, como eu havia dito, estão se conscientizando da realidade de uma comunidade brasileira. Eu acho que há um relacionamento total, no ponto de vista do índio.

Vamos a terceira pergunta...

PE. EGYDIO SCHWADE:

Quais as principais necessidades dos YANOMAMAS, uma vez que o expositor acha que o sal e a roupa não são as principais necessidades indígenas ?

REPRESENTANTE DA MEVA:

Eu poderia dizer, por exemplo, um sistema de fornecimento de ferramentas para os índios. A missão é claro, tem certas limitações financeiras, e nós fazemos o que podemos para o fornecimento de certos produtos, pois recebemos apenas donativos e as vezes até uma base pessoal. Mas, nós temos limitações financeiras e não podemos, por exemplo resolver todos os problemas. O problema só de ferramentas, seria o suficiente para nós nos preocuparmos. O índio para plantar roça precisa do machado, muito bem, o machado precisa ser amolado, porque o mesmo cego não dá para trabalhar. Uma lima custa, pelo menos em Boa Vista, doze a quinze cruzeiros, eu não sei quanto tempo leva uma lima, quando se está trabalhando frequentemente na roça. Qual seria a solução ? Vamos dizer que nós temos seis mil índios distribuídos em grupos de cem famílias, com três machados em cada família e cinco facões. Quantas limas são necessárias e quanto vai dar o total ? Certamente eu não tenho, apenas eu e minha esposa estamos morando no posto com o apoio dos missionários e não podemos fornecer. Simplesmente, só falando em lima, machado e terçado para o grupo de índios... é claro que com o decorrer dos anos a maioria deles têm adquirido o suficiente para sobreviver, mas, eu creio que ainda é insuficiente. Isto é apenas uma ilustração, e como é o problema principal, nós temos tentado resolver, juntamente com esse há muitas outras coisas. Há as máquinas para ralar mandioca, e coisas dessa natureza, eu acho que estaria em prioridade a roupa, por exemplo só "calça". Quer dizer, mais um peso na economia do índio, eles têm que comprar

sabão, aí mais uma outra ilustração! Vamos dizer um grupo de mil índios, cada pedaço de sabão custa quatro **cruzeiros** na sede de Boa Vista. Então, se cada um desses mil índios usam dois pedaços de sabão por mês, quanto é o total? Oito mil cruzeiros. Para resolver o problema do sabão, nós já temos aí não sei quanto.

REPRESENTANTE DO IBDF!

O branco está introduzindo dois tipo de coisas que não são necessárias ao índio, como a roupa e o sal. Mas, eu pergunto ao expositor, se é necessário incutir na cabeça do índio essa separação Venezuela e Brasil, também isso não é prejudicial?

REPRESENTANTE DA M.E.V.A '!

Na realidade, nós não tentamos incutir. Acho que isso vem acontecendo mais ou menos naturalmente, porque eles têm plena consciencia de que os Venezuelanos têm uma língua diferente da dos brasileiros, e perguntam em que direção está o Brasil, se a Venezuela é um outro país. Quando a comissão de delimitação de terras operou na área com helicópteros e elementos brasileiros e venezuelanos, eles entraram em contato com esse pessoal e queriam saber. Como nós somos as únicas pessoas com quem eles podem se comunicar na língua, eu respondo, não é que eu esteja querendo incutir.

Pergunto se isso é uma resposta satisfatória.

REPRESENTANTE DA EMPRESA BRASILEIRA DE TURISMO!

Ao iniciar sua exposição, falou que a imprensa normalmente usa termos de desconhecimento da causa.

É normal, primeiro porque apesar de trabalharmos em turismo, informações e imprensa, jamais recebemos informações oficiais através de boletins da Funai, ou mesmo das Missões. A única fonte de informações que nós temos, é quando procuramos a coordenação da Funai ou quando fazemos visitas ao Museu do Índio. Infelizmente, técnicos do Museu do Índio, para prestarem informações reais a respeito dos indígenas... nós somos obrigados a aceitar aquelas que ouvimos e divulgamos, só recebemos informações dos índios quando eles praticam o mal e nunca o bem. Não sabemos em que condições se encontra o artesanato indígena e a produção agrícola, agora que vamos ter conhecimento, quando então alguma coisa estará sendo divulgada.

Na minha opinião e que deveria ser a opinião de outros da imprensa, é de que a Funai, tivesse um setor de relações públicas, a fim de que todos esses boletins fossem encaminhados periodicamente aos órgãos da imprensa, mas, não só a Funai, também os Representantes das Missões aqui em Manaus, nos fornecessem dados. Tive oportunidade de algumas vezes procurar o SUMMER, atrás de algumas gravações que nos transmitissem assuntos indígenas, e eles nos disseram que não tinham ordem da Funai para isso. Então, o que é que vai acontecer? Vamos apanhar a Tribo dos Andirá, que se apresenta no Festival Folclórico e gravar, divulgar pelo mundo inteiro. Quando está errado. Nós precisamos; não é fazendo crítica, apenas uma opinião, um modo de pensar que nos fossem fornecidas maiores quantidades de informações reais aos órgãos de imprensa e órgãos de divulgação, não só os estaduais, mas os particulares, as agências de viagens e turismo.

PADRE GIUSEPPE DALLA VALLE:

Muitas vezes os reporteres nos procuram para receberem informações, nós fornecemos, mas eles se contentam em escrever em um papel qualquer, agradecem e vão embora. Depois, aparece o artigo feito de maneira totalmente diferente daquilo que informamos. Então, não somos nós a oferecer a verdade, são eles que devem apresentar a verdade como ela é. (PALMAS)

O SR. PRESIDENTE DA FUNAI (GENERAL ISMARTH DE ARAÚJO)

Vou prestar um esclarecimento a todos os participantes.

É interesse da Funai, promover o índio, já que o objetivo a ser discutido é a integração futura desse índio à comunhão nacional. Quem examinar os boletins informativos da Funai, a respeito do índio, verifica que tiramos desse boletim tudo aquilo que se refere com auto-promoção da Funai, não desejamos promover a Funai, desejamos promover o índio, exatamente para proporcionar um conhecimento perfeito de outros organismos que têm necessidade dessas informações. Todos esses órgãos e entidades que solicitam esses boletins, a Funai remete religiosamente. Evidentemente que não podemos abraçar tudo que diz respeito a todas as comunidades indígenas do Brasil, mas se não me engano, essas características culturais estão sendo captadas para esses boletins, estamos pedindo a cooperação de vários órgãos, inclusive das próprias missões religiosas que colaborem com esse novo boletim.

O boletim, não é feito exclusivamente pela Funai, os antropólogos

gos estão cooperando, temos publicado artigos do próprio CIMI e as próprias missões podem remeter para a Funai. Acho necessário que a imprensa tenha um conhecimento verdadeiro daquilo que está se passando.

REPR ESENTANTE DA IMPRESA BRASILEIRA DE TURISMO:

Não vim para tecer críticas, mas, apenas para prestar esclarecimentos. Conheço a pessoa que está envolvida nos assuntos que criaram plemicas, ela não tem conhecimento de índios, apenas foi lá e ouviu a história da banana cozida...se ela fosse como eu, que vou sempre à Funai, procuro papéis, procuro ler, tomar conhecimento do que acontece, talvez tivesse contado a história de maneira diferente. É falta de conhecimento, então, eu estou aqui apenas solicitando que os órgãos como Funai e missões, encaminhem informações para que nós que trabalhamos na imprensa e que nem sempre temos tempo para fazermos muitas pesquisas, porque a luta pela vida é grande. Então, nós fazemos loucuras dizendo bobagens e nem sempre temos coragem de nos retratar porque a direção do jornal as vezes não nos permite. Mas, assim sendo nós pedimos desculpas por qualquer crítica feita nessas minhas palavras, apenas solicitando que nos ajudem, a fim de que possamos ajudar o índio e a divulgação que se faz necessária.

Muito obrigado.

O SR. PRESIDENTE (GENERAL ISMARTH DE ARAÚJO)

A Funai, tem presente a assessoria de relações públicas, para fazer esses contatos e sentir as necessidades da imprensa.

Nós queremos uma imprensa, que em seus artigos reflita a realidade dos fatos, críticas, nós aceitamos tranquilamente, mas, que sejam construtivas. Esse é o objetivo da Funai. De modo que críticas, sugestões dentro daquele caráter terão sempre guarida por parte da Funai e providencias serão tomadas a respeito dessas coisas que a própria Funai desconhece. Essa colaboração a imprensa pode dar, inclusive em outros campos já que o grande objetivo é integrar o índio à comunhão nacional. A imprensa, poderá ter um papel relevante nessa integração.

REPRESENTANTE DA M.E.V.A:

Nós não consideramos a imprensa como inimiga, ou alguma coisa assim, achamos que o objetivo é esse juntar todos os meios possíveis para o

bem do índio.

Então, trazendo o problema e com a consequente resposta, achamos que há necessidade de uma coordenação para que a imprensa possa operar com eficiência e se tornar um veículo importante de educação dentro da mentalidade pública, em favor do índio brasileiro, porque como eu disse no início, todos os grupos têm pelo menos coordenação de missionários, antropólogos e outros mais, mas, há outros contatos esporádicos pelo Brasil, de brasileiros não sofisticados com os índios. A imprensa, é um veículo dinâmico de grande importância.

DR. MARCOS BARROS :

Pelo que foi exposto através do representante da M.E.V.A, esse grupo missionário religioso, do extremo norte do Brasil, na fronteira com a Venezuela, conforme observamos não está ou está num distanciamento muito grande dos propósitos da Funai.

O ilustre General Ismarth, colocou que o objetivo da Funai é integrar o índio à comunhão nacional, e se o culto Evangélico, chegou àquela região em 1958, pelo exposto, pode ser por ignorância em antropologia da nossa parte, mas nós não conseguimos sentir essa preocupação de integração desse índio ao processo de civilização. Agora, existem algumas evidências e como leigo elas me preocupam.

1. A descoberta de minério, que não foi divulgado e que nós não sabemos se é urânio, mas importante para a região... É óbvio que o processo de civilização prende-se ao problema de crise mundial de petróleo, o Brasil, com a infra-estrutura que agora está criando através da Perimetral Norte, vai atingir essa infra estrutura. Esse processo de infra-estrutura será ostensivo ao Pico da Arara, no Brasil, onde está a região indígena. Isso naturalmente me deixa em certa dúvida, esse processo está sendo avançado e o índio entra-se em preparação, gradativamente. Eu conheço esse processo entre as vantagens do parto normal e o cesariano, nesse último retira-se o filho do útero da mulher, embora ele não venha ter aqueles sofrimentos do parto. Então se procede: captação da vida intra-uterina à extra-uterina, um estudo que deve ainda ser feito e que deve gerar alguma neurose junto a esse trauma de uma descompressão bruta entre uma civilização e outra. No parto normal seria es

se processo de integração lenta e talvez o índio sofresse menor agressão.

Na parte de economia o expositor se reportou a cerca do artesanato, colares e enfeites que auxiliam esses indígenas, devido a 32 cachoeiras separando a civilização da tribo, seria impossível eles transporem, mas os missionários auxiliam na venda desse material. Eu gostaria de saber em que é revertido esse dinheiro, fruto da produtividade indígena, se esse dinheiro é utilizado para auxiliar na compra das limas, como mencionou, na compra do machado, ou se a compra do machado e da lima são atitudes filantrópicas da missão?

REPRESENTANTE DA M.E.V.A.!

Repita a pergunta, por favor.

DR. MARCOS BARROS!

Eu gostaria de saber a importância do Banco Catrimani junto a esses indígenas.

REPRESENTANTE DA M.E.V.A.!

Foi usada a expressão de que o índio não está sendo preparado para a civilização que está avançando.

Acho que o problema básico e fundamental na integração do índio é a língua, sem ela não haverá integração e existirá muito problema se o índio não puder se comunicar. A missão tem se interessado, o nosso ponto alto é exatamente igual ao da Funai, que é de integrar dentro do ritmo ideal nossas idéias, é integrar, não é separar, isolar ou conservar alguma coisa assim. Nosso alvo é paralelo ao da Funai, ou igual, é de integrar na medida do possível os índios de uma maneira que não seja prejudicial, levando em consideração estradas, petróleo, urânio e seja lá o que for.

O que nós estamos fazendo para a preparação é o seguinte!

Aprendendo a língua e servindo como intermediários porque a civilização está chegando. Um exemplo disso, um grupo da Funai, teve que visitar os nossos postos e não poderia fazer muitos levantamentos caso não estivesse lá um missionário ou uma pessoa que falasse a língua, para servir de intermediário. Então, a língua é um fator de real importância, nós estamos concentrando os nossos esforços, principalmente nessa área, é o primeiro passo, não poderemos subir uma escada começando do último degrau, assim é a preparação da língua. O segundo passo seria, despertar a confiança do índio ao ele-

mento estranho, ao civilizado brasileiro. Eu posso dizer que a atuação da M.E.V.A. tem sido principalmente nessas duas áreas, está aprendendo a língua do índio, informando o índio de que o civilizado está chegando com boas intenções. Vou citar um exemplo, quando a comissão de limites, chegou no local, vários índios chegaram a mim perguntando: _ eles são bons ou maus? Eu disse: não, eles são homens do governo e estão fazendo trabalhos...expliquei tudo. Então, estamos sendo os intermediários.

O outro fator, é simplesmente com a nossa presença demonstrar ao índio o que ele precisa saber para crer, demonstrar que os civilizados têm boas intenções a respeito dos índios. Os índios, como eu falei, moram em áreas espalhadas, visitam os postos há distância de um, dois, três dias. É comum o índio viajar de sua maloca, ele trás os seus objetos, sua rede, etc, e pede que eu guarde em minha casa com medo que seus próprios parentes, gente de sua própria família venham roubar as suas coisas. Para mim, eu sinto que é um fator positivo e construtivo estabelecer a confiança do índio no elemento civilizado, para evitar problemas como temos tido com os Atroaris, que não têm confiança e por esse motivo tem existido mortes, justamente por essa falta de entrosamento. Graças a Deus, a situação entre os "Yanoamas" tem sido viável, eles têm confiança e amizade, as crianças ficam em nossa casa, sentam, conversam, olham revistas, há entrosamento. Acho que eles estão bem preparados para a chegada da civilização. Quanto ao problema de policiamento a respeito de entrada de cachaça, há um outro programa, eu não sei se podemos fazer, mas, certamente ele está sendo preparado.

DR. MARCOS BARROS:

A pergunta foi a respeito do Banco Catrimani.

REPRESENTANTE DA M.E.V.A.:

Eu não posso responder, porque é uma área da qual eu tenho completo desconhecimento da causa, é outra área geograficamente distante. Acredito que as pessoas daquela missão estariam mais habilitadas a responder.

DR. MARCOS BARROS:

Eu gostaria de saber se o índio sente uma inter-relação entre a produtividade de seus produtos e o bem que advém desse produto? Ou se ele deixa transparecer que é um pobre ignorante e que apenas uma instituição filantrópica os protege e beneficia? É isso que eu quero colocar.

REPRESENTANTE DA M.E.V.A.!

No contáto com o índio, sentimos que ele está mais feliz e se sente mais realizado quando pode trabalhar e adquirir ^oseu machado. Por exemplo, houve um índio que me ajudou cercando o quintal de minha casa.... eles se sentem úteis, ele nunca tinha feito um trabalho com uma certa orientação, depois recebeu o pagamento e cada vez que um parente dele chegava, ele dizia: eu trabalhei, fiz essa cerca para o missionário. Então, psicologicamente eles se sentem realizados, é um fator positivo e parece que vale esse tipo de trabalho.

Como eu disse, a missão tem limitações financeiras e não pode suprir do seu próprio bolso todas as necessidades dos índios, não podemos suplementar de todas as maneiras possíveis, mas, por exemplo os artefatos podemos levar, podemos levar uma série de artefatos da tribo quando vamos em Boa Vista, procuramos vender para pessoas interessadas, compramos a lima, o machado do índio que fez o artefato. É um processo difícil que exige tempo e trabalho, o índio recebe de volta a parte do seu trabalho, na minha opinião ele se sente bem quando trabalha, se sente digno e respeitado.

DR. MARCOS BARROS!

Eu havia esquecido um ponto fundamental, é o seguinte, também confessando minha ignorância linguística, dentro do meu senso crítico não, não consigo concordar ...será que há dificuldade do índio aprender a língua? Será que essa dificuldade é tão grande que em dez anos tivesse praticamente sem conhecer muita coisa da língua? Quanto a maneira de aproximar o índio da civilização através dos missionários, tudo isso é um trabalho muito grande de se dar base linguística e fonética. Mas, se o processo de civilização jogasse esses ensinamentos iniciais para frente... eu acho um processo até certo ponto inverso, o missionário é o homem de ligação, o intermediário, mas, depois, quando a civilização chegar, parece que com o pouco conhecimento que tenho nesse trabalho, esse índio já está com possibilidades de integração em termos linguísticos.

PADRE TIAGO BOETS!

Acredito que estamos tocando num problema fundamental.

O que o índio compreende por integração?

Integração significa que o índio, quanto mais cedo possível deve saber o que é dinheiro brasileiro, o índio deve saber o quanto antes, que o Governo pensa neles como pessoas humanas, o índio deve saber que ele deve se integrar o quanto antes às aquelas realidades que já são para nós há muitos anos a mesma coisa, a mesma coisa como os valores, o valor capitalista de um lado, o valor comunitário de outro lado. Aí está toda a problemática a respeito do que se entende por integração cultural, religiosa e o que é o valor do próprio índio, ou ainda vai ter que viver duas realidades diferentes, a nossa e a deles.?

O SR. PRESIDENTE (GENERAL ISMARTH DE ARAÚJO)

Há uma coisa que talvez seja esclarecido aqui, não consideramos em nenhum momento que existam comunidades indígenas integradas. Dentro do próprio Estatuto do Índio, diz claramente, quando incorporado à comunhão nacional, reconhecido no pleno exercício dos direitos civis, ainda que conservem os usos, costumes e tradições. Isso significa que ele continua a exercer a sua plena capacidade civil como qualquer cidadão brasileiro, mantendo ainda o seu padrão de costume. Esse é o objetivo que deve ser atingido nesse preparo das comunidades indígenas, para a futura integração, sem quebras bruscas dos seus padrões de costume.

É verdade que no momento, nós estamos sentindo as mesmas influências que vão exigir atuações mais imediatas, seja da Funai, seja das missões em face ao avanço de frentes pioneiras, e enquanto nós pudermos manter o índio isolado e prepará-lo gradativamente para essa futura integração, essa será a situação ideal.

Mas, nós estamos enfrentando problemas e só para encerrar essa parte de debates a Funai, já está elaborando grande projeto "panorama" e dentro desse grande projeto; com prioridade em face exatamente de manter contato com a Perimetral Norte, desse contato levar reflexos negativos às aquelas comunidades indígenas, todos esses problemas serão equacionados e em comum acordo a Funai trabalhando com as Missões Religiosas diferentes, que operam junto a essas comunidades para solução dos interesses, dos problemas e dos assuntos que deverão ser debatidos dentro dos grupos de trabalho.

MISSÃO NOVAS TRIBOS DO BRASIL! (RINALDO DE MATTOS)

Ao apresentar os relatos dos trabalhos realizados pelos missio

missionários da Missão Novas Tribos do Brasil, no Estado do Amazonas, que operam em cinco grupos indígenas, nós gostaríamos de esclarecer que pessoalmente o nosso campo de trabalho está localizado bem longe daqui, nós trabalhamos com os "Xerantes", no Estado de Goiás e que por um outro critério estaria também dentro da área da grande Amazônia. Os nossos colegas que operam nesta área indígena, aqui do Amazonas, permitiram que eu fizesse a leitura dos relatórios, temos colocado em cada grupo indígena com os que nós trabalhamos o nome dos missionários que atuam na área junto aos índios, faremos apenas a leitura e os nossos colegas estarão a disposição, para responderem se puderem, as perguntas que forem formuladas.

Tenho em mãos, inicialmente, o relato dos trabalhos no rio Içana, mas, vou ler primeiramente o relato dos trabalhos entre os índios "Yanomami", por uma questão de sequência.

Os missionários que trabalham na Missão Novas Tribos do Brasil, é o nosso colega Sr. Paulo Corenchuc, que aqui se faz presente, as perguntas deverão ser dirigidas a ele.

Nós consideramos que dentro da complexidade das grandes necessidades de nossas tribos indígenas aqui no Estado do Amazonas, a parcela de cooperação da Missão Novas Tribos do Brasil, ainda é pequena, tencionamos aumentar, tencionamos intensificar muito mais ainda os nossos trabalhos, tanto em projetos como também em elementos. A missão está preparando um número muito grande de elementos brasileiros, para atuarem entre as tribos indígenas do Brasil. Temos uma escola típica com mais de 50 alunos, se formando em Minas Gerais, temos uma escola de formação prática missionária no Sul de Mato Grosso, com mais de 20 candidatos e temos em Pirenópolis ao Sul de Goiás, uma escola de linguística com o número de 14 alunos, para ajudarem nesse grande trabalho de oferecerem assistência as tribos do Brasil. Reconhecemos que os trabalhos feitos até agora, apesar das dificuldades, distâncias e dos sacrifícios, é modesto.

Lê...

Este é o relato sucinto dos trabalhos feitos entre os índios "Yanomami" no setor de economia.

O SR. PRESIDENTE DA FUNAI (GENERAL ISMARTH DE ARAÚJO)

O Plenário pode dialogar sobre o grupo "Yanomami" para fi

carmos com o panorama geral, se desejarem abranger outras áreas de outras comunidades indígenas...

Alguém tem alguma intervenção para fazer ?

PADRE GIUSEPPE DALLA VALLE:

Eu diria que as áreas são tão diferentes, que gostaríamos de ouvir a parte de cada uma sozinha, porque essa área é uma e outras são situações diferentes, população e linguas diferentes, etc.

REPRESENTANTE DA MISSÃO NOVAS TRIBOS DO BRASIL: (RINALDO DE MATOS).

Então, vamos prosseguir aos debates no que diz respeito aos trabalhos do Grupo *Yanomama*, após os debates então nós teremos o relato dos outros grupos e por conseguinte os debates.

REPRESENTANTE DA MISSÃO NOVAS TRIBOS DO BRASIL:

(PAULO CORENCHUC)

A comercialização da farinha e da castanha não se refere particularmente ao trabalho no *MARIKI*, mas como representante do *TOCOTOBÍ*, eu conheço um pouco a área e posso dar alguma informação. Os índios extraem a castanha da região e se não me engano, de três em três meses, um funcionário da Funai, do Posto Ajuricaba, que fica abaixo do *PORTO TOCOTOBÍ*, faz uma viagem subindo o rio *ANEMI*, para recolher a castanha produzida, bem como a farinha e em troca ele entrega mercadorias como, panelas, ferramentas e outras variedades.

Não sei se a resposta satisfaz...

O SR. PRESIDENTE: (GENERAL ISMARTH DE ARAÚJO)

Mais alguma intervenção ?...

Quero esclarecer um ponto que parece ter sido a tônica no que diz respeito a questão de terras. Nota-se que a preocupação da Funai, é desde já começar a proceder a delimitação da área necessária para essas comunidades indígenas, a fim de evitar problemas futuros. Foi estudado aqui, problemas de garimpeiros que atuam em determinadas áreas, mas, o Estatuto do Índio, é claro, o índio tem prioridade na caça, na pesca, na garimpagem em áreas indígenas. Então, temos necessidade de limitar essa área para poder afirmar a legalidade ou ilegalidade da presença de determinado elemento nessa área, se não delimitarmos essa área indígena, não haverá condições de

proibirmos a entrada de elementos estranhos, apesar de não haver problemas' como existem em outras partes do país, essa delimitação é necessária e vai evitar problemas no futuro, como nós estamos enfrentando no Sul do País. Que remos deixar esse problema equacionado a respeito dessas áreas efetivamente necessárias para as comunidades indígenas.

Mais alguma intervenção?...

Estamos com dez minutos para encerrarmos os trabalhos da parte da manhã, de modo que não há interesse em iniciarmos e conceder a palavra a outra missão, que vem logo a seguir, é melhor interrompermos esta reunião e reiniciarmos os trabalhos às 14:00 horas... mas, ainda está faltando as ou tras áreas da Missão Novas Tribos do Brasil.

REPRESENTANTE DA MISSÃO NOVAS TRIBOS DO BRASIL:

(Rinaldo de Mattos)

A próxima área de atuação da Missão Novas Tribos do Brasil , encontra-se com a tribo CANAMARI que está na reserva do rio Juruá, no serin gal "Três Unidos", os missionários são os colegas Srs. Henry Loewen e Abraha Koop, que poderão responder as perguntas ou questões levantadas no que diz respeito aos problemas daquelas tribos.

Uma outra tribo que não está também distante é a tribo Korina, na região do Juruá, seringal Penedo, missionário atuante na área é o Sr . Marcos Edward, que também aqui se faz presente. A situação dessas duas tri - bos são mais ou menos idênticas, de modo que nós vamos proceder o relato de ambas, vamos ver se conseguimos dirigir as perguntas e respostas abrangendo as duas tribos para ganharmos mais tempo.

Então, a Tribo CANAMARI , economia! Lê...

Esta é a situação do plano de economia da tribo CANAMARI .
Korina, na mesma região do rio Juruá, seringal Penedo.

Economia(Lê)...

Eis aí os relatórios da parte de economia das tribos Korina e' CANAMARI , na região do Juruá.

O SR. PRESIDENTE! (GENERAL ISMARTH DE ARAÚJO)

Quem estiver interessado em debater o assunto pode se aproxi -
mar.

REPRESENTANTE DO ALTO SOLIMÕES! (D. ADALBERTO MARSI)

Tenho algumas notícias que podem cooperar na delimitação das terras para as tribos Korina e CANAMARI.

Recebi uma carta de um homem falando a respeito dos Korina e CANAMARI, que moram na cabeceira do ITAPAUÍ, a situação deles é muito triste e lamentável, existe apenas um pastor na foz do rio Içana, esse homem achava por bem que se delimitasse um terreno para aqueles índios.

MISSÃO NOVAS TRIBOS DO BRASIL:(MARCOS EDWARD)

Os índios que vivem em seringais, como já foi debatido o assunto, vivem oprimidos pelos seringueiros. Os seringalistas procuram entrar em entendimentos com os índios, sem pedir aos missionários que eles sejam os intermediários entre os índios e seringueiros, ou seringalistas, assim eles não teriam problemas com os índios e não receberiam "pancadas na cabeça".

Quanto a produção, é muito pouca, mas a terra dá, se trabalhar o índio poderá ganhar tudo que precisa e pelo que vejo nos jornais a Funai está encabeçando esse assunto para solução na área do rio Juruá e na área do rio ITAPAUÍ.

O SR. PRESIDENTE (GENERAL ISMARTH DE ARAÚJO):

Quando eu estive na Câmara dos Vereadores, um Vereador me fez perguntas e foi exatamente sobre as explorações das comunidades indígenas no rio Juruá. Ele afirmou tachativamente na Câmara, que essas comunidades indígenas viviam praticamente a custa dos seringueiros e achou até que os seringueiros eram bem necessários naquela região caso contrário a população estaria desassistida.

Fui obrigado a confessar que a Funai, não pôde englobar no roteiro de visitas dos grupos de trabalho, a área do rio Juruá, e que eu desconhecia completamente a situação daquela comunidade. Numa proposta feita pelo Professor Olympio, aprovada pelo próprio Presidente da Funai, de que antes de passarmos a qualquer área indígena diferente, estudarmos do mesmo modo como estamos fazendo aqui no Amazonas, ou em outra qualquer região. Queria a Funai, voltar novamente ao Amazonas, para completar o conhecimento dessas comunidades indígenas para podermos então, com o panorama elaborar esse estudo de

projetos com relação a essas comunidades. Não pude responder ao Vereador, porque não tive condições, talvez a missão pudesse dar essa resposta que eu não pude dar.

PADRE EGYDIO SCHWADE:

Tenho duas perguntas a fazer. A primeira se refere a parte do seu relatório em que parece dizer, que os índios estão ali com o consentimento dos proprietários. É difícil se aceitar uma situação dessa porque se não me engano, não há comprovante de consentimento por parte deles. A segunda pergunta se refere, que estavam preparando missionários para colaborarem em novas frentes de trabalho. Aqui há um problema a ser discutido neste simpósio, foi distribuído um comunicado, segundo o qual a Funai pede para não se abrir mais novas frentes de atuação missionárias. Então, agora durante essa entrevista foi tratado do assunto de que estavam sendo preparados missionários para novas frentes de trabalho.

Esse é o problema.

REPRESENTANTE DA MISSÃO NOVAS TRIBOS DO BRASIL:

(RINALDO DE MATTOS)

Quanto a primeira pergunta, a respeito da propriedade dos índios naquela área, os presentes podem lembrar que quando eu disse terra de propriedade dos seringueiros, ou seringalistas, eu disse assim: entre aspas, de modo que eu acredito que isso explica qual o nosso pensamento no fundo a respeito das tribos. De fato é uma problemática muito grande o índio habitando na sua terra com o consentimento de quem não é dono das terras e que faz a vez de proprietário.

Quanto ao segundo, eu acredito realmente que foi uma lembrança feliz trazer a este seminário. Estando presente aqui as missões religiosas e a Funai, especialmente na pessoa do Sr. Presidente, nós gostaríamos de entrarmos realmente em entendimentos a respeito desse assunto, porque é grande o esforço que a missão tem feito na preparação de novos missionários e já com o desenvolvimento feliz da antropologia no Brasil, nós estamos aproveitando esse desenvolvimento no contáto com os antropólogos, procurando introduzir em

nossa escola de preparação de missionários, conhecimentos dessa natureza, de modo que os nossos missionários não estão fazendo atualmente trabalhos como faziam há 50 anos passados. A ciência se desenvolveu e desenvolveu também em nosso benefício, as missões estão aproveitando esses conhecimentos científicos e transmitindo aos que estão sendo preparados. Nós prometemos não cometer em nossos trabalhos erros que foram cometidos há 50 , 100 anos atrás, queremos a exemplo da Funai, orientar os nossos trabalhos dentro desse pensamento da antropologia, ~~orientar~~ mais cientificamente os nossos trabalhos e estamos nessa esperança preparando missionários. Seria lamentável que nós estivessemos agora no fim do ano, quando 14 candidatos estarão prontos para colaborar com essa obra gigantesca , se nós recebessemos da Funai uma resposta negativa, o que nós iríamos fazer? Iriamos mandar os jovens para o Paraguai, para a Bolívia, para a Venezuela e talvez para outro continente como a África e assim ' por diante.

Então, para o bem das tribos indígenas do Brasil, uma vez que a Funai deseja congregar esforços com as missões, seria feliz' se neste seminário fosse solucionado também esse problema, que fosse achada a solução através da qual esses novos elementos missionários pudessem também ser aproveitados.

O SR. PRESIDENTE: (GENERAL ISMARTH DE ARAÚJO)

Efetivamente a intervenção do padre Egydio, não foi feliz' neste momento, porque a Funai, teve a preocupação de expedir uma circular a todas as missões, dizendo que no momento ela não estaria renovando autorizações já conseguidas anteriormente. Nós declaramos inclusive, a situação meia caótica em relação a entrada de missões religiosas nesse trabalho junto aos índios. Encontramos inclusive missões que não tinham nem autorização de espécie alguma ' para penetração nessa área e lá se implantou a seu bel-prazer. Isso está errado, nós desejamos brevar a situação deles junto aos indígenas, nós queremos saber o disciplinamento e a capacidade do missionário para o trabalho que deve ser feito. Então, essa medida inicial foi tomada , é nossa intenção discutirmos e depois examinadas

devidamente pela Funai, não pode ser a bel-prazer, tem que haver um controle por parte do órgão de Proteção ao Índio, isso não quer dizer que o assunto seja retomado. Na realidade a Funai as vezes desconhece até os missionários que atuam dentro de cada missão religiosa, isso tem que haver para existir um entendimento mútuo entre Funai/Missões. Para que a Funai reconheça esses trabalhos básicos temos um departamento competente para examinar o problema.

Alguma intervenção a respeito do assunto?...

PADRE EGYDIO SCHWADE:

Um fato importante também é essa falta de conhecimento por parte da Funai, de elementos das missões.

O SR. PRESIDENTE DA FUNAI (GENERAL ISMARTH DE ARAÚJO)

Não entendi bem a pergunta do padre Egidio.

Repita, por gentileza.

PADRE EGYDIO SCHWADE:

Gostaria de saber se essa falta de conhecimento é proveniente das missões ou da Funai?

O SR. PRESIDENTE (GENERAL ISMARTH DE ARAÚJO)

A Funai só tomou conhecimento recentemente com essas viagens que esteve fazendo.

Acredito que tenha sido essa a pergunta do padre Egidio.

Esse trabalho que estamos realizando no Estado do Amazonas, não está pronto ainda.

Mais alguma intervenção?...

PRELAZIA DE PORTO VELHO (PADRE PEDRO MARIA)

Quanto a questão de abrir novas frentes, ficou clara aquela circular. Gostaria de explicar que o problema enfrentado pela nossa prelaia é o de substituição de elementos nas frentes já abertas com a apresentação da Funai, quando o elemento adoece em Porto-Velho, nós não temos condições de prosseguir os trabalhos normalmente, chega um elemento da Funai e diz: falta isso, falta aquilo, eu quero isso, eu quero aquilo, vocês estão relapsos, mas nós não dispomos de elementos para continuar o trabalho que vínhamos fazendo.

devido a ausencia de colegas que por motivo de saúde ou por outros motivos,tiveram que se ausentar dos trabalhos

Gostaríamos de ter esclarecimento do Sr. Presidente, quanto a substituição de elementos nas áreas já abertas.

O SR. PRESIDENTE (GENERAL ISMARTH DE ARAÚJO)

A substituição é valida desde que a Funai tome conhecimento pois tem que haver um controle.

Não havendo mais intervenções...dou por encerrada a presente sessão convocando outra para às 14:00 horas.

FIM.

" II SEMINÁRIO - FUNAI - MISSÕES RELIGIOSAS - AMAZÔNIA LEGAL."

(Em 06-4-75 às 14:00 horas)

O SR. PRESIDENTE:(GENERAL ISMARTH DE ARAÚJO)

Vamos reiniciar os nossos trabalhos ouvindo o representante da "Missão Novas Tribos do Brasil".

MISSÃO NOVAS TRIBOS DO BRASIL (RINALDO DE MATTOS)

Daremos continuidade à leitura dos trabalhos realizados pelos missionários da missão Novas Tribos do Brasil.

Temos em mãos o relatório dos trabalhos realizados pelo missionário da Tribo Marúbo.

Tribo Marúbo, localizada na cabeceira do rio Ituí, o missionário informante que atua na área é o Sr. Gerald Kennell, que aqui se faz presente, para tentar responder as perguntas que lhe serão formuladas.

No setor de economia:(Lê)...

As perguntas poderão ser feitas, depois passaremos a ler o relatório a respeito dos ~~BANUS~~ no rio Içana.

Alguém deseja fazer perguntas?...

Então, faremos em seguida a leitura do relatório dos trabalhos realizados entre os ~~BANUS~~, no setor de economia:(Lê)...

Alguém deseja fazer perguntas?...

O Sr. Presidente, gostaria que os Srs. Henry Roland Loewen e Paulo Carrenho Martins, pudessem dizer quais os principais problemas enfrentados pela missão no setor de economia, nessas duas áreas: rio Içana e rio Ituí.

MISSÃO NOVAS TRIBOS DO BRASIL:(GERALD KENNEL)

Na região do rio Ituí, onde está situada a tribo Marúbo, um dos problemas enfrentados atualmente são os invasores que estão chegando na área delimitada pela Funai. Os índios têm feito queixas ao pessoal da missão os quais levam ao conhecimento dos funcionários da Funai e esses pedem aos invasores para abandonarem tal local de trabalho.

O trabalho desses índios, vem fornecendo bem as necessidades da vida, embora não sejam completamente integrados à cultura brasileira, mas, conhecem bem a roupa, conforme já foi mencionado, os motores de popa e outras coisas, que são relativamente novas para eles e estão usando como rádios, gravadores, toca-fitas, alguns têm um tipo de motor de popa chamado "burro preto", no rio Ituí.

Creio ser o problema principal a chegada dos invasores. Mas, o Sr. Rubens, que está tentando atrair os índios da tribo RAIOA MA, fabu com o pessoal do rio Ituí, dizendo que não podiam mais retirar o cedro porque a Funai, tinha criado um posto na boca do rio Novo, no rio Ituí e não deixaria passar. O cedro é dos indios e não dos civilizados, então, os civilizados estão proibidos. Acho que está quase resolvido o problema.

MISSÃO NOVAS TRIBOS DO BRASIL (RINALDO DE MATTOS)

Na área do rio Içana, o principal problema é o setor econômico que as missões têm enfrentado.

MISSÃO NOVAS TRIBOS DO BRASIL: (PAULO CARRENHO MARTINS)

O Assunto atual no rio Içana, diz respeito ao; desenvolvimento das comunidades, interesse em adquirir objetos como: motores de popa, rádios à pilha, relógios, também outros objetos para casa estão chegando de regatões, através das viagens que são feitas pela Colômbia e Venezuela. O problema é que recentemente a farinha era comercializada na base da troca com coisas essenciais como: sal, sabão, querosene e roupas. Mas, no momento; com o desejo de adquirirem aparelhos eletrônicos, houve uma demanda muito grande de farinha e conseqüentemente as roças estão sendo esgotadas com muita rapidez. Procuramos estimular os índios para ao invés de possuírem uma roça apenas, a plantarem três, quatro a fim de que possam atender essa grande demanda dada a entrada desses objetos preferidos.

É o problema que está havendo.

O SR. PRESIDENTE (GENERAL ISMARTH DE ARAÚJO)

Na Pauta dos trabalhos, é evidente que os debates a serem travados após a exposição de cada missão, não é entre Funai/Missão, entre a missão que está apresentando os trabalhos, é do pessoal que

constituem as diferentes missões no Plenário.

Estou querendo dar uma sacudidela no Plenário, par ver se saem perguntas interessantes, e desejava saber ainda da Missão Novas Tribos do Brasil, qual os anseios dessa comunidade em termos de desenvolvimento dentro do tema de produção e economia.

Alguém pode dizer alguma coisa a respeito?...

MISSÃO NOVAS TRIBOS DO BRASIL (PAULO CARRENHO MARTINS)

Nesse sentido, a respeito dos anseios dos índios, eu acho que eles não têm preocupação com o futuro e isso está trazendo problemas no momento, porque estão adquirindo objetos sem estarem preparados para os possuírem, exatamente por não terem reservas de póssse, dinheiro ou algum fundo para isso. Então, dessa maneira os anseios estão baseados no sentido imediatista, apenas olham um rádio ou um relógio e vão comprar, dessa maneira se endividam, como tem ocorrido recentemente, houve até notícias a respeito de colombianos que entraram no Brasil atrás de índios, a fim de levá-los para trabalhar. Mas, o que sabemos a esse respeito é que colombianos andavam atrás de devedores, porque eles adquiriram motores e outros objetos depois fugiram, então, são levados à força para pagarem essas dívidas. De modo que é no sentido de adquirir e desaparecer depois de estar de posse dos objetos. Como eles são imediatistas e não pensam nas reservas, nesse sentido eles não têm anseios futuros, ainda que um ou outro diga: _Ah! eu gostaria que meu filho tivesse algum curso especial, porque eu não fiz. Mas, muito raramente, isso eu tenho escutado de um modo geral. Eu chego numa aldeia e pergunto: Mas, vocês não estão trabalhando, que é isso, são meio-dia e vocês estão aí deitados na rede, passeando. _"Ah! eu não devo nada para ninguém, não tenho contas, para que eu vou trabalhar?" Então, é exatamente isso, só trabalham quando têm contas, isso é, quando não fogem do patrão.

Não sei se isso satisfaz a sua pergunta...

O SR. PRESIDENTE (GENERAL ISMARTH DE ARAÚJO)

Há mais alguém que queira dialogar?...

Com a palavra a prelazia do Rio Negro, representada pelo

Bispo Prelado, D. Miguel Alagna.

PRELAZIA DO RIO NEGRO (D. MIGUEL ALAGNA)

Não vou ler meu relatório, porque encarreguei o Padre Antonio Scolado, para isso, mas vou fazer uma pequena introdução.

Estamos aqui em Manaus, salesianos da missão de Porto-Velho, Humaitá, Mato Grosso, mas, a nossa região não está por lá, nem em Mato Grosso, nem em Humaitá, nós estamos nos dirigindo à Colômbia e Venezuela, pelo rio Negro. Saindo daqui de Manaus, de avião, depois de duas horas se chega na primeira missão que é em Barcelos.

A nossa missão está dividida em várias áreas, mas são tratadas como se fossem uma só. Barcelos e Santa Izabel, seriam áreas específicas, *MARARIA*, *MATAGACA*, Içana, S. Gabriel outras áreas, depois teremos o triângulo de *TARACUA*, *PARI*, *LAUARE*, *TE*, apresentarei o relatório de todas as áreas de um modo geral e específico.

Trabalham comigo 23 padres heróicos, 11 salesianos e 42 irmãs. É um exército gratuitamente, eu não pago nada porque não tenho dinheiro, eles se oferecem para trabalhar.

Esse exército está trabalhando comigo desde 1967, toda a turma salesianos, freiras, índios, estamos reunidos objetivando somente o bem estar do índio. Eles mesmos estão falando, nos criticam mais do que antes e estamos satisfeitos, dizem coisas que não existem na realidade, também estamos contentes, para tudo batemos palmas, corrigimos o que está errado, certamente porque estão passando de um nível para outro, são adultos têm toda responsabilidade e nós confiamos. Formamos a primeira turma de professores, que já receberam o título em 1963, essa turma era composta de 67 alunos, no concurso todos passaram e hoje são funcionários do Estado, lecionam muito bem, com responsabilidade e estão dirigindo da 1a. a 8a. série. Portanto, nós temos 162 professores, 77 escolas, vários colégios onde se ensina só o português e a língua deles para que não esqueçam a própria língua nativa.

Vamos ver se junto com a Funai, formamos uma comissão para distribuímos bolsas de estudo aos professores leigos, a fim

de que eles ensinem as duas línguas, porque eles estão ensinados as duas línguas, mas, nós temos vários idiomas, acho até que mais de 15 idiomas e é impossível termos políglotas.

Quando ali chegamos em 1967, encontramos alunos de 15 anos que ~~estavam~~ no primeiro ano, agora já são professores bilíngues e muitos professores dessa natureza são necessários para quatro mil alunos, como nós tivemos ano passado, este ano vamos para quatro mil e quinhentos. Em São Gabriel, em 1967 eram setecentos habitantes, hoje temos setecentos e trinta alunos, portanto, eu dou parabéns a todos os índios que são cidadãos brasileiros e falam português, melhor que eu, antes arrastavam, hoje, fazem discursos, estão se projetando e já acabaram o segundo grau. É necessário que despertemos e não deixemos eles lá, estão todos colocados. O Exército, o 1º BEC, este ano pediu duzentos, mas nós só mandamos 60 homens, o resto estão distribuídos, todos estão colocados, nunca me preocupei onde colocá-los. Estudam, quem quer ficar na região fica dando aulas porque temos 77 escolinhas, quem quer vir para cá vem, quem não quer vai ficando por lá. É necessário se colocar cursos superiores e se queremos dar desenvolvimento ao Rio Negro, é necessário que lá sejam colocados esses cursos.

Eu estive em Mato Grosso e pertencia ao Conselho Estadual de Educação, nessa época dizia assim: se nós não fundarmos universidades em Mato Grosso, ele não se desenvolverá, mas, como hoje existem três universidades, está progredindo porque os que estão lá, formados encontram meios para ganhar dinheiro.

Portanto, eu dou parabéns aos índios e salesianos que estão trabalhando nessa região, em Barcelos tem da 1ª. à 8ª. série, em TAPACUA, tem da 1ª. à 8ª. série, S. Gabriel também, em PARI e SAVARETÉ tem uma certa civilização e como estão estudando, tem cerca de 160 a 163 alunos, 23 escolinhas, não sabemos como fazer, não somos nós são eles que querem estudar e nos chamam.

No Içana, nós abrimos duas escolas no ano passado. Eles pediram: Irmã, venha abrir escolas. Eles queriam mais escolas, mas nós não podemos preparar. O Içana está pedindo, é porque eles sabem que estudando se desenvolvem, nós queremos desenvolver o índio,

promover o índio e colocá-los dentro desse regime nacional. O nosso índio está dando aulas, gostam de lecionar.

Nós viemos aqui discutir o que acontece na realidade, portanto, os índios recebendo ou não eles não se amedrontam, nós estamos trabalhando por esses índios. Primeiro, Barcelos, à 300 km temos Santa Izabel com duas grandes missões, *MARRAIA* e *MATURACA*.

Recebemos o informe deste seminário, uma semana antes mandamos avisar o Padre de *MARRAIA*, mas não deu tempo dele chegar. O Padre de *MATURACA*, não pôde vir porque há mais de 15 dias está no hospital de S. Gabriel da Cachoeira.

Saindo de Santa Izabel, vamos a S. Gabriel, mais de 300 km, de distancia, ao longo do rio distribuimos as escolas, não olhamos as religiões e quando nos chamam, vamos, somos todos irmãos, estamos trabalhando como irmãos porque queremos o desenvolvimento do Brasil, especialmente do índio e queremos desenvolvê-los da melhor forma possível. Depois de S. Gabriel, mais 300 km, vamos a *TARACUA*, depois uma turma vai para *PARI*, outra para *JAVARETE*, de São Gabriel, também se vai para o Içana e vamos subindo para *EVEVI*, então a totalidade é de 282 mil km², uma porção muito pequena talvez 30 mil habitantes, é mais ou menos o esquema.

Os professores, como disse, 67 são formados e possuem o título de professores, os outros ainda não são formados. No 1º ano, geralmente colocamos professores que saibam as duas línguas, se fizerem visitas em qualquer posto, *JAVARETE*, S. Gabriel, *TARACUA*, para onde forem encontrarão garotos de 7 anos que entendem o português e a língua deles, podem ir em qualquer lugar porque estão mais ou menos desenvolvidos e conhecedores.

Fui a *Javarete*, a mais de 100 km de barco-motor, quando cheguei um garotinho de 7 anos recitou um verso, uma poesia em português que eu fiquei pasmado e disse: aqui é assim?... Fiquei satisfeito com o panorama da missão.

Aqui nos entendemos em poucas palavras e agora vamos convidar o Padre Antonio Scolado, para fazer a leitura do relatório.

PADRE ANTONIO SCOLADO:

Torna-se difícil falar da prelazia do Rio Negro, porque é em verdade uma obra colossal. Eu vou dar uma idéia a respeito, lerei um pouco o relatório e explicarei. (Lê)...

Quando os missionários chegaram ao Rio Negro, assumiram as atividades, não só de pregar o Evangelho, mas também a tarefa de civilizar e fazer progredir toda a região do Rio Negro. A mentalidade cristã é a redenção que abrange todo o homem, tanto nas suas necessidades espirituais como nas materiais. Então, quando os missionários fundaram aquele centro, entendiam que aquele era o começo de uma futura cidade, por isso cada missão possui um centro, a Igreja, de um lado possui o colégio feminino com internato, do outro lado o colégio masculino também com internato, atrás geralmente é a cozinha, dos lados o refeitório masculino e feminino, depois oficinas para aprendizagem, além da escola. Geralmente tem o hospital "Santa Casa", correio, que foi construído e entregue a Federação, tem tudo que precisa uma pequena cidade para começar a funcionar, portanto tem fábrica de tijolos, olaria, serralha, local para criação de gado. O problema sério é o das comunicações, cada missão possui barcos à beira do rio e todas elas se esforçam para construir o campo de aviação. É mais ou menos isso que cada missão tem, possuem ainda uma espécie de loja para troca de mercadorias indígenas. Existe também uma loja que chamamos de despensa e que serve para a troca dos produtos.

Quando falamos de missão se entende, quase como uma pequena cidade. Dessas missões construídas na prelazia do Rio Negro, a primeira foi a de S. Gabriel em 1915, depois ... (Lê)...

Como é que os salesianos e filhas de Maria Auxiliadora têm meios e fundos para organizar tudo isso? A mentalidade era essa, o trabalho tem que ser feito pelos missionários, mas quem deve apoiar esse trabalho de desenvolvimento para a região deve ser o Governo. Por isso o prelado do Rio Negro, D. Pedro MANSA, passava parte de seu tempo perto do Governo do Rio de Janeiro pedindo esmolas conscientizando Deputados, Senadores e o próprio Presidente da República que eles tinham necessidade de trabalhar e dar fundos para a organização e aprovação do Rio Negro. Recebendo esses fundos vinham depois transforma-

dos em mercadorias e depois levadas aos Centros Missionários. Acontece que os Centros Missionários tinham internatos e precisavam de comidas, esses internatos para serem construídos precisavam pagar os trabalhadores, todo esse movimento próprio de uma pequena cidade, vinha necessitando de ajuda do governo, que serviria para a promoção do indígena. O auxílio que recebíamos do governo, trocávamos por frutas, farinha e comidas. Onde eram consumidas essas frutas e comidas? No internato, pelos próprios meninos indígenas. A construção dos prédios dessas missões também eram pagos com essas mercadorias necessárias para a subsistência deles. E esses colégios para que eram feitos? Para a instrução do mesmo indígena. Era todo um movimento que servia para o progresso da região e para o sustento dos indígenas.

Vou mostrar durante alguns minutos, os vários Centros Missionários. (Apresentação de Slides)...

Cada povoado possui várias casas, os principais têm: capela, como centro do culto, a escolinha do povoado e uma casa comunitária onde o povo se reúne, aqui chamamos de Centro Social, tem o capitão como sempre existiu. Apresentamos o catequista que seria o responsável para animar o culto.

Cada comunidade bem organizada tem o seu caderno de contabilidade. Todo o mês tem reunião e em alguns povoados se reúnem semanalmente para decidirem os trabalhos comunitários que irão fazer durante a semana ou mês. Depois queremos que todas essas comunidades se reúnam em forma de cooperativa, pois temos os dados necessários para levar os produtos aos lugares de consumo.

Atividades produtivas de subsistência ...(Lê)...

Eu só conheço mais ou menos uma região, que é onde oito anos, no rio Tiquié, mas aqui existem missionários de outras regiões, e quem tiver perguntas a fazer, eles estão prontos à responder.

O SR. PRESIDENTE:- (Gen. Ismarth de Araújo)

Palavra livre para o debate.

PE. TIAGO BOETS:

Uma questão um tanto delicada, mas acho que é válida.

Na medida que o Pe. Antonio foi colocando os slides, fiquei

impressionado com o volume de obras existentes no rio Negro, uma infraestrutura que dá até inveja para uma cidade grande.

Eu pergunto a mim mesmo, os srs. já questionaram alguma vez a validade desse trabalho? Gostaria de ouvir um pouco mais sobre o porque, a motivação desse tipo de trabalho, creio que deve existir! Como é que os próprios índios vêem todo esse trabalho? Eles não se sentem minorizados caso não sejam capaz de realizar tanta coisa? É preciso que venha tudo isso de fora para que ele se realize? Ao mesmo tempo uma outra preocupação, isso não está contribuindo para uma certa evasão ou um certo êxodo do índio do seu habitat normal para os centros maiores da missão? Os Srs. têm alguma experiencia por alunos que passam 1, 6, 8 anos na missão e que não voltam mais para a sua terra, para a sua tribo.

Gostaria de ouvir alguma coisa mais profunda.

Ainda, se por causa desse trabalho todo não existe uma certa alienação da própria cultura do índio, se ele vai esquecendo devido a convivencia do internato de 6, 8 e as vezes até mais anos com os missionários?

PADRE ANTONIO SCOLADO:

Eu perguntaria aos colegas se desejam responder a pergunta?...

PADRE ANTONIO HÉRCIO RASERA:

A primeira pergunta... Eu gostaria de iniciar as respostas que devem ser complementadas por todos.

Sou padre Antonio, paulista, trabalho aqui no Amazonas como responsável por 170 padres, aqui da Amazônia Legal.

Primeiramente é um processo histórico que tem de ser visto, princípios tais como esses pioneiros que vieram aqui atingir e fazer com que o índio se integrasse, e para isso era preciso exatamente que eles aprendessem, então, se deu muita importancia a escola. Acontece que para atingir a todos era humanamente impossível a não ser que se fizesse grandes centros. Nesses centros estavam todos eles reunidos rapazes, meninas dando inicio a sua aprendizagem, naturalmente agora

devem ter percebido que não há mais a preocupação de trazer para esses centros as crianças, tanto assim que há 77 escolinhas, cujos os professores são os próprios índios, formados em nossas escolas e somente aqueles que têm vontade de progredir nos estudos, que querem fazer até a 8a. série ou uma escola normal, é que vão para os internatos maiores, mas eles permanecem em seu habitat comumente.

Esse é o primeiro informe que eu quisera dar.

PADRE ANTONIO SCOLADO:

Geralmente o centro da missão é no mesmo grupo da tribo.

O centro de ~~PARÍ~~ Cachoeira, é o mesmo grupo tucano, depois

não ficam sete anos numa missão, ficam no centro, só ficam no centro oito meses, os outros meses ficam em casa. A outra preocupação que acontece é que aqueles que eram melhores, meninos e meninas das várias missões, como há anos atrás não havia oitava série, naquele tempo "chamado ginásio, só existia uma Escola Normal em Santa Izabel e um ginásio em S. Gabriel, então cada missão escolhiam os melhores para continuarem os estudos em S. Gabriel e depois voltarem para dar aulas, transmitir aquilo que haviam aprendido para os outros. Isso não foi a saída do índio em massa para o estudo. Não, era só aqueles que estavam bastante instruídos e agora que agora estão dando aulas nas missões, porque nas missões são quase todos indígenas os que lá dão aulas. São poucos os escolhidos que foram para o centro e que voltaram capacitados, com o II grau. A preocupação é de que eles estudem e fiquem o mais possível no povoado, nós estamos procurando de todos os modos possíveis ter uma ajuda do governo para comprarmos vinte barcos com motores, a fim de recolhermos alunos para a escola. Então, é bastante esforço que fazemos, para que os alunos aprendam sempre mais nas comunidades.

Há mais alguma pergunta?...

O SR. PRESIDENTE: (GENRAL ISMARTH DE ARAÚJO)

A pergunta é o seguinte: Como é que o índio vê esse trabalho da missão?

PADRE TIAGO BOETS:

Em termos de aceitação, de integração e tudo mais, a minha

preocupação e creio que é a de muita gente: será que não há uma distância enorme entre a infra-estrutura da missão de um lado e a realidade indígena do outro...então, até que ponto os dois já se conciliaram, conviem?

PADRE GIUSEPPE DALLA VALLE:

Você está fazendo uma pergunta muito inteligente.

Apesar das nossas deficiências, assim mesmo nós procuramos crescer junto com os indígenas...quer dizer como chove dentro da casa do índio, também chove dentro da nossa casa, se existe casas de indígenas que tem cobertura de telha a nossa também tem, mas também temos barracões dentro da nossa missão cobertos de zinco furado e de tabua, o piso é de chão batido como o dos indígenas, quer dizer que o cimento que chega para nós, da mesma forma que gastamos para nós, também gastamos para eles. Eles aceitam o trabalho que nós fazemos e percebemos que realmente eles se sentem satisfeitos com essa maneira de nós trabalharmos com eles. Não há duvida nenhuma que todo indivíduo, o índio também é uma pessoa como nós e tem seus pontos de vista como também suas críticas para fazer, Nós procuramos aceitá-las.

PADRE ANTONIO SCOLADO:

No incio de 1915, quando começou as missões, não existia a mentalidade de perguntar ao índio o que ele queria e o que ele não queria, mas, existia a mentalidade pensando que o único para eles civilizarem e fazerem progredir era eles entrarem ensinando português, tudo, sem se preocuparem com a cultura deles. Essa forma de colégio foi introduzida, porém não foi contra as tradições deles.

Em ^{PARI} Cachoeira, onde eu trabalhei uma irmã, que não lembro agora o nome, animou o povo para fazerem um clube de mães, como o povo todo se interessou esse clube de mães tornou-se o centro social, nas reuniões me convidavam para decidir onde seria o lugar em que construiriam, marcaram o lugar, depois discutiram como deveria ser as paredes, se era de tábuas etc, alguns disseram não, temos que mostrar aos brancos o que nós somos capazes de fazer, tem que ser de tijolo, discutiram o telhado e falavam: tem que ser uma coisa bem feita. Quer dizer, eles com essa preocupação de mostrarem-se iguais aos

outros, parece que não estão tristes, estão contentes por chegarem a tal situação.

Quanto a cultura, eles estão nesse centro - social, mas ao mesmo tempo estão ensaiando ao redor do centro e dentro do centro, danças antigas, vieram também aqui no Teatro Amazonas, fazer a dança deles, apresentar as danças antigas com explicações em português, com cantos também em português, em honra à pátria. Eles não têm vergonha da situação deles, são orgulhosos de suas tradições e ao mesmo tempo, estão contentes e felizes dentro do Brasil.

Na formação das cooperativas, eu participava em todas as reuniões, todos os meses eles vinham me chamar à noite e passávamos horas conversando, sempre a minha preocupação era de nunca decidir mas, que eles sempre decidissem, eu participava de propósito, para que eles tomassem as decisões. A segunda coisa que eu não me cansava de dizer era isso: não adianta vocês olhando as tradições antigas se dizerem melhor que os brancos, porque vocês nasceram antes e os brancos nasceram depois, na lenda de vocês, têm que mostrar que vocês são grandes também na organização econômica, então, insistia que eles se organizassem como povo e como povo tucano, não como povo que não tem nome. Eles têm consciencia de sua grandeza, da grandeza de serem povo tucano e que são brasileiros. Nunca chamamos eles de índios, porque esse nome para eles não tem um sentido bom, nós falamos que chamam-se tucano, amazonense, brasileiro, e são orgulhosos disso. Agora índio, não gostam.

PRELAZIA DO RIO NEGRO (D. MIGUEL ALAGNA)

Vou apresentar uma coisa interessante dos índios.

Sabendo que não tinha a quinta série em SAVARETE, sem contentimento dos seus pais, certos jovens de vinte anos viajaram durante 15 dias para S. Gabriel, a fim de fazerem a 5a. série e quando lá chegaram, já tínhamos recebido uma carta dizendo: D. Miguel, mande de volta esses alunos. Mas, a vontade deles era estudar, não é que se ja nossa, não, eles é que querem. Pedem e nós estamos dando.

Em MATURACÁ, onde estão os últimos índios que nós descobrimos, certa vez eu fui visitá-los e eles chamaram o tuchaua para me dizer: Sr. Bispo, nós queremos casa branca, queremos ruas. Eu respon

di: Não posso porque eu não tenho meios, mas vem um padre e vocês trábalhando com eles o Bispo bate palmas e pode ajudar, inclusive mandando um professor para cá.

Portanto, eles têm muita vontade em progredir diante dos outros colegas.

Esse é o meu testemunho diante de todos.

PRELAZIA DE RORAIMA (CARLOS ZACQUINI)

Ouvi dizer que os índios tucanos não gostam de serem chamados de índios...já foi tentado alguma vez esclarecer para eles que índio não é, vamos dizer, filho de uma outra coisa?...

PADRE ANTONIO SCOLADO:

É, mas não se trata de esclarecer só a eles, trata-se de esclarecer aqueles que pronunciam esse nome. Não são eles quem pronunciam esse nome, são os outros brasileiros, os brancos civilizados que vão por lá e usam o nome, não em sentido apreciativo. Portanto eles não aceitam, esse nome tem uma causa de muitos anos, desde 1600 eles têm contáto com os brancos, têm lendas e sérias narrações, onde falam como foram tratados e tudo isso é ligado ao "índio", é uma série de detalhes que é difícil se tirar deles . Por isso agora (As Autoridades que chegarem em regiões indígenas, é bom que não usem a palavra "índio" porque eles ficam logo zangados e se fecham quando escutam essa palavra, talvez seja melhor dizer o nome da tribo. Você tucano.

MISSÃO EVANGÉLICA DA AMAZÔNIA:

(Rodney Neil Leis)

Estou interessado nesse tipo de trabalho nas escolas. Para minha informação, gostaria de saber quem é que paga os professores e também se por acaso o Sr. tivesse que sair por alguma razão, o que iria acontecer com os índios que estão ensinando?

PRELAZIA DO RIO NEGRO (Irmã Indiana Marques Carraro)

Esse assunto está determinado para ser discutido no próximo dia oito, mas, se a assembléia achar bem, eu poderei responder agora. Mas, creio que será uma repetição no dia oito de tudo que vamos dizer agora.

O SR. PRESIDENTE (GENERAL ISMARTH DE ARAÚJO)

Nenhuma pergunta poderá ser reformulada em caráter de im possibilidade.

PRELAZIA DO RIO NEGRO (Irmã Indiana Marques Carraro)

É bom que os outros formulem perguntas sendo em relação a escolas, porque a equipe toda aqui está preparada para atender.

PADRE ANTONIO SCOLADO:

Agora, parece que a pergunta tem dois aspectos, o aspec-to da escola e o aspecto da organização em si, se ficará de pé uma vez que os missionários tenham que se ausentar.

Quanto ao culto, leitura da Bíblia e outras coisas conti-nuará, porque eles já tem uma boa base, mas, quanto a toda organiza-ção material, muita parte permanecerá, não se trata de promoção do po-voado, mas trata-se da continuidade das cooperativas que eles têm. Todo o resto da organização muito depende ainda dos missionários.

PRELAZIA DO RIO NEGRO (D. MIGUEL ALAGNA)

Temos que ajudar, porque vários professores já foram nomeados pelo Estado e portanto continuam a lecionar regularmente sem a nossa presença. E todos os 160, já receberam pela Prefeitura, ou pelo Estado, estamos fazendo essa objeção para que não desapareça.

MEMBRO DO CONSELHO CURADOR DA FUNAI:

Gostaria de perguntar sobre a organização do correio, como é o sistema de comunicação entre os índios, se existe algum siste-ma de comunicação entre eles?

PADRE ANTONIO SCOLADO:

Atualmente os indígenas escrevem muito, porque já estudaram, sabem ler e escrever. Um dia antes da chegada de cada avião da FAB, o chefe da missão, o diretor, tem sobre a mesa um monte de cartas escritas por alunos, umas vinte, trinta cartas escritas pelo povo, comunicando-se entre eles, com professores de S. Gabriel, de Manaus e também comunicando-se entre as várias missões. Nesse sentido o correio é levado à mão nos aviões. As cedês dos correios que eu verifiquei foram construídas e estabelecidos os funcionamentos regulares de correio. Mas, agora que a organização dos correios passou às mãos de uma organi-zação particular, todos esses correios foram cortados, pelo menos lá

em cima, porque não são economicamente úteis para a organização, isto é, o gasto de manter empregados, ainda não bem pagos pelo gasto de selos, porque o povo não se comunica com entidades da Nação ou estrangeiras que precisem de muito selos.

Comunicação entre si eles têm e têm também muitas outras comunicações:

I- Pelos sistema de comunicação "rádio-cipó," quer dizer' o pescador vai pescando até perto de um outro povoado, aí encontra um pescador desse outro povoado, comunica as notícias e no dia seguinte' a notícia passa para o modo de comunicação deles.

Quando têm comunicação entre um povoado e outro, geralmente o capitão, encarrega uma pessoa, duas e manda com mensagens.

Outro tipo de comunicação é de correspondência-notícia, que eu não conheço. Tem outros nomes, por comunicação comercial, por trocas, por pescas e etc.

MEMBRO DO CONSELHO CURADOR DA FUNAI:

Outra pergunta que gostaria de fazer e saber é a seguinte:

Como é feita a relação de valor preço entre o comprador e o vendedor? No caso, já que existem muitas barreiras para os índios como transporte e que somente a missão, adquire, gostaria de saber como é que eu sei, ou a missão sabe quanto custa uma dúzia de bananas ou qualquer mercadoria que o índio venda para as missões.?

PADRE ANTONIO SCOLADO:

Geralmente nós nos informamos e nos baseamos por meio do comércio.

Muitas vezes não temos bases de comércio, porque eles nem sempre compram tudo, como por exemplo, não têm interesse, pelo menos' antigamente, de comprar frutas porque as viagens são muito longas e não dá condições de comercialização de frutas. Então, ali nós temos o sistema de caucular, eu vi por exemplo que em *Jauaretê* compram um cacho de banana por quinze cruzeiros mais ou menos, em S. Gabriel custa mais, eu não sei se a missão pode se igualar por agora há uma procura muito grande. Geralmente é no sentido de bom senso que usamos.

O SR. PRESIDENTE (GENERAL ISMARTH DE ARAÚJO)

Tenho impressão que a pergunta já foi satisfeita a respei

to das missões do Rio Negro...Está prevista a explanação do SUMMER, que é o órgão mais especializado na parte linguística e talvez possa dizer alguma coisa do campo.

SUMMER INSTITUTE OF LINGUISTIC:

O instituto linguístico, entrou na área da bacia Amazônica, em 1959, com o início de estudos linguísticos, junto às tribos Hixkaryana do rio Nhamundá e do grupo SATURÉ, do rio Andirá. Desde então foi possível se colocar equipes de dois linguistas, quer dizer, um casal, com dois rapazes, duas moças, no meio dos grupos seguintes: no vale do rio Purus, Apurinã, DEMI, JAMAMADI, JUMA, PALMARI. No vale do rio Madeira: Parintintin, e MURUPIMARRA. Com o grupo MAEVU, no rio WIL-IXI, a tribo MUDURVU, no rio CURURU, e o grupo MAEVXI em Boa Vista. Lê...

O SR. PRESIDENTE: (GENERAL ISMARTH DE ARAÚJO)

Tenho impressão que vamos debater com o SUMMER, assuntos de especialidades no campo educacional.

Vamos dar a palavra a prelazia de Roraima. Acho que é a oportunidade de esclarecermos de uma vez por todas o que está sendo explorado em relação a missão Catrimani.

PRELAZIA DE RORAIMA:

Eu não sabia que deveria se apresentar um relatório das ocorrências na missão, se não teria feito. Sou irmão Carlos, Gerente do Banco Catrimani. Não posso apresentar uma relação muito detalhada sobre as atividades da prelazia de Roraima, que se desenvolve não somente com os índios Yanomama, com os quais eu trabalho, mas também entre os índios MAEVXIS, IAPIXIMA, e outros que se encontram no território de Roraima. Praticamente as panelas de barro deixaram de existir pois os índios receberam entre os presentes que lhes eram ofertados, panelas de alumínio e acharam desnecessário fazerem panelas de barro. Falaremos como é que a missão compra essas coisas e também sobre o Banco Catrimani. O Banco usa umas fichas que são substitutas de dinheiro, os índios não sabem ler nem escrever, alguns falam um pouquinho de português, a maioria não fala quase nada, então, eles não têm uma cultura suficiente para poder entender uma diferença

entre uma coisa e outra ~~nesse~~ campo ou seja cruzeiro ou uma bolinha 'branca, ou preta, amarela, vermelha. Então, eu acho que o padre João Calleri, que iniciou essa missão com o padre Pinto ~~Oneto~~, acharam que o único sistema que poderia obter um certo resultado, uma certa finalidade para os índios entenderem, era fazer um pedaço de papel com uns circulozinhos. No começo não tinham cores, em seguida a partir de janeiro de 1968, lá chegando imaginei que talvez colocando uma cor nesses circulozinhos ficasse mais elegantes e os índios entenderiam ' mais claramente, achavam mais bonito. Adicionei a cor, cada índio ' quando trabalha para a missão, pois todos trabalham para a missão quando querem e como querem, normalmente em trabalhos agrícolas em que eles já têm uma certa atitude, também nós já tentamos ensinar algumas outras atividades, procuramos fazer outras coisas além do trabalho agrícola, para modificar um pouco a capacidade de desenvolvimento do próprio recursos dos índios que ainda são agricultores, dependendo das horas de trabalho, eles recebem fichas num depósito de plástico que estão pendurados em um quartinho de um barraco da missão, onde cada bolso tem um símbolo desenhado à mão para os índios que não sabem ler poder reconhecer o próprio bolso. Então, quando os índios precisam de alguma coisa da missão, quando eles querem adquirir alguma coisa como: faca, terçados, objetos de utilidade, linha, machado e outras coisas, nesse ponto eles vão e pegam essas fichas e trazem para o gerente do Banco, a fim de adquirirem em troca os objetos que necessitam. Quanto ao sistema desse Banco, nós sempre nos colocamos a inteira disposição do plenário e particularmente da equipe de antropologia e técnicos da Funai, os quais aliás estão a par do sistema desde 1969, quando foi exposto por mim no seminário Funai/Missões Religiosas em Brasília, talvez se encontre um novo sistema mais eficiente, que corresponda mais a promoção do índio, neste caso ficaremos muito satisfeitos em introduzi-lo na missão Catrimani, aliás gostaríamos de saber quais são as diretrizes e a prática da Funai nesse assunto? Nós sempre aceitamos ' críticas e apresentamos nossos sistemas a todos os representantes da Funai e de outras entidade sem nunca encontrar alguém que após estar esclarecido achasse o sistema quanto menos inconveniente. Para isso posso citar o sertanista falecido Gilberto Pinto, a antropóloga Ana Maria

da Paixão, aqui presente, os professores de Antropologia Dr. Kenneth Taylor e Dra. Alcida Ramos, que estão na nossa missão há dois meses, permanecendo em contáto continuo com os indios e conosco, já que o nosso sistema foi mal apresentado e as minhas palavras foram um pouco destorcidas e podem ser outra vez. Eu queria que, eles que estão em contáto com ^{essas} /coisas, manifestassem a suas opiniões. Problemas de terras, há problemas, agora, de terras que a Funai está enfrentando e por sinal nós já tínhamos apresentado um projeto do parque indígena ~~Yanomami~~, em 1969, se não estou enganado, e tinha sido percebido por sinal, por outros projetos do professor Kenneth Taylor e Dra. Alcida Ramos, não foram aprovados e se perderam não sei onde, nos corredores de Brasília. Problemas de terras que agora surgem mais por causa da estrada, há al gumas intromissões que podemos dizer, pode ser uma certa preocupação de garimpeiros, por sorte na missão Catrimani ainda não foi achado nenhum urânio, nem diamantes ou outras coisas. Espero que nunca encontrem. De qualquer maneira, é possível que seja encontrado nessa região latex, balata, castanha, ainda couro de onça maracajá, lontra que é proibido a caça desses animais. Mas, até hoje não se sabia que tinham tomado providencias naquela área para proibir realmente essas coisas. Alguém deseja fazer perguntas?...

O SR. PRESIDENTE DA FUNAI (GENRAL ISMARTH DE ARAÚJO)

Na parte incial da exposição da prelazia de Roraima, entendi que só vai ser tocada na Missão Catrimani, ou vai ter mais al guém que vai falar sobre essa prelazia?...

PRELAZIA DE RORAIMA:

Não há outros que falem sobre essa prelazia, mas se tiverem perguntas também sobre outros pontos eu podendo responder...também não estou a par 100% mas vou fazer de boa vontade.

O SR. PRESIDENTE: (GENERAL ISMARTH DE ARAÚJO)

Liberdade de palavra para intervenção...

D. MILTON CORREA:

Sr. Presidente, eu gostaria de ouvir um pronunciamento seu, diante do que o padre acabou de expor sobre o Banco Catrimani, se tem fundamento aquela declaração de sensura, de condenação atribuida por

V. Exa. à imprensa contra o Banco Catrimani. O jornal há poucos dias' dizia que V. Exa. confirmava todas as denúncias contra a Missão Catrimani. Então, eu gostaria de saber, dentro do que o padre acaba de expor, se estão de pé essas declarações?

O SR. PRESIDENTE DA FUNAI (GENERAL ISMARTH DE ARAÚJO)

Numa entrevista que eu dei à imprensa, no dia 28, foi pública, eu disse claramente que simplesmente havia feito uma visita a Missão Catrimani, tinha feito perguntas, e não tinha feito comentários, e nem tinha me aprofundado no problema da missão. Isso iria competir' ao grupo de trabalho que lá iria comparecer. Recentemente, outra vez, deve ter sido no jornal da manhã de ontem; por ocasião do meu comparecimento à Câmara dos Vereadores, me fizeram novamente a pergunta, ela me foi feita por um vereador e simplesmente da seguinte maneira: _ Os índios andam nus? Eu disse, andam. _ Viu uma espécie de dinheiro representando? Eu disse, vi. _ Esteve na maloca? Estive na maloca. Eu dei as explicações e o Vereador ficou satisfeito. Então foi essa a minha intervenção junto a Câmara dos Vereadores.

DOM MILTON CORREA:

Espero que o grupo esclareça e deixe tudo bem claro, porque na opinião pública estava a condenação de V. Exa.

O SR. PRESIDENTE: (GEN. ISMARTH DE ARAÚJO)

Quero de uma vez por todas esclarecer esse problema. O grupo foi lá e o assunto já foi debatido. Acredito que no grupo de trabalho, com a participação de novas propostas em comissão, saia o quadro final a respeito do trabalho da missão Catrimani.

PADRE TIAGO BOETS:

A título de colaboração gostaria de sugerir ou discutir melhor o seguinte: Assim como nas Forças Armadas, existe uma hierarquia, também nas igrejas e eu creio nas missões existe uma hierarquia de baixo para cima, de cima para baixo. Quando de uma visita e eu creio' que daí surgiu toda a confusão, quando da visita, por exemplo de V. Exa. a uma missão, talvez não seria mal também convidarmos o responsável, o último digamos assim, para fazer parte de sua comitiva, teria talvez evitado muita confusão em vez de ter na comitiva um reporter que talvez

não estivesse bem informado sobre o problema da missão, convidar o Sr. Bispo da prelazia da qual faz parte, no caso dessa tribo em que o irmão Carlos está trabalhando, a prelazia de Roraima, a fim de que o Bispo pudesse de perto vir discutir com os responsáveis da Funai, os pontos a serem levantados. Não sei se da parte de V. Exa. houve essa preocupação, pelo que o Bispo me contou ontem, ele não foi convidado e caso seja encontrado falhas, o ideal seria que se discutisse primeiro os pontos com os responsáveis diretamente e depois então se levantaria para a opinião pública.

O SR. PRESIDENTE: (GENERAL ISMARTH DE ARAÚJO)

Talvez tenha sido uma falha de nossa parte, não convidar mos pessoalmente o responsável geral por determinada missão, mas, essas falhas serão corrigidas. Eu quero afirmar aqui, que quem acompanhou os nossos trabalhos, inclusive a passagem da presidencia em outras áreas, verifica que houve uma preocupação, a de não existir o pior. Temos certeza de termos dado plena liberdade, deixamos o pessoal a vontade para fazerem as suas perguntas. Mas, a opinião do Presidente, nunca foi exposta com relação a isso. A mesma coisa foi com a prelazia do Rio Negro, apesar de não conhecer e ter ido por duas vezes a essa prelazia, eu fiz questão de refletir qualquer opinião a respeito daquela área. A sugestão é válida, eu senti uma falha da Funai, vamos comunicar ao responsável direto para que tome as providências nesse sentido.

PADRE TIAGO BOETS:

Isso faria parte de todo processo de compatibilização e de entendimentos entre as diversas entidades.

O SR. PRESIDENTE (GENERAL ISMARTH DE ARAÚJO)

Isso eu fiz com o ilustre Bispo D. Miguel, na primeira vez que entrei naquela prelazia e corremos, percorremos toda a área da prelazia, dessa vez houve um certo esquecimento do Sr. Bispo nas outras áreas, mas, isso será conhecido posteriormente.

PADRE TIAGO BOETS:

Agora, ainda mais um ponto de reflexão quanto a critica a respeito do sistema bancário no Catrimani. Tenho pra mim que a opinião pública através das informações, assim como foram dadas, criou um ti-

po de desconfiança quanto ao sistema, essa desconfiança não surgiu por causa das experiências /no Catrimani, e sim por causa do sistema em que nós todos' estamos envolvidos, porque falou em Banco, Cheques, dinheiro, sistema financeiro, todo mundo já está de mãos no bolso e com cuidado, com me do de ser enganado, cheque sem fundo, assinatura falsificada, o metro já até passou a ser 80 cm., quer dizer temos que nos prevenir contra ' não sei quantos enganos. Qualquer novidade que há, então existe nova' modalidade para enganar os outros. Creio que é neste contexto que deveria haver o problema do Banco Catrimani.

O SR. PRESIDENTE (GENERAL ISMARTH DE ARAÚJO)

O título do Banco foi dado pelo próprio missionário na ocasião.

NELSON SECCHI:

Pela imprensa de Manaus, tomamos conhecimento que a missão de Catrimani havia vendido remédios dados pela Funai, penso que é bastante séria a acusação, tanto se for verídica ou não.

O SR. PRESIDENTE:

Essa resposta não compete a mim, deve competir a própria Funai. A Funai, ainda não forneceu remédios, medicamentos da CEME a Missão Catrimani. Ainda outro dia publicaram no jornal que a Funai fornecido ferramentas a Missão Catrimani.

NELSON SECCHI:

É uma acusação bastante séria que toda bastante não só a eles mas, a todos nós.

O SR. PRESIDENTE:

Mas, constituem objetos de troca.

PADRE ANTONIO SCOLADO:

Agora, eu me ponho por exemplo na frente do indígena, tenho que prepara o indígena para entrar na vida nacional, mesmo aqui ' em Manaus, vejo que as pessoas nada recebem de graça, mas tudo com o fruto de seu trabalho, comprando. Então, remédio também é comprado, agora, entrando na mata encontramos indígenas e procuramos do lado pedagógico prepará-los para entrarem na sociedade. Acho bom que usem o sistema de nunca dar de graça nada, porque se não eu preparo ele para en

trar na civilização como eterno menino que recebe tudo, se eu recebo um remédio de graça, que vem do Governo, dou ao indígena em troca de uma pequena coisa e essa pequena coisa eu faço se transformar em benefício do mesmo indígena, estou fazendo uma ação altamente pedagógica, acho que é o unico metodo que se deve usar.

PREIA ZIA DE RORAIMA:

Peço licença para dizer que nós desde o ano passado, no começo do ano passado recebiamos remédios da CEME através da Secretaria de Saúde do Território Federal de Roraima, é a primeira organização do governo que dá uma ajuda a nossa missão, e foi uma ajuda muito grande, acho que diminuiu mais de 50% dos gastos da missão a respeito de remédios, mas desde o inicio da missão em 1965, nunca cobramos um tostão de nenhum índio por nenhum remédio, para isso dá o Posto, porque a parte que faz ver aquilo que o Padre quiz explicar agora possa ter alguma validade, não tenho prática de outro tipo de missão, mas não acho isso válido, de qualquer maneira entre os índios primitivos, acharia uma coisa absurda, pelo menos uma coisa contra toda a ética dos índios mesmo, porque os índios não conhecem os remédios de agora, eles já conheciam antes de nós chegarmos, o Pagé deles, o feiticeiro deles não cobrava nada, pelo menos estou falando dos índios IANOMANIS, então normalmente eles tinham uma certa autoridade porque curava os índios, ou pelo menos achavam que estavam curando, achavam que estavam fazendo algo neste sentido e então realmente ele ganhava uma certa autoridade no meio do grupo indígena, mas nunca recebia nada em troca dos remédios além disso. E na Missão do Catrimani nunca recebemos nada em troca de remédios, mas nada mesmo.

O SR. PRESIDENTE:- (Gen. Ismarth de Araújo)

Antes de passar a palavra ao professor Roberto Cardoso, quero dizer que este assunto de medicamentos vai ser debatido dentro do tema saúde, que está previsto para amanhã, mas uma coisa deve ficar bem claro, parece que o medicamento fornecido pela CEME gratuitamente não pode ser vendido, senão a CEME corta essa remessa de medicamentos.

PROFESSOR ROBERTO CARDOSO DE OLIVEIRA:

Gostaria de fazer apenas um comentário, embora envolva o

problema de saúde, mas como é algo que envolve o processo administrativo, O padre anunciou que existiam outras modalidades no caso de vender remédios, então me parece que com relação a medicamentos, não deveria' ser aplicada essa técnica de vender, mesmo porque há várias outras modalidades. O ideal seria assegurar que o índio qualquer que seja o seu contáto, fosse mais isolado, mais primitivo, que deveria ser assegurado ou pela FUNAI ou pelas missões, se isso é algo que devemos dar, tem que ser como serviço público, tanto a FUNAI como as missões deveriam ' dar e jamais trocar ou vender e nem utilizar outros processos.

DR.MARCOS BARROS:

Eu endosso as palavras do professor Roberto Cardoso e tenho algumas considerações a fazer, primeiramente mesmo sem conhecer em profundidade a problemática indígena, sendo apenas um médico da Secretaria de Saúde, eu condeno sob qualquer aspecto pedagógico e educacional a venda de medicamentos fornecidos pelo Governo Federal. Existe uma dotação orçamentária que é justamente o fruto que o governo despreende para fazer uso dessa medicação, para produzir essa medicação do CEME e distribuir gratuitamente. A justificativa pedagógica pode ser feita ' por outra qualquer coisa mas, jamais com medicamentos, quer dizer, o ' tuberculoso civilizado tem direito a medicação gratuita do CEME, porque o tuberculoso índio não tem esse direito, acho isso realmente condenável e serei muito mais profundo na discussão sobre saúde. Muito obrigado.

PE.EGYDIO SCHWADE:

Uma das perguntas que se coloca exatamente a essa altura, me parece que é um pouco lamentável que não estejam aqui os encarregados dos Postos da FUNAI, dentro da área da Amazônia e Roraima porque ' afinal nós estamos aqui de um lado, os técnicos da FUNAI em Brasília ' aqui presentes infelizmente até agora não se manifestaram porque de fato no dia-a-dia desses concretos problemas que enfrenta digamos assim, a Missão Catrimani, eles de fato não têm experiência, do outro lado estão os missionários que enfrentam de fato como chefes de posto no dia-a-dia os problemas reais da vida. Então para não levarmos adiante a discussão, teríamos que aludir a experiência da FUNAI em outras áreas, talvez alguém tenha experiência já na área em questão, a FUNAI não teve uma

experiencia me parece assim de uma certa tradição sobre a qual nós passamos a nos basear na política indigenista da FUNAI de um lado, e da política indigenista das missões do outro, a base disso então nós nos defrontamos e dar uma nova perspectiva de diálogo no qual nós encontrássemos uma política indigenista comum para essa área da FUNAI e das Missões .

O SR.PRESIDENTE:- (Gen.Ismarth de Araújo)

Exatamente por isso é que após a exposição de cada missão vai haver continuidade dos trabalhos mediante os grupos de trabalho. Nesses grupos, com a participação da FUNAI e missões sairão esses pontos de vista, essas decisões, se não haveria necessidade de posteriormente uma apresentação de trabalhos de cada missão, e assim prolongar-se a reunião. Então pelas observações, experiencias ou inexperiencias nossas mesmo e da missão é que há necessidade, as próprias missões podem trazer subsídios para a FUNAI dos seus trabalhos. Nós não queremos ser os donos da verdade, absolutamente, queremos acertar os ponteiros e trabalhar de uma maneira uniforme em todas as áreas indígenas, e o grupo de trabalho vai propiciar isso com a participação da FUNAI e missões com a exposição de cada grupo apresentado aqui.

PE.EGYDIO SCHWADE:

Parece que a pergunta é um pouco mais ampla, porque uma vez que somos missionários de diversas missões, homens que trabalham no campo, porque também não vieram os encarregados, os chefes de postos da FUNAI ?

O SR.PRESIDENTE:- (Gen.Ismarth de Araújo)

Isso iria desfalcicar toda a nossa infra-estrutura que é difícil e espalhada por toda a Amazônia para participação de grupos camponeses, nós já reconhecemos a validade de uma proposta feita na parte da manhã, de a FUNAI apresentar também um relatório, nesse relatório serão apresentados as nossas próprias deficiencias, e nós constatamos e fizemos uma auto-crítica do nosso trabalho. Nesse relatório as próprias missões podem aquilatar. Então a presença de um chefe de posto, não seria necessário desde que a presença do pessoal da FUNAI pode dizer a mesma coisa que o chefe de posto se estivesse aqui presente.

MISSÃO NOVAS TRIBOS DO BRASIL (RINALDO DE MATTOS)

Uma das proposições do último seminário realizado em Brasília em Novembro de 1972, se não me engano, uma das proposições do seminário é que fossem feitos também seminários em nível regional. Seminários realizados com delegacias regionais, onde estariam os chefes de postos e elementos que atuam diretamente com os índios. Eu faço simplesmente essa lembrança para sancionar, não obstante, Sr. Presidente, a resposta de V. Exa. salientar essa necessidade dos seminários regionais onde participam missionários que atuam na área e chefes de postos que atuam na área inclusive, atendentes hospitalares do pessoal dos próprios índios, para que esses problemas fossem vistos mais assim de perto.

O SR. PRESIDENTE:

Exatamente no seminário anterior realizado em Brasília, nós mesmo reconhecemos que muitas das resoluções não foram cumpridas e se não me engano não sei se houve possibilidade de acrescentar na documentação, as resoluções tomadas poderiam inclusive servir de base provisória para essas decisões formarem grupos. Nós sabemos que muita coisa das resoluções não foram levadas em consideração e nem foi realizada, mas eu procurei colocar exatamente na documentação para voltarmos novamente ao assunto e sabermos a validade sobre determinadas resoluções tomadas no seminário anterior. Essa proposta continua válida.

DOM MILTON CORREA:

Com relação a Missão Catrimani, já saiu aqui algumas informações que realmente me deixaram muito contente de que lá nunca se vendeu remédios. Em segundo lugar, que a Funai, não forneceu remédios nem ferramentas para a missão, isso realmente é uma grande defesa contra as acusações injustas que foram lançadas contra essa missão. Com relação a venda de remédios eu quero dizer o seguinte, que nós estamos reunidos aqui para uma questão de esclarecimento, há um ponto de vista que é comum, nem a Funai, nem as missões querem fazer um trabalho paternalista, não querem dar tudo de graça. Agora, é claro, o seminário vai dizer o que é que nós podemos dar, por exemplo, tenho gostado muito das intervenções do Dr. Marcos e que defendeu agora, esse ponto de vista com muito ardor, nós estamos de acordo em saber o que se

pode vender e o que não se pode, mas também concordou plenamente que num processo pedagógico que pode pensar em trocar outras coisas menos remédios. Então, a questão agora é que nesses trabalhos de grupo não sabemos o que se pode trocar e o que não se pode trocar, porque isso depende muito da intenção do doador. Nesse caso de remédio a intenção do doador é dar gratuitamente e acabou-se.

O SR. PRESIDENTE:

Acho que os grupos de trabalho deverão debater exatamente esse ponto, quanto a parte de medicamentos eu posso afirmar que a saúde encarada do lado da Funai, ela é inteiramente gratuita em relação a todas as comunidades indígenas, seja remédios fornecidos pela CEME, seja adquiridos pela própria Funai. Agora isso é um assunto que deverá ser debatido amanhã no campo da saúde.

DR. MARCOS BARROS:

Para esclarecer o ponto de vista da medicação da CEME, o fornecimento de medicamento para os doentes, usemos um fato, a tuberculose pulmonar, as campanhas de erradicação da tuberculose ^{não} são na atualidade uma atitude de paternalismo do Governo. Esses medicamentos são frutos de impostos que esses tuberculosos pagam, é fruto da taxa previdenciária, o Governo utiliza tão bem essa taxa previdenciária, para transforma-la em termos de produtividade ou produção de medicamentos. Então, não é uma atitude paternalista entregar medicação ao tuberculoso, eu desejaria que embora o Banco Catrimani, a quem eu faço elogios sem conhecer detalhadamente esse mecanismo primitivo econômico, que foi brilhantemente colocado em prática, que posteriormente ele progrida até certo ponto em que o índio tenha condições de receber esse medicamento pelo mecanismo que o branco doente recebe, que o Banco Catrimani, futuramente faça com que o índio sinta que aquele medicamento, de uma maneira indireta, é fruto de sua produtividade. Muito obrigado.

PRELAZIA DO RIO NEGRO (IRMÃ INDIANA)

Talvez estejam havendo um mal entendido sobre a venda de remédios. Por exemplo: chega um doente ao posto da Funai, ou ao posto da missão, e esta é a queixa que nós fazemos aqui, nós trabalhamos di

retamente com o indígena, sentimos com eles os problemas ao contrário de muitos aqui, que não sentem o problema do índio, residem no Rio de Janeiro, como eu também já residi, em Belo Horizonte, S. Paulo, Brasília etc. Então, não sentem o problema. Gostaria que houvesse realmente alguém aqui que trabalhe diretamente com o indígena, por exemplo o Sr. Mário Craveiro, poderá dizer alguns problemas que ele deparou diante' de um doente, vem com ele a S. Gabriel, chega ali, não tem hospedagem, não tem remédios, tem que comprar. Quem compra esse remédio? Eu mesma já trouxe vários doente à Manaus chego no hospital Getúlio Vargas: _tem caderneta de trabalho? _tem documentos? Não porque é indígena. _Ah!então não é aqui,é não sei a onde. Ficamos rodando com o índio de porta em porta e ninguém atende. Ano passado eu bati em três portas aqui em Manaus, nenhuma me atendeu, a única foi o CMA, lá no hospital Militar, atenderam a senhora com muita dificuldades, inclusive o diretor, sofreu uma repreensão por isso, porque a senhora não tinha documentos, não tinha nada. Como se pode trazer um índio da maloca sem documentação e chegar aqui ~~tem~~ que nos exigir esses documentos. Então, nós estamos criando hoje, o índio lá no meio do mato sem uma visão real do mundo, o fato de se trocar um remédio por uma penca de banana, alguma fruta, laranja etc, não quer dizer que seja venda, porque essa mesma' fruta vai ser transformada em vitaminas e servirá para o mesmo doente. Não é compra e nem venda. Talvez seja mal entendido, se nós não temos frutas para atender um doente que está no posto, de onde é que vamos' tirar?Do proprio indígena , talvez ele tenha isso na casa dele e não 'saiba usar, nós os ensinamos a usar essas frutas.Esse é o estilo de venda que nós falamos aqui, defendido por D. Milton Correa. Não é venda 'por lucro , em absoluto, nós temos lucros com remédios,é minoria os remédios que nós recebemos na missão, o restante é doado ou por amigos ou comprado pela propria missão, pela prelazia, se nós formos fazer os cauculos daquilo que compramos de remédios e daquilo que recebemos,verificaremos que é uma quantidade muito reduzida. Então, eu acho que' não tem essa palavra "comprar", aí não é comprar propriamente o medicamento, é trocar por alguma coisa que vai servir depois para o mesmo doente que está no hospital.

O SR. PRESIDENTE:

Muito obrigado pela intervenção. Vamos debater este assunto amanhã e por esse preambulo, sei que vai ser de real importancia e interesse de todos os participantes daqui do seminário. Nós não cumprimos a pauta de hoje que não se refere a saúde.

O DR. MARCOS BARROS:

Há dois pontos fundamentais. O primeiro...mesmo o mecanismo da troca, eu concordo com a irmã, se a missão compra a medicação, se a CEME ainda não abastece a missão, eu concordo com tudo isso. Mas, se a senhora recebe DESINTOXINA por exemplo, essa medicação é produzida pela CEME, para tal medicamento, eu particularmente condeno qualquer troca, seja ela qual for a intenção. Essa medicação é feita para ser dada ao doente de tuberculose. Eu não admito qualquer troca, acho que não cabe aqui, a medicação é para ser dada. Uma coisa é muito importante, o Funrural existe, após a criação do sistema previdenciário no Brasil. Considero esses médicos que mandaram os seus doentes embora, como ignorantes, com todo respeito médico que possa ter pelos colegas. Pelo seguinte, jamais se pode adquirir ou solicitar de um indígena que vá depositar dinheiro no Banco, porque ele não sabe reconhecer as coisas, ou então um documento de identidade, para isso existe o Funrural, e o Ministério da Previdência Social, que têm ordens para atender a partir de cinco meses para cá, qualquer previdenciário interiorano. E o indio mais do que ninguém é esse brasileiro que será atendido em qualquer hospital. A sua disposição eu coloco o Hospital de Moléstias Tropicais, que lhe atenderá qualquer hora do dia ou da noite em que nos procurar, ali existe um sistema previdenciário e nos outros hospitais também, mas, lá eu garanto com certeza.

PADRE ANTONIO HÉRCIO RASERA:

Depois da explicação do Sr. Presidente, ficamos satisfeitos ao saber que as coisas foram colocadas nos seus devidos lugares, depois de todos aqueles artigos publicados pela imprensa de Manaus. Lamentamos, infelizmente, se isso não seja publicado, esclarecido. Mas, podemos tirar uma conclusão, de duas, uma, ou o grupo de trabalho que esteve lá deu informações não tão exatas, porque acho que não devemos admi

tir.Então, o nosso amigo que veio de manhã aqui representando a nossa imprensa deveria tomar um pouquinho mais de cuidado, porque lamentamos muito e eu deixo aqui de público um lamento profundo de todas as inverdades que atiraram à prelazia de Roraima. (palmas)

O SR. PRESIDENTE:

Para esclarecer ao grupo de trabalho que ainda não teve oportunidade de expor perante as missões, as minhas observações sobre a missão Catrimani. Essa oportunidade vai surgir agora diante dos trabalhos em conjunto que serão feitos aqui.

PE.CARLOS ZACQUINNI:

Agradeço a todos aqueles que fizeram perguntas e estarei a disposição para mais outras.

O SR.PRESIDENTE:- (Gen.Ismarth de Araújo)

Com a palavra a Prelazia de Humaitá.

Antes de dar a palavra ao responsável pela Prelazia de Humaitá, quero informar ao Plenário que a Prelazia de Humaitá foi mais ou menos surpreendida por um convite de última hora. De modo que ela não teve tempo como as outras Prelazias tiveram de preparar os seus relatórios.

DOM MIGUEL D'AVERSA:

Sou Bispo do Prelado de Humaitá e há 13 anos trabalho naquela missão, estou de passagem por Manaus, e eu desconhecia este simpósio, ontem tive a honra de ser convidado pessoalmente pelo Sr.Presidente, assim eu estou aqui. Para quem não conhece Humaitá, é município desde o século passado, é um município que abrangia a cidade Porto Velho. Em 1925, ela ficou pertencendo a Prelazia de Porto Velho e em 21 de junho de 1961, na Prelazia de Humaitá, foi criado o município de Humaitá e o município de Manicoré. Tem uma superfície de 93.689 Km2, uma população de aproximadamente de 50.000. De três anos para cá, Humaitá ficou sendo conhecida no mundo inteiro pela passagem da Tranzamazônica, nós que tínhamos apenas a comunicação pelos rios, agora temos as quatro estradas que passam por Humaitá, Tranzamazônica, Manaus-Lábrea e Porto Velho, é uma verdadeira encruzilhada que em um ano e meio mostrou-se a triplicar a população da cidade, assim de 2.000 habitantes

mais ou menos que éramos, contamos hoje com 8.000 incluindo 300 soldados que estão ocupando o quartel de Humaitá. Para falar sobre os índios devo dizer que nós temos apenas 5 grupinhos. São pequenos grupos e como eles já falam um pouco de português, estão mesmo trabalhando com o civilizado. A missão não trata o índio de maneira especial, atendemos o índio como atendemos o caboclo. Quando passou a Tranzamazônica um grupo de índios como já foi falado aqui, eles ajudavam um grupo paulista que trabalhavam na estrada, e acharam bom também fazer aldeia, têm lá umas dez casas todas bonitinhas que estão a margem da estrada, trabalham regularmente, temos como disse 5 grupos, sendo um grupo bastante interessante que é dos Parintintins, estão do lado do UGUARIARA, na Boca do rio Ipixuna. Porque interessante? Porque esse grupo de índios se sentem donos não somente daquelas terras, como também de todo o rio Ipixuna, a aldeia deles está a margem do rio e todos os comerciantes que sobem e que descem, quando descem e trazem os produtos eles têm obrigação de fazer como as embarcações fazem em Humaitá, por ser a primeira cidade do Amazonas, as embarcações tem que encostar para pagar o imposto, e também esses regatões e negociantes que partem do rio Ipixuna devem encostar nessa povoação, nessa aldeia de índios Parintintins e devem pagar os tributos. Eles dizem: este rio é nosso, e quem tira os produtos deve dar a eles uma percentagem, agora se corresponde ou não? corresponde eu não sei. Eles fazem isso de modo que os trabalhos que a missão faz com esses grupos, como eu disse é um trabalho que nós fazemos em comum com todos. Não temos nada de extraordinário, porque todos eles estão trabalhando com os brancos, de vez em quando, como houve há uns 15 dias atrás eles atacaram um grupo porque estavam com fome, roubaram a farinha e pronto, já há dois meses atrás eles mesmo tiveram uma luta, um deles morreu, mas isso é caso de polícia e não nosso, de modo que a Prelazia de Humaitá tem ainda esse resto de índios Parintintins e Boca Larga. Mas o trabalho que nós fazemos com eles é comum, igual aos outros caboclos, porque eles também são caboclos e não querem ser chamados de índios. Quem tiver alguma pergunta pode fazer.

O SR. PRESIDENTE:- (Gen. Ismarth de Araújo)

Palavra franca para qualquer intervenção.

PRELAZIA DE ITACOATIARA:- (Nelson Secchi)

Falou-se que esses índios têm grande sentimento de dons ' às terras em que estão, também falou-se dessas estradas que estão cortando as proximidades de Humaitá, eu perguntaria então se já existe reserva indígena demarcada na região e se a missão, prelazia ou no caso a FUNAI já fizeram alguma coisa nesse sentido.

DOM MIGUEL D'AVERSA:

Há dias atrás estiveram reunidos em Porto Velho 6 prela-
zias e durante 4 dias nós estivemos estudando o problema dos índios, lá também me fizeram essa mesma pergunta, eu disse que em Humaitá a FUNAI foi quando ainda não era município, mas acho que será. De modo que a ' respeito de reservas de terras tem o seguinte, um grupinho desses que ' está em "Três Casas", está em propriedades da família Lôbo, mas os ou-
tros 3 grupos que estão em terras devolutas, não haverá problema de de
marcação.

O SR. PRESIDENTE:- (Gen. Ismarth de Araújo)

Essa área de Humaitá é completamente desconhecida pela ' própria FUNAI, pela primeira vez o grupo de trabalho se deslocou para ' esta região exatamente para tomar conhecimento dessas comunidades indí-
genas. Eram comunidades que estavam praticamente não só nessa área de Humaitá, mas também naquelas áreas de MURUPIRARAAN, do rio MAICÍ, rio Marmelo, praticamente desassistidas. Foi programado dentro do roteiro ' dos grupos exatamente conhecer essas comunidades indígenas, e a FUNAI já está estudando como fazer com essas comunidades. As terras é sempre um fator preponderante quando se trata de comunidades indígenas, pri-
meiro tem que conhecer a comunidade. Nossa primeira entrada vai ser em terras de conhecimento e nós já vamos implantar uma infra-estrutura, isso eu posso adiantar, em Humaitá que é exatamente para poder assistir as comunidades indígenas daquela região.

Com a palavra a Prelazia de Itacoatiara.

PRELAZIA DE ITACOATIARA:- (Pe. Justino Mac Innis)

Sou da Arquidiocese de Manaus e da Prelazia de Itacoati-
ra. Os indígenas da nossa prelazia vivem espalhados pelos municípios ' de Manaus, Airão, Silves, Itapiranga, Urucará e também Urucurituba. Há

muitos desses indígenas espalhados e realmente eles se envergonham de serem chamados de índios. Agora estamos estudando como os demais colegas realizaram uma presença válida junto a esses indígenas com laços de amizades, e como eles conseguem fazer com que eles sintam a sua presença.' A segurança depende também da posse das suas terras, da liberdade de ir e vir, de caminhar pelos caminhos de caça e pesca, possibilidade também de ter plantações, é a vida normal da tribo. A localização dos indígenas que estão espalhados na Arquidiocese de Manaus e também na Prelazia de Itacoatiara, primeiro os municípios de Airão e de Manaus, no rio Camanaú e seus afluentes: (Lê)... Ainda não sabemos se existe ou não índios na cabeceira do rio Atumã e nos igarapés vizinhos afluentes do rio Atumã. (Lê),...

Queria saber sobre a existencia ou situação dos indígenas que foram trazidos do igarapé Carará, afluente do alto Jatapu, até a Inspetoria do rio Jatapu e que no ano de 1968 ainda eram quatro.

FRANCISCO MONT'ALVERN:- (Delegado da FUNAI)

Na verdade existe no rio Jatapu um posto da FUNAI e nesse posto existem três índios somente. Não sei se respondo a sua pergunta.

PE.JUSTINO MAC INNIS:

Eu queria somente saber se ainda existem esses índios.

FRANCISCO MONT'ALVERN:- (Delegado da FUNAI)

Existe uma índia, um índio e um menor filho desse casal.

O SR.PRESIDENTE:- (Gen.Ismarth de Araújo)

A Prelazia de Itacoatiara também foi surpreendida por um convite de última hora, de modo que não teve tempo de se preparar devidamente dentro do campo previsto, mas eu tenho a impressão que a partir de amanhã poderá estar em condições de debater problemas de saúde, educação, etc. Ainda temos um resto de tempo, de modo que eu queria dar conhecimento de alterações havidas na criação de grupos em face a inclusão de prelazias. Na área do Território de Roraima os grupos participantes serão: Prelazia de Roraima, MEVA, Summer, Prelazia do Rio Negro e a Missão Novas Tribos do Brasil. Isso altera a documentação anteriormente dada.

A ANTROPÓLOGA:- (Ana Maria da Paixão)

O problema é o seguinte: a Missão Novas Tribos do Brasil assim como a Prelazia de Roraima também será como o grupo Yanoama. Como a FUNAI irá realizar o projeto Yanoama, foi sugerido pelo antropólogo' Kenneth Taylor que a Missão Novas Tribos do Brasil, a Prelazia de Roraima e a Prelazia do Rio Negro fizessem parte do grupo de Roraima para que ficassem a par dos problemas em torno do grupo Yanoama e das soluções que se preparará para realizar. O Baixo-Amazonas está na área do Rio Negro e na área de Roraima.

PROFESSOR OLYMPIO SERRA:

Eu teria uma sugestão para trazer à Presidencia, não altera muito a divisão dos grupos de trabalho, mas com a perspectiva ' concreta de que se tem de projetos globais em áreas, nós queríamos sugerir: que os grupos de trabalhos fossem estruturados à base das áreas de projetos globais. Então a área do Rio Negro constituiria um grupo de trabalho constando no projeto Rio Negro, não a divisão paroquial, canô nica, arquidiocese, prelazia, mas aquela área que corresponde à Içana, Papurí, etc. Uma outra divisão seria correspondente ao projeto Yanoama o próprio pessoal ou as missões que tenham unidades trabalhando entre ' os Yanoamas se juntariam em torno do projeto Yanoama, Solimões idem, e aquelas outras que ficarem em áreas que a FUNAI não tem nenhuma perspectiva de trabalho dessa natureza, constituiria um grupo especial e se fa ria um esforço na FUNAI de participação de quem fosse possível para ' discutir com eles alguma ação conveniente nas circunstancias atuais, onde não há projeto indígena. A segunda proposta seria no sentido de ' como os colegas que respondem o projeto, vocês podem contestar ou não, acredito que seja muito mais vantajoso para o grupo de trabalho da ' FUNAI, para os coordenadores de projetos, e fossem discutidos os trabalhos juntamente com as missões, ao final dessas disposições em termos ' de uma globalidade e assim facilitaria uma discussão de projeto realmen te.

O SR. PRESIDENTE:- (Gen. Ismarth de Araújo)

Tem que ser por assunto englobando todos os campos de ' atividades ?

PROFESSOR OLYMPIO SERRA:

Exatamente, seria uma discussão da proposta que a FUNAI faz com o projeto, ao invés de ficar discutindo economia por exemplo, então hoje a noite nós passaríamos a discutir, continuar as disposições das missões com assuntos de extrema proposta com o seminário, e continuaríamos a ouvir saúde, educação, etc. Concluída essa parte positiva, passaríamos a trabalhar onde tem como critério para esse agrupamento as áreas de projeto que a FUNAI tenha trabalhado e tenham sugerido.

O SR. PRESIDENTE:-(Gen. Ismarth de Araújo)

Sem maiores discussões, tenho a impressão que a proposta do professor Olympio é válida, então nós pensamos em termos de projeto e estamos pensando também em todas as missões que vão participar desse projeto. De modo que é válida essa idéia de congregar todas missões trabalhando dentro do mesmo grupo, discutindo em grupo, inclusive em termos de projeto, acho que talvez haja mais validade nele do que separar por áreas. Em todo caso consulto a opinião do Plenário, não queremos expor uma solução.

Queria fazer uma outra comunicação, por imposição da SUFRAMA, amanhã só poderíamos iniciar nossos trabalhos às 10:00 hs da manhã. A SUFRAMA vai precisar deste auditório de 8,30 hs. às 9,30 hs. de modo que somente as 10:00hs. poderíamos iniciar os nossos trabalhos e exatamente num tema que vai ser de interesse de todos que é o campo da saúde. Talvez tenhamos que prorrogar essa folga de amanhã à noite, para ser concretizada a pauta de trabalho. Para terminar eu só queria fazer umas considerações dentro do tema proposto hoje de economia e desenvolvimento, é um tema realmente importante não só para a FUNAI como para as Missões Religiosas, já que o Estatuto do Índio quando fixa que uma das condições para a emancipação do índio é de poder trabalhar em seu meio de existencia, e como isso já representa um alto valor dos temas propostos, não se pode pensar em emancipação onde o índio não possa ter a sua emancipação econômica. Daí a razão de se introduzir esse campo de atividade no temário dessa discussão. É evidente que economia e desenvolvimento irá depender do estado de aculturação de cada comunidade. Entretanto em umas comunidades nós teremos que pensar naquela sim-

ples economia e com condições de subsistencia, em outras comunidades indígenas mais adiantadas nós já teremos que pensar nessa emancipação econômica e nunca deixar de ter em vista essa que foi frisada aqui entre várias missões que é sentir os anseios dessas comunidades em termos de desenvolvimento. Se não sentimos, se não optarmos para essas ponderações, nós nos arriscaremos a perder o controle das atividades. Sabemos que por várias áreas existem índios que estão passando para o outro lado da fronteira para se aperfeiçoarem, para adquirir técnicas que nós poderíamos oferecer a essas mesmas comunidades. Sabemos que há missões que têm infra-estrutura capaz de conseguir esse trabalho, de prestarem além de uma simples assistencia, vimos missões que já estão trabalhando em termos de desenvolvimento nessas comunidades, isso é importante para o índio, é importante para o governo que definiu por politica a integração do índio, e essa integração é feita por intermédio de uma emancipação. E essa emancipação economica vai constituir um fator também válido para a integração do índio na Comunhão Nacional. Nas discussões, sentimos nas exposições feitas que muitos dos problemas das missões constituem problemas da própria FUNAI, são quase que comuns na maioria das áreas onde nós operamos e acredito que dessas discussões irão surgir em termos de projeto. O tema é importante, e se cada um de nós tem que pensar que o índio de hoje não é o índio de 50 anos atrás, eles anseiam mais alguma coisa.

Alguém quer fazer alguma consideração geral ? Então dou por encerrada a reunião de hoje convocando uma outra para amanhã às 10:00 hs.

MRL-16, p. 97/311

MINISTÉRIO DO INTERIOR
FUNDAÇÃO NACIONAL DO ÍNDIO - FUNAI

dia 7/475

"II SEMÍNÁRIO- FUNAI - MISSÕES RELIGIOSAS - AMAZÔNIA LEGAL"

(Em 07 - 4 - 75) às 10:00 hs.

O SR. PRESIDENTE: (Gen. Ismarth de Araújo Oliveira)

Vamos reiniciar os nossos trabalhos de debates, dentro do tema de saúde das comunidades indígenas, atendimentos hospitalar, medicamentos e infra-estrutura.

Em beneficio dos grupos de trabalhos, fique a parte mais importante será o campo de saúde, gostaríamos que fossem feitos relatórios sucintos das atividades de saúde das áreas de cada grupo.

DOM MILTON CORRÊA:

Pedimos um pouco de tempo, para uma pequena avaliação do dia ontem, achamos que a avaliação é uma coisa muito importante para o simpósio poder correr e trabalhar com eficiencia. Então, pediríamos um minuto só de tempo. A Irmã Tereza tem a palavra para uma pergunta.

PRELAZIA DO ALTO RIO NEGRO (Irmã Tereza Freire Nobre)

Sr. Presidente, ao iniciarmos o segundo dia de trabalho gostaríamos de propor uma pontualidade ao começar as sessões a exemplo de ontem no horário de 2:00 horas, que haja um intervalo de 15 minutos entre cada 2:00 horas, para não termos que nos ausentar vez por outra durante a exposição dos trabalhos, que não haja a sessão da noite, e que aquela reunião de comissões, poderíamos economizar o tempo da exposição e então realizarmos essas comissões das 16:00 às 18 horas.

O SR. PRESIDENTE: (Gen. Ismarth de Araújo Oliveira)

Creio que a primeira proposição foi aprovada unânimemente, que é a do intervalo.

A segunda, exatamente é o meu objetivo, quando procuro ser mais sucinto na exposição para evitar o trabalho noturno, sei que é cansativo essa tensão durante todo o dia de trabalho, se conseguirmos que cada missão apresente o seu trabalho sucintamente, não haverá necessidade de trabalharmos à noite, teremos tempo para um trabalho de grupo maior do que estava previsto. Então, acho que as proposições da irmã Indiana, foram aceitas e aprovadas.

PADRE PEDRO MARIA GAWLIK:

Desculpem se sinto um pouquinho a falta de dinâmica no grupo, talvez seria bom que além do Sr. como coordenador, colocarem alguém encarregado da avaliação um cronometrista, alguém que dá a palavra e na hora também interrompe, diz que está faltando apenas um minuto, talvez seria a coisa que dava para chegar a um diálogo mais rápido.

O SR. PRESIDENTE:

Há uma estimativa de tempo, mas, as vezes o assunto é de interesse geral que não comporta caçar palavras numa determinada missão, sem que essa missão em profundidade tenha apresentado seus problemas para sentirmos o trabalho que ela vem realizando.

PADRE ANTÔNIO HÉRCIO RASERA:

Achei muito oportuna as duas intervenções e baseando-me na sinceridade que o sr. pediu ontem, aliás está até no jornal de hoje a respeito das deficiências. Venho aqui para expor ao plenário que eu estou achando uma deficiência no andamento das sessões, para que a gente possa talvez acertar um pouquinho os rumos, embora, sr. Presidente se tenha falado muito neste simpósio entre Funai-missões, que ela se baseia em diálogo franco. Pessoalmente, depois eu gostaria de saber a opinião do plenário, tenho observado e tenho a impressão que até agora esse tão propalado diálogo entre Funai-Missões, está sendo a meu ver infelizmente, melancólico e estafante monólogo. Monólogo, entre 7 ou 8 missões e não diálogo entre Funai-Missões. Monólogo, pois está faltando participação ativa nos debates e tudo mais dois elementos da Funai, não saberíamos dizer o motivo, talvez seja inverídico que não teriam recebido ordens para falar. Acho que isso é improvável, em todo caso como correu por aí, a gente joga aqui, eu gostaria até de ter esclarecimento sobre isso. Até agora o seu trabalho sr. Presidente, foi de um animador, regulador e coordenador desse monólogo, entre as várias missões. Hoje de manhã, foi afirmado por V.Exa. que a explanação e apresentação dos relatórios dos 4 grupos de trabalho que se empenharam no levantamento dos problemas, na apresentação dos anseios e desejos dos nossos índios

Ontem à noite, êsses grupos por proposta de um de seus assessores a apresentação foi deslocada para uma segunda parte nós não sabemos quando certamente depois da apresentação desse monólogo até quarta ou quinta-feira. Ora, eu acho que para se estabelecer um diálogo, nós em plenário, não nas comissões de trabalho, em plenário, nos gostaríamos de saber qual a impressão, quais as conclusões, qual o levantamento que esses grupos de trabalho nas regiões onde, nós missionários atuamos. Isso naturalmente, será concepção desse diálogo, caso contrário será simplesmente um monólogo. Porque não se faz para todo o plenário? E não para os grupos de trabalhos? Participantes que somos livremente dessa reunião, acho que temos o direito de saber e ouvir a outra parte em público e não apenas em, comissões que segundo o programa eram compostas de apenas 3 elementos, das missões e 4 elementos da Funai, uma distribuição dos participantes, mas o que V.Exa. já remediou ontem, diante de um aparte que nos fizemos aqui se fossemos nos reunir apenas para ouvir as missões religiosas e examinar as nossas atuações estaria dispensada a presença da Funai e faríamos em outro local, em outras circunstâncias com um anúncio muito mais antecipado da sua realização com programações dinâmicas e formações, de grupos devidamente estabelecidos e não facilmente assim de maneira bastante rápida. Eu concluo portanto esta premissa com a seguinte conclusão eu pediria que antes da continuação dos trabalhos, no caso o problemas, da saúde que os relatórios dos membros da Funai, sobre o assunto de ontem, fossem lidos devidamente debatidos, e discutidos em assembléia. Eu quisera que a platéia se manifestasse sobre o assunto para saber, porque uma andorinha sózinha voando aceito, mas, se eles opinarem do mesmo modo eu estaria com a mairia. (Palmas)

O SR. PRESIDENTE:

Pelo que entendí, seria uma alteração proposta na mecânica do Seminário prevista anteriormente. Nos estávamos prevendo debates nos grupos de trabalho, para, sendo que esses debates serão feitos exclusivamente nos grupos de trabalho, para que a Funai apresentasse também as observações adquiridas nas diferentes áreas das missões, isso talvez possa ser feito não de uma maneira ampla como possa parecer, nós fizemos um esforço nessa viagem para conhecer não só determinadas missões religiosas, mas conhecer em profundidade a própria Funai e suas deficiências, de modo

que em muitas das missões a Funai, não teve nem oportunidade de entrar nessas determinadas áreas e mesmo naquelas áreas onde a Funai penetrou, também não houve oportunidade de se aprofundar no trabalho da própria missão.

PADRE ANTONIO HÉRCIO RASERA:

O motivo principal Sr. Presidente, é que a gente vê que V.Exa. tem se empenhado em apresentar as coisas com uma clareza muito grande, uma franqueza, uma sinceridade e aí vou dizer o que sinto, o que está havendo por aí é uma certa desconfiança a respeito de elementos da Funai, e dos grupos de trabalho. Eu tenho impressão que com a apresentação em público, nós vamos ficar muito mais tranquilos, vamos ficar desarmados, nós vamos poder dialogar, inclusive nós vamos poder tirar conclusões a respeito daquilo que se falou contra jornalistas ontem, e daquilo que certamente deve constar nos relatórios. Eu por exemplo, ficaria muito satisfeito de ter em mãos o relatório a respeito da prelaia Catrimani, seria muito interessante isso para mim, porque teria base inclusive para depois falar, argumentar e chegar a conclusões e tomar providências no caso.

O SR. PRESIDENTE:

Agora a pergunta que foi fazer ao plenário, é exatamente esta: Nós estamos tirando cópia dos relatórios feitos pelos grupos de trabalhos para distribuímos aqui. Estou sentindo o interesse que teriam em apresentarmos em plenário parte do relatório que corresponde a área das missões representadas. (Palmas). Irão receber também, a parte da Funai, em que nós iremos confessar as nossas deficiências.

PADRE GIUSEPP DALLA VALLE:

Sr. Presidente, gostaríamos que esses relatórios fossem minigrafados e distribuídos ao plenário, tanto os nossos, das diversas missões, como também o da Funai. Uma outra coisa que talvez não seja tão fácil, gostaríamos que se identificassem os repórteres dos jornais que durante esses dias darão cobertura a todas as nossas atividades.

O SR. GENERAL ISMARTE DE ARAÚJO:

Antes de dar a palavra ao prof. Olympio, eu quero dizer a Funai, não tem projetos preparados a Funai, quer realizar projetos em

determinadas áreas em conjunção com as missões religiosas que operam na área, exatamente é essa que é uma das finalidades dos grupos de trabalho. Com a palavra o Prof. Olympio.

PROF.OLYMPIO SERRA:

Sr. Presidente, eu gostaria de complementar a informação, se, algum projeto surgir, surgirá de debates democráticos com as missões religiosas, sem por em discussão uma autonomia que a Funai tem, que é o órgão oficial do governo brasileiro, para tratar de assuntos indígenas. (Palmas.)

PE.ANTONIO HÉRCIO RASERA:

É justamente em vista da democracia, que nós queremos ouvir os relatórios da Funai, e que estiverem nas missões, para fazer um levantamento da situação.

O SR. PRESIDENTE -

Acho que nos poderemos arranjar uma solução intermediária vamos ouvir a palavra do prof. Olympio.

PROF.OLYMPIO:

Eu acredito que conforme V.Exa. se comprometeu em plenário essas propostas que a Funai levará aos grupos de trabalho serão distribuídas a todos para os mesmos no devido tempo discutirem e criticarem. Independente disso, se há interesse das missões em relações a que pesquisem, esses relatórios podem ser fornecidos também.

O SR. PRESIDENTE

Acho que essa proposta satisfará a todo mundo. Mas, independente disso, qualquer dúvida que à missão tenha a pedir um parecer da Funai em relação a determinado aspecto, nós temos os nossos elementos, aqui para fornecer dados em plenário, com relação às missões religiosas. Os nossos departamentos estão aqui presentes. A própria presidência, esteve numa missão da MEVA em "Surucucu", simplesmente na sede da missão, onde não viu índio. Então, em termos de presidência eu não posso dizer nada em relação aquela missão mas, o grupo pode ter visto alguma coisa.

PE.ANTONIO RASERA:

Diante de suas palavras eu poderia dizer que os grupos da Fu

nai apresentassem o que observaram a respeito da economia e da ação comunitária nas visitas que fizeram, antes de qualquer outro trabalho.

DOM MILTON CORREIA:

Sr. Presidente, para ganhar tempo precisamos realmente acertar algumas condições que são indispensáveis para que esta reunião seja seminário. Realmente V. Exa. nas palavras de abertura, procurou assentuar que o diálogo seria a tônica do encontro, portanto, a tônica, de todos os trabalhos e não apenas numa etapa dos trabalhos. Deve estar faltando realmente desde que iniciou enquanto não se colocar essa tônica em todos os trabalhos vai haver sempre dificuldades, de tal modo que eu peço a V.Exa. uma atenção muito especial a essa exigência que não é nossa, mas é da natureza do próprio seminário, o diálogo.

O SR. PRESIDENTE: (General Ismarth de Araújo)

O mesmo no decorrer do debates a própria presidência da Funai teve oportunidade de esclarecer dúvidas sobre determinadas missões religiosas. Evidentemente que apesar de nós não termos realizado pesquisas, nós não pesquisamos em profundidade, como era o objetivo da Funai realizar essas pesquisas dentro de áreas de missões religiosas, nós que ríamos sentir a infra-estrutura da missão, para objetivos de projetos, que seriam implantados em comum acordo Funai/Missões. Então o nosso grupo de trabalho, não venceu aquele detalhe de execução por intermédio, das missões religiosas. êsse é um esclarecimento a ser feito e os nossos relatórios não vão vencer a êsses detalhes, simplesmente sentir a capacidade de infra-estrutura da missão, para realizar projetos globais que nos queremos em conjunto, mas qualquer esclarecimento no Plenário, que queiram apresentar, os relatórios estão sendo rodados, que queiram, apresentar, que possam tirar dúvidas qualquer elemento da Funai aqui existentes, então esses esclarecimentos serão prestados aqui mesmo em Plenário.

O SR. PAULO CORENCHUC!

Na sessão anterior, nós ouvimos apenas o monólogo da Funai, e as missões não falavam. Agora estamos fazendo exatamente o contrário, / quando a Funai resolveu nos dá oportunidade para falar e o que é mais importante para nós é que a Funai está aqui ouvindo as nossas considerações e nós não estamos falando de missões para missões, estamos falando

de missão para Funai. De forma que depois de muitos anos e muitos simpósios e seminários, finalmente nós tivemos a liberdade de falar com toda liberdade, mais liberdade do que isso é impossível. Acho que além disso, temos o dever, como cristãos de nos sujeitarmos as autoridades competentes, e a Funai tem inclusive o direito de impor e se ela não está fazendo isso, nós temos que estar satisfeitos e contentes em podermos falar. Agora, eu sei o que os Srs. estão pensando, estão pensando que querem ou vir a Funai, e o Sr. Presidente já empenhou a palavra que nós temos toda a liberdade de fazermos as perguntas que quisermos e teremos a reunião dos grupos, elementos da Funai abundantemente. A minha opinião é que nós continuemos os trabalhos como vinhamos fazendo até agora, porque nós gostariamos de ter nesse simpósio era oportunidade de falar e isso nós estamos tendo, o que nós não gostaríamos que acontecesse sr. Presidente é que as observações feitas pelos elementos que faziam parte dos grupos da Funai chegasse aos nossos conhecimentos através de terceiros, através da imprensa, de jornais, etc. qualquer que seja o defeito que a missão tenha neste ou naquele posto, e o Sr. Presidente já empenhou sua palavra que isto não ^{vai} acontecer e nós esperamos que isto não aconteça, porque qualquer observação de aspecto negativo de qualquer missão em qualquer posto, gostariamos de receber em primeira mão e não recebermos através de jornais, da imprensa, como muitas vezes tem acontecido no passado em outros setores, de forma que nós queremos ouvir a Funai, nós não queremos aqui dialogar por mais de uma semana de simpósio ou seminário, então de parte eu sugiro que continuemos os trabalhos como estão sendo e sr. Presidente já franqueou a palavra para qualquer pergunta e suas qualquer respostas.

O Sr. Presidente:

Eu só queria complementar o seguinte, nós chamamos evidentemente de diálogo FUNAI-MISSÕES RELIGIOSAS, mas evidentemente nós estamos encarando esse diálogo numa segunda etapa de trabalho, nós já dissemos aqui que não nos aprofundamos no conhecimento das missões, então essa primeira fase de trabalho que nós estamos ouvindo as missões, estavamos trazendo exatamente os subsidios que nos faltam para complementar as observa-ções, então é um monólogo, não há dúvida que essa primeira fase está sendo

um monólogo. Nós estamos querendo após esses conhecimentos que, as missões que nos estamos transmitindo, ter mais base sólida, mas sólidas de, conhecimentos de trabalho que vem realizando para sentir a capacidade e a cooperação que essas missões poderão dar no diálogo que vai constituir exatamente os grupos de trabalhos, nós entramos em muitas áreas de missões religiosas. Então estamos querendo nesta primeira fase exatamente, colher esse restante que nos falta.

D. MILTON CORREIA:

Sr. Presidente, por uma questão de coerência e por uma questão de fidelidade que o sr. proclamou logo no início, eu aceito essa deferência muito grande, mas depois se V.Exa. me permitir então me permitir então ler esta síntese que eu faço e que está realmente de acordo com o próprio pensamento e se realmente forem dadas as condições, terei coragem de presidir a sessão. Se nós falamos em diálogo em plenário, eu me refiro mais a apresentação dos relatórios. Assim como V. Exa. disse, ontem que a Funai nunca deu remédios e instrumentos de ferramentas para as missões. De tal modo que resolvi sr. Presidente, com muita boa vontade estou a disposição para presidir os trabalhos.

O SR. PRESIDENTE:

Eu tenho a impressão que está existindo uma espécie de desconfiança das missões com relação as reais intenções da Funai, para isso / que nós chamamos seminário, mas que na realidade poderíamos chamar de contro ou de qualquer outra coisa. Nós não viemos aqui para criticar missões, pelo contrário nosso objetivo não é fazer crítica, nós queremos é captar as colaborações das missões em benefício dos nossos índios, conjugando esforços, esse é o objetivo da nossa presença aqui. Eu já reconheci de saída que esta era a área menos conhecida pela Funai em todo o território brasileiro. E temos várias, e estamos estudando inclusive a própria Funai, a implantação de uma outra infra-estrutura condizente com as reais necessidades da área, e como uma resposta, eu já tenho parte do relatório do grupo de Roraima que já temos exemplares rodados e poderemos já distribuir para o plenário. Nossa intenção não é esconder, o nosso esforço em examinar o relatório não tem objetivo nenhum de crítica / nem estamos levantando problema para prevenir propostas, fazer proposi -

ções em termos de propria Funai, então não há essa idéia, absolutamente.

PE.ANTONIO RASERA:

Quero me congratular com o senhor presidente por já ter tomado soluções e já ir em encontro dos nossos desejos, apenas acrescento, não/ é para desobedecer o governo brasileiro, porque eu sou brasileiro, nasci do aqui no Brasil e estou trabalhando aqui em cima porque quero bem a minha pátria e vim aqui a esse seminário e fiz com que muitos dos meus sacerdotes viessem para cá para que nós juntos com a Funai pudessemos levar avante esse trabalho tão grande, esse é o motivo da nossa presença aqui/ e eu acho que não há nada de mal sr. presidente que em cinco minutos os da Funai dissessem inclusive as falhas que nós temos, pois nós estamos aqui para ver, para corrigir, para acertar, como seria muito bom, como seria fraterno isso. Eles observaram: nós vimos isso e pronto nós vamos aceitar, não sei porque tanta dificuldade, gostei da sua atitude, para - bens sr. presidente, estamos em uma democracia. (Palmas)...

D. MILTON CORREIA:

Eu endosso os votos apresentados pelo padre Antonio inspetor / dos padres salesianos e realmente testemunho que a igreja católica apostólica está aqui nas missões para servir ao Brasil e para obedecer ao governo brasileiro e para cooperar com o governo brasileiro. (Palmas)...

Eu agradeço a atenção de me aceitarem como presidente dos trabalhadores nesta manhã, e já estão todos de posse do relatório do grupo / que visitou Roraima. Como vão chegar as nossas mãos estes relatórios e possivelmente hoje já teremos todos em mãos então teremos necessidades de um tempo para ler, refletir um pouco para podermos discutir e então já que nos são dadas as condições todas para um diálogo franco, vamos começar os trabalhos pelos de hoje que é saúde.

PRF.OLYMPIO SERRA:

Gostaríamos de esclarecer que, o que está sendo chamado de relatório, constituem propostas ao torno de decisões da Funai, proposta que não se queria concretizar sem o conhecimento da atuação missionária nas áreas um conhecimento dado pelas próprias missões, infelizmente parece / que as missões que sentiram ou não entenderam ou não entenderam bem a proposição do seminário e perdeu-se oportunidade, perdeu-se tempo na dis

cussão eu acho repetitiva no assunto que já estava explicado. Mas, gostaria de acrescentar um esclarecimento, que nos parece importante, de modo algum a Funai pretende utilizaro seminário para aprovar qualquer projeto. A Funai tem o direito e autonomia de formular qualquer projeto de qualquer, área indígena do país independente de quaisquer circunstancias, simplesmente por uma atitude democrática, uma atitude antes democrática séria e coerente é que se julga que qualquer formulação em termos de decisão da Funai em áreas onde atuam as missões religiosas não teriam menor sentido sem a participação efetiva e qualquer tipo de encaminhamento de decisão ou sugestões para possíveis decisões ou ações nessa área.

D. MILTON:

É por isso que quando o sr. falou a respeito de projeto p para apreciação dos missionários ou grupos, nós afirmamos que não viemos para/ provar projetos que não compete a nós, mas justamente buscar pista para o congrassamento de esforços que é o objetivo do semiário, simplesmente / isso.

PROF. OLYMPIO SERRA:

Eu gostaria de esclarecer a V.Exa. que quando nós nos referimos a projeto, nos falamos em perspectivas de projetos de ação, se todos estão lembrados sempre foi feita essa referencia. E de fato a Funai, está com essa perspectiva e pretende fazê-la, agora, jamais poderei fazer sem a participação de discussões de determinados tópicos e também sem o conhecimento, da estrutura missionária. Exatamente estamos aqui, todo o corpo de decisão da Funai, escutando o que as missões vem fazendo e o que pretendem fazer. Seria muito importante.

PADRE ANTONIO RASERA:

Eu agradeço justamente porque esse mal entendido foi agora de , maneira clara, democrática, simpática, resolvida. Nós nos damos por satisfeito se esse relatório, isso que é ante-projeto, perspectiva de projeto / tivesse sido colocado diante dos nossos olhos, há mais tempo, ontem por exemplo, nos teríamos perdido uma hora nos trabalhos de hoje.

PROF. OLYMPIO SERRA:

É repetitivo, mas parece que é importante s repetir certas coisas volto a dizer que nós constituimos um relatório com propostas que fo

ram levados ao corpode decisão da Funai, sem críticas a ninguém e propostas que nós estamos considerando decentes se discutir com as missões.

DOM MILTON:

Mas, essas propostas resolvem o assunto porque certamente vão surgir questionamento e os grupos de trabalho que os prepararam em plenário nos darão a explicação. Era isso que estava precisando, mas felizmente não perdemos tempo porque o que se gastou nessas discussões serviu / muito tempo daqui para a frente.

PADRE GIUSEPPE DALLA VALLA:

Seria possível enumerar brevemente as entidades paralelas que trabalham no ambiente? E se há alguma possibilidade de entrosagem entre elas para um melhor atendimento dos indígenas?

FREI ARCENIO (ALTO SOLIMÕES):

Atualmente entidades paralelas, não, tem enquanto o serviço do Exército se restringem em Benjamin Constant, serviço de Marinha é explorado e onde a prelazia não tem outro posto, porém em alguns casos houve princípio de assistências paralelas que causaram transtornos entre os indígenas, foi uma coisa esporádica que não teve consequência.

Mas nós estamos pensando no futuro, pensando nas coisas que temos sem criar casos paralelos.

O SR. PRESIDENTE:

Eu queria prestar um esclarecimento ao Plenário, que a Funai e as missões, tem recebido colaborações de vários órgãos, particularmente, nessa área do Alto Solimões, Marinha Aeronáutica, Comando de Fronteiras do Solimões, essa cooperação apesar de válida na saúde ela não tem aquela constância então nós temos que ter uma infra-estrutura a própria, mas a cooperação é sempre válida, as vezes trás o descontrole quando vários órgãos operam simultaneamente nessas áreas. Era esse o esclarecimento que ria prestar.

DOM MILTON;

Eu queria lembrar de quando estamos falando em atividades paralelas, não se está tendo a intenção de ver uma solução a exclusão, mas sim aproximação, que começa pelo conhecimento recíproco e depois pela integração desses dados.

REPRESENTANTE DA SECRETARIA DE SAÚDE:

Em primeiro lugar eu quero comunicar aos aqui presentes, nós estamos falando em nome da Secretaria de Saúde, como o Diretor do hospital, de doenças Tropicais. Observando o relatório apresentado pela comissão que atua no alto Solimões e precisamos fazer algum esclarecimentos a respeito daquilo que a Secretaria está planejando para o alto Solimões. Eu não sei se foi desconhecimento, mas eu pareço que reconheço o Missionário que encontrei na viagem que fiz ao alto Solimões, ele por um lapso esqueceu de relatar e fazer constar no seu relatório, uma equipe da Secretaria de Saúde, que 30 dias viajando pelo alto Solimões, e pelo alto Javari fazendo um pequeno levantamento de saúde nessa área dos "Tikuna", e na área de outros índios que habitam no rio Javari. Junto com essa equipe da SESAU, constava também um médico já tinha maiores esclarecimentos, o levantamento foi rápido ou quase ligeiro. A SESAU, hoje tem em mãos, e está preparando um relatório para ser entregue a presidência da Funai, que consta a situação de saúde dos Tikunas. O que me causa estranheza é no relatório do missionário ele consta que já foi entregue ao Ministério da Saúde, um plano para colocar em funcionamento um hospital de Socorro em Olivença. Eu acho que está se extrapolando a coisa para um plano superior antes de ser ouvida a estrutura estadual, nós não queremos entrarem conflito com ninguém, mas nós achamos que esse plano de antemão deveria ser examinado pela secretaria de Estado de Saúde do Amazonas, e posteriormente encaminhado ao Ministério de saúde do Amazonas porque será extremamente desagradável, se a Secretaria de Saúde do Estado do Amazonas, hoje prepara um plano de atuação e na maioria das vezes não resultará em benefício. De forma que eu pediria que as coisas fossem colocadas nesse parametro e que fosse examinadas por exemplo, e fossem colhidas as informações, na própria Secretaria de Saúde do Amazonas, a respeito daquilo que se pensa e daquilo que ela está planejando para o alto Solimões, e posteriormente sim, passava o plano ao Ministério da Saúde, a respeito daquilo que se a Secretaria de Saúde não tivesse condições de resolver.

REPRESENTANTE DA SESAU E DO HOSPITAL DE MOL. TROPICAIS:

Eu acho que essa informação está um tanto quanto devagando, porque jamais eu acho que um médico consciente das suas funções, aconselha

ria a transformar um hospital em hotel. Isso não é verdade porque quando, nós saímos de Manaus, para passar 30 dias no alto Solimões, nós não estávamos a procura de instalarmos hotéis mas sim, de resolvermos os problemas de saúde do povo que vive naquela área.

REPRESENTANTE BISPO DOM ADALBERTO ALTO SOLIMÕES:

Nós estampamos na relação que nós não queríamos criticar o que se passou, realmente o Secretário de Saúde, abriu, juntamente nessa expressão! passou os últimos 4 anos a Secretaria de Saúde foi muito interessada por S. Paulo de Olivença, o Secretário disse que nos ajudou muito e facilitou e de acordo com ele eu pedi possibilidade de me dirigir a outras Autoridades, ele me deu carta livre para me dirigir a qualquer entidade e eu aproveitei a minha passagem a Brasília, quando fui a uma reunião do MEBI?, para entrar em contato com ele, eu não pensava que ia encontrar tanta acolhida por parte do Ministro, que quase por um dever de gratidão conosco, quis tomar a tempo a solução de São Paulo de Olivença, portanto, eu fui até surpreendido pelo interesse, do Mistro não foi para contestar com a Secretaria antes e logo chegando de Brasília fui a Secretaria, falei com o Dr. Dourado, ligeiramente com o Secretario Borborema, e acrescentei dizendo!. não sei se fiz mal, mas ele disse, não o Sr. agiu bem. Portanto, essa minha intervenção junto ao Ministério, não foi para insuplantar a Secretaria, eu quero nesses últimos anos agradecer a Secretaria agora esse levantamento que a Secretaria, fez eu praticamente não estou a par justamente porque acontece de chegarem lá e não entrarem em contato com a prelaia ou com o responsável da prelaia, é que acontece esses desentendimento. Portanto a prelaia cumpre a sua vontade, não de fazer uma comunidade própria mas de entrar em entendimentos com o Ministério, Funai e Secretaria, e todo mundo. Eu em nome da prelaia faço a minha declaração de colocar a disposição desse problema de saúde as escrituras que vamos ter. (Lê)...

O SR. PRESIDENTE:

Eu desejava, prestar esclarecimentos ao plenário, numa audiência que me foi concedida pelo Sr. Governador do Estado do Amazonas, um dos pontos dessa audiência, foi exatamente da participação do Governo do Estado do Amazonas no projeto integrado ao desenvolvimento, esse projeto integrado de

de desenvolvimento não pode ficar a margem desse processo de desenvolvimento que o Governo do Estado elaborará ao índio não pode ficar á margem desse processo de desenvolvimento, então o Governador concordou inclusive todos os órgãos estaduais, seja de saúde, educação, eles participarão evidentemente de todo aquele projeto que for elaborado na área, visando o desenvolvimento das comunidades indígenas, então não há idéia, só em termos de órgãos, inclusive por uma questão federal, nós sabemos que em Tabatinga, tem / um hospital em condições suplementares e não há necessidade de um ante projeto naquela área. Então a idéia é fazer uma participação global, é integrar a Amazônia, mas integrar também todos os órgãos que trabalham e operam nessa região. Essa é a idéia que nós temos com relação a esse problema.

REPRESENTANTES DO HOSPITAL DE DOENÇAS TROPICAIS:

Para complementar as palavras do Sr. Presidente, eu queria dizer ainda mais com relação ao problema de Saúde do Alto Solimões. Foi mencionado que prefeituras municipais, não colaborem, ou não participem ao problema de Saúde, claro que não são todas, existem algumas, por exemplo, em Atalaia do Norte, a secretaria de saúde, mantém uma unidade sanitária disponível e mantém um médico operando nesta área e que também já se tornou um profundo conhecedor dos problemas de saúde daquela região, com planos para resolvê-los. A Prefeitura de Atalaia do Norte, está ampliando essa unidade sanitária, para transformá-la em um hospital com internação. Então o Prefeito de Atalaia do Norte. Já será um suposto daquilo que está sendo feito hoje, em Benjamin Constant, com hospital do SESP, entregue a área militar. De forma que da mesma maneira como a prefeitura de Atalaia do Norte, colabora com a Secretaria de Saúde, outras prefeituras deveriam ser suscitadas a prestar sua colaboração.

PADRE ANTONIO RASERA:

Eu simplesmente perguntaria se o relatório é da missão e não daquilo que os outros fazem. Acho que ele não disse nada de mal, quando disse que as prefeituras, não tem programações especiais, é muito diferente um atendimento de uma programação. O padre foi lá fazer um relatório de prelázia do alto Solimões e não da Secretaria, não acha Sr. Presidente?

DR. MARCOS PAULO:

Sou Marcos Barros, representante do Secretário de Estado de Sa-

úde, primeiramente, tentando entender algumas das sugestões que o Sr. Arcebispo, colocou no início da Sessão, no que diz respeito ao número de pessoas nome, dos que estavam ligados a este Seminário, evidentemente a Secretaria de Saúde, não pertence a Funai, nem pertence as missões, mas recebeu um convite através da presidência da Funai, para assistir o seminário. De modo que viemos aqui com o objetivo de dar a nossa colaboração, reconhecendo as falhas imensas da Secretaria de Saúde, as vezes omissões no que diz respeito as ajudas a essas missões, e vamos procurar apenas não ser um convidado a figura decorativa, mas participar na medida das nossas possibilidades. Duas perguntas eu devo fazer ao expositor. Primeiro, ele definiu que o problema, mais sério na área é a tuberculose. - Eu queria saber quais as dificuldades encontradas para a inquisição da vacina indra-dérmica do BCG? E se essas dificuldades poderiam ser atenuadas através de órgão oficial, através do convênio da Secretaria de Saúde e Funai?

DR. MARCOS BARROS:

Ante medicina preventiva, encontra dificuldades para aquisição da vacina BCG; no que diz respeito a profilaxia da tuberculose, na área em que eu trabalho.

ASSOCIAÇÃO BATISTA PARA O EVANGELISMO MUNDIAL:

Houve um grupo que recebeu esses reforços lá, na vila, depois houve dificuldades de fazer aquelas pessoas que tomaram essas aplicações, voltarem lá.

DR. MARCOS BARROS:

Entendi o que o Sr. quis me dizer, mas, o Sr. continua a não me entender.

Então seguinte, o Sr. está falando de DTB, o Sr. está falando de teste intra-dérmico, em que se faz a leitura para depois de 42 horas, depois fazer o diagnóstico de tuberculose. Estou me referindo a profilaxia, a vacina, contra tuberculose de BCG, intra-dérmico, se o Sr. já procurou em Manaus, em algum órgão, levar entre as vacinas de Manaus, para proteger os indígenas sob sua orientação e se o Sr. teve dificuldades, a partir disso nós vamos tentar atenuar essas dificuldades.

ASSOCIAÇÃO BATISTA PARA O EVANGELISMO MUNDIAL:

Não temos procurado aqui em Manaus, só procuramos em Benjamin /

Constant.

DR. MARCOS BARROS:

A SESAU, se oferece a fornecer a vacinar BCG, para proteção da população Tikuna, sob sua orientação, na campanha de erradicação da tuberculose no Amazonas.

Eu queria que o Sr. se pronunciasse a cerca da medicação fornecida CEMI, tem como finalidade distribuir essa medicação escritativamente, eu queria saber que se nós levarmos em consideração o problema indigenista, se existe diferença entre recebimento e medicação? Isso o Sr. não pode responder é óbvio, isso faz parte de outra missão, mas dentro do seu campo eu queria saber se o Sr. recebe medicação do CEMI, ou não recebem, se tem dificuldades? Medicação fornecida gratuita pelo Governo Federal.

MÉDICO DA FUNAI(DR. IRINEU):

Eu sou médico da Funai, sediada na 1ª Delegacia Regional de Manaus, eu trabalho aqui há mais ou menos quatro anos e desconheço qualquer relatório, qualquer pedido da missão batista, ou da missão do Alto Solimões, a respeito de medicamentos de vacinas. A delegacia aqui de Manaus sempre está disposição das missões para fornecer qualquer tipo de medicamento ou específicos, no caso seriam as vacinas.

No caso de atendimento especial a delegacia sempre está a disposição das missões, e nessas quatro anos que eu estou aqui eu desconheço qualquer tipo de relatório ou pedido de missão batista e da prelazia do Alto Solimões. Eu gostaria de acrescentar que hoje sendo o dia 7-4, é o dia consagrado ao dia mundial da saúde, coincidiu com o tema em discussão. (Palmas).

O SR. PRESIDENTE:

Eu só queria prestar um esclarecimento, ao problema tuberculino. Infelizmente não pode comparecer, pois estava convidado o Dr. Miranda, que é da Unidade de atendimento Social do Departamento Nacional de Tuberculose do Ministério de Saúde, essa unidade de atendimento especial do Minist. de Saúde é que está com o controle tuberculino de toda a área da Funai, infelizmente como eu já tive oportunidade de explicar anteriormente, as prioridades estavam sendo dadas ao Sul do País, de modo que as intenções inclusive da UAE, também estavam voltadas para as comunidades indígenas do Sul do país. De modo que o Dr. Miranda, já tem projetos para ingressar nesta área da Amazonia, porque,

sabe que em determinadas áreas onde vai passar a perimetral norte, nos postos indígenas da Funai o problema de tuberculose é sério. Então ele viveria, participar desse seminário para concordar com a SESAU do EST. DO AMAZONAS, a fim de em conjunto elaborarem um plano de combate a tuberculose. Mas, infelizmente não pode comparecer, mas eu posso afirmar que toda vez que a U.A.E. entra em qualquer área indígena da Funai, entra com todo equipamento, toda / medicação necessária, inclusive com a preparação de atendentes especializados para continuidade do tratamento. Esse é o outro aspecto, porque não adianta implantar uma infra-estrutura, se não houver continuidade e gente capacitada para continuidade do tratamento. Ele diz que a técnica moderna hoje em é fazer o tratamento no próprio local e não no hospital. De modo que, tem que haver em cada área gente especializada nesse controle tuberculino / infelizmente ele não pode estar presente, ele expõe os planos que vem beneficiar a área da Amazônia.

ENFERMEIRA DA SESAU:

Eu sou enfermeira da SESAU, então o expositor referiu-se a um, problema muito sério em relação a imunização. Eu gostaria de colaborar dizendo que realmente a secretaria de Saúde, como foi falado antes, nós sabemos que nós temos muitas dificuldades em atender toda parte do interior, justamente por causa da extensão. Em relação a esse problema de imunizações, de tuberculose, malária defitéria, tétano, essas são doenças que são perfeitamente controláveis através da imunização. Atualmente nós estamos desenvolvendo um programa de ministério da Saúde, que está tendo toda prioridade, é o PNI, (Programa nacional de imunização). Então vocês poderiam nos procurar na SESAU, apesar de sabermos que o nosso dever seria, fazer um programa e atingir todas as comunidades mas como uma série de dificuldade que não vem o caso agora mencioná-los uma delas a falta de recursos humanos, pessoal capacitado e a grande extensão da área. Então nós não pudemos até hoje atingir / determinadas comunidades, mas já que nós estamos aqui na tentativa de ajudar e de resolver problemas, de Saúde no Amazonas, principalmente nessas áreas que nós estamos agora discutindo, então eu sugeria que o Sr. poderia mesmo procurar pois eu sou enfermeira e trabalho na área de saúde pública, eu faço assessoria de enfermagem, então o Sr. poderia me procurar ou então procurar a Sra. Maria Augusta, que também é uma das coordenadoras do programa e nós, poderíamos juntos traçar um esquema, um mini-programa, alguma coisa que nós

podéssemos colaborar na área da imunização. Agora em relação ao problema da tuberculose, que é um problema realmente sério nessa área, ou queria dizer, o seguinte: Dr. Marcos falou a parte de solicitação de vacinas, que já tinha sido feito. Eu tenho a informar o seguinte! mesmo que tivesse sido feita essa solicitação fora um tanto difícil a SESAU, porque para a tuberculose a vacina preventiva que temos é o BCG, oral, que é dada paivamente, e é feita até o trigéssimo dia do nascimento, após isso teria que ser feito através do PTD, aí seria a vacina BCG, infra-dérmico. Essas vacinas seriam um tanto difícil de fazer porque requer pessoal especializado, o BCG, intra-dérmico, a pessoa tem que fazer no mínimo 400 aplicações e leituras dessas aplicações então, é um tanto difícil mas não impossível de ser feito. Porque 88 inclusive na Secretaria, nós temos duas enfermeiras e uma delas é a dona...Marly, que tem condições de treinar, nós não poderemos talvez realizar isso lá, o teste e posteriormente a vacinação, mas nós poderíamos treinar pessoal que existisse lá na área ou quem sabe conseguir através da própria secretaria. Quer dizer é difícil mas não impossível. E quanto ao BCG, oral e também um tanto difícil por causa do problema da conservação, transporte-conservação mas eu acredito que lá existe uma infra-estrutura, pelo menos da Prelazia, eu acredito que não teria tão grandes problemas de ser levados para lá o BCG oral,. Eu poderia sugerir que oportunamente a Missão Batista procura a Secretaria de Saúde, mais precisamente, pode se procurar porque já foi referido, aqui por um padre, não lembro o nome agora, mas ele falou que na SESAU, era um tanto difícil contactar e ter com quem falar. Realmente, existe essa dificuldade eu concordo plenamente, e existe realmente porque na Secretaria o número de técnicos é muito pequeno, então nós ficamos atendendo uma série de, solicitações, algumas já programadas e outras que surgem de imprevisto. De forma que realmente é difícil de encontrar uma pessoa lá que a gente possa, conversar e chegar a alguma conclusão, o próprio Secretário é muito ocupado Mas eu por exemplo me coloco não só a disposição da Missão Batista, mas a qualquer outra missão no que diz respeito a problema de Saúde pública, eu me coloco a disposição para colaborar dentro que for possível. Muito obrigada.

DR. MARCOS:

Aproveitamos o dia nacional da saúde pois nós havíamos esquecido de comunicar um fato interessante, a Funai, já entrou em contato com a SESAU

para fazer um plano sério durante essa gestão em continuidade no que diz respeito ao atendimento ao indígena. Esse plano não vai se restringir a parte, assistencial, e o Secretario de Saúde organizou um grupo tarefa de estudo do problema no interior do Estado, esse grupo tarefa, já elegeu algumas áreas, comunitárias em termos de doenças, a lepra encabeça a lista, a tuberculose, vem logo depois, assistencia escolar rural. Evidentemente que a Secretaria, de Saúde, como já foi exposto pela enfermeira, encontra uma série de dificuldades no que diz respeito a essa operação da interiorização utilizando a infra-estrutura, seja de transporte, seja de material em convênio firmado esta semana em que todo o grupo da Funai se encontra no Amazonas, será firmado um convênio no que diz respeito a isso. Muito obrigado.

O SR. BISPO DO ALTO SOLIMÕES:

O médico da Funai, dizia que não recebeu da prelazia nem da missão batista, nenhum pedido de remédios. Com ofício número 73, dirigido ao General Antonio.....de 7/1/73, em resposta a uma denúncia que a Funai, fez junto a Secretaria de Saúde, conta a prelazia do Alto Solimões, eu apresentei um exposto no qual falava no problema de saúde na comunidade de Belem onde morreram 18 pessoas em 20 dias. Outro acontecimento em Nova Itáláia, que teve proporções mas pormenorizadas e Frei Dino, lá se encontrava, que teve, de cuidar daqueles doentes, e vários morreram, a Funai não tomou nem conhecimento do seu ofício.

DR. IRINEU:

Com relação ao pedido feito, realmente aconteceu, de modo que a equipe de Saúde da Funai, eu me desloquei para aquela região e eu tenho o relatório, me dialoguei juntamente com médicos do hospital de Benjamin Constant, nós percorremos medicando e deixando o pessoal também com medicação em toda aquela área. Era um caso de Sarampo.

Na oportunidade nós tentamos manter contacto com as missões que atuavam naquela região mas não pudemos porque não foi possível.

SR. PRES DENTE:

Para complementar, a informação do nosso médico, é que em várias missões a Funai já está complementando as necessidades, a própria prelazia, do Rio Negro, nós já tivemos oportunidade de remeter medicamentos. Parece que

houve uma falha nas proximidades dessa região, mas nós vamos fazer a mesma coisa em outras missões religiosas. Agora temos que sentir as dificuldades das missões e o que é que cada missão precisa de complementação nas suas necessidades, sem isso a Funai não pode ajudar.

Então essa é a colaboração que as próprias missões podem dar para a Funai, é só fazer aquela solicitação, além da Secretaria de Saúde que, já colocou plenamente a disposição para atender as necessidades das missões. Mas a própria Secretaria também precisa sentir essas necessidades, senão não poderá atender.

PRESIDENTE (DOM MILTON):

Temos apenas 11 minutos, vamos terminar na hora para começarmos na hora os nossos trabalhos.

Com a palavra.....

Eu gostaria de fazer aqui um pequeno esclarecimento, o envio, / desses medicamentos tem que ~~ser~~ antes precedido pelo relatório. Então nos, solicitaríamos as missões que atuam na área que nos envie periodicamente um relatório para nós ficarmos cientes das ocorrências, das doenças na área e, por conseguinte, o envio de medicamentos para aquelas doenças porque não adianta nada se nós não soubermos das ocorrências na área, os medicamentos que nós poderíamos enviar. De modo que era esse o esclarecimento que eu gostaria de prestar.

COM A PALAVRA A ENFERMEIRA DA FUNAI (SEBASTIANA):

Sebastiana enfermeira da divisão de saúde da Funai, apenas fazendo uma complementação a informação prestada pelo Sr. Presidente da Funai quanto ao programa de saúde Funai e.....nacional de tuberculose. Nós, temos aqui em mãos o programa e está previsto para o mês de agosto do corrente ano a vacinação BCG indiscriminada e esses estudos preliminares para implantação do programa em toda a 1ª. DR que corresponde a Manaus, e a 10ª./ DR. que abrange todo território de Roraima.

PROF. ROBERTO CARDOSO:

Roberto Cardoso de Oliveira, professor colaborando agora com a Funai como antropólogo.

Eu gostaria de comentar o que se nota um desentrosamento muito grande entre os grandes setores e os diferentes setores que poderiam estar,

articulados. As diferentes missões que atuam a Funai, Secretaria, por exemplo. Então, nada mais oportuno de que os projetos que estão sendo examinados para, serem executados nessas áreas, que são na área do Solimões, um projeto, na área do Rio Negro, outro, Yanoama um terceiro projeto, projetos esses que, pretendem articular exatamente os diferentes setores, para que não se trabalhe mais numa dessas áreas de uma maneira não integrada. Essa perspectiva de integração das atividades que poderá futuramente ser alcançada ser alcançada, se diferentes sugestões que forem dadas aqui de cooperação de diferentes setores poderem ser nos grupos de trabalhos apresentadas e organizadas de modo a que haja possibilidades de se somar esforço para que não mais tenhamos esse exemplo como estamos vendo aqui de desentrosamento, e daqui a um ano não vejamos mais esse exemplo que deverá estar ligados a uma mesma atividades, num mesmo objetivo.

O SR. PRESIDENTE:

Logo no início dos trabalhos foi levantado o problema da divulgação da imprensa por parte da Funai. Eu desejo fazer uma consideração, a imprensa, tem plena liberdade de escrever o que quiser e apreciar o que quiser, por conta do jornalismo. Eu quero dar conhecimento, a Funai expede uma nota, oficial, que é uma nota sussinta de resumo do trabalho realizado, a imprensa, tem plena liberdade de ter a sua apreciação e escrever o que quiser. Essa liberdade nós não podemos tirar da imprensa, de jeito nenhum.

A nota expedida nos trabalhos de hoje, eu vou ler para o seminário tomar conhecimento.

Foi esta a nota oficial da Funai.

DOM MILTON:

Está encerrado os nossos trabalhos da manhã, e termino o dia com uma saudação a todos que trabalham em favor da Saúde pela passagem do dia da Saúde. (Palmas).

O SR. PRESIDENTE:

As duas horas reiniciaremos os nossos trabalhos se o grupo estiver presente.

-FIM-

" II SEMINÁRIO - FUNAI - MISSÕES RELIGIOSAS - AMAZÔNIA LEGAL"

(Em: 07.04.75 às 14:00 hs.)

O SR. PRESIDENTE:- (Gen. Ismarth de Araújo)

Desejaria agradecer a Dom Milton Pereira a aquiescência de ter dirigido os nossos trabalhos hoje pela manhã, e pedir que as Missões não católicas indicassem um elemento, para presidir os trabalhos da tarde de hoje.

RINALDO DE MATOS:- (Presidente da Mesa)

Agradeço a confiança dos colegas missionários e representantes das Missões Evangélicas presentes a este seminário. Vamos fazer o possível para cooperar também com o bom andamento dos trabalhos que temos realizado até aqui. Acredito que podemos dar prosseguimento às apresentações dos relatórios. Na sequência do nosso programa, tem a palavra a MEVA, para apresentação do seu relatório com o tema "saúde".

PE. TIAGO BOETS:

A título de sugestão, o trabalho poderia andar mais ligeiramente e tiraríamos mais proveito da seguinte forma: convidaríamos agora todos que ainda vão falar sobre as diversas missões na área de saúde, a fim de sentarem aqui na Mesa, e cada um teria certos minutos para falar e só depois do último ter falado é que haveria os debates, ao mesmo tempo poderíamos convidar as autoridades na área de saúde, qualquer departamento de saúde e até da FUNAI, para sentarem aqui na frente, porque facilitaria muito o trabalho e teriam condições de consultarem-se mutuamente durante os trabalhos. Convidar-se-ia todos que vão falar e os deixaria falar uns 5 a 7 minutos e só depois do último é que haveria então os debates.

RINALDO DE MATOS:- (Presidente da Mesa)

No que diz respeito aos debates, seria difícil a leitura de todos os trabalhos e depois os debates, porque as questões, os problemas ficariam muito distantes. Mas, acho válida a sugestão porque nós precisamos ganhar tempo e vamos prosseguir, de modo que o sr. Presidente da FUNAI não tem nenhuma objeção a essa sugestão nós vamos por em prática, e vamos assim marcar mais ligeiro o andamento da sessão. Então, vamos convidar as missões aqui presentes, que ainda têm relatório para

prestarem, a tomar assento aqui na frente e que são os seguintes: MEVA, Missão Novas Tribos do Brasil, no caso pediria então que o sr. Paulo Carrenho estivesse aqui na frente para fazer a leitura do relatório, que no caso eu estaria fazendo em nome da Missão Novas Tribos do Brasil. ' Prelazia do Rio Negro, Summer Institute of Linguistics, Prelazia de Roraima, Prelazia de Humaitá e Prelazia de Itacoatiara. Aqueles que desejarem uma participação mais ativa nos debates, podem tomar assento aqui na frente a fim de que nós possamos prosseguir sem impedimentos.' Com a palavra a MEVA para a apresentação do seu relatório.

REPRESENTANTE DA MEVA:

Tentando ganhar tempo, como parece ser o objetivo geral, vou ler toda a íntegra, quem quiser depois poderá ler as cópias e todas as minúcias, vou ler apenas as partes necessárias e comentar, focalizar as coisas mais interessantes. O problema de saúde da MEVA, os que mais afligem os indígenas na área que nós estamos considerando do Yanoama, aqueles que lembram do mapa podem pensar no noroeste de Roraima, são principalmente no nosso ponto de vista, a verminose, a malária e a gripe, são coisas simples de tratamento simples, mas bem espalhados e de consequências sérias na vida dos índios. A gripe é geralmente adquirida no contáto com outras tribos, quando os índios fazem visitas, principalmente para os lados da fronteira, no contáto com o grupo MAINDON que tem contáto com os civilizados da Venezuela, adquirem gripe, e como é um problema sério para os índios tem havido até casos de morte. Para o controle da malária, uma doença que não existe em grande quantidade na área, no momento, mas é uma doença séria que encontramos na região, segundo o relato dos missionários que me antecederam havia bastante malária na área antes da chegada dos missionários, porém com o programa de borrifação e exames de lâminas nos índios suspeitos, com tudo isso o índice tem baixado bastante e a malária não é mais um problema de grande seriedade na área Yanoama atingida pelos postos da nossa missão, como eu demonstrei ontem, a área é vasta e os índios estão espalhados' motivo pelo qual a missão tem grande dificuldade de alcançar o título de saúde, aqueles que estão na periferia dessa grande área, porém aqueles que têm mais contáto com a missão são os SANOMANS que constituíam

problemas de malária. Vacinação: certas faixas da população, aqueles atingidos pela missão, têm sido vacinados contra sarampo, tuberculose, febre amarela, varíola, bem como um certo número tem recebido a vacina tríplice. Atendimento hospitalar: segundo informações das próprias autoridades responsáveis pelo problema médico dos índios, a enfermaria do índio, estou falando de Roraima, não está bem aparelhada, para receber os índios primitivos, não estou querendo dizer que a enfermaria não esteja bem aparelhada para tratamento médico, é o problema do índio primitivo que estamos tratando, no caso Yanoama e segundo conversa com o próprio médico do grupo da FUNAI, ficou constatado que o índio não tem condições de usar as facilidades, mesmo coisas simples como: sanitários lençóis, etc. Então foi sugerido por alguém do grupo me parece, a adaptação do hospital, da enfermaria ao índio de Roraima, permitindo que o índio que vem da maloca que está acostumado em dormir na rede, possa se sentir-se melhor no hospital e ter melhores condições de recuperação evitando também problemas para o pessoal da limpeza dos hospitais, uma vez que foi constatado que os índios não sabiam usar o sanitário e fizeram do quarto o sanitário ou alguma coisa assim, então é um problema que foi levantado e merece a nossa consideração. Como disse ontem, são seis mil índios Yanoamas dentro do território brasileiro, são muitas pessoas e deve ser considerado pelo menos uma enfermaria, parece que a expressão usada pelo médico seria uma enfermaria tipo maloca, não seria bem isso, mas onde pudesse ser colocada a rede e coisas que o índio soubesse usar. Há também o problema do pessoal, o índio Yanoama não fala português, então há sempre uma pessoa que deve acompanhar, no caso das crianças, o pai, parente, contanto que uma pessoa deva acompanhar o índio doente. O atendimento hospitalar é uma coisa de grande importância, porque chegando em Boa Vista, colocar o índio num hospital, conforme sugere essa folha, em certos casos é viável, mas em outros casos segundo opinião de pessoas entendidas no caso, seria problemático, os índios não saberiam usar essas facilidades. Educação Sanitária: o grupo Yanoama é um grupo diferente da maioria dos grupos que têm sido apresentados aqui, é um grupo primitivo e praticamente da idade da pedra, num certo sentido. Então devemos ter isso em mente quando pensamos em

transmitir coisas da nossa cultura em termos de educação sanitária. Em outras áreas onde a MEVA atua, entre os MACUXIS por exemplo e os Wai-wais, onde há um nível de cultura diferente, tem sido usado cartilhas, literaturas, cartazes e incentivos a construção de fossas, etc. Sobre o problema do sabão, deve-se levar em consideração a falta do poder aquisitivo do Yanoama, a falta do meio de escoamento da produção dele em virtude da condição geográfica. O índio Yanoama não tem culpa de se localizar onde está, ele se encontra numa área onde só pode ser atingido por avião, são 4 horas de vôo ida e volta, os membros do grupo que fizeram essa viagem quando chegaram em Boa Vista estavam prontos para um bom descanso, só dessa viagem de duas horas. Então o índio Yanoama, por acidente da natureza foi colocado nessa região, o governo não tem culpa, eles não tem culpa, o fato é que eles estão em uma situação difícil e precisam de ajuda. Recentemente nós tivemos o caso de uma criança que foi constada com um problema que precisava de um atendimento hospitalar e a Secretaria de Saúde nos informou que não dispunha de verba para aquela exata situação, então há uma dificuldade para se ajudar os índios Yanoamas que estão localizados nessa área. E ao falar em sabão por exemplo, para a higiene, é aquele problema que eu mencionei, vamos dizer que um índio usando dois pedaços de sabão a CR\$ 4,00 por mês, são CR\$ 8.000,00 (oito mil cruzeiros), de onde vai sair? Do meu bolso ou do bolso de quem? É uma pergunta na qual alguém deveria pensar. A infra-estrutura da MEVA tem condições para melhoria nacional no setor de saúde, nós temos em cada posto uma clinica com equipamento básico para curativos, injeções, antibióticos, como medicamentos da CEME e medicamento que nós compramos com o nosso próprio dinheiro, o exemplo disso seria o remédio que foi comprado há menos de um mês para tratamento de uma só pessoa e que custou CR\$ 200,00 (duzentos cruzeiros) mais ou menos, e saiu do bolso da missão, do bolso do pessoal do posto, porque a missão não tem fundos, quer dizer em cada posto o seu próprio pessoal é responsável pelo próprio negócio. Então a MEVA mantém uma clínica com aparelhagem básica, fichário para os índios atendidos que precisam ser regularizados em alguns postos, mas em certos postos, pelo menos é o projeto e a base que nós pretendemos ter em condições bem

funcionais, registro de nascimento e óbitos, um laboratório localizado em MUCAJAI, para atendimento nós temos enfermeiras, microscópio, tem as técnicas para as análises mais simples de parasitológicas, etc. Temos casas para os índios no posto, porque tem alguns que se deslocam das suas aldeias, às vezes dois dias de distância, estou falando especialmente dos Surucucus, onde os índios podem ficar na missão durante o tempo em que são atendidos. Tenho visto crianças anêmicas, completamente magrinhas, que têm de passar um período de dois meses sendo tratadas com bastante cuidado, e têm que ficar hospedadas sob os cuidados da missão lá no posto. E para os MACUXIS, que são semi-civilizados e que falam português, a MEVA tem uma equipe volante, uma enfermeira e um grupo que viaja e atende os índios. O outro índice da infra-estrutura é uma comissão de saúde, que no momento não tem a direção de um médico, a MEVA já teve dois médicos no campo e agora está negociando com outro médico para encabeçar essa comissão de saúde, no momento são várias enfermeiras registradas que estão na direção, é um grupo homogêneo que atende e serve como consultante para as enfermeiras de cada posto e orientação geral do programa. O outro item, é o treinamento de índio, há certas épocas, por exemplo neste seminário para estarmos presente aqui nós tivemos que nos ausentar do posto, em outras circunstâncias os índios são acidentados na mata, ou na maloca e não haveria tempo de um missionário se deslocar para o local, então para as situações de emergências têm sido treinados elementos para fazer os primeiros socorros. Nós temos índios que podem fazer curativos, coisas simples, aplicação de soro ANTI-DIFTERIA que é colocado a disposição deles para viagens distantes e em certas circunstâncias especiais, aplicação de injeções. Agora notem bem, isto apenas em casos de emergência, não em casos sem necessidade. As entidades que colaboram com a missão nesse sentido são: A Sociedade ASE de Socorros, CEME e a SUCAM, no fornecimento de material contra a malária e também DDT para a borrifação. O último item, que é o de maior importância para mim e ficaria satisfeito se houvesse uma consideração séria desse item, e por felicidade noto que também foi incluído no relatório do grupo, como expressando o sentimento do grupo coordenando com o nosso sentimento. A única diferença seria que

aqui no relatório dos grupos, diz assim: (Lê)... Aqui fala de uma equipe volante, eu não sei o âmbito, tinha pensado no programa de uma equipe volante odontológica, e parece que já foi ampliada para uma equipe volante geral, um laboratório talvez, e um médico seria de grande valia. O índio Yanoama muitas vezes tem medo de ser deslocado da sua maloca para uma cidade estranha, é como disse, muito caro, são duas horas de voo, quatro horas de ida e volta, alguém tem que pagar a gasolina, mesmo a Sociedade ASE de Socorros tem toda boa vontade em ajudar, mas o avião não anda sem gasolina e alguém tem que pagar essa gasolina, então se essa equipe pudesse fazer viagens periódicas; eu sugeria de dois em dois meses, ou uma vez por mês, ficaria lá e o missionário teria tempo de advertir os índios, avisar as malocas distantes para todos se concentrarem ali, naquela data. Vamos dizer, com dez visitas dessa equipe, muitos desses problemas já estariam sanados, várias doenças teriam sido evitadas no início antes de se tornar um problema sério, evitando muitas internações, muitas viagens de avião e muitos gastos desnecessários. É essa a principal sugestão que é paralela a do grupo que foi criado aqui.

O SR. PRESIDENTE: (Gen. Ismarth de Araújo)

Pediria ao Presidente da Mesa, agora como participante do seminário, que me permitisse fazer uma intervenção. Nós temos um convênio com a Secretaria de Saúde no Território de Roraima, esse convênio foi ampliado agora porque os recursos do governo anterior, evidentemente não propiciava a Secretaria de Saúde do Território de Roraima, uma auxílio maior a essas dificuldades. Nós já programamos esse convênio com a Secretaria de Saúde, mas sentimos também que ela não teria capacidade de atender a todo Território de Roraima, então ela se dedicaria mais a parte norte do Território, e essa parte é exatamente da área Yanoama, ficaria com pouca assistência por parte da Secretaria. Então resolvemos dividir o problema, a parte norte do Território ficaria com a Secretaria de Saúde e a FUNAI criando esse volante de saúde, com médicos, dentistas, enfermeiros formados e um laboratorista que atenderia o restante do Território de Roraima, inclusive a parte do Estado do Amazonas, o resto da comunidade Yanoama atingiria basicamente a elaboração do projeto em termos comunitários. Dentro da formulação do convênio

com a Secretaria de Saúde, nós estamos fornecendo meios a essa Secretaria para que ela inclusive possa programar aviões para atingir essas regiões difíceis. Acho que isso responde uma parte da dúvida e da necessidade que tem essas comunidades que não são atendidas diariamente. A outra parte que é da enfermaria, inclusive essa enfermaria do hospital de Roraima, não tem capacidade de internação de índios com doenças infecto-contagiosas, esse problema a FUNAI também já está equacionando, o governo doou em Boa Vista, uma área extensa afastada da cidade, e vai permitir a FUNAI instalar praticamente uma espécie de Centro de Triagem com isolamento para os portadores de doenças infecto-contagiosas, num lugar bem afastado, inclusive para receber as famílias dos doentes que vêm muitas vezes e cria problemas de hospedagem. É uma área isolada e isto já está decidido pela própria FUNAI, essa instalação de Centro de Triagem vai contar com um assistente social para orientação desses índios que chegam a essas áreas. O isolamento foi tratado aqui pelo nosso amigo, eu não sou antropólogo, talvez o antropólogo conheça melhor a resposta, mas há os inconvenientes no momento do atendimento de saúde, por outro lado é benéfico porque vai permitir o preparo dessas comunidades ainda durante algum tempo, sem influencia de estranhos. Gradativamente vai propiciar nesse preparo para uma futura integração, não havendo qualquer influencia de estranhos que possa perturbar os seus costumes, usos, etc. Então as suas vantagens e desvantagens, que poderão ser contornadas por meio de um apoio ético, mas por outro lado só irá ocasionar o isolamento da área. Ainda com o auxílio que a FUNAI poderá dar a essa grande região, não só do Amazonas como também do Território de Roraima, nós vamos basear em Manaus um dos nossos aviões, esse avião vai propiciar apoio, nós não queremos dá só a infra-estrutura da FUNAI queremos também apoiar as missões que atuam na área, complementando o apoio que as áreas de socorro vêm dando. Era esse o esclarecimento que eu queria dar.

REPRESENTANTE DA MEVA:

Da minha parte, se alguém tem outra intervenção a fazer...

RINALDO DE MATOS:- (Presidente da Mesa)

Os srs. devem estar anotando as perguntas, as questões pa

ra serem feitas posteriormente conforme foi dito, vamos dar prosseguimento a leitura dos relatórios dando a palavra a Missão Novas Tribos do Brasil.

REPRESENTANTE DA MISSÃO NOVAS TRIBOS DO BRASIL:

Tenho em mãos o relatório das tribos Yanoamano rio Mararí, Tocotobí e das tribos CURIPA no rio Içana e também da tribo Canamarí, no Seringal Três Unidos no rio Juruá, da tribo Corina no Seringal Penêdo, e da tribo Marubo no rio Ituí. Como são várias tribos, vou ler especificamente para não tomar tempo. (Lê)... Gostaria de ressaltar a inteira cooperação e interrelação que existe entre a M.N.T.B. e a FUNAI principalmente aqui na pessoa do Sr. Francisco Mont'Alvern, ilustre Delegado da 1ª D.R., e o Dr. Irineu de Castro que aliás tem uma interrelação muito boa e preciosa em todos os campos das nossas tribos do Estado do Amazonas. Quanto ao fornecimento de medicamentos, vacinas, bem como nos casos quando há necessidade de hospitalizações para operações e tratamentos secundários. Falando sobre os Yanomames do rio Mararí, Tocotobí... (Lê)... Temos também o grupo SURIPACOS e BANIOS no rio ATU, com os quais a M.N.T.B., trabalha no rio Içana, alto Rio Negro, quanto a situação de saúde, foi feita a vacinação contra a varíola pelas equipes da CIM - Campanha de Irradicação da Malária, ligado a SUCAM também foi feito uma pequena parte de vacinação contra tuberculose, porém há necessidade de maior vacinação para os grupos muito grandes de aproximadamente três mil índios, de vacinas contra sarampo e poliomelite. Quanto aos atendimentos hospitalar, e casos de hospitalização, como aconteceu recentemente com três índios, que houve necessidade de operação então foram enviados à Manaus através da FUNAI, que se encarrega com muito prazer de receber esse pessoal e coloca na Casa do Índio no Jardim Haydéa, interna depois volta pra lá e manda para a tribo. É uma ação muito apreciável. Acho que nessa questão de relação quanto a termo de saúde, nós não temos problemas nem reclamações a fazer. Quanto à educação sanitária, no rio Içana a missão preparou um livreto com regimes de alimentação que são lidos pelos índios em sua língua materna e no português, inclusive eu mesmo ensinei aquelas matérias e constantemente estou dando noções de higiene e eles procuram de várias maneiras

melhorar a sua higiene. De certo modo temos alcançado os nossos objetivos, um dos costumes dos índios no rio Içana é tomar chibé, isto é, farinha com água em uma só cuía. Mas, dada a insistência contínua dos missionários a respeito do perigo da contaminação, temos visto com alegria que esses índios estão usando suas canecas ou cuias individuais, pelo menos na nossa frente, evitando assim a contaminação, principalmente quando houve algum caso de tuberculose, e os índios estavam alarmados com aquela doença que estava afetando e foram deixando de beber o chibé numa cuía só, o que tem contribuído para evitar a contaminação dos índios. Sobre tuberculose, não sei a infra-estrutura, mas nós temos um hospital, alguma coisa grandiosa, mas a solução é pedir as famílias que fizessem uma barraca isolada dos outros e ali ficar com o doente, recebendo alimentos da própria família como se fosse no seu lar e tratando até que chegasse a um trabalho de um ano para que fossem dispensados. Medicamentos: (Lê)... Me desculpem aqueles que gostam de fumar, mas o fato é que ele produz o cancer, está comprovado por aí. Tem aumentado o estado geral de saúde da população, devido ao abandono das bebidas alcoólicas, da cana, do alcool, se embriagando, passando noites e noites embriagados, inclusive a bebida afermentada que é o caxirí, tomadas em uma espécie de peça de NABUPURRI, uma espécie de peça que se dar pancada no peito para abrir, naquele rito de iniciação, isso nós temos presenciado. O estado de saúde melhorou sensivelmente e também pelo abandono do vício do fumo, abandonaram completamente em grande parte esse costume. A tribo Canamarí, na região do rio Juruá, Seringal Três Unidos, este Seringal tem um dono lá, que é o proprietário, e que manda nos índios, os índios moram dentro de suas propriedades. Esse é o grupo que a M.N.T.B trabalha, quer dizer, há outros grupos fora dali em outros rios que nós não estamos trabalhando e talvez também não esteja dentro dos seringais. Recentemente a missão concluiu a vacinação no grupo todo com o BCG, Já estão esperando o nosso relatório que o colega deve chegar daqui a uns dias daquela região e trará o relatório sobre essa vacinação. (Lê)... São temas que precisam ser resolvidos para que haja uma infra-estrutura capaz de melhorar as condições indígenas da tribo Canamarí. Isso está sendo feito, está sendo usado, porém

não está de certa forma surtindo efeito, o processo é lento, não pode ser transcorrido derrepente. As entidades que colabora com a Missão Novas Tribos do Brasil na área do Juruá/Canamarí, os medicamentos são fornecidos pela SUCAM e SESAU, em caso de emergência a missão ASE de socorro colabora no transporte de certos medicamentos, isto além da colaboração eficaz da FUNAI quanto a medicamentos e vacinação, tem sido notável. Vou saltar para a tribo Corina, Colina ou Culina, até hoje não sei, se alguém puder definir depois é bom, mas a gente está chamando de Tribo Corina, também esse grupo com o qual a M.N.T.B trabalha, está radicado no Seringal Penedo, possui o seu proprietário no rio Juruá, eles moram lá com o consentimento do dono do Seringal, mas o problema é da FUNAI. Problemas de saúde, medicina preventiva, recentemente a missão vacinou o grupo com o BCG anti-sarampo, através de vacinas fornecidas pela FUNAI, é quase que a mesma situação dos Canamarís. Os casos de hospitalização também são levados para Eirunepé ou para TARAUAÇA no Acre. Quanto a educação sanitária é a mesma situação dos Canamarís, de um modo geral os índios habitantes do rio Juruá estão em uma mesma situação, há muito a desejar, e estão sendo instruídos quanto a melhorar as suas condições sanitárias e também está sendo projetado material na língua deles e em português para o ensino da higiene. Medicamentos: a missão mantém um ambulatório tipo farmácia padrão para atendimento das doenças mais comuns, o fato inclui também a tuberculose. Quanto a infra-estrutura para melhoria, é a mesma dos Canamarís, sistema de construção de fossas, problemas de lixo, são mencionados porém, ainda requer uma ênfase maior para se poder criar uma infra-estrutura capaz de melhorar as condições de higiene nas aldeias Corinas. Temos aqui as entidades que cooperam com a Funai e com uma grande parcela de medicamentos fornecidos pela SUCAM, e em casos de emergência a Sociedade ASE DE SOCORRO, transportando os enfermos e também medicamentos. Vamos dar um salto agora para o rio Ituí, lá na fronteira com o Perú, aliás, saiu no jornal outro dia que os missionários do rio Ituí estavam escravizando os índios, um dos escravizadores está aqui presente que é o meu amigo Gerald, ele poderá dar algumas palavras a respeito disso, mas nós sabemos o Sr. General já nos tranquilizou a respeito das distorções,

que não as missões somente, mas até a FUNAI. Tribo Marubo, cabeceira do rio Ituí. (Lê)... Quanto ao caso de hospitalização, são encaminhados para Manaus ou Tabatinga, com o início de atendimento no hospital de Eirunepé que pretende também prestar auxílio ao posto, serão encaminhados para lá, aliás eu acho que está para entrar em funcionamento. Educação sanitária (Lê)... Recentemente houve um surto de sarampo por lá, então deslocamos uns colegas que foram atender o pessoal, contudo a infra-estrutura para melhoria operacional para melhorar as condições de higiene dos indígenas (Lê)... Bem, meus amigos, encerro por aqui o nosso relatório.

O SR. PRESIDENTE:- (Gen. Ismarth de Araújo)

Como presidente vou fazer debate, o debate vai ser feito no fim, mas a missão levantou aqui um problema, na minha ida à Câmara dos Vereadores, um deles apresentou essa denuncia, não só da escravização do índio das cabeceiras do rio Ituí como também de exploração de terras. Eu afirmei ao pessoal da Câmara que a FUNAI não tinha entrado naquela área e por isso desconhecia completamente esse problema, talvez fosse oportuno então ao término dos trabalhos de saúde a própria missão esclarecesse esse ponto que foi levantado na Câmara dos Vereadores.

RINALDO DE MATOS:- (Presidente da Mesa)

Então os cadernos, os lápis e as notas tomadas, nós damos prosseguimento aos trabalhos chamando a próxima missão para apresentar o seu relatório. Prelazia do Rio Negro com a palavra.

REPRESENTANTE DA PRELAZIA DO RIO NEGRO:- Pe. Carlos Galli

A prelaia do Rio Negro desde o início se preocupou com o problema de saúde. (Lê)... Aí está o panorama mais ou menos ligeiro das atividades da Prelazia do Rio Negro com relação a saúde.

RINALDO DE MATOS:- (Presidente da Mesa)

Vamos dar prosseguimento as leituras dos relatórios, aqui pela ordem de sequência, o próximo relatório está a cargo do Summer Institute of Linguistics.

REPRESENTANTE DO SUMMER INSTITUTE OF LINGUISTICS:-

As equipes estão trabalhando em 11 tribos da região (Lê)...

RINALDO DE MATOS:- (Presidente da Mesa)

A Mesa aprecia a maneira sucinta com que os relatórios estão sendo apresentados, e percebemos que vamos com isso ganhando tempo. A próxima missão a apresentar o seu relatório é a Prelazia de Roraima.

REPRESENTANTE DA PRELAZIA DE RORAIMA:- (Ir. Carlos Zacquinni)

Já que o relatório da Prelazia de Roraima não fora preparado em tempo, eu preparei um muito sucinto e quem quizer explicações maiores elas poderão ser dadas. (Lê) ... Acho que já foi feito muito mais do que aquilo que estavam pedindo.

RINALDO DE MATOS:- (Presidente da Mesa)

Com a palavra a Prelazia de Humaitá.

REPRESENTANTE DA PRELAZIA DE HUMAITÁ:- (D. Miguel D'Aversa)

A Prelazia de Humaitá, como disse ontem, não tem trabalho específico diretamente com os índios, é apenas 4 grupinhos e eles já estão entrosados com os brancos, de modo que aquilo que nós fazemos com respeito à saúde para os brancos, fazemos também para os índios. As entidades que atuam na área da Prelazia de Humaitá é antes de tudo a Prelazia que tem o hospital de Humaitá, e um ambulatório apenas por iniciar, depois trabalha a secretaria inaugurada este ano em Manicoré, uma nova entidade de saúde, trabalha o SESP seja em Humaitá como em Manicoré, trabalha o Serviço de Erradicação da Malária em Humaitá e em Manicoré. Meus amigos, sendo hoje o dia da "SAÚDE", penso em interpretar o sentimento de todos nós prestando a nossa homenagem a este jovem delicado, esforçado e que conhece o nosso interior palmo-a-palmo, a gente vê mesmo nesses igarapés escondidos encontra-se na porta o sinal da passagem deste jovem. Esse merece de fato o nosso elogio e se nós fizermos talvez a estatística certa do nosso interior nós devemos recorrer a ele. O hospital de Humaitá foi fundado em 1934 por um padre Uruguaio, padre e ao mesmo tempo médico, que veio à Humaitá abrir a missão depois de ter sido aberto a Prelazia de Porto Velho, ele permaneceu 30 anos, foi ele então que construiu esse hospital de Humaitá e hoje o padre José Maria Pinto ainda vive com 88 anos e ainda pensa em Humaitá, ele é considerado como 2º fundador da cidade. Em 1971 a Prelazia não tendo recur-

so para continuar com esse hospital fez então um convênio com a Secretaria de Saúde, e esse hospital depois de ter sido recuperado, ganhou médico, porque até então estava entregue nas mãos das irmãs e enfermeiras que faziam o que podiam, inclusive uma vez a amputação de um braço depois de feito por um irmão leigo, porque não havia jeito. A partir desse convenio as coisas melhoraram, nós temos ótimos médicos em Humaitá, temos remédios, temos também uma comunidade de irmãs Marcelina que fazem parte da comunidade do grande hospital de Itapuera de S. Paulo. Elas mesmas no ano passado fizeram concurso para atendentes, na ocasião em que o Sr. Governador por acaso apareceu em Humaitá, no momento em que se dava o diploma às primeiras moças que se formavam. A mesma secretaria no ano passado e este ano fez um convênio com o campo avançado que atua em Humaitá, que é de Bauru. No ano passado nós começamos a receber grupos de dentistas que se revezava mês por mês, e prestam um grande serviço à nossa cidade. Este ano começamos a receber também sendo pelo mesmo convenio, grupos de médicos que se revezam e durante as férias, uma irmã marcelina de S. Paulo que veio substituir essas lá de Humaitá, ele juntamente com o nosso diretor médico Dr. Raimundo, fizeram várias operações de hérnia, apendicite e tudo isso. A irmã com a prática que tem, doutora como ela é, deu por assim dizer, muita fama ao nosso hospital. O hospital de Humaitá pode ter 50 leitos, mas a gente atende até 80 doentes, porque há muito lugar para ficar os doentes. Os nossos missionários em viagens de desobriga sempre levam remédios e quando nós vamos pelo interior o que os índios pedem já sabe, primeira coisa é o remédio, segunda coisa é escola. Então os nossos padres quando viajam levam esses remédios que graças à Deus recebemos da Secretaria que fornece ao hospital e o hospital dá aos requerentes. Recebemos também remédios comprados pela ajuda que nos dá Missão Brasileira, recebemos várias vezes remédios que são fruto da campanha desses médicos que são 45 que trabalham no hospital entre as irmãs marcelinas de S. Paulo. Também recebemos várias vezes remessa de remédios que vêm da Itália. Esses 4 grupos de índios que nós temos, 3 deles podem ser atendidos no próprio lugar porque estão muito distantes de Humaitá, mas o grupo de Maísi pode ser atendido mesmo pelo hospital, e dois meses atrás a equipe

de Humaitá com médico, enfermeira e irmã, duas vezes visitaram essa aldeia de índios lá no Maisí por causa da gripe, eles apanham muita facilidade pelo contáto que têm com o branco. Os primeiros a serem vacinados foram os componentes da equipe, foi o médico, a enfermeira e a irmã, porque os índios nunca tinham sido vacinados e não sabiam o que era aquilo, então primeiro eles tiveram que se vacinar para provar que a vacina era uma coisa boa, e assim vacinaram os nossos índios. Geralmente esses índios não gostam de se internar no hospital. Já tivemos até casos de meninos que fugiram 3 vezes do hospital, o problema não é porque são maltratados, é a saudade ou qualquer coisa assim, mas o fato é que não gostam de ficar internados. No beiradão, nós chamamos de beiradão ao longo do rio, no beiradão também umas duas ou três vezes (por ano passa a corveta da Marinha, ela também atende a todos, caboclos e índios. Uma sugestão apenas que a Prelazia queria fazer para a FUNAI ou melhorar esse ambulatório iniciado que temos na Barreira do Guapiara que seria quase o centro para poder atender esses três grupos ou então uma lancha hospitalar, talvez seja muito mais fácil, porque podem atender aos índios e também aos outros que quem sabe antigamente eram índios também. Muito obrigado.

RINALDO DE MATOS:- (Presidente da Mesa)

A Mesa continua apreciando essa maneira sucinta com que os grupos apresentam os relatórios. Vamos aqui para a apresentação da última missão dos trabalhos no setor de saúde. Vamos ouvir a Prelazia de Itacoatiara.

REPRESENTANTE DA PRELAZIA DE ITACOATIARA:- (Pa. Justino)

Falo aqui em nome da Prelazia de Itacoatiara e também da Arquidiocese de Manaus. Nosso serviço de assistência ao índio na Arquidiocese de Manaus...(Lê)...

RINALDO DE MATOS:- (Presidente da Mesa)

Assim os relatos foram encerrados quanto a parte de saúde. acredito que todos estariam de acordo em que antes de entrarmos em debates nós tivéssemos o nosso período proposto de 15 minutos, e vamos ser religiosos quanto aos 15 minutos, vamos voltar daqui à 15 minutos para o prosseguimento dos trabalhos.

(PAUSA DE 15 MINUTOS)

RINALDO DE MATOS:- (Presidente da Mesa)

Antes de partirmos para os debates, aliás seria bom que os representantes das missões que apresentaram os relatórios continuassem aqui em seus lugares na frente, a fim de que pudessem com maior facilidade responder as perguntas, bem como aqueles que têm questões, permanecessem aqui mais na frente. O Sr. Presidente da Fundação Nacional do Índio quer dar umas palavras de esclarecimento.

O SR. PRESIDENTE:- (Gen. Ismarth de Araújo)

Nós já tínhamos afirmado que pela primeira vez a FUNAI entrou na área do Purus, e naquela área de Humaitá no rio Marmelo e Maisí. Passamos a ter um pequeno conhecimento daquela área, ainda sem profundidade, mas em face já deste pequeno conhecimento, só para informação do nosso ilustre bispo de Humaitá e a uma afirmativa que foi feita no Plenário, em termos de índio a FUNAI não pode se limitar a síntese que limita a divisão administrativa do Estado. De modo que já foi uma decisão tomada pela presidência durante a permanência aqui, que aquela área de Humaitá passasse a ser subordinada a 8ª Delegacia Regional de Porto Velho, então vamos contar com o atendimento da nossa equipe volante com base em Porto Velho para atender a área de Humaitá. Era o esclarecimento que tinha a fazer.

RINALDO DE MATOS:- (Presidente da Mesa)

Gostaria de ao mesmo tempo como participante do seminário uma vez que houve várias manifestações de satisfação por parte de muitos, por já termos em mãos o relatório da Fundação Nacional do Índio, com respeito a proposição e a planificação para Roraima, nós gostaríamos de saber do Sr. Presidente se as demais proposições estão prontas e poderiam ser entregues ao Plenário para que nós pudessemos ir procedendo também previamente os estudos destas proposições para os debates em grupos.

O SR. PRESIDENTE:- (Gen. Ismarth de Araújo)

Os demais relatórios estão sendo rodados e estamos fazendo o possível para se distribuir ainda hoje.

RINALDO DE MATOS:- (Presidente da Mesa)

Uma das participações mais efetiva, mais constante, mais

feliz neste seminário tem sido a participação do senhor representante da Secretaria de Saúde do Estado do Amazonas, ele não está no momento, parece, ele tem feito observações, sugestões realmente válidas e importantes que representam cooperação maciça para o trabalho de assistência aos índios aqui no Estado do Amazonas. Nós gostaríamos de dar a ele com a aquiescência do Plenário e a primazia, em vista de estarmos tratando de saúde, mas em virtude da primazia da palavra, em virtude da sua ausência no momento, aqui nós vamos proceder aos debates. Vamos partir para as presentes sugestões.

DOM MIGUEL ALAGNA:

Como nós estamos tratando da saúde, FUNAI-MISSÕES então nós queríamos prestar uma homenagem a um membro da FUNAI, ele se acha aqui, vai trabalhar aqui, e hoje que está sendo o dia da saúde, que ele diga duas palavras antes de nós iniciarmos os trabalhos, seria uma coisa muito boa.

O SR. PRESIDENTE:- (Gen. Ismarth de Araújo)

Em nome da FUNAI, agradeço essa referencia do Bispo Dom Miguel.

DR. MARCOS BARROS:

Isso tudo apresentado, se nós formos insistentes nos debates anteriores da FUNAI, verificaremos que temos muito mais coisas a debater. O 1º expositor que relatou o assunto de saúde na MEVA contribuiu bastante para que nós iniciássemos esta série de dúvidas. Em se tratando do "Dia Mundial de Saúde", e sendo o assunto saúde, seria interessante que nós conceituássemos o que é saúde, no ponto de vista da Organização Mundial de Saúde, infelizmente, pelo menos me pareceu ao assistir parte do simpósio, saúde não é dar remédios, saúde não viver sem doenças, saúde é uma coisa muito global, é o bem estar físico, psíquico e social do homem. Então sob esse ponto de vista, nós devemos embargar as nossas sugestões no inter-relacionamento entre FUNAI e Missões, no tocante a essa promoção global do homem, é obvio que isso está muito claro ao longo do processo de desenvolvimento cultural do homem e a questão economia corre muito paralelo com o problema de saúde, existe uma interrelação muito grande entre essas duas coisas, então nós corre

mos um grande risco e se não associarmos o problema de melhor cuidado como desenvolvimento ou com a saída do tubo de desenvolvimento dessas ' dessas populações indígenas, do ritmo ou do primitivismo econômico do meio onde estão, jamais se tornará saúde dentro da conceituação que nós demos. Quer dizer, saúde não é dar medicamentos. Esse mesmo expositor' colocou muito bem os gastos no tocante à saúde curativa, especificamente com grupos que habitam regiões tão longínquas, duas horas de avião' e especificava a gasolina, isso é mais uma prova que a medicina preven tiva deve estar a frente de tudo isso, evitar que essas pessoas adoeçam dentro dessa nssa conceituação de promoção global do homem, volto a re petir é o evasamento de todos os trabalhos. Quanto ao problema de vaci nação, não em específico para o caso da MEVA, mas num âmbito geral, uma coisa que nós devemos tomar consciência é do valor dessa vacinação e do valor da metodologia para essa vacinação. Índio ou qualquer outro' ser humano igual ao índio não é, jamais foi um repositório de vacina, ' não é assim que se vacina, não é bem o caso, mas serve para exemplifi car o que estou afirmando, chegam 10 mil vacinas de Sabin em Manaus, a Secretaria de Saúde como órgão competente diz: 5 mil vão ficar na cida de e 5 mil nós vamos distribuir aos índios. Dentro do que o padre Tiago com muita lucidez colocou no início deste simpósio, nós não devemos en tregar o bôlo feito ao índio, existe uma coisa muito moderna em termos de medicina comunitária chamada "programação participante", e mais ain da, dentro disso se o índio não tem condições de dizer que o risco de le adquirir doença pelo vírus da poli, nós devemos fazer um levantamen to em termos de metodologia, de pesquisa, todos os missionários fazem' isso, para ver se a vacinação vai ser útil a essa população. Volto a frisar, o índio não é um repositório de vacina, porque aumentou o esto que de vacina Sabin, que se vai vacinar a população Yanoama e a popula ção Tikuna com vacina contra Poli. Para ser mais objetivo, em todos es ses relatórios que nós ouvimos e que o objetivo da FUNAI se inteirar' no problema de saúde do índio, aí me parece que houve uma solução de continuidade importante, a coisa ficou um pouco paupável, porque nós ' não sentimos dados no caso. Nós não precisamos ser estaticistas ou mé dicos para em um simpósio deste, colocarmos de uma maneira numérica e

objetiva, o nosso problema de saúde. Então vejamos, eu não quero jogar uma missão contra a outra, quero apenas dizer e observar em termos que ajudou a equipe organizadora do simpósio e a equipe cúpula da FUNAI a sentir a problemática do índio foi a missão Catrimani. Eles têm um relatório, as outras podem ter também mas não disseram aqui, quer dizer eles têm um fichário dos doentes atendidos, das doenças diagnosticadas da faixa etária onde ocorre essas doenças, eu acredito que eles possam nos fornecer o seguinte: malária é um problema na região Catrimani porque de 3 mil índios, 350 foram acometidos por malária, então isso é um diagnóstico paupável e numérico de que realmente malária é um problema então eu tenho que utilizar um modo para combater esse problema paupável, porque todos nós sabemos que é paupável, não tenha dúvidas, não estou dizendo que não tenha malária em YAUARETÊ, mas se nós temos da do remédios, isso nos facilita mais, eu acredito que todas as missões têm, e não acredito que as missões dêem Aralém assim como se dá farinha estou vendo em termos paupáveis. Se nós pudermos ou se os srs. puderem fornecer para a FUNAI dados não especificamente estatísticos, mas numéricos para que o problema se materialize e com essa materialização do problema possamos enfrentar um outro. Mais um detalhe interessante, digamos que nas missões em que a MEVA atua, eles tem um microscópio, corrente e uma pessoa que conhece o agente causal da malária, então eles se especializaram ainda mais, digo assim porque aí vem um aspecto prático quanto a operação e fornecimento de medicamentos. Existe na área, três tipos principais de malária, causados por três agentes diferentes o vívax, o falcípalo e o malário. Infelizmente essa doença não é polivalente quanto ao tratamento. Uma medicação contra falcípalo não serve para o vívax e vice-versa, guardando certa relatividade, e contra partido a medicação que dou para o vívax ela vai curar o vívax, mas se a malária for por falcípalo esse doente não vai curar e vai falecer. Outra coisa que achei genial é o plano de vacinação feito em várias missões, na MEVA se não me engano, Novas Tribos do Brasil e Missão Batista, eles vacinaram contra tuberculose, eu perguntaria: existe atualmente, as coisas se modificaram, quando nós eramos crianças nós vacinávamos contra tuberculose através do BCG gotas, mas isso se comprovou que

o BCG por via oral é inativo a partir de 30 dias, o bacilo atenuado, a vacina não protegerá, então a vacina tem que ser feita intra-dérmico, e como brilhantemente a enfermeira da Secretaria de Saúde colocou, há de se fazer um teste intra-dérmico, com proteína pura para verificar se as pessoas reatoras e principalmente as não reatoras estão vacinadas. Em termos de imunização, existe um problema até certo ponto psicológico há pessoas que é vacinada com BCG intra-dérmico ou por via oral, correm maior risco de se infectar, tendo em vista um problema sério, ela não está vacinada, mas psicologicamente pensa que está, e se ela pensa que está vacinada, o risco de adoecer é maior porque ela se expõe mais, são todos esses detalhes que nós temos que, não são de natureza técnica mas a coisa não é tão simples. Se chegou vacinação em Manaus, vamos dar aos Tikunas, eles não são repositórios de vacinas. Uma coisa me deixou muito alegre foi no tocante a Summer Institute of Linguistics na Tribo Palmari, a expositora que veio aqui nos mostrou com dados que a medicina preventiva é o que necessita o nosso país nesse estágio histórico em que se encontra, e numa interpolação o nosso irmão brasileiro índio, eles fizeram um trabalho de medicina preventiva que não foi nada de excepcional, de fora de série, nada disso, mas eles mostraram em 10 anos que estavam na tribo nasceram 94 crianças e dessas 94 crianças, 77 vivem até hoje, quer dizer, morreram 17, isso é índice de Los Angeles, isso é índice de Londres essa mortalidade. Quer dizer nós estamos em um país equatorial, e a medicina preventiva tem o seu valor, muito mais valor do que as medidas da medicina curativa, quando a gente as vezes trata um doente, nós estamos nos tratando, tratando a nossa angustia do que realmente tratando um doente. O nosso pavor de ver uma pessoa com febre, trata muito mais a nossa angustia de dar remédio para aquela pessoa do que realmente tratar a pessoa mesmo, isso é relativo. Mas só para colocar o papel importantíssimo da medicina preventiva que eu acho deve ser a tônica de todo o projeto que saia dessa reunião e desse entendimento das missões e a FUNAI. Outra coisa que acho até certo ponto técnico, mas que tem algum valor, já que todos nós temos, somos capazes de se interiorizar, a tuberculose teve um avanço muito grande, atualmente, é também técnico isso, mas vou dizer rapidamente, a primeira linha de tuberculose é a linha de escolha não é mais STREPTOMICINA,

quer dizer, nós estamos 5 anos atrasados quando fazemos isso, uma injeção diária durante um a três meses dói muito, nós temos uma medicação muito mais efetiva atualmente produzida pela Central de Medicamentos,, que é dado por via oral é a RIFAMICINA que substituiu a ESTREPTOMICINA então estou vendo que com toda a boa vontade que existe nestes missionários, não está havendo na verdade aquele entrosamento que já foi dito várias vezes, entre os órgãos de ciência e as pessoas que vão a frente de trabalhos, seja pacificação ou seja no trabalho pesado em angulos através dos índios. Isso que resulta, continuam recebendo a injeção ' que é eficiente por enquanto, mas que traumatiza e que pode receber uma medicação gratuita e também muito mais eficaz. Então isso foi só para' configurar alguns aspectos que nós observamos, e um último aspecto é o seguinte: as pessoas na Prelazia do Rio Negro adoecem mesmo, porque pelo que nos foi dito aqui, eles fizeram 34 mil atendimentos e internaram 3 mil pessoas, isso quem estuda administração hospitalar observa que é um nível elevadíssimo, quer dizer, as pessoas que eles internaram estavam realmente doentes, e só internaram os que não podiam andar, os que precisavam de um tratamento efetivo, isso de uma maneira indireta que diagnostifica a situação de saúde na área liberada pela Prelazia do Rio Negro, então esse pessoal que mostrou para o índio as necessidades de atendimento hospitalar precisam muito mais de apoio nosso, que nós da' Secretaria de Saúde, ainda não demos o suficiente, como já falei aqui, dá remédios não é o ideal, mas sim um maior entendimento entre essas ' pessoas. Eu acredito que só o pastor que reportou uma coisa importante em termos de medicina preventiva, quando nós falamos em medicina nós não estamos falando em evitar, em adquirir doenças infecciosas, existe um distanciamento muito grande. O alcoolismo, o tabagismo, eu sou ' um alcoolatra social, um tabagista social, mas acho que é muito maléfico e nós devemos proibir não de uma maneira repressiva, é isso que eu quero colocar, e ele colocou muito bem, não é reprimir porque o mal psicológico é feito pela repressão talvez seja até maior do que o alcoolismo e o tabagismo, mas educar esses índios que nós estamos entrando em contáto para que não se tornem alcoolátras e tabagistas, porque' no índio o alcoolismo é muito pior do que no civilizado. Era o que tinha a dizer, em linhas gerais.

ANTROPÓLOGO:- (Alfredo Pacheco)

De início eu queria comentar essa última afirmação do colega Dr. Marcos, no que diz respeito ao que disse o pastor das Novas Tribos sobre o problema do alcoolismo e tabagismo, talvez o colega não tenha entendido bem, realmente é um absurdo se permitir a entrada de cachaça e bebidas alcoólicas de nossa civilização, de nossa sociedade em meios índios, porém me parece que havia desestímulo ao uso por exemplo do Caxirí, acho que isso é um absurdo, não só o Caxirí, o fumo que eles usam é um hábito, que faz parte da cultura desses índios, nós não podemos interferir, como no caso por exemplo, já houve uma vez um problema que ^{foi} publicado nos jornais que existe alguns índios no Maranhão que fumavam maconha, ou no caso dos índios Yanoamas que usam uma dessas drogas que inclusive não sei o que é, mas tudo isso, esses índios fazem uso disso é uso secular, é um uso que eles sempre tiveram, isso faz parte da sociedade deles, eles estão em estrutura social, para não deixar que desvirtue em vícios, não são vícios, o caxirí não é vício, a maconha entre os índios do Maranhão não é vício, o uso da coca entre os índios aqui do Amazonas também não é vício, então quando se fala em prevenção, não é de doença infecto-contagiosas, existe uma prevenção também de doenças psíquicas, de doenças sociais, quer dizer, a gente não pode encarar o problema de saúde de uma maneira presunçosa como a sociedade encara, nós estamos com a verdade e temos que levar essa verdade ao índio. Existem doenças que realmente eles não conhecem, essas doenças que nós levamos à eles e eles não têm capacidade de enfrentar, isso sim, nós devemos estar presentes para combater essas doenças, quando ainda na parte de educação sanitária, queria ressaltar um ponto muito importante, quando nós chegamos ao índio para dar conselhos, fazer palestras, vai na posição de defensores da verdade e nós de jeito algum vamos conseguir nada de útil, pois não conseguimos isso nem das pessoas de nossa sociedade, dos brasileiros, dos chamados civilizados, entre eles não conseguimos, então o importante seria inicialmente procurar saber que conceito o índio tem, o que ele pensa que seja doença, o que seja saúde, e o expositor da Prelazia do Rio Negro inclusive falou sobre o que pensa os Pagés a respeito de que é doenças e divide em

três partes. Essa exposição de doenças eu não posso entender em poucos minutos, mas importante é que se use de tempo, e isso para chegarmos a eles chegaremos através do conceito deles, que se estude isso para ver, em parte nós poderemos ser útil a esses índios, senão levar daqui conceitos nossos e com uma presunção muito grande tentar incutir à eles, eles podem não discutir mas também não vão aceitar, e o nosso trabalho vai ser completamente improdutivo. Quanto ao resto das observações são problemas de infra-estrutura e alguns dados que ficariam para os debates em grupos, e ver o que cada um pode fazer.

PROFESSOR ROBERTO CARDOSO DE OLIVEIRA:

Gostaria de complementar o que os médicos que me antecederam nessa disposição sobre o conceito de medicina, que diz como atender a esse problema, e não se reduz apenas ao que nós poderíamos chamar de certos tipos de doenças concebível em nossa sociedade. Hoje há um esforço muito grande junto ao governo de tentar entender como é diferente a assistência dos indígenas brasileiros. O IBGE e a FINEP acabam de financiar uma pesquisa que está sendo divulgada pelo jornal do Rio de Janeiro, Universidade de Brasília, feita por antropólogos, é sobre o estudo de doenças e sobre a forma de poder chegar as diferentes regiões do Brasil, sem levantarem diante deles preconceitos a respeito do índio. Isso é o problema principal que cria uma linguagem que permite um contato muito mais efetivo com aquelas populações. Então acho fundamental se ter em conta que mesmo na nossa sociedade existe o problema de se estabelecer uma linguagem comum para atender o doente. Agora no que se refere ao problema dos índios, o problema aumenta, agrava muito mais, a distancia cultura é muito maior, então as Missões e também a FUNAI e as diferentes secretarias dos governos estaduais, tem que levar em conta essas necessidades de não impor, essa é a nossa concepção. De modo que isso me leva a fazer esse comentário adicional no que falou o missionário das Novas Tribos a respeito da sua situação no rio Ituí, se não me engano na sua tentativa de impedir o alcoolismo e o tabagismo nas populações dos Canamarís do rio Içana. Tenho a impressão que em outras áreas também ocorre mais ou menos a mesma coisa. Com as melhores intenções nós sabemos que as missões tentam impedir certas doenças,

mas aí nesse caso não se trata apenas de entrar em uma área indígena com vícios, já ficou constatado que não se deve conceber isso como vício. O caxirí, tem um papel fundamental e no caso de impedir que os índios tomem essa bebida, estão tentando impedir o ritual religioso' do grupo, e que deve ser respeitado, como os missionários querem que se respeite as suas religiões. Acho isso muito importante e que deve' ser considerado antes de tudo.

O SR. RINALDO DE MATTOS (PRESIDENTE DA MESA)

Uma pequena participação, gostaria de dar um esclarecimento a respeito do relatório, se não me engano, em fevereiro de 1972, por ocasião da reunião das missões religiosas com o CONSELHO INDIGENISTA, no Rio de Janeiro, nós notávamos naquela época que os relatórios que recebíamos da FUNAI, para o preenchimento trimestral, que mandávamos em cada 3 meses, não estavam levando à própria Funai, os dados necessários para providenciar as remessas de medicamentos, etc. Ali, nós tínhamos que colocar o nome do paciente, a idade e a quantidade de remédios etc. A Fundação, receberia aquela lista muito grande de nomes de pacientes e também a de quantidade de comprimidos distribuídos. Para a Funai, fazer um levantamento, teria que ter uma pessoa especializada, para contar aqueles pacientes e ver a proporção deles com o número de índios da tribo para depois então saber a situação. Nós sugerimos que os relatórios fossem reformulados, reestruturados de uma tal forma que o missionário anotasse apenas a incidência das doenças, tratando' tantos casos de tuberculose numa tribo de tantos índios. Assim a redação caberia logo a condição real, infelizmente eu não posso fazer por vários motivos, mas esses relatórios não foram formulados e não continuamos preenchendo os relatórios como eram antigamente. Uma decisão' muito feliz tomada pela FUNAI, foi a descentralização dessas atividades, nós recebemos ordens para enviarmos esses relatórios às DR, de modo que tivessem em mãos os relatórios das atividades dos missionários e pudessem saber de pronto os resultados. Nós estamos sabendo, e eu creio Sr. Presidente, que isso deveria ser corrigido se de fato algumas delegacias estão recebendo relatórios como vêm e mandando para Brasília, nesse caso não haveria a descentralização necessária. Mas, de'

conformidade com a providencia tomada pela própria FUNAI, as delegacias, têm em mãos todos os relatórios e todos os trabalhos de todos os missionários, nesses relatórios podem ser observadas as necessidades numericas e tomada as providencias necessárias, a minha outra participação como representante da M.N.T.B. que sou, por isso eu devo dar essa pequena parte, quanto ao problema do abandono da bebida alcoolica e do fumo pelos indios BANUVS do rio Içana. Creio que esse assunto ' estaria dentro do outro assunto que seria socio-cultural. A influencia das missões religiosas no meio das tribos indígenas brasileiras. Eu acho que a unica solução do problema seria, pessoal especializado visitar a área e perguntar ao indio que abandonou o alcool se ele abandonou por imposição do missionário ou se foi voluntariamente, só isso ' resolveria o problema, no sentido de tomar consciencia do problema. Acho que aqui não adiantaria nós discutirmos a filosofia, mas perguntar ao próprio indio o que o levou a tomar aquela decisão. Essa é a minha participação a respeito desses dois assuntos.

ENFERMEIRA DA FUNAI (Srta. Sebastiana)

Com referencia aos relatórios que acabam de ser comentados pela presidencia da Mesa, a divisão de saúde da Funai, quer prestar um esclarecimento; que nossos modelos já foram elaborados a um ano mais ' ou menos e foram encaminhados as DR. com a recomendação que fossem re metidos às missões e eu acredito que isso esteja contornando porque na divisão de saúde, já se esteve recebendo relatórios, já em modelos novos, isso já vem há quase um ano, talvez a missão N.T.B., não tenha ' recebido, mas eu tenho na Secretaria, aqui em número suficiente e podemos distribuir dentro de alguns minutos todos esses modelos de relatórios para aqueles que não têm.

PRELAZIA DO RIO NEGRO:

A prelazia do Rio Negro, nunca recebeu esse relatório e também nunca mandamos. Nós temos seis hospitais e dois ambulatórios e se tivéssemos recebido, com prazer teríamos enviado. Eu tenho aqui por acaso uma conta de todos os relatórios que mandamos para a Legião Brasileira, para se saber o número dos trabalhos que se tem feito nos vários hospitais. Aproveito a ocasião para dizer que quando o índio aca

ba de se tratar aqui é jogado para a missão e lá não recebe nenhum auxílio, da FUNAI. Portanto, acho que nós devemos acabar um pouco com toda essa prosopopéia e fazermos reunir todos, unidos Missões, Furunral, Previdência Social, sempre paguei desde 1938 a Previdência Social e nunca recebi um benefício, são tratados todos em nossos hospitais, mas aqui é difícil, é tanta coisa, precisa caderneta disso e daquilo, a pessoa volta, não onde se hospedar aqui a não ser que a prelazia faça uma casa especial aqui e mande essa turma vir de lá para cá, precisa gastar mais do que aqui ser atendido. Portanto são problemas muito grave, nós temos muita gente com problemas graves, mas precisamos resolver o caso dos índios. Ou nos unimos todos, ou os hospitais estarão a disposição. Acabei de entregar ao Estado, o hospital de S. Gabriel, porque nós recebíamos uma miséria, um hospital atualmente está gastando CR\$ 150.000,00 (cento e cinquenta mil cruzeiros), no caso logo entraram o pessoal desse hospital com CR\$ 36.000,00 (trinta e seis mil cruzeiros) e não sei o que mais. Para nós não dava, será que nós não sabemos trabalhar? Há seis anos venho pedindo médicos para aquela região, agora está indo médico, mas se nós tivéssemos médico consciencioso que visitassem as nossas missões e fizessem uma medicina preventiva, muitas coisas se evitaria, muitas doenças se evitaria. Não adianta nós conversarmos aqui juntos, e os médicos ficarem aqui, não visitam e não estudam o problema, é necessário estudar o problema logo, porque nós evitaremos muita coisa. Parece que não existe avoadores em Maturacá, o helicóptero não vai lá, mas finalmente veio o RADAM, e eu estive lá agora, na nossa aldeia tem 420 índios, 70 famílias, cada família tem 6 filhos. Por que está assim? Porque estão mandando remédios, todos são fortes, são gordos. Mas estamos fazendo uma espécie de medicina preventiva. Será que indo um médico e estudando durante uma semana a doença daquela população, não melhoraria cem por cento. Portanto acho que nessa reunião Sr. Presidente, nós devemos tomar outro caminho é necessário colocar para todas as missões ou uma equipe de médicos que estude e depois formando enfermeiros ou coisas semelhantes para que se trabalhe juntos, se gasta menos e se produz mais, precisamos de uma união, de um esforço. Portanto, ou nós trabalhamos como irmãos para o benefício

do índio que é brasileira, de verdade, unidos então nós temos todos esses missionários à disposição para trabalhar, quem quer trabalhar vem bem animados ou senão continuaremos nessa luta nos matando uns aos outros, não podendo atender bem, separados, gastando cada vez mais, mais do que saúde. Portanto neste seminário, nesta reunião agora, gostaria que estudassem esses problemas de saúde, aqui tem bastante jovens que estão nos acessando, que estudassem, que todas as tribos se unissem, para que nós pudessemos atender o nosso índio, a fim de que ele não fique abandonado, porque ele é brasileiro e quer se valorizar, e somos daqui quem devemos valorizá-los. Muito obrigado.

DR. MARCOS BARROS:

Eu na verdade me confesso infeliz em abordar o tema alcoolismo, porque é um tema vasto que eu ignor, e que é muito usado na questão antropológica, mas eu queria de um ponto de vista meu. Primeiramente concordo com tudo que foi dito pelo colega Guimarães e pelo professor Oliveira, a minha intenção quanto ao alcoolismo, era uma interrelação do alcoolismo que entra, não é o alcoolismo cultural, aquelas bebidas alcoólicas que os índios preparam, eu estava me reportando ao alcoolismo como o agente externo a ser introduzido na tribo, assim como a gonorréia foi introduzida através da Perimetral Norte, na Tribo Catrimani. Eu me reporto ao alcoolismo como elemento destrutivo, desintegrante desta civilização, o mal vindo de fora, não o alcoolismo que foi criado pelo índio, e que mantém e assegura o traço cultura através dos tempos, isso aí foge da minha capacidade analítica em termos de antropologia. Discordo do pastor da M.N.T.B, quando diz que o problema do alcoolismo é sócio-cultural, que vai de encontro à definição da Organização Mundial de Saúde, isso é um problema social e é um problema médico também. Respondendo ao Bispo do Rio Negro, acho o seguinte: existem padres, e padre, existem médicos e médico. Existem padres que são missionários e se interiorizam e passam trinta, cinquenta anos da sua vida no interior da Amazonia lutando para melhoria das condições sócio-econômicas. Médicos, de modo geral, espiritual, como existem pastor e pastores, aqueles que saem das suas terras e vêm para a Amazônia, nessa luta violenta durante a vida toda, assim dessa maneira existem médicos e médico, existe o médico metropolitano e o

médico que quer se interiorizar, então é o problema que também merece muita discussão, nem todo médico é missionário que quer entrar e interiorizar.

PE. TIAGO BOETS:

Cada vez mais estou sentindo a necessidade de se insistir naquela idéia de se catalizar esses índios de uma coordenação eficiente e permanente aqui na cidade. Primeiro, o próprio Governo Federal sentiu a necessidade de se propagar a idéia ou a filosofia do desenvolvimento de comunidades, já fazem quatro anos a própria FUNAI, se não me falha a memória, tem dentro de sua filosofia ou de suas idéias, também essa preocupação de divulgar as idéias do desenvolvimento de comunidade. Ao lado disso a maioria das igrejas, tanto católicas como as não católicas, de uma outra maneira também estão se preocupando para adotar esta filosofia de desenvolvimento de comunidade, embora com modos diferentes, a descentralização, maior autonomia das pequenas comunidades, relações de lideranças, etc. Agora o que mais me preocupou esta tarde foi justamente, primeiro uma maior aproximação entre as instituições a nível regional, uma aproximação permanente, um trabalho em conjunto, uma coordenação permanente aqui em Manaus, entre as diversas instituições a nível governamental a ao nível particular e essas entre si também, justamente para evitar desperdício de tempo e tudo mais, um dos objetivos seria intensificar a informação mútua das instituições entre si, troca de idéias, das preocupações particulares de cada instituição, mas ao lado disso está ficando cada vez mais evidente, que essa coordenação permanente regional deveria ser constituída de especialistas, porque está se sentindo uma certa aproximação entre a medicina e a antropologia, não sei se tem psicólogos aqui ou pedagogos, ou sociólogos, para não falar ainda de economistas, porque na área também precisamos dele. Então a esta coordenação deveria também ter essa característica, além de ser representativa, em termos de instituições, ser representativa em termos de ciência. Essa coordenação ao meu ver, teria duas outras funções, como por exemplo, se sentiu a problemática como preencher fichas, estatísticas, não sei o que. Ao nível regional seria uma coordenação técnica ao mesmo tempo que desse orientação ao campo onde se está executando, aí se dividiria a coisa em

coordenação regional e instituição local, essa coordenação regional teria a meu ver a preocupação de intensificar os contatos locais entre as diversas instituições e oferecer treinamento ao pessoal local. Gostaria de entrar num completo debate com o bispo do Rio Negro, a mesma preocupação se houve também no meio da população em termos de igreja, eu creio que isto é válido tanto na igreja católica como para a igreja protestante, é de que a população quer ter um padre no seu meio, ou pastor que saiba pregar bem, que saiba fazer o culto, que saiba celebrar missa. Ora, não é possível atender a todos esses pedidos, agora podemos fazer duas coisas diante da escassez de mão de obra, concordo também com o Dr. Marcos, quando ele fala que tem padres e padre, tal, quer dizer o idealismo está ao contrário de tudo, mas o grupo é escasso então nós temos que remar com os remos que temos a nossa disposição, não podemos ficar assim de braços cruzados esperando que venha o médico caído do céu, ou o padre, ou aquele pastor formado em nível superior. É uma atitude, mas a outra, pelo menos para esta que já estamos partindo em termos de igreja, justamente de não esperar as DEPSCHERLISES 80 e sim começar com 8, dedicar bastante tempo a formação e ao treinamento do pessoal, valorizando os cursos locais em termos de medicina, em termos de educação, em termos de religião, conferindo certas atribuições a lideranças locais, assim o diálogo pessoal, local ao invés de esperar que alguém venha da capital para dar essa ajuda. Não sei se deu para entender bem a idéia, juntamente com esse contexto todo, gostaria de deixar uma sugestão um pouco maliciosa, creio que nós já estamos bastante amadurecidos para partir para esse tipo de debate. Gostaria de ouvir também senão hoje, mas talvez amanhã, alguns depoimentos dos expositores a respeito de suas experiências em termos de uma compatibilização e entendimento entre as diversas missões que trabalham na mesma área geográfica, claro que não nos compete julgar o passado com as idéias novas de hoje, de modo que gostaria de ouvir um pouquinho, se já está havendo maior aproximação com as diversas missões que trabalham na mesma área e então eu gostaria de envolver o quadro do pessoal técnico da FUNAI, ou o pessoal de saúde, como é que os srs., se sentem quando são abordados pela M.N.T.B depois por outros grupos quando se trata da mesma área geográfica. O srs. nunca pensaram; que tal se esse

pessoal se entendessem lá... Deixo aqui a sugestão, não sei se dá para a gente abrir esse debate.

PE.ANTONIO IASI:

É a primeira vez que me apresento aqui, sou o padre Iasi do CIMI, creio que a dinâmica se dividiu um pouquinho porque está aqui o expositor aguardando que nós façamos perguntas a ele, segundo a dinâmica, e até agora não foi feita nenhuma. Eu vim aqui formular algumas por escrito para ser breve. A primeira pergunta é ao expositor da Prelazia do Rio Negro. (Lê)...

DOM MIGUEL ALAGNA:

Vou dar uma resposta direta no que diz respeito a afirmativa do Dr.Bioca, também o Dr.Conte esteve lá e deu esse parecer: vocês vivendo nesta zona, estão todos dóctos, e fez os testes especiais e no fim fez com os missionários, irmãs, alunos, internos, externos e ex-alunos, foi uma pesquisa completa e disse: vocês são mais normais do que eu. Digo isso para que compreendam a pergunta que me foi feita. O Dr.Bioca chegou em Jauaretê numa época triste em que infelizmente havia muitos casos de tuberculose, era um estado crucial mesmo, em que se achavam aqueles indígenas, famílias inteiras desapareciam, então ele preocupado com essa problemática e vendo em Jauaretê um número tão grande de alunos internos e externos, alunas também, não havendo naquele tempo nenhuma escolinha por fora, então ele achou que essa aproximação era prejudicial, pelo contrário respondo, não sei, não sou médico portanto só dou uma resposta de convivência, digo porém que logo ao se descobrir os primeiros sinais, índices de tuberculose em aluno ou aluna, era imediatamente separado e tratado, os demais se usava os meios preventivos da época. Estávamos em 1955, época em que as coisas eram muito diferentes, portanto a seguir a alimentação nos internatos tem melhorado, os tratamentos continuos dado aos casos que apareciam, fez com que esse estado realmente diminuisse essa apreensão. Manifestou-se no ano passado e em 1973 a mesma apreensão em Parí-Cachoeira, aí atendia o padre Antonio Scollaro diretor atual de Jauaretê, naquela época responsável por Parí-Cachoeira, dizer ao público o que ele fez, sobre este assunto.

PE.ANTONIO SCOLLARO:

Primeiro quero dizer que Bioca tinha uma certa razão, por

que se os meninos ficam longe do próprio povoado e não se juntam na escola, tem menos contaminação. Então nesse sentido é verdade. Agora se tem tomado todas as providencias, antes que eu chegasse no Brasil, pois cheguei em 1962, sei que cada ano vinha uma comissão de médicos do Rio de Janeiro, com radioscopia, examinando os meninos, sei que em Parí-Cachoeira no primeiro ano encontraram cinco atingidos, deram o remédio e depois vieram examinar outra vez, deram novamente o remédio, esses três ainda estão vivos, estão fortes, um foi o mecânico da missão o outro é um homem pai de família que se chama João Mesquita, da povoação de Parí-Cachoeira, também é um bom motorista. Quanto ao caso de 1973, aconteceu que principalmente na povoação chamada Boca da Estrada, quase todas as famílias desapareceram, só existem três famílias e todas tem sempre esse caso de tuberculose, também a irmã Dina, médica polonesa, se preocupou com o caso e fizemos muitas provas, mais de 800 provas tuberculinas, depois ela procurou que remédio se poderia dar a tantos casos que apareciam assim com uma extensão muito grande. Depois ficamos com dúvida sobre o valor desta prova, porque a prova diz que esses foram contaminados de tuberculose, mas não diz se de verdade tem a tuberculose em si. Começamos um tratamento sobre supra-parasita, não tinha outro que pudessemos ter mas também foi uma coisa que não continuou. É a única coisa que posso dizer.

PE. ANTONIO IASI:

Eu creio que está respondida a pergunta e eu faria uma outra agora ao expositor da Missão Novas Tribos do Brasil. (Lê)...

REPRESENTANTE DA MISSÃO NOVAS TRIBOS DO BRASIL:

Acho que realmente declarei naqueles relatórios e mencionei que a população evangélica abandonou o alcoolismo, é um fato constatado, não é imposição da missão, é uma aceitação voluntária devido a ação missionária a que a missão propôs realizar ali. Então, mencionando a questão que escolhemos, era um problema que existia ali e como foi mencionado o caxiri, que era tomado nas festas, tendo sido deixado também, é a destilação do alcool da cana, colocando apenas uma chapa fria para recolher o alcool cru. Até o 4º Pelotão de Fronteira do Exército Nacional, baixou uma lei seca, incluindo a cidade de S. Gabriel da Cachoeira, naque

la altura tivemos a participação na ação da lei seca, que partiu de uma autoridade, baseada num acontecimento e nos casos esporádicos de bebedeiras que causavam brigas, etc. Aliás nesse sentido também é que a própria política da FUNAI, estimula e proíbe, já tivemos orientação direta nesse sentido para que fossemos auxiliares da FUNAI no sentido de que evitassemos a entrada nessas áreas de bebidas alcoólicas. Fizemos isso na medida do possível, fora a própria opção daqueles índios em deixar até o seu próprio caxiri.

O SR. PRESIDENTE:- (Gen. Ismarth de Araújo)

A maioria dos problemas que nós temos em áreas indígenas, resultam no ingresso de bebidas alcoólicas nessas comunidades. Nós mantemos intransigentemente o fator de cultura das comunidades, inclusive o problema que surgiu no Maranhão, os índios usavam maconha, a FUNAI defendeu o uso da maconha nesse padrão de cultura daquela comunidade indígena. De modo que o que queremos evitar é a introdução de bebidas alcoólicas em comunidades indígenas, não aquelas bebidas que são padrão de cultura de diversas comunidades.

REPRESENTANTE DA MISSÃO NOVAS TRIBOS DO BRASIL:

Eu mencionei no relatório uma festa denominada ZAPUPURI, onde os índios batucavam ao som dos tambores durante a noite, e se embriagavam principalmente com o caxiri. Então esse ZAPUPURI em boa parte foi abandonado, juntamente com aquela cerimonia da iniciação em que o rapaz abria o peito e recebia varadas, coisas que o índio hoje diz: "olha como eu era ignorante naquele tempo", e mostram aquelas marcas grandes como se fossem facadas ou tivessem sido atingidos por grandes facões no peito, eram cicatrizes produzidas por aquelas varadas.

PE. ANTONIO IASI:

O senhor parece que já insinuou o desequilíbrio da cultura e não propriamente como a cultura se equilibrou em consequência dessas perdas.

REPRESENTANTE DA MISSÃO NOVAS TRIBOS DO BRASIL:

Exato, então o equilíbrio aqui já entrariamos no programa sócio-cultural religioso, não foi exatamente a substituição daquelas reuniões e das suas festas, para conferencias, reuniões religiosas, atividades

des esportivas, e tem reuniões quase que diárias para o aspecto religioso. Então eu acredito que aquelas atividades foram substituídas proveitosamente por causa da opção que eles fizeram.

PE. ANTONIO IASI:

Agradeço a resposta e faço uma pergunta a expositora do ' Institute of Linguistics. (Lê)...

REPRESENTANTE DO SUMMER INSTITUTE OF LINGUISTICS:

Nós estamos aprendendo a língua desses índios, fazendo pesquisas linguísticas e ajudando de qualquer maneira os índios. Os SAMARIS não fazem bebidas alcoólicas e nós ficamos fora desse assunto, só damos conselhos para evitar o uso dessas bebidas. Os Palmaris, quanto a saúde eles acham que existe a semente que dá a doença e dá os sintomas, mesmo com os novos costumes, o Pagé tira a semente, mas de tem também remédios tribais que usam, então quando nós entramos com os remédios que são mais eficazes para o tratamento, eles recebem os remédios ou então quando querem os Pagés tratam da maneira deles. Nós ficamos ajudando quando eles querem, quando eles não vêm, nós ficamos lá esperando.

PE. ANTONIO IASI:

Agradeço a resposta. Agora uma pergunta ao expositor da ' MEVA. (Lê)...

REPRESENTANTE DA MEVA:

Acho que não disse que a missão não verba, o que eu disse é que a missão não verba para atender seis mil índios em Yanoama. Seria bom explicar também que a Missão é um agrupamento de missionários, e que cada missionário sem subsídios governamental, pelo menos só de entidades filantrópicas, tenta operar na medida do possível. A situação é a seguinte: um grupo Yanoama de seis mil, sem ninguém fazendo nada, então a missão entra e nós fazemos aquilo que está ao nosso alcance, com o que nós conseguimos de igrejas, de entidades filantrópicas e até parentes e amigos. Então nós fazemos na medida do possível, só que há uma limitação, chega a um ponto em que nós não podemos cada mês mandar um índio para Boa Vista. Aliás um outro problema que foi levantado é o seguinte: as vezes o índio vem para Boa Vista, para a cidade, vai para o hospital, é curado, e uma vez que ele é curado é entregue novamente na porta da mis

são para a gente mandá-los de volta, pagando os mil e tantos de gasolina, para o vôo de volta. Nós operamos na medida do possível com toda a boa vontade, mas é evidente que se a própria secretaria diz que em certos casos simplesmente não podem atender, ainda mais a missão que é simplesmente filantrópica e embora dispondo do pessoal e boa vontade, não pode fazer milagres com seis mil Yanoamas, que está na nossa área de contáto. Pergunto se é satisfatória a resposta ?

PE.ANTONIO IASE:

Muito obrigado. Agora uma pergunta, ou várias ao Sr. Presidente da FUNAI, general Ismarth. (Lê)...

O SR.PRESIDENTE:- (Gen.Ismarth de Araújo)

No momento, não há nenhum plano para região Tikuna, mas há dois anos veio ser feito um convênio entre a FUNAI e Cruz Vermelha Internacional, mas era para operar na área da Amazônia, esse convênio com a Cruz Vermelha Internacional não quis permanecer o resto do ano na área e não surtiu aquele efeito que esperavamos. Parece que a Cruz Vermelha Internacional, quer retornar novamente em atuação na área da Amazônia, ainda não há nenhum equacionamento da validade ou não da participação da Cruz Vermelha Internacional, de modo que não ainda uma definição quanto a sua participação ou não, e consequentemente da Cruz Vermelha Brasileira, nessa área da Amazônia. Agora se a Cruz Vermelha Brasileira contratou algum elemento, é atribuição dela, a FUNAI não pode intervir num órgão estranho.

PE.ANTONIO IASI:

Eu penso que a FUNAI não pode, mas deve intervir com esses elementos que vão entrar em contáto com os indígenas.

O SR.PRESIDENTE:- (Gen.Ismarth de Araújo)

Eu não sei das conveniencias ou inconveniencias desses elementos.

PE.ANTONIO IASI:

É mas, dado que fique provado a FUNAI teria a obrigação de impedir. Muito obrigado.

PE.ANTONIO RASERA:

Primeiramente uma palavra de louvor a idéia do padre Tiago, em fazer o painel aqui de todo mundo, que está dando mais sentido a

tudo isso, quer dizer, que nessas reuniões aquilo que a base nos trás, tem seus efeitos, aliás como também a apresentação dos relatórios, dos anti-projetos que está sendo de muito agrado pelo modo como está sendo distribuído. Um pequeno esclarecimento ao Dr. Marcos, essa falta sentida que ele apresentou de quadros estatísticos, de fato é muito importante. Naturalmente, que por ser o primeiro simpósio aqui no Amazonas, e com a exiguidade de tempo de preparação, não só em última hora, eu até poderia ler ao Dr. Marcos o que apareceu no relatório sobre a saúde, foi simplesmente isso: (Lê)... Nós lamentamos, inclusive a culpa não dele, não é de ninguém, será para futuras reuniões uma experiência válida. Ainda um outro esclarecimento que acho oportuno para o Dr. Marcos é o seguinte: 'aquela estatística apresentada de não sei quantos mil internamentos, tenho a impressão que nós não podemos entender a palavra internamento' no sentido técnico, médico, porque acho que em internamento nem todos tem esse sentido, como essas populações aí pelo interior, num momento de doenças e que vêm para sede, nem sempre eles podem ficar hospedados na casa dos outros que estão por ali por perto, então eles têm que ser internados no hospital, então ali precisa tomar uma certa relatividade para se apresentar. Sobre a tese médica antropológica, vamos dizer assim, a respeito do problema da saúde dos indígenas, acho que deve ser um pouquinho mais aprofundada, esclarecida e debatida, porque é um tema muito importante. Com relação ao pastor, na exposição dele, na hora em que ele falou sobre Seringais, ele disse: "o problema não é nosso", é da FUNAI, todos os problemas que afetam os índios, tem que ser nosso, vamos encaminhar para os órgãos competentes darem solução. Se isso estiver no relatório, essa declaração feita pelo expositor, seria bom tirar.

ANTROPÓLOGO DA FUNAI:

Estou sentindo certa confusão referente ao estado de saúde no alto Rio Negro, temos a disposição do missionário que nos explicou que tem seis hospitais, dois postos de saúde, dois ambulatórios que tem tratado mais de trinta casos, e tem mais de três mil internados. Do outro lado, o nosso ilustre Bispo nos explica que tudo isso é feito com apenas CR\$ 60.000,00 (sessenta mil cruzeiros) por ano, essa verba vem do Funpural e da Legião Brasileira de Assistência, também nos explicou as

dificuldades de um bom atendimento de saúde na área, a falta de pessoal, falta de equipamento. Estou sentindo umas certas divergências entre a impressão do padre Carlos, vou fazer uma observação e espero que os salesianos aceitem em boa parte. A ordem dos salesianos segundo nos foi informado, é uma fraternidade educativa, tenho sentido isso muito claramente em minhas investigações na área, viajando pelos povoados mais distantes encontro escolas, capelas, teto de zinco, todos os meninos falam português, é uma obra admirável, mas muitas vezes poucos ou nenhum são vacinados contra as doenças mais comuns. Espero que a partir desta reunião possamos combinar para resolver esse tipo de deficiência. É realmente com esse espírito que estou fazendo essa observação, acho que no assunto de saúde é uma deficiência no trabalho dos salesianos. Achô que nem sempre foi por falta de recursos, porque como vimos ontem nas idéias positivas, as instalações são esplendidas, e também a missão tem muitos anos na área, qualquer missionário aqui explicará com muita boa vontade que ele tem muitos anos na área, mas não foi aproveitada a oportunidade de se realizar campanhas efetivas de saúde preventiva, de imunização, o índice atual de tuberculose e o acontecimento quando houve surto de sarampo, no fim do ano passado e começo deste ano foi uma amostra, houve índios que ainda não estavam vacinados, a vacinação foi feita na hora do surto, quando deveria ter sido feita muito antes.

O "SR. RINALDO DE MATOS:- (Presidente da Mesa)

Gostaria de fazer pela ordem, a palavra estaria com o Dr. Irineu, médico da FUNAI. Pediria licença para fazer um pequeno esclarecimento no que diz respeito a recursos das missões, recursos financeiros para serem aplicados nos trabalhos assistenciais das tribos indígenas. Em nossa ultima minuta de convênio que nós apresentamos a FUNAI, cuja a firmação nós estamos ainda aguardando, ali nós apresentamos a sugestão de oferecermos a FUNAI os missionários como o elemento humano que trabalha, que ficariam na área dispostos a executar os serviços propostos. E os programas seriam os que a FUNAI vem elaborando, os recursos seriam conjugados, da FUNAI e das Missões Religiosas, no caso do nosso convênio, da M.N.T.B. Acredito que não trazer aqui exemplos dos Xerentes, porque isso seria muito partidarismo meu, mas tenho uma experiência dessa natureza, lá em as professoras são da própria missão, são duas moças que

atuam com os índios Xerentesm elas atuam como professoras da missão Cori na escola e no programa da FUNAI, prestando relatórios mensalmente a 10a. DR. De modo que o material escolar vem da FUNAI, a merenda escolar vem da FUNAI, e nessa conjugação de esforços, de recursos, de um lado da missão com o elemento humano e do outro lado a FUNAI. Com a programação e com os recursos financeiros, os prédios são da FUNAI, a escola padrão, com essa conjugação de esforços nós acreditamos que podemos alcançar muito melhor o nosso objetivo de assistir o índio brasileiro. De modo que onde falta recursos das missões, o missionário está pronto para trabalhar dentro de uma programação estabelecida pela FUNAI, acredito que o objetivo será alcançado. Esse é o pequeno esclarecimento que consta na minuta do nosso convênio, que nós gostaríamos muito que os responsáveis pela FUNAI estudassem para ver se há validade de colocar esse tipo de trabalho em execução.

O SR. PRESIDENTE:- (Gen. Ismarth de Araújo)

Exatamente, é essa a idéia que nós vamos debater nos grupos de trabalho, será a tônica de conjugação de esforços entre FUNAI e Missões Religiosas.

DR. IRINEU:- (Médico da FUNAI)

Quero confirmar o que foi dito pelo Dr. Petter, que é um antropólogo que conhece muito bem o alto Rio Negro e será coordenador do projeto que talvez será lançado para aquela região. Como nós notamos a região é muito grande, é imensa e existem certas peculiaridades que deverão ser levadas em consideração. Vou fazer aqui um retrospecto da região do Rio Negro, em comparação com outras regiões onde atuam direntes missões. Nós notamos que existem missões que possuem infra-estruturas que permitem a realização de um projeto de saúde para aquela região, o que está faltando apenas seria a colocação de pessoal técnico e aproveitamento de recursos também de outras entidades que atuam na mesma região, para que a problemática com relação a saúde daquela região seja solucionada. Em outras áreas notamos a presença de elementos que estão capacitados para fazer uma boa programação com relação a saúde, mas que não contam com recursos, ou infra-estruturas e meios de locomoção, para que possam solucionar, procurar amenizar os problemas de interesse de

saúde. Por isso nesse seminário a FUNAI procurou saber das missões que atuam nesta imensa região os seus recursos com relação a saúde, e fazer uma conjugação de esforços, como disse o Sr. Presidente, para que esse problema de saúde seja resolvido, através de projetos setoriais que estariam subordinados àquele setor e com direção e resolução naquele próprio setor, impedindo assim que muita coisa fosse perdendo burocraticamente em vários setores, até chegar aquelas condições. Esse é o pensamento da FUNAI, com relação a esse levantamento de recursos de todas as entidades que atuam nessa região. Tenho aqui ainda com referencia a tuberculose que foi sentida em toda a região. Existe a divisão nacional de tuberculose que é o órgão específico para atuar com relação a essa doença, então a FUNAI, está juntamente com a divisão nacional de tuberculose organizando programas para atuação nesta área e também impedindo que certos absurdos ocorram com relação ao tratamento dessa doença.

PE. EGYDIO SCHWADE:

Queria apenas chamar atenção ao problema dos índios não assistidos nem pela FUNAI, nem pelas missões, considerando então a FUNAI, como única responsável pelos índios no país, eu estranhei um pouco a sua visita aqui na Amazônia, ela não tem procurado visitar os meios, antes de mais nada, procurando essas populações totalmente desassistidas e abandonas, e tenha também nos seus projetos com prioridade vistas a essas populações. A propósito não é talvez a respeito desse assunto aqui, mais radical ainda, trata-se da sobrevivência de um grupo. Eu queria ler um telegrama que chegou ontem à noite em minhas mãos e que foi criada o CIMI. (Lê)... Gostaria de saber também da FUNAI, se já tem tomado providencias a respeito desse assunto ?

O SR. PRESIDENTE:- (Gen. Ismarth de Auaújo)

Nós já confessamos aqui que esta área da Amazônia, em grande parte ela é desconhecida para a própria FUNAI, ainda não foi distribuido o relatório da área do Purus, mas essa foi uma área em que nós entramos pela 1ª. vez, após o Purus tem a área de Humaitá, esse relatório deve ser distribuido ainda hoje. Mas é evidente que a FUNAI não pode conhecer ainda em profundidade todas essas áreas, vai existir a continuidade desses conhecimentos, não só no Amazonas, o Acre é outra região que

a FUNAI desconhece, e nós teremos que passar a conhecer. Por essa razão inclusive, nós credenciamos elementos do próprio Conselho Indigenista Missionário, para nos ajudar nesse trabalho, o próprio padre Egydio tem uma credenciação da FUNAI para entrar em qualquer área indígena, o padre Iasi também. Nós abrimos as portas, nós queremos tomar conhecimentos, sem esse conhecimento nenhuma providencia poderá ser tomada, essa colaboração que nós queremos de diferentes órgãos, e de diferentes entidades. Essa notícia que o padre Egydio está trazendo, está chegando agora ao nosso conhecimento por intermédio dele, publicamente, inclusive poderia ter sido dado antes, ao invés de aqui no Plenário.

PE. ANTONIO RASERA:

A minha intervenção, com relação a sugestão dada pelo antropólogo Petter, apresentou sem dúvida uma proposição que esperamos de fato que ela tenha continuidade e meios que possam ajudar nesse setor. Discordo um pouco do médico que diz, que ele tem um profundo conhecimento da realidade, porque ele está a apenas alguns meses lá, e uma vez conversou com o prelado. Tenho uma sugestão, não sei, acho que os antropólogos visitam essas missões em que os missionários estão lá a mais de 50 anos, acho que seria uma ética muito proveitosa, e que tivessem também contato com os responsáveis, já que a FUNAI autoriza esse nosso trabalho lá. Acontece que se ele não tivesse tido esse contato bastante intenso, ele teria percebido que a grandiosidade dos prédios, da atuação do setor escolar, não é devido simplesmente a nossa atuação como educadores, já que a nossa especificidade na nossa vida religiosa e missionária, mas quando missionários nós deixamos um pouco essa especificidade e nos dedicamos totalmente ao bem do índio. Naturalmente ele teria então percebido que os diversos Ministérios que ajudaram a construir aquelas grandiosidade, canalizaram justamente no setor escolar, e se for à hospitais hoje em dia, é porque a própria organização, a congregação salesiana, aliás (o relator de ontem se limitou apenas a junta governamental), isso seria uma falha porque inclusive nós recebemos, e o nosso centro no exterior, nós somos uma organização de 74 países do mundo e 40 e poucos mil salesianos, e irmãs, há uma ajuda muita intensa, não só na formação de todos esses quase 40 mil missionários que estão lá, mas

também com contribuição monetária para o atendimento decente o mais possível. O que faltou foi justamente a Secretaria de Saúde, ir ao Ministério, no caso da saúde entrar com os recursos necessários para isso, ' nós fizemos aquilo que estava ao nosso alcance. Sempre lá esteve um médico, um salesiano padre, que estava agora aqui em Manaus pois está doente, que foi substituído por uma médica, irmã que não teve remuneração ' nenhuma e com as enfermeiras em cada posto. Com 40 mil habitantes que ' existem por lá, não sei se dá para 7 pessoas, e a verba que temos, atender tudo isso. Mas a sua contribuição foi válida, vem reafirmar a posição que eu digo nesse momento.

O SR. RINALDO DE MATOS:--(Presidente da Mesa)

Nós apresentaremos aqui um aviso da SUFRAMA, que eles precisam utilizar este auditório das 18:00 hs. às 20:00 hs., então teremos que desocupar o auditório nesse horário.

REPRESENTANTE DA PRELAZIA DE PORTO VELHO:

Sr. Presidente, vim aqui trazer um caso, justamente porque aqui se falou que os salesianos as vezes não fazem aquilo que deveriam fazer. Eu quero deixar bem claro, de que não quero acusa ninguém, mas esse caso serve para modificar um pouquinho alguma ordem já dada. (Lê)... Nós temos agora uma equipe de irmãs, formadas como enfermeiras, elas estão fazendo um trabalho de vacinação e nós em Porto Velho tratamos os índios como na Prelazia de Humaitá, até agora nós não dispomos de pessoas para exclusivamente cuidar dos índios, quando chegamos, se não me engano em Ouro Preto, eles estavam atendendo a população e queriam automaticamente tratar dos índios, foram barrados e não puderam entrar no posto. Então aqueles índios ficaram sem a vacina contra gripe, um caso semelhante aconteceu com o Dr. Roberto de Guajará Mirí, aconteceu com os índios dessa Prelazia, também no Território de Rondonia, e o padre que era um dos melhores médicos de Rondonia, queria atender num desses postos e não pode entrar. Então pergunta-se, se a ordem aparentemente dada aos chefes de postos não devem ser reformuladas, para evitar tais absurdos. ou que haja então uma facilidade de alcançar pela própria Delegacia Regional, no caso, em Porto Velho, sem grandes formalidades, nem verbas, a licença de pessoas categorizadas a agir no meio dos índios.

O SR. PRESIDENTE:- (Gen. Ismarth de Araújo)

A pergunta foi bem oportuna. Essa proibição dada pela FUNAI, foi de um modo geral porque está havendo um ingresso indiscriminado em áreas indígenas, inclusive gente que usava em fins comerciais as áreas indígenas, sem os cuidados da vacinação preventiva e transmitindo doenças de civilizados aos índios. Então a FUNAI propôs essa política, acho que as missões também não devem permitir em sua área, a entrada de elementos que ali não estejam devidamente autorizados, inclusive para não perturbar os trabalhos que ali estejam sendo realizados. Por isso, não é só com relação a FUNAI, mas com relação as próprias missões religiosas. Evidentemente se o problema for trazido à FUNAI, as autorizações serão dadas, para pesquisas, para estudo, seja lá qual for a validade, a FUNAI nunca negou autorização, inclusive no aspecto saúde, que para nós é importante. Qualquer um não pode entrar abertamente em qualquer área indígena, senão isso pode prejudicar inclusive o trabalho na própria comunidade.

REPRESENTANTE DA M.N.T.B:- (Sr. Gerald)

Eu só queria falar um minuto, porque sei que o assunto não é a respeito de saúde, mas foi mencionado aqui pelo expositor Paulo Carrenho, sobre a escravização dos índios Marubos no rio Ituí. Cheguei à cidade de Eirunepé, e alguém falou sobre o artigo, até agora não conheço esses pormenores, mas no rio Ituí os índios trabalham para o pessoal da missão, nós não obrigamos ninguém a trabalhar para nós, apenas oferecemos emprego e eles querendo vêm trabalhar. Há pouco tempo nós queríamos construir uma casa para uma família, então os índios estavam fazendo plantação de roça, nós esperamos até que eles terminassem o trabalho e ficasse pronto para depois dentro da cultura deles mesmo, eu fui pessoalmente convidar os trabalhadores, já tinha feito negócio com eles para pagar o salário mínimo da região. Realmente lá no rio Ituí, nós estamos pagando mais do que os outros madeireiros estão pagando aos trabalhadores deles. Os índios estavam mesmo querendo trabalhar para nós, eles trabalhavam dois, três dias, então pediam licença e informavam que iam caçar. O Comandante da Guarnição de Tabatinga, tem feito expedições até Lábrea, tem visitado o nosso trabalho, tem visto tudo, no dia 22 do mês

passado o antropólogo Júlio César, estava lá também, morando numa aldeia bem perto de nós, acho que ele é conhecedor de tudo. Acredito na liberdade da imprensa, acho que não devemos impedir a liberdade da imprensa, por outro lado creio na responsabilidade dela também, eles devem investigar certas coisas antes de imprimir, porque é esse o conhecimento que o povo de Manaus está tendo a respeito do nosso grupo, acho melhor eles irem até o rio Ituí e verificar que essa situação que estão divulgando não é verdade. Muito obrigado.

O SR. RINALDO DE MATOS:- (Presidente da Mesa)

Gostaria de informar que o sr. Gerald não está trabalhando com os Marubos, conforme foi divulgado, ele é professor de linguística e leciona também noções de antropologia, para os alunos em nossa escola missionária, de modo que ele é um missionário e conhecedor também de antropologia e linguística.

DR. MARCOS BARROS:

Quero fazer algumas colocações bem rápidas, devido a exiguidade do tempo. Quanto ao problema de tuberculose, como o Dr. Irineu falou, deve sofrer a supervisão da Divisão Nacional de Tuberculose, mas é especificamente quando há o tratamento sob a sua orientação. O índio tem um problema social, é o que está acontecendo com a lepra, com a total revisão no que diz respeito ao aspecto social do doente ou doença infecciosa, ele não deve ser isolado do habitat dele, da família dele, isso traz repercussões sociais terríveis, porque o regresso dele na sociedade é uma coisa extremamente difícil, então se construirmos uma casa para o índio fora, e ele passar um ano de tratamento lá, não é correto no ponto de vista científico, nem no ponto de vista social, isso é só uma orientação, mesmo porque está comprovado cientificamente que a medicação tuberculositática, se não houver caso de resistencia bacteriana específica, os indivíduos portadores de tuberculose deixam de ser transmissor do bacilo no período de 15 dias, então eles já podem entrar em contato com as demais pessoas, para evitar o problema preconceitual de retorno ao meio ambiente deles. O grupo indígena, pela sua ingenuidade, se presta muito bem para pesquisas médicas como cobaias. Eu quero alertar a presidência da FUNAI, a cúpula em si, e todo pesquisador em termos de

medicina que for ingressar em indígena, ele tem que justificar muito bem o que ele vai fazer com a população indígena, e quais os bens que essa pesquisa atual trará para a população em termos vindouro. Nisso a gente tem muitas experiencias negativas em termos de Brasil, que se repercute mal, inclusive em termos internacional. Muito obrigado.

PE. JUSTINO MAC INNIS:

Pergunta-se, se alguma pesquisa ou visita foi feita no rio Jatapú, rio Alalaú, Camanaú e Jauaperí, a respeito de saúde, pela equipe de saúde enviada pela FUNAI ?

D. IRINEU:- (Médico da FUNAI)

Só queria um esclarecimento, é pesquisa ou visita da equipe médica ? No rio Jatapú, a FUNAI não tinha posto, mas devido ao número pequeno de índios, que agora são três, a infra-estrutura de um posto para três índios, tornava um pouco com dificuldade, então a FUNAI mantém agora um elemento lá, com relação a esses três índios. No rio Camanaú, a FUNAI possui um posto e essa equipe médica da la. DR já visitou várias vezes o posto, fez vacinação e inclusive entre os Walmirís-Atroarís.

O SR. FRANCISCO MONT'ALVERN:- (Delegado da FUNAI)

É só um esclarecimento, não sei se é do conhecimento do padre Justino que aquela área dos Walmirís-Atroarís, é uma área bastante arredia e requer bastante cuidado. Deve ter conhecimento que houve um massacre há pouco tempo, em novembro com o sertanista Gilberto e essas tribos são bastantes arredias. Então a FUNAI suspendeu todos os seus serviços naquela área e está agora com o sertanista Apoena Meireles e outros sertanistas, tentando justamente a pacificação daqueles índios. É impossível fazer agora visitas nessa área. Era só o que eu queria dizer.

O SR. PRESIDENTE:- (Gen. Ismarth de Araújo)

Está sendo distribuido, e acho que todo mundo já recebeu a nota oficial que a FUNAI distribuiu à imprensa, a respeito dos trabalhos de hoje.

O SR. RINALDO DE MATOS:- (Presidente da Mesa)

Damos por encerrado os trabalhos de hoje e amanhã às 8:00hs voltaremos para a continuação dos relatórios e debates.

MRL.16, p. 161/311

MINISTÉRIO DO INTERIOR
FUNDAÇÃO NACIONAL DO ÍNDIO - FUNAI

Dia 8/4/75

" II SEMINÁRIO - FUNAI - MISSÕES RELIGIOSAS - AMAZÔNIA LEGAL "

(Em 8-4-75 às 8:00 hs)

O SR. PRESIDENTE: (GENERAL ISMARTHA DE ARAÚJO)

Vamos reiniciar os nossos trabalhos no dia de hoje. Inicialmente eu desejo comunicar a presença em plenário, dos representantes das prelaças de Lábrea e Parintins, que não tiveram oportunidade de participarem de nossos trabalhos. Para sessão de educação prevista no dia de hoje, também se faz presente o Professor Lima, assessor da Secretaria de Educação no território de Roraima. Eu convido o professor Roberto Cardoso, para presidir os trabalhos desta reunião. Mas, em torno do assunto acho que seria interessante dar a palavra aos nossos companheiros da Prelazia de Lábrea e de Parintins, para que em rápidas palavras pudessem dar ao plenário, sem relatório formal, o que eles estão realizando naqueles dois campos que nós discutimos e que são economia e desenvolvimento, a saúde.

PADRE ANTONIO IASI:

S^{ra}. Presidente, ainda ontem saiu mais uma declaração do Ministro, nós não vamos dar muito valor a essas declarações, porque nós sabemos que V.Exa. mesmo já teve oportunidade de desmentir logo no início dessa questão do atual Ministro do Interior. E esperamos que também tenha a oportunidade de ratificar as afirmações do Ministro, ou confirmá-las. O que está na manchete impressionou não a nós, mas a opinião pública, e a propósito disso eu queria sugerir algumas sugestões!(Lê)....

O SR. PRESIDENTE:

Tenho feito declarações em plenário, dizendo que a Funai, não distingue missões católicas de missões não católicas, inclusive eu faço questão de dizer que o Presidente da Funai, não tem religião, ele tem que encarar igualmente todas as missões que trabalham com os nossos índios. O que interessa é que o trabalho que essa missão, seja ela que tipo for, vem realizando em benefício das comunidades indígenas. Evidentemente que a tônica do Estatuto, com relação as missões religiosas, as emendas estão sendo propostas, seja em termos de, seja em termos de direito de auxílio, estarão sempre subordinadas a política indigenista do governo brasileiro e as normas da Funai. A Funai, sempre adotou uma política de não dis

cutir jornal, as críticas que tem sofrido, por intermédio do jornal, a Funai, sistematicamente não vai discutir. Essa é uma política que o órgão adotou, não conduz a resultado algum. Mas com relação a essas áreas visitadas no Estado do Amazonas, quem ler a reportagem publicada em "A Crítica", do dia 28, poderá verificar que essa foi uma declaração oficial da presidência da Funai, com relação ao trabalho das missões religiosas. Essa foi a entrevista que a presidência da Funai deu oficialmente. O resto tem sido reportagens de jornalistas. Mas, é oportuno inclusive neste momento ser ressaltado o seguinte! O que eu sinto é que a preocupação é do CIMI, em criticar a Funai, não sinto essa preocupação nas missões religiosas que trabalham com os índios, essas missões são preocupadas exclusivamente com o trabalho em relação as comunidades, não em termos de política como o CIMI, está tratando o problema. Quando assumi a presidência da Funai, procurei aplinar as arestas, convidei o padre Vicente César, para conjugar esforços, abri as portas da Funai ao CIMI, e o que eu tenho sentido é que essas correspondências da Funai, não estão encontrando eco no CIMI, de modo que eu acho que agora é o momento do CIMI, definir a sua política. Ou quer colaborar com a FUNAI, cooperar com o trabalho do índio, ou então passa para o outro lado e trabalharemos somente com as missões religiosas. (PALMAS). Críticas não construtivas, jamais conduzem a resultado algum.

PADRE EGYDIO SCHWADE:

Quero esclarecer que se a Funai, de fato segue a política do Estatuto do Índio, ela verificara que sobretudo as críticas mais fortes do CIMI, nos últimos dias, sobretudo nesses últimos meses, tem sido em favor da Funai. Trata-se por exemplo em favor do Estatuto do Índio, a menos que exista duas políticas como falava o Padre Iasi. Nesse caso eu refiro-me a requerência, a atração dos índios Waimiris-Atroaris, na qual nós pedíamos insistentemente que a Funai, colaborasse no sentido de que a estrada parasse porque seria uma coisa que viria em favor da política da Funai e caso não parasse que a Funai se retirasse das atrações...

O SR. PRESIDENTE:

Padre Egydio, esse trabalho já sofreu uma paralisação, mas, evidentemente parece que o CIMI, quer entrar no campo da política do Governo Federal, quer impor ao Governo Federal, uma política que nem a própria Fu

naí pode impor isso. Dentro daquele entrosamento que tivemos com o SEXTO BATALHÃO DE ENGENHARIA, houve uma paralização para permitir ao sertanista Apoena Meireles, reajustar toda a infra-estrutura da frente e iniciar os trabalhos. Praticamente só agora, mais de três meses depois é que os trabalhos vão ser reiniciados na estrada. Houve essa paralização, fruto de um entrosamento. Mas, a paralização dos trabalhos da estrada é uma política do Governo Federal, nem a Funai, nem ninguém tem esse direito de intervir, a não ser o próprio Governo.

PADRE EGYDIO SCHWADE:

Uma segunda posição, que o CIMI, tomou foi frente ao caso dos índios *Knem-AKORE*, transferidos do rio Peixoto de Azevedo, para o Parque Nacional do Xingú, e a posição do CIMI, novamente foi clara e aliás, foi mais ampla no caso, porque foi referente as anunciadas reformas do Estatuto do Índio, preconizadas pelo Ministro do Interior e na oportunidade nós aludimos o caso dos índios *Knem-AKORE*, que foram transferidos para o Parque Nacional do Xingú, por uma simples portaria do Presidente da Funai, ao invés de referir-se ao Estatuto do Índio, que manda ! que só se transfira uma população, ou só se pode transferir uma população indígena, apenas mediante um Decreto Presidencial .

O SR. PRESIDENTE:

Exatamente, eu já avisei que essa decisão de transferência tinha sido decidida antes da saída do Estatuto do Índio, mas mesmo não fosse, o Presidente da Funai, é responsável pelos seus atos perante o Presidente da República, era uma população que não podia ficar naquela situação existente na BR 80, a não ser que essa comunidade fosse extinta, como ela já foi extinta pela metade, só pelo simples contáto com os trabalhadores da estrada. Então tratava-se de uma preservação de uma comunidade indígena em que sentiu uma remoção imediata, contrariando ou não o Estatuto. De acordo com a interpretação que for dada o Presidente da Funai, é o unico responsável perante o Presidente da República, e essa ainda não se pronunciou a respeito, mas, o responsável sou eu. Mas, está de pé minha indagação! O CIMI, quer ou não quer trabalhar de braços dados com a Funai? ... Eu preciso ter uma orientação daqui para frente,

O SERTANISTA APOENA MEIRELES:

Sr. Presidente, meus nobres colegas, aqui presentes, quando V.

Exa. assumiu a presidência da Funai, foi proposta na época, não só a mim como ao Orlando ao Claudio, e às missões e à antropologas e antropólogos, que nós nos unissemos em torno de um trabalho visando a assistência aos nossos índios. O convite foi aceito pelos Villas Boas, por mim, pelos antropólogos de modo geral, aqui representados na pessoa do Professor Roberto Cardoso, e outros mais aqui presentes, assim como também às missões. E aqui estamos visando congregar esforços no sentido de apresentarmos ao Governo brasileiro, um plano em conjunto Funai/Missões, no sentido de se prestar uma maior assistência efetiva aos nossos índios. Estranhamos sinceramente as críticas irônicas e descabidas que estão sendo feitas aqui pelo CIMI, o que me parece está procurando tumultuar e desvirtuar o verdadeiro sentido deste simpósio, para isso foram feitas críticas a mim quando eu estava no mato, deixando de me defender em relação ao método de atração adotado pelos Waimiris-Atroaris. Agora eu pergunto! Qual a experiência de campo que possui o CIMI, para criticar uma frente de trabalho, uma frente de atração? Baseado em que? Quais os contatos feitos pelo CIMI? Resta então sabermos a que objetivos está propondo o conselho indigenista missionário? Que haja uma mudança na presidência da Funai? E que volte a ocupar esse cargo um Presidente como o que antecedeu ao General Ismarth? Que proibia definitivamente o diálogo com ele e nós éramos obrigados na época a recorrer a imprensa, para nos fazermos entender. O que está desejando realmente o CIMI? Esta pergunta eu gostaria que fosse respondida. É o momento de congregarmos esforços num objetivo unico, caso o CIMI, não queira aceitar as propostas da Funai, para colaborar com a Funai, que se declare oficialmente contrário a Funai, e então vamos partir para uma luta aberta, franca, leal e verdadeira. E não como o CIMI, vem se comportando aqui e como se comportou anteriormente. Então eu estou aqui e queria saber do padre Egydio, quais são as críticas que ele faz ao método de atração dos Waimiris-Atroaris, porque não sabemos adotar atitudes piegas em relação ao índio, porque se nós viemos e estamos lá na estrada é porque aceitamos o convite para não deixar aqueles índios abandonados. É muito bonito se falar "o índio vai defender a sua terra de arcos e flechas, mas nós sabemos o nosso potencial de destruição que poderá ser utilizado contra o índio, caso não estejaria a Funai fazendo um trabalho pa

cífico e tentando evitar que a estrada fosse um problema sério e destrutível daquela comunidade indígena Waimiris-Atroaris. É o que eu tinha a falar. Muito obrigado.

DOM MILTON CORREA:

Sr. Presidente, eu peço a palavra, visando não prolongar a discussão mais encaminhar os trabalhos desse seminário. Inicialmente eu quero dizer que com relação a essas denúncias de V. Exa. feitas contra as missões católicas, não se trata de contrariar a política do Governo brasileiro, porque o governo pela Constituição, dá ao cidadão direito de defesa, de tal maneira que se trata de um direito humano, de um direito constitucional, defender-se das acusações. E é o que nós esperávamos deste seminário, que a Funai, dicesse claramente para as missões religiosas quais são esses abusos que era para haver o diálogo. E até agora não nos foi permitido haver o diálogo, apenas essa troca, quase isso nós podemos dizer com a veemência como se está fazendo. Entretanto, usando deste clima de liberdade que V. Exa. está dando ao seminário, estamos sentindo realmente isso. Eu desejo dizer a V. Exa. que o CIMI, não é órgão oficial da C. N.B.B., mas é órgão oficioso da CNBB, é um órgão oficioso de assessoria às missões. De tal maneira, que na hora em que o CIMI, for afastado dos entendimentos com a FUNAI, consequentemente as missões católicas, estarão afastadas também, inclusive a CNBB. Nós viemos justamente a este encontro, para procurar entendimentos, porque não é possível que nós sejamos acusados e não possamos nos defender. E realmente nos causa muita estranheza, isso nos magoa muito que sejam atribuídas acusações a V. Exa., e não sejam defendidas. V. Exa. diz que a Funai, nunca se defendeu, entretanto, quando V. Exa. estava falando, estava sendo distribuído aqui um termo de defesa da Funai, contra declarações do padre Egydio. De tal modo que V. Exa. traria um clima de muita aproximação entre missões religiosas, especialmente missões católicas se retirasse a responsabilidade de declarações feitas contra as missões religiosas em geral. Isso deixa uma suspeita muito grande, um mistério ~~inexistente~~ inexplicável que trás esse clima de desentrosamento. Entretanto, como eu disse, eu desejo apenas que os trabalhos continuem e que esse diálogo, que aliás não foi diálogo, que esta acusação recíproca deixe em V. Exa. e em nós o desejo maior de uma

aproximação, de um diálogo franco, não assim em plenário, porque realmente esse diálogo deve ser mais nos grupos de trabalho. Entretanto, eu acho que foi muito oportuno isso, porque não é possível que fique apenas em pequenos grupos o que é público. E eu acredito que esta sinceridade com que agora estamos falando está demonstrando o nosso desejo não de dividir, mas de cooperar, porque não é possível a cooperação quando não há franquesa e quando não há liberdade de se dizer o que estamos dizendo. Muito obrigado.

O SR. PRESIDENTE!

Eu agradeço a intervenção do nosso Arcebispo, e eu quero deixar aqui, afirmar aqui, que eu não fiz nenhuma acusação às missões católicas eu torno a afirmar a única declaração oficial do presidente, foi publicada em "A Crítica", do dia 28 de março. Agora, eu quero dizer o seguinte, o CIMI, sempre, desde que assumi a presidência da Funai, sempre recebeu as maiores considerações da parte da presidência da Funai, coisas que chegavam ao nosso conhecimento com respeito as missões católicas, eu chamava o padre Vicente César em meu gabinete e dizia, olha, chegou isso ao nosso conhecimento, entregava ao CIMI, para resolver, tal era a prova de confiança. Eu poderia ir para o jornal, jamais fiz isso. Eu posso afirmar a Funai, a presidência da Funai, ^{jamais} deu nota a imprensa sobre qualquer coisa referente as missões católicas que o CIMI coordena ou assessora. Mas, uma entrevista publicada em Brasília, no dia 1 de março, ali um ataque violento por parte do CIMI, da Funai, eu chamei o Padre Vicente César, e disse, não sei qual é a política do CIMI, a Funai está querendo congregar esforços, entretanto está sendo criticada, qual a razão dessas críticas? O Padre Vicente César não soube me explicar. Se o CIMI, critica a Funai, nos dá todo o direito também de fazermos críticas ao CIMI e também às Missões Religiosas que trabalham. Isso eu deixei claramente expresso ao Padre Vicente César, não é interesse da Funai, dividir e sim de congregar esforços. Mas, não tem cabimento a Funai receber críticas, de um lado e não se defender. Então, esse direito eu tenho, porque aí se trata da defesa de um órgão do qual eu sou presidente. Então, críticas só por criticar, não tem cabimento. Essa colaboração pode ser feita sem ser pela imprensa, porque não procurar o Presidente da Funai, do modo como eu fiz de procurar

o padre Vicente César, Presidente do CIMI, e comunicar aquilo que eu achava que estava errado. Aquela comunicação ontem do Padre Egydio, por exemplo, poderia ter sido transmitida ao presidente da Funai, ao invés de ser transmitida ao plenário, uma informação vaga, num seringal sem dados precisos, que eu não sei nem onde localizar, esse seringal no Estado do Amazonas. Houve aprofundamento do CIMI, nesse aspecto antes de trazer o problema ao Presidente? Estou procurando localizar onde fica esse seringal, de maneira que eu acho, que não é modo de trabalho essas críticas pelos jornais. A crítica é o contáto, é o diálogo, nós temos erros e e reconhecemos que temos, queremos acertar, para isso foi dada a credenciação a elementos do CIMI, para entrar em qualquer área indígena da Funai, que nunca nenhum presidente da Funai, fez isso. Acho que eu fiz um voto de confiança ao CIMI, ele entra em qualquer área indígena da Funai, mas precisamos ter uma correspondência, há um limite para tudo. De modo que é o momento de acertarmos os ponteiros e não prolongarmos mais essa discussão porque não vai trazer resultado nenhum, que pelo contrário vai prejudicar o bom andamento do seminário.

PADRE EGYDIO SCHWADE!

Acho que era bom respondermos a presidencia, as perguntas diretamente feitas pelo Apoena Meirelles. Quanto a primeira, eu queria dizer ao Apoena, que nós estamos de fato defendendo aquelas afirmações que o Sr. mesmo fez à imprensa, como por exemplo, no jornal "A opinião", de 7 de janeiro, 1975, em que diz o seguinte! (citando as palavras do Apoena Meireles) Lê... Então, eu perguntaria ao Plenário se isso é política indigenista ou é política do branco? Em segundo lugar, quanto ao CIMI, as pessoas que integram o CIMI, são praticamente todas, menos uma, todos eles têm uma larga folha de trabalho no campo direto e praticamente todos no momento ainda continuam atuando no campo concreto e a convite da Funai, a última pacificação feita por esse órgão, ao que consta foi feita por um membro do CIMI, e que em outra oportunidade se negou a fazer uma atração de índios exatamente pelos mesmos motivos pelos quais nós pedimos que a Funai, deixe de fazer a pacificação dos Waimiris-Atroaris, porque me parece que o órgão de proteção aos índios não deveria se comprometer com uma ação que é contra ao índio, é só isso. Eu queria ainda citar os demais membros do

CIMI, um deles é o Padre Thomás Lisboa, que trabalha no norte de Mato Grosso, entre diversos grupos indígenas e que também está trabalhando na atração dos índios a convite da Funai etc. E a tal ponto estão engajados com a causa indígena, que sobre três deles paira a ameaça de morte por parte de fazendeiros invasores das terras indígenas.

PROFESSOR ROBERTO CARDOSO:

Eu gostaria de assumir a Presidencia agora e vamos tentar reiniciar os trabalhos. Eu pediria ao sertanista que não desse a palavra, por que vai prolongar a discussão e dificultará os andamentos dos trabalhos. Gostaria de dizer ao Padre Egydio, a respeito da manifestação do sertanista Apoená, falando sobre a responsabilidade de atração, a medida que há a atração do índio, resulta sempre na entrada da sociedade nacional, aí é uma coisa. Ele realmente colocou um problema que não existiu e podemos, nós da Funai, que é abrangida por um problema de conjuntura, vamos proteger a população para que ela não desapareça na força das águas. Evidentemente que fazendo isso, já que nós sabemos também que elas estão ameaçadas ao desaparecimento as vezes por meios muito sutis, mais para isso existe um processo especial para minimizar as consequências do contato com a sociedade nacional. Então, eu tenho impressão que trata-se de questões que não são de fácil solução e para tentar equacioná-lo é que a Funai, missões e os antropólogos e sertanistas também, tentam congregar esforços para minimizar o contato maléfico com a sociedade nacional. O contato existe e todos nós assumindo tarefas diversas tentamos minimizar os aspectos negativos do contato, nós sabemos que isto não está sendo o ideal, mas é uma política indigenista e política é arte. Dentro disso tudo acho que nós devemos encarar inclusive o nosso esforços, evitando também que certas críticas sejam levadas a extremos e claro que não só as missões podem ser criticadas em suas atividades, como a Funai também pode. Várias gestões da Funai, no passado mereceram críticas por causa disso, então o objetivo da crítica é algo muito importante que todos nós devemos fazer e em termos de auto-crítica. Também, num seminário deste é oportunidade de nós partirmos para posições realistas, pois sabemos que nenhum de nós é portador de verdades, mas apenas de disposição de enfrentar situações concretas e que ameaçam a posição das populações indígenas. Então, eu gostaria que nós pudessemos ini-

ciar a parte da sessão referente a educação, porque já faltam 15 minutos para as nove horas e a idéia seria de nesse período matinal terminarmos a parte referente a educação ou pelo menos prolongarmos um pouco mais para que ainda hoje a tarde pudessemos iniciar a parte referente a problemas sócio-Cultural, religiosos, para que os trabalhos tenham andamento mais consistente. O Presidente da Funai, que é igualmente presidente do seminário, já que eu estou apenas presidindo essa sessão, e aliás eu gostaria de agradecer ao Presidente o honroso convite para presidir a sessão e ao mesmo tempo eu considero uma deferência à Universidade de Brasília, que tem colaborado com a gestão do General Ismarth, porque foi a figura que na gestão da Funai, procurou uma assistência de antropólogos para que nós pudessemos colaborar através de estudos com as atividades da Funai. O Departamento de Ciências Sociais, da Universidade de Brasília, pode fornecer uma série de antropólogos, que estão particularmente participando como antropólogos e ligados à Funai. Agora, em termos de Projeto Específico, gostaria de lembrar que o professor Taylor, Professora Alcida Ramos, ambos professores da Universidade de Brasília, Dr. Piter, contratado pela Funai, para trabalhar na área do Rio Negro, Professor Pacheco, que se encontra na área do Solimões, trabalhando com os índios Tikuna e outros que eram e outros que são membros da Faculdade de Ciências Sociais da Universidade de Brasília e estão colaborando com a Funai, mas que não estão aqui presentes, um deles é o Dr. Júlio César ^{MELATTI} Velasque, trabalhando com os Marúbu, na área do Ituí. Então, nós temos cerca de seis antropólogos da Universidade de Brasília, que colaboram com a Funai, exatamente pela consciência de que a atual direção da Funai, deu à Universidade de Brasília, o poder de participar lado a lado dos missionários, antropólogos da Funai e missões religiosas. Eu queria dizer, que a Prelazia de Lábrea e de Parintins, ambas estão presentes e podem se manifestar nesta reunião para dizer alguma palavra com referência as suas atuações. Eu convidaria a Prelazia de Parintins para se manifestar.

PRELAZIA DE PARINTINS!

Represento a prelazia de Parintins, fui avisado nos primeiros dias de abril deste simpósio e não deu para preparar algo, mas assim mesmo localizarei onde fica o nosso grupo de trabalho. Prelazia de Parintins, rio

Amazonas, zona indígena do rio Andirá e do rio ~~MARÁ~~, temos a tribo sataré, com 1.200 pessoas indígenas. Não é fácil fazer um levantamento. O trabalho nosso é in loco, em Barreirinha é que temos a sede, mas frequentemente visitamos essas aldeias. Além do nosso trabalho temos um representante do CIMI, que faz um bom trabalho linguístico no alto do Andirá. A respeito de Saúde, temos os mesmos problemas das outras zonas indígenas que falaram ontem, tuberculose, reumatismo, verminose, doenças infantis. O nosso trabalho quanto a higiene e a respeito da vacinação, de modo que agora concordamos com varias entidades de começar o trabalho de vacina, mas já com uma certa preparação do indígena, porque não adianta vacinar o indio sem que ele esteja preparado. Por isso que já fizemos cursinhos de enfermagem, parteiras com participação dos indígenas e eles voltaram bem satisfeitos. Até agora, a assistência é ocasional e periodicamente a lancha da Funai tem feito visitas, quando então os doentes são atendidos e os casos mais graves são atendidos em várias linhas, ou encaminhados para Parintins ou Manaus.

PRELAZIA DE LÁBREA:

Sr. Presidente, eu sou da Prelazia de Lábrea, no Estado do Amazonas, rio Purus. A nossa prelazia tem uma extensão de 240 mil quilômetros quadrado aproximadamente, os unicos meios de comunicação que dispomos são os rios. Temos a nossa prelazia dividida em 4 paróquias que estão encomendadas a dois sacerdotes, felizmente agora já tivemos ajuda de irmãs MARISTAS e agostinianas, que estão nós ajudando e desse modo podemos desenvolver melhor o nosso trabalho. Convem ressaltar que o rio Purus, foi uma área de grande desenvolvimento no Amazonas antigo, portanto as tribos indígenas, que residem na nossa prelazia, quase todas têm contáto bastante grande com os civilizados, o nosso contáto com o indio é quase que o mesmo que temos com os seringueiros, portanto nós temos quase que o mesmo trabalho com o indio e com o seringueiro, apenas algumas vezes nós tivemos problemas nesse sentido. Querô colocar aqui, o massacre que os indios fizeram na boca do Tapauá, uma ocasião e que depois foram transferidos e por pouco não houve o massacre da cidade inteira de Tapauá, se não houvesse a interferencia do missionário daquela ocasião, o Frei Vitório, que agora não é mais religioso, parece que agora é gerente de uma indústria aqui em Manaus, ou coisa equivalente. Depois, temos que lamentar algumas vezes, acontecimentos dos indios que vivem no interior, já mais afastados devido a entrada de civiliz

zados, alguns massacres por parte dos brancos também, se bem que nesse sentido em número menor. De modo que são esses os pontos principais da nossa prela^zia e quero frizar também que o grupo mais desenvolvido que nós temos são os JAMAMADI, que residem num seringal perto de Lábrea, são muito bem assistidos pelos seringalistas, são os índios que podemos dizer tem maior desenvolvimento, inclusive eles têm cerâmica própria e têm o seu trabalho muito bem orientado de modo que são as tribos que podemos dizer assim, que se destacam no conjunto das outras tribos. Essa é mais ou menos a visão que eu queria dar para todos sobre a nossa prela^zia de Lábrea.

O PROFESSOR ROBERTO CARDOSO:

A Mesa agradece as palavras do representante da prela^zia de Lábrea, e convido a prela^zia do Alto Solimões, para iniciar os trabalhos com referência a parte de Educação.

REPRESENTANTE PRELAZIA DO ALTO SOLIMÕES:

Abordando este assunto, nós entendemos por educação o crescimento harmônico e total de um povo ou de um grupo indígena, não é somente alfabetizar, não é somente aprender a ler e a escrever(Lê)...

O GENERAL ISMARTH DE ARAÚJO:

Eu cometi uma falta com D. Milton, não respondendo a sua interpelação que foi também uma tônica da prela^zia do Solimões. As missões estão querendo sentir a crítica da Funai, com relação ao trabalho das missões. Eu só quero esclarecer o seguinte, os grupos de trabalho quando entraram nas diferentes áreas indígenas, trataram de constatar fatos, tentando verificar o que existia e que pudesse ser corrigido, seja da Funai, seja das missões e esse que está sendo espelhado nesses relatórios. Quando a gente diz que precisa de professora, não está interessando que seja da Funai ou que seja das missões religiosas, nem que se trata de missão A, ou missão B., nós queremos constatar uma infra-estrutura deficiente e como poderíamos corrigir. Isso vai ser debatido nos grupos de trabalho, as sugestões apresentadas pelos grupos englobam evidentemente essas sugestões as áreas da Funai e áreas de missões religiosas. Então nós procuramos constatar deficiências e não criticar, nós queremos é corrigir uma situação existente, foi essa a preocupação do grupo, não se tratou

de fazer um relatório criticando missão A ou B, não houve esse objetivo absolutamente, mesmo porque já falamos que não nos aprofundamos no trabalho das prelações, nós estamos preocupados com as comunidades indígenas e como corrigir determinadas situações existentes, seja por parte da Funai, seja por parte das missões, isso não está interessando, o que interessa é o índio em si. De modo que é isso que nós estamos procurando espelhar nesse relatório de cada grupo de trabalho, com sugestões que vem ao encontro inclusive das palestras que nós estamos ouvindo como sugestões, assim como a prelação do alto solimões que pediu monitores bilingues, isso foi exatamente uma das deficiências que o grupo sentiu quando entrou na área, a falta de monitores bilingues, isso não é só com relação a prelação, mas também com relação a própria Funai, não há essa idéia de separar Funai/Missões em termos de crítica, porque o objetivo foi de como constatar fatos e como corrigir esses fatos. É o esclarecimento que eu queria prestar ao Plenário.

REPRESENTANTE DA M.E.V.A.!

Como já foi dito, a MEVA, trabalha em grupos que são um pouco diferente como : Waiwais, Macuxí e Yanoama. Entre os Wai-wai e macuxí, há bastante cobertura, por exemplo, macuxí, não há nenhum problema de deficiência na educação, entre os waiwai a educação não atua, porém a missão tem um trabalho bem estabelecido e há eu creio que 100% do índice de alfabetizados entre aquela faixa de 8 anos, sem contar as crianças e pessoas idosas, aquela faixa útil da população é praticamente toda alfabetizada. Então nós vamos nos concentrar um pouco mais nos Yanoama, que é um grupo bem diferente, é um grupo grande, completamente isolado que não tem visto lápis, nem papel, somente agora. A grande parte dos anos que os missionários da MEVA, tem estado na tribo não tem sido dedicada a alfabetização, pelo seguinte: antes de se chegar a alfabetização é preciso se prepara uma ortografia, preparar material e ter conhecimento da língua, já que eles são completamente monolingués. Nós temos aqui por exemplo alguns exemplares de material, de cartilhas que tem sido preparado, para se chegar a isso muitos anos de análise, de pesquisa, de estudos é necessário. Então vamos dizer que estamos chegando no fim da pesquisa e começando a alfabetização, é uma coisa circunstancial da área

e exige mais tempo no preparo do material. Para mim um fator histórico; no meu ponto de vista pessoal, no dialeto SANDMA por exemplo, onde eu trabalho, a primeira carta real, verdadeira escrita por um índio foi em 1972, então a primeira vez na história que um índio Yanoama, escreveu uma carta legível, comunicando uma mensagem, eu tenho arquivado e isso para mim é um prazer pessoal ter uma coisa assim. Agora entende-se que nos Yanoama, não se pode precionar, nem forçar a alfabetização, é só a medida do interesse que o índio mostra, e nas suas horas vagas e quando ele realmente quer, como motivo de curiosidade, nós não podemos precionar nem forçar a educação, mas aproveitar o interesse e a curiosidade natural que ele tem e nesse interesse alguns têm aprendido. Sobre ensino bilingue, a MEVA segue mais ou menos as normas do SUMMER, que é começar a língua do índio e nós já estamos nessa fase e dar um pouco de ênfase no português oral e a medida do possível ir introduzindo o português. Adaptação da educação a realidade local, procuramos produzir o material na língua, porque a única língua que o índio sabe, estão aqui alguns exemplos, aqueles que estão interessados em linguística ou alfabetização, para depois dar uma olhada se quiserem. O tipo de vida que eles têm dependem mais da caçada, não param num lugar, os missionários procuram estudar o meio e aproveitar o tempo que sobre e que está ao alcance para alfabetização. De modo que tem sido dado em alguns postos um curso concentrado, eles apreciam depois de uma caçada, várias técnicas estão sendo estudadas, temos alguns Yanoamas que pela primeira vez na história, estão aprendendo a ler e a escrever, um passo de preparação para o futuro que nós não sabemos se vai levar um ano, dois anos ou 10 anos. Uma de nossas idéias é prepararmos professores indígenas já que não dispomos de missionários para atingir seis mil pessoas, e mesmo os órgãos oficiais não podem dispor de elemento humano para cobrir toda a área, teremos que usar o índio. Eu acho melhor, ele sabe se expressar melhor, se comunica melhor, é mais bem recebido, nós temos tido alguns exemplos, de modo que eles têm condições e capacidade de fazer isso, precisam apenas de apoio e de direção. Em todos os nossos dialetos tem sido preparado cartilhas, livros de literatura básica para alfabetização. Entre os Waiwais, que estão um pouco mais adiantados tem sido usado certas coisas de educação como his

tória do Brasil, síntese bem breves e adaptação a realidade. Para o uso da comunidade científica tem sido produzido um material linguístico e de informação que está a disposição dos antropólogos e professores, técnicos da Funai ou de qualquer órgão que precisem entrar na área ou em colaboração com a missão e com a Funai. Muito obrigado.

REPRESENTANTE DA MISSÃO NOVAS TRIBOS DO BRASIL:

É uma breve síntese do trabalho da M.N.T.B., compreendendo sete tribos e oito postos. Um relato mais detalhado com estatística será entregue à Mesa, para não prolongarmos muito o nosso tempo nesta sessão. (Lê)...

PRELAZIA DO RIO NEGRO (IRMÃ INDIANA)

De inicio nós vamos dar um pequeno histórico sobre o inicio da educação no Rio Negro(Lê)... Aqui basta dar um exemplo para os indígenas do rio Maturacá. Nesse rio os indígenas ainda estão sendo civilizados mas, eles sonham com a chegada da estrada, eles não sabem dizer: "estrada de rodagem", mas perguntam: irmã, quando é que chega o caminho aqui para nós conhecermos S. Gabriel, para conhecermos Manaus, portanto eu creio que não haverá problema nessa região, quanto a penetração da estrada, que já está próxima de lá. Quanto a organização, a prelazia do Rio Negro... (Lê)... Temos aqui três volumes, que são as orientações que recebemos da Secretaria de Educação e Cultura, claro que como a propria Secretaria determina e a própria lei 5.692, existam certas flexibilidades. Nós não podemos por exemplo adotar um livro, comprado nas livrarias de Manaus, também não podemos utilizar livros que possam adaptar a cada grupo indígena, então são dois problemas, um distante do outro, o que nós fazemos então, é adaptarmos os livros comprados nas livrarias de Manaus e adaptá-los à região, para isso há uma supervisora encarregada de orientar o planejamento dos professores. Aqui nós temos a Lei 5.692, que todos já conhecem, essa Lei é enviada pela Secretaria de Educação, a seguir a Secretaria para adaptação do currículo nos servem e nós fazendo a adaptação na nossa região desse currículo enviado por eles. A seguir temos o Estatuto do Magistério, mais adiante vamos falar dos professores também que são todos indígenas, efetivos mediante concursos feitos pelos professores que foram de Manaus até S. Gabriel, este ano a fim de prestar exames

nas bases reais, aplicar testes aos nossos professores. O método que nós adotamos(Lê)...Para a alfabetização nos locais onde se fala a língua indígena, o uso paralelo da língua dos grupos e da língua nacional, está com a adaptação que nós fizemos ao método belingue, nós colocamos como disse antes, professores que falam as duas línguas, principalmente nas classes primárias até a terceira série que entendem menos o português. Outros que já sabem a língua portuguesa e a língua materna, eles são levados à escola do 1º grau e fazem a 4ª ou 5ª série em diante.(Lê)... se nós pegarmos um professor de nível superior para alfabetizar uma criança indígena, ele vai sentir mais dificuldade do que se nós aproveitarmos um elemento daqui da comunidade deles que saibam seus costumes, as suas maneiras de ser, e alfabetizam melhor do que nós (Lê)... Eles têm duas horas de técnicas agrícolas na zona rural, e plantam aquelas frutas por serem mais bonitas, que passam a ajudá-los melhor(Lê)...Quando o SPI, esteve lá, trocou o nome de Tudaua por capitão, e ficou até hoje, algumas comunidades aceitam bem, outras não, então uns colocam "Chefe", outros colocam administrados, mas sempre tem alguém que toma conta. Esses chefes, juntamente com a comunidade constroem prédios das escolas, fazem carteiras e outras coisas necessárias para as aulas. As sugestões que nós achamos que seriam boas são: que fosse feito um convênio com o ministério ou com a merenda escolar em benefício das escolas, para dar uma ajuda melhor, embora nós façamos campanha com as comunidades que dessem uma ajuda de leite, farinha de soja ou outra coisa, nós ficaríamos satisfeitos com isso, inclusive em Brasília, se não me engano, houve uma proposição a esse respeito, só se a Funai colaborasse com a gente, se for possível, nós não podemos exigir o máximo, mas se for possível nós ficaríamos satisfeitos, depois a ajuda financeira, para técnicos bilingues na região. Aqui nós temos professores lá na região temos mesmo que poderiam dar esses cursos, mas só falta recursos financeiros, uma pequena ajuda para as despesas de viagens fluviais, porque nós viajamos de uma escola para outra, são 77 escolas, cada uma bem distante da outra, então nós temos de manter as vezes o motorista, a gasolina, o motor e tudo isso. De modo que a despesa é muito grande para a prelazia, então tendo uma ajuda por parte de algum órgão, nós ficaríamos contentes. E que a

FUNAI colaborasse com o mesmo completando o salário dos professores da zona rural porque, segundo a ordem do Prefeito, ele deve pagar 60% do salário, então os professores da zona rural ganhando 60% do salário é muito pouco, então isso desestimula muitas vezes o professor que tem maior competência a trabalhar na zona rural, e se tivéssemos uma colaboração nesse sentido seria bom. Vamos apresentar aqui os dados estatísticos de 1974 porque os de 1975 ainda estão em elaboração! (Lê)... Temos aqui o total geral de escolas: 77 com 142 professores, 3.464 alunos de 1a. a 4a. e 492 de 5a a 8a. série. Alunos de datilografia estavam com 52, esses alunos de datilografia estão todos empregados nas companhias e principalmente no Primeiro Batalhão de Engenharia e Construção, aqui no mapa está bem localizado o centro da missão, está espalhado aqui no Amazonas inteiro mas dá para entender, então assim nós temos Barcelos, logo pertinho de Manaus, com o total de alunos de 1a. a 4a. série e o total de professores, então tem 375 alunos de 1a. a 4a. série, 41 de 5a a 8a. que começou no ano passado a 5a. série, 12 professores e somente uma escola na sede que está em nossa responsabilidade. Quanto a zona rural ainda não estão bem organizadas está faltando ainda uma contribuição dada por parte da Prefeitura, senão nós não poderíamos manter sozinhos. Santa Izabel, está com 546 alunos de 1a. a 4a. série, 110 de 1a. a 4a. 20 professores e 12 escolas. Maturacá, estão sendo civilizados pertinho do Pico da Neblina, bem distante, para irmos de barco, leva-se dois dias e meio pelo menos, atravessando cachoeiras, pernoitando lá mesmo, então estamos com 104 alunos, 4 professores e uma escola. Em S. Gabriel da Cachoeira, estamos com 742 alunos de 1a. a 4a. série, 229 de 5a a 8a., 38 professores, 13 escolas e 52 alunos de datilografia. No rio Içana, estamos com 226 alunos, de 1a. a 4a. série, nove escolas e sete professores. Taracuá, 441 alunos de 1a. a 4a. série e de 5a a 8a. ainda não temos porque o número é muito reduzido, 278 em Taracuá, nove professores e cinco escolas, Parí Cachoeira, 441 alunos de 1a. a 4a. série, 52 de 5a. a 8a., 22 professores e 16 escolas. Jauareté, 772 de 1a. a 4a. série, 60 de 5a a 8a. série, 28 professores e 22 escolas. Em cada escola dessas existem dois missionários que fazem a coordenação local, e lá em S. Gabriel nós fazemos a coordenação geral e enviamos os relatórios para a Secretaria e para a Prefeitura.

O PROFESSOR ROBERTO CARDOSO:

A Mesa agradece o relatório da irmã representante da prelazia do Rio Negro. Gostaria de fazer um comentário, não como Presidente da Mesa, mas como Roberto Cardoso, no que se refere ao CIMI. Não deve pairar nenhuma idéia de que o CIMI entra aqui como o vilão da história, essa discussão entre missões e debates de missões entre si, missões/Funai, nós devemos lembrar e eu quero fixar nisso, que durante o período da gestão que antecedeu o General Ismarth de Araújo, partiu do CIMI, as críticas mais justas e mais oportunas a respeito das medidas que ram as mesmas que muitos antropólogos de dentro da FUNAI e antropólogos de fora da FUNAI e dos missionários da Funai, que não era aceitável. A bem da verdade nós tivemos que nos fixar e o CIMI tomou decisões realmente oportunas e corajosas ao lado da CNBB, que foram as únicas vozes que se levantaram em defesa do interesse indigenista, interesses mais justos. Eu tenho impressão que o atual relacionamento entre a Funai e o CIMI, tem todas as condições para progredir no sentido positivo, superando os mais entendidos que estão a guisa de todo mundo. Muito obrigado.

(PAUSA DE DEZ MINUTOS)

O PROFESSOR ROBERTO CARDOSO:

Reiniciados os nossos trabalhos, com a palavra...

PADRE ADRIANO VAN DEN BERG:

Apenas uma colocação! Quem participa desse encontro fica com a impressão de que todos aqui, Missões, FUNAI, CIMI, todos devem estar realmente a serviço do indígena, querem engajar-se para o bem do nosso irmão indígena, eu pessoalmente fiquei também com a impressão de que há verdadeira sinceridade aqui, em todas as colocações, principalmente quando me refiro a pessoa do General Ismarth. Por que então, este conflito que estamos testemunhando, eu perguntaria, eu perguntei, não que tenha nada com a Funai ou com as missões, fiquei com essa impressão ou é uma questão mais de princípios, acho que seria importante colocar também essa questão em termos de princípios. Hoje, o Sr. General, colocou que a política do Governo Federal, nem a Funai, nem o CIMI, nem ninguém pode interferir. Eu na minha inocência de teólogo, preferia protelar, porque tanto a Funai como o CIMI, ou seja qualquer um de nós devemos estar inte

gralmente a serviço do governo, não só no sentido de ditar as ordens, é uma política formulada talvez sem misturar com coisas de todos os aspectos humanos, mas, ainda na formação e na formulação da própria política. Eu que ria fazer uma pequena comparação, perdoem-me se ela soar um pouco teológica, para o cristão Deus é a maior autoridade, a única e absoluta, podemos assim dizer, agora o interessante é que Deus não impõe normas pré-fabricadas, mas ele convida os homens a organizar e dominar o mundo, descobrindo as leis, exigências e necessidades da própria realidade e essas leis e exigências serão também as do próprio Deus, me parece que no nível humano, nós somos feitos a imagem e semelhança com Deus, nós teríamos que agir da mesma maneira, uma realidade por isso educacional e a formulação de sua política, aí devemos todos assessorar o governo na formação e formulação e reformulação em sua política, para depois dentro dessa política servir aos indígenas, agora esse serviço sempre poderia haver certas divergências por exemplo! Entre a Funai e o Governo, eu acho que isso não seria sinal de desobediência, pelo contrário seria um sinal maior e mais naturalmente certo, porque está realmente a serviço mais fundamental de um governo. Agora me parece que está aqui a questão que causa um certo mal estar e talvez o próprio General ontem falou com um certo clima de desconfiança, me parece que é mais aqui que está a causa. Essa pergunta surge! Como a Funai se define e atua em relação justamente ao Governo Federal é só como executora de ordens ou então como reformuladora da própria política? Na primeira todo mundo entende, não acredito que é só isso, mas na primeira a Funai estaria do lado do Governo, seria a favor, ou seja contra o indígena, mas na segunda suposição, a Funai estaria do lado do próprio indígena, que as vezes tem também um diálogo crítico e franco com o próprio governo. Eu poderia mostrar esta sugestão, esta questão de princípio para ser discutida não agora, mas ainda se for possível dentro desse encontro, porque a confusão desta questão de princípio condiciona grandemente um diálogo e a colaboração entre as várias entidades engajadas no serviço dos indígenas, quer dizer que o mais interessado será sempre o irmão indígena, eles que constituem um dos povos originais mais antigos deste país e que tem seus direitos humanamente já alienados. Essa é a minha pergunta e sugestão.

O GENERAL ISMARTH DE ARAÚJO!

Evidentemente a FUNAI, é um órgão do Governo Federal, a sua o brigação precípua, estatutária é exatamente com relação a população indí gena do país, toda vez que nosso poder com relação as comunidades indíge nas, para atuar em seu benefício, isso tem sido realizado, várias provas já foram dadas dessa atuação da Funai em defesa da estruturação indígena, um caso recente por exemplo é NHANBIAVARA, tinha saído da área do Guaporé para uma outra área difícil, onde praticamente não poderia subsis- tir e por ação do Governo Federal com propostas da Funai a situação foi corrigida fazendo retornar esses indígenas ao seu habitat de origem, sem- pre aquela situação da Funai com relação a defesa das populações indíge nas. Porém, a própria Funai tem sido surpreendida por medidas de órgãos' isolados que as vezes não dá tempo de conciliar esses interesses da comu nidade indígena com interesse do desenvolvimento do Estado do Amazonas. É exatamente o caso da estrada Manaus-Caracará, a própria reserva criada para os índios Waimiris-Atroaris, praticamente foi implantado em cima da estrada, apesar disso, houve tentativa da Funai, em corrigir. A propria Funai, reuniu no Rio de Janeiro o CIMI, antropólogos da Funai e de fora' da Funai para discutir o problema, várias opiniões foram ouvidas, ainda' em decorrência dessa região do CIMI, com a participação de antropólogos' estranhos. A Funai criou um grupo de trabalho que vão participar, inclusi ve o próprio CIMI, integrando esse grupo de trabalho, a situação brasilei ra de antropologia, várias Universidades, para que esse grupo de trabalho pudesse apresentar sugestões à Funai, com relação a política a ser adota da, face ao desenvolvimento do país, uma tentativa de nós anteciparmos ' ~~xxxxxxx~~ aos acontecimentos, Manaus - Caracará. O problema foi apresentado ao Governo, esse reuniu os seus Ministros responsáveis e che gou-se a conclusão que praticamente a estrada já tinha atravessado toda' a área, toda a reserva dos índios Waimiris-Atroaris e que essa estrada ' não poderia portanto ser barrada. Al a Funai tem que se adaptar a uma de cisão do Governo, a própria Funai se atrasou por não ter tomado conheci- mento em tempo do projeto de construção da estrada, houve um atraso, que talvez pudesse, se tivesse tomado conhecimento, ter influenciado no pro- prio traçado, de modo que ela não atravesse a área dos Waimiris-Atroa- ris essa que é a nossa preocupação aqui no Amazonas, que haja integração

dos órgãos que operam nessa área, não é só Funai/missões, quando se trata de projetar um traçado de uma estrada, não há uma reunião previa de todos os órgãos que tem responsabilidade na área, DNER, FUNAI, IBDF, INCRA, Secretaria do Governo do Estado e todos os ~~xx~~ outros órgãos, para que previamente antes de dar uma decisão definitiva no traçado, cada órgão pudes se expor os problemas que esse traçado seja decorrente, numa conjugação de opiniões de todos esses órgãos que tem responsabilidade na área, essa que talvez seja uma solução de integrar esses órgãos para não haver problemas, vamos trabalhar previamente e não procurar se adaptar às conclusões do momento. Essa é a explicação que eu queria dar com relação a pergunta do traçado da estrada, a outra parte da pergunta compete e foi dirigida ao Professor Roberto Cardoso, com relação ao CIMI.

O PROFESSOR ROBERTO CARDOSO:

Eu queria apenas fazer um comentário, dizendo que temos que 'distinguir que existe um texto legal, o Estatuto do Índio, entre ele e a sua aplicação há uma coisa que se chama política e política indigenista! A política indigenista, é elaborada e executada pelo Governo brasileiro, nesse processo de elaboração em nenhum momento se pode dizer que tenha 'havido a intenção de destruir essas populações. Eu tenho a impressão que os antropólogos também concordariam, nunca houve um vôo de tropas para' destruição das populações indígenas, nós sabemos que esse problema existiu em alguns países, no passado e que se utilizaram do exercito para penetração em novas terras, isso na realidade realmente não aconteceu. Nós' devemos ver que dúvidas e erros tem ocorrido, inclusive da Funai, porque é obvio obdecermos diretrizes governamentais. Na gestão anterior ao General Ismarth, houve também um mal entendido dentro da Funai, a respeito de levar, digamos, interpretar de uma maneira liberal certos aspectos do próprio Estatuto do Índio, discutíveis em termos de educação, porque não há um Estatuto que possa orientar em cada situação histórica, a Funai, para tomar decisão criada. E como há realmente sempre um espaço, um vazio entre o texto legal e a própria aplicação. Então o que a FUNAI, está procurando fazer agora, estão procurando especialistas em vários tipos e missionários que entrem também como especialistas, para que essa aplicação indígena seja mais intensa com realidade concreta, realidade vivida'

no terreno ocupado pelas missões, então eu tenho a impressão e concordo' com o padre Justino, tenho impressão que nós devemos dirimir essa escala de suspensão para que nós possamos continuar trabalhando juntos, aqueles' que concordassem...é interesse de todos nós atendermos as populações indígenas e ao mesmo tempo interpretarmos da melhor maneira possível o texto legal, esse que não está em discussão, que é o Estatuto do Índio, e que todos querem preservar na sua integridade, porque só de se tentar aplicar de uma maneira consistente e hábil, é um esforço enorme, é uma tarefa muito grande e tenho a impressão que todos nós possamos assumir essa tarefa.

O GENERAL ISMARTH DE ARAÚJO:

Para complementar. No dia que o Presidente da Funai, sentir que não tem possibilidade de efetivamente atuar em benefício das comunidades indígenas, a presidência pedirá demissão do órgão. No momento, isso não' ocorre a Funai está com liberdade de ação absoluta dada dentro do Ministério do Interior, nós podemos fazer, em virtude dessa plena liberdade ' que o Ministro nos dá de atuar amplamente em todas as áreas indígenas sem interferência de qualquer espécie, não há dúvida que as vezes como ocorre no caso da estrada, várias vezes a Funai tem sido surpreendida no passado e é a nossa preocupação exatamente na Perimetral Norte, que isso ocorra e que as comunidades indígenas da Perimetral Norte, antes mesmo da conclusão da estrada já tenham as suas terras garantidas, essa é a tônica que nós temos inclusive solicitamos as missões religiosas que operam ' nessa área, com um conhecimento mais profundo, que a Funai com relação a essas comunidades, as necessidades dessas comunidades, cooperem com a Funai, nas propostas das áreas indígenas necessárias para essas comunidades, a fim de que nós possamos antecipar ao traçado da Perimetral Norte, para' depois não nos defrontarmos com o fato consumado.

REPRESENTANTE DA PRELAZIA DE RORAIMA:

Na área dos Macuxí-Apixana, na parte fora do marco do Território de Roraima, a educação está a cargo da Secretaria de Educação do Território Federal de Roraima, e não existe...(Lê)... Sr. Presidente, a respeito da Perimetral Norte, eu acho que pelo menos no trecho da estrada ' que interessa os índios Yanomami, com os quais nós trabalhamos, a Funai,

já chegou um pouco atrasada, porque a estrada já está feita.

REPRESENTANTE DA PRELAZIA DE HUMAITÁ:

Pela terceira vez nesses dias, a Prelazia de Humaitá se apresenta aqui e também neste assunto de educação, a prelazia deve dizer que não tem nenhuma afinidade específica entre os quatro grupos de índios, de modo que esses quatro grupos, embora estejam entrosados com os brancos ' nós trabalhamos, no entanto os brancos não têm escolas e por conseguinte também esses grupos de índios, ~~também~~ não têm escolas. Alegrei-me de ter aqui o relatório do grupo Purus, Madeira, Solimões, quando diz no tocante a educação que qualquer proposição só poderá ser escrita depois de executado o levantamento, isso então me consola porque era a sugestão que a nossa Prelazia ia fazer. No entanto que me seja permitido apenas dizer como vai o movimento educacional na nossa prelazia. Quando falamos do corpo docente, nós devemos dizer que todas as professoras que lecionam em Humaitá, por exemplo, são formadas pelo Patronato Maria Auxiliadora, de Humaitá, mas infelizmente apesar de ter essa formação, nós não encontramos boa vontade por parte dessas professoras de querer lecionar no interior, elas não querem, uma vez formadas, procuram Humaitá, onde há trabalho ou Porto Velho, ou Manaus, mas o interior elas não querem, como se o interior não fosse Brasil. A respeito das casas de educação e formação que temos: temos o patronato Maria Auxiliadora, fundado em Humaitá, em 1941 que tem o 1º Grau completo e este ano está com quase 460 alunos, temos a escola D. Bosco com sede em Manaus e em Humaitá, fundado em 1969 e este ano está com 124 alunos, não podendo ter mais por falta de ambiente, em Manicoré tem o Educandário Nossa Senhora das Graças, fundado em 1960, está hoje com 546 alunos, temos a Escola S. Domingos Sávio, na paróquia da Auxiliadora do Iguapiara com 95 alunos, temos duas escolas de datilografia em Humaitá e em Manicoré com 95 alunos e até agora já demos diploma à 28 alunos e que já estão colocados. Eis o que a prelazia de Humaitá, pode dizer a respeito da educação.

REPRESENTANTE DA PRELAZIA DE ITACOATIARA:

A Arquidiocese de Manaus, na prelazia de Itacoatiara, está em fase de levantamento da população indígena, e nossa primeira preocupação com os indígenas dessa área é a sobrevivência deles. No caso de educação,

estamos vendo que se trata de um intercambio cultural desse povo e pessoas humanas de cultura diferente que necessitam da nossa parte, de uma contínua educação e reflexões profundas para poder realizar o intercambio cultural.

SUMMER INSTITUTE OF LINGUISTIC!

Ao falarmos em educação verificamos o poder e o potencial da palavra indígena. (Lê)... (apresentação de slides)... Esperar a possibilidade de que o educando optará na língua indígena, que é a língua principalmente usada na sala de aula, usando português através do método oral para esse ensino, e até o fim do 4º semestre dentro da sala de aula podemos empregar a língua portuguesa para desempenhar todas as aulas e obser vem que somente no fim do quarto semestre tentamos alfabetizar a criança na língua nacional, aliás, a criança alfabetiza-se apenas uma vez na sua vida, se ele aprender a ler uma outra língua, ele está apenas transferindo esta técnica, como todos nós tivemos ...(Lê)... A terceira fase da literatura indígena apresenta o que nos interessa mais neste instante, o material que seria usado como currículo na escola, assim o autor indígena pode estudar e assim a fonte de conteúdo do texto é através do próprio estudo do treinando. Ele pode estudar! história, ciências, geografia e assim por diante. O ensino bilingue dentro da nossa linguística do idioma é material desconhecido. A segunda fase de literatura indígena é de narrativas de viagens, como fazer coisas novas que aprendemos fora da sua comunidade. Ponto 5 e 6, merenda escolar e evasão escolar bilingue, se tiver a oportunidade de se estabelecer esse tipo de diálogo conosco. O monitor bilingue ao se formar, quais são os problemas que ele enfrentará? teremos que reconhecer as suas capacidades e o ajudar, simplesmente colocando o monitor bilingue, porque ele está também desenvolvendo um cargo novo e por ser o único na sua comunidade, ele enfrenta problemas especiais e nós temos que levar em conta esses problemas.

O PROFESSOR ROBERTO CARDOSO!

Eu queria comunicar ao Plenário, a presença do Dr. Antonio de Lima, assessor da Secretaria de Educação do Território Federal de Roraima. Então, achamos que a sua participação será importantíssima nas discussões.

sões do projeto vinculado a Roraima. A Mesa convida o professor Antonio de Lima, para dar algumas palavras antes de iniciarmos os debates.

DR. ANTONIO DE LIMA:

Sr. Presidente, era do nosso desejo comparecer, tomarmos parte nos trabalhos mesmo sem sermos convidados, uma vez que a nossa missão aqui é mais de observação. Como convidado agradeço penhoradamente e vamos delinear algumas coisas que nós fizemos, a respeito da educação indígena no nosso Território de Roraima, como falou o irmão Carlos, o território de Roraima, mantém um convênio com a Prelazia e a FUNABEM, para a formação de jovens indígenas, a nível ginásial, para que depois essa potencialidade seja desenvolvida na própria comunidade indígena. Nós fazemos a coordenação do ensino no interior e das 164 escolas em todo o interior do território de Roraima, 55 estão em malocas, maloca é termo que usamos em Roraima, pode não ser o termo bem adequado, nessas 55 escolas nós vamos ter 74 professores, delas também tem uma unidade integrada que já está funcionando também até a 7a. série. De 5068 alunos primários, porque ainda não temos os dados estatísticos deste ano, desses 5068 alunos, 2009 são indígenas, isso faz crer que o governo do território está dando uma ênfase bastante grande à educação do indígena. Quando fazemos as nossas observações em todas as escolas do interior, uma das preocupações nossa é fazer com que o professor mantenha a cultura e eu peço a todos os tuchauas, que mantenham falando a sua língua e seus usos e costumes, porque com tantas motocicletas, com tantas roupas bonitas, cabelos compridos e não sei mais o que, parece até que o indígena vai se distanciando da sua cultura e ele pode ter tudo isso mantendo também a sua cultura, porque daqui a uns dias é muito comum, por exemplo eu encontrei em três malocas o Tuchaua, não saber falar a língua. Também no que se refere a saúde pública, eu vou levando certos conhecimentos, dizendo que cada um deles a exemplo do professor, tenha a sua casinha ao lado da sua maloca. No campo da saúde, a Funai, já sabe, o Governo tem uma enfermaria para os índios, naturalmente não está bem dentro daquilo que deve ser e que já foi tratado ontem, uma coisa mais ou menos adaptada a modo indígena e de fato ele vai se sentir distante do seu habita, e talvez até que esta mudança venha dificultar a

sua cultura, mas conversando com o Sr. Secretario de Saúde, ele me informou que este ano, ainda vai ser construído o hospital do indio. E aqui eu chamo atenção do Sr. Presidente, para que as coisas não cheguem atrasadas, que se dê a maneira de como esse hospital deva ser construído. Uma coisa que eu gostaria de chamar a atenção das Autoridades da Funai, inclusive já conversei com o representante da Funai no território, é que algumas pessoas, que talvez, não podemos julgar o procedimento aleios, mas que talvez não tenham a capacitação adequada fiquem no meio dos indígenas, não nos parece muito bem e eu estive visitando uma maloca outro dia, já fia um relatório ao Sr. Secretário de Educação, e uma cópia será enviada à Funai, para que as providencias sejam tomadas. Sr. Presidente, em termos gerais era isso que a Secretaria de educação tinha a dizer.

REPRESENTANTE DA PRELAZIA DO RIO NEGRO:

Eu queria só complementar o que a irmã Indiana, disse sobre educação na prelazia do Rio Negro. Em 1968, eu falei com o Secretário de Educação e com o Secretário de Saúde, do primeiro comecei a alcançar alguma coisa, do segundo nada, pelo contrário, na Maromba, encontrei umas estatísticas de que a prelazia recebia por parte da Saúde, grandes somas e eu falei ao representante da Secretaria de Saúde, "desconheço" e assim mesmo o jornal fala. Fui lá e achei encerradas todas as portas, de lá para diante nada fizemos ou pouco fizemos sobre a saúde. A prelazia trabalhou sozinha, lutou e o que pode alcançar, alcançou. Quanto a educação, pelo contrário, o Sr. Vinícios, então Secretário, nos recebeu e aos poucos fomos construindo e nessa união de Prelazia/Secretaria, nós pudemos fazer bastante. Eu quero dar uma medalha de ouro a todos que cooperaram porque a prelazia sozinha nada pode fazer, eu nada posso fazer porque pouco possuo. O 1º é o elemento vivo que são os salesianos, as filhas de Maria Auxiliadora, que são 72 trabalhando comigo, se eu tivesse que pagar e uma vez surgiu entre nós essa discussão, eu precisava de um milhão duzentos e cinquenta mil cruzeiros, colocado no salário mínimo que paga a educação, porque são todos educadores o de grau superior e o de grau médio, e estava tudo destruído, eles trabalham por amor de Deus, e por isso devo agradecer diante desta Assembléia, essa ajuda maciça para com a prelazia do Rio Negro, em segundo lugar, eu devo aqui agradecer ao Minis

tério do interior que por meio da SUDAM, eu respondo alguma pergunta que ontem foi feita aqui, por que eu não posso trocar verbas que são dadas para uma finalidade para outra? Ainda que seja do Governo, nunca. Desde 1968, com salesianos e filhas de Maria Auxiliadora, e eu não toquei numa verba de uma missão para transferi-la para outra, portanto nós fomos ajudados pelo Ministério do Interior por meio da SUDAM, que deu verbas para os nossos internatos e por isso é que nós podemos conservar esses internatos. Para os alunos de Barcelos, Santa Izabel e S. Gabriel, também a FUNABEM, auxiliou bastante no pagamento dos professores, A Secretaria de Estado ^{aos} /pouco foi assumindo os centros de Barcelos, Santa Izabel, S. Gabriel, Jauaretê, Pará e Taracua, até agora pagou e por isso que nós temos quatro mil alunos, cento e quarenta e dois professores todos porque a Secretaria nos ajudou nas escolas rurais, o Prefeito de S. Gabriel, também nos ajudou pagando todos os professores. Tivemos um auxílio também pequeno da Prefeitura de Santa Izabel, nada da Prefeitura de Barcelos e é menor o número de estudantes de Barcelos, apesar do município ser maior do que S. Gabriel, quantos estudantes tem e quantos estudantes tem S. Gabriel que o município é muito menor e como está se desenvolvendo. Por isso eu quero antes de tudo dizer que a União faz a força, se nós trabalhamos juntos, se o governo vê que nós temos capacidade de trabalharmos junto com ele e administrar bem as verbas que nos concedem, que continuem sempre nos ajudando. Agora está entrando novo elemento que quer cooperar conosco, a congregação salesiana e a prelazia de Rio Negro, está disposta a trabalhar, cooperar com a Funai se nós pudermos nos entrosar bem em todos esses trabalhos. Antes de terminar, eu quero dar parabéns ao General, que visitando as nossas missões me disse: you ajudar, foi o General Alvaro Cardoso, ele pediu ao Ministro Jarbas passarinho, uma verba, nos deu essa verba que era para as nossas escolinhas e comprei 20 barcos e 20 motores, já os distribui a todas as escolas do Rio Negro, para que este ano melhor se pudesse reunir nas escolas e aprender. Por isso, a todos os amigos que nos ajudam, ao Governo Federal que nos tem protegido, nessa questão de educação o meu agradecimento e espero que também nas outras áreas nós possamos ter a colaboração ou o CIMI, pois a prelazia é grande 280.000 km² e por is

so sozinha nada pode fazer. Mas com a colaboração de todos acho que vamos trabalhar muito e fazer com que realmente se desenvolva esse cidadão brasileiro. Hoje nós temos 67 professoras formadas, 142 lecionando, 69 alunos que estão no Exército Brasileiro em S. Gabriel, não saíram do Estado, hoje, eles estão prontos para servir a Pátria, 60 este ano para o ano vai aumentar, pois nós queremos assim dar ao Brasil, essa juventude que apesar de chamá-los índios já estão culturados e querem realmente trabalhar para a grandeza do nosso Brasil.

PADRE ANTONIO RASERA:

Venho aqui para tentar levar a nossa discussão para a finalidade do simpósio da Funai, com as missões religiosas. E faço duas perguntas, ontem, ...primeiro uma acertiva, no jornal nacional às 19:00 horas aqui em Manaus, o Ministério do Interior disse, que o Governo tomara medidas mais restritivas quanto ao trabalho das missões religiosas, pois tem havido abusos como foi comprovado pessoalmente pelo presidente da Funai, e sua equipe...(Lê)... Eu perguntaria ao Presidente, e espero que a culpa não seja novamente da imprensa, se no setor educação há abusos por parte das missões cristãs aqui na região em que atuamos...A segunda pergunta é a respeito de uma colocação do professor que há missionários e estão assessorando ou coisa semelhante aí a Funai, se há algum missionário ou algum perito em matéria religiosa já que o índio é profundamente religioso, fazendo parte da cúpula ou da assessoria de peritos em nível de cúpula da Funai...

O PROFESSOR ROBERTO CARDOSO:

Eu gostaria de antes de passar a palavra ao General Ismarth, lamentar um pouco a participação do Supervisor dos Padres Salesianos, que destorceu um pouco as minhas palavras e o meu pensamento, quando manifestei que todos nós grupos, estávamos unidos para chegarmos a um denominador comum a respeito do trabalho com as populações indígenas e quando eu me expressei falando em especialistas, eu quis dar um tom tecnológico, para não parecer que erros cabe aos técnicos a solução, e eu acho que não, acho que os técnicos ensinam e as soluções devem ser alcançadas através de contatos, diálogos e as decisões cabem naturalmente as esferas competentes de decisões da Funai, onde as vezes antropólogos não participam.

Eu quis dá essa idéia, mas apenas dá uma idéia, porque os antropólogos estão em mesmo pé de igualdade com os missionários e aos que quiserem chegar a soluções concretas.

PADRE ANTONIO RASERA!

Talvez eu não tenha entendido. O que eu entendi foi o seguinte: que há por parte da Funai a busca de assessores, peritos nas várias áreas.

O PROFESSOR ROBERTO CARDOSO!

Eu não devo ter dito isso, mas se disse as idéias não foram essas, são palavras...

PADRE ANTONIO RASERA!

Eu pergunto então, se há na cúpula da Funai, missionários já trabalhando, tirando a promessa onde me apoiava.

O SR. PRESIDENTE ! (GENERAL ISMARTH)

O que saiu publicado nos jornais, a presidência da Funai, tomou conhecimento através dos jornais a respeito das declarações do Sr. Ministro. A Funai, até hoje não remeteu ao Sr. Ministro, qualquer relatório a respeito do nosso trabalho, isso será feito somente após o encerramento de nossa viagem a esta área. Eu acredito que o Sr. Ministro, talvez tenha lido algum comentário em jornal, mas que não partiu nenhum relatório da Presidência da Funai a esse respeito. Desejo afirmar o seguinte, que o Governo está sinceramente interessado no problema do índio, talvez todos possam ter observado que pela primeira vez o presidente da república na sua mensagem ao congresso nacional tratou de um capítulo do índio, reafirmando a política do Estatuto do Índio. Isso mostra o real interesse do Governo. O problema da estrada Walmiris-Atroaris, inclusive uma das críticas que foi feita pelo padre Egydio, e de uma deturpação da Funai ao cumprimento do Estatuto ao qual eu assumi a responsabilidade, eu só quero afirmar que o Governo Federal de acordo com esse mesmo artigo 20 do Estatuto, poderia ter decretado uma intervenção na área dos Walmiris Atroaris, um dos motivos da intervenção do Governo, letra D, do art. 29 (Lê)... O que acarretaria na remoção da comunidade indígena para outra área que não é o seu habitat, de origem, o Governo não fez isso, está dando um crédito de confiança a Funai, para que ela possa resolver o problema dos índios Walmiris, Atroaris. Não vou de uma faculdade de que poderia ter usado em

função do próprio Estatuto do Índio. A outra pergunta da cúpula, se a Funai tem sua cúpula com elementos especializados. Em termos de Funai, não. Mas, no conselho indigenista, existe um representante que é padre, é de missões religiosas que opina naquele órgão de cúpula normativa sobre problemas religiosos.

DR. MARCOS BARROS:

Na parte de educação, nos compete muito pouco, porque somos médicos e embora estejamos ligados a educação, mas em nível superior através da Faculdade de medicina, medicina tropical, mas não do nível deste simpósio. Mas de qualquer maneira alguma coisa de interesse geral nos causa fluidos, alguma coisa não está nos deixando ficar sentados, isso aí eu gostaria de encarar da seguinte maneira. Primeiramente o aspecto global, a tônica do congrassamento missões/Funai, é exatamente o trabalho conjunto e que por vários motivos se evidenciou num isolamento, num distanciamento entre esses órgãos. A aula ministrada pelo SUMMER, eu acho que é muito proveitosa se está dentro da conceituação global do seminário, é uma contribuição em termos científicos profundos, e eu quero abrir aqui um parêntese para parabenizar a expositora, porque se o aspecto linguístico é tão importante na integração de uma sociedade, ela pode se considerar integrada, por ela falar muito bem português e o que eu quero dizer é o seguinte, que a colaboração dela foi muito grande e se nós encararmos no ponto de vista científico, a experiência com esse grupo científico que estuda linguística deve ser extrapolado para as outras áreas dentro desse espírito global de melhoria das condições de saúde, das condições sociais em geral e da tentativa de integrar sem desintegrar a cultura indígena, como o antropólogo falou, se nós fossemos nos apegar a palavras isoladas e aqui eu queria colocar o que o Sr. Bispo da Prelazia do Rio Negro colocou, dizendo uma sugestão em cima de suas palavras, o que os órgãos oficiais e não oficiais estão fazendo em conjunto com as missões, não são obras filantrópicas, são deveres desses órgãos, se a SUDAM, fornecesse uma dotação orçamentária para as missões, é dever dela, o índio é um brasileiro e precisa ser amparado sem qualquer demagogia, isso não é favor, eu volto a tocar na tecla, isso não é favor que a Funai, ou qualquer outra entidade faz em relação ao índio. Inclusive, os agradecimentos de público acredito que sejam desnecessários porque isso é dever deles. Ago-

ra outra coisa, a medalha de ouro, o ouro é um material tão caro, eu acho que deveria ser revestido em benefício do índio.

PADRE GIUSEPPE DALLA VALLE:

Antes de tudo eu me considero um missionário profundamente afeiçoado aos índios, pois minha vocação foi esta e ainda a matenho e posso' apresentar aqui os meus vinte anos de vida missionária entre os índios Tukano do alto Rio Negro. Eu creio que neste contexto todo de discussões o que vale é mais aquilo que nos une do que aquilo que nos desune e nós temos mais de uma razão e um motivo para nos unir. Visto que se fizessem várias colocações aqui, e até foram apresentados agradecimentos, não é sempre para atacar mas para dizer que estamos trabalhando e trago aqui ' um testemunho prático, ano passado quando chegou a Funai em Jauareté, depois das primeiras visitas do Dr. Piter, pelos povoados do rio Walpés, e do rio Papurí, uma das primeiras coisas que ele tem providenciado foi o estoque de material escolar para ajudar as crianças das escolas. Tanto' que este ano todas as crianças das escolas de Jauareté, das escolas rurais tem os seus cadernos fornecidos pela Funai e tem também uma remessa de material didático, livros que o Coronel Saul deverá levar nesses dias para lá.

PROFESSOR OLYMPIO SERRA:

Pelo que entendi a Mesa, apresentou um relatório e nós parece talvez com dificuldade de apresentação do relatório, talvez por uma falha dos apresentadores não ficou entendido que todo material apresentado é decorrente de uma experiencia que o SUMMER, vem desenvolvendo com a FUNAI, uma experiencia que nós consideramos bastante válida, inclusive por termos participado de muitas das suas fases e experiencias que já mereceram inclusive avaliação do antropólogo e professor Dr. Silvio Coelho dos Santos, a pesquisa financiada pela FRANKFURT, o pedido se refere a necessidade da Funai tomar conhecimento das experiencias que foram relatadas' aqui, um conhecimento melhor. Nós gostaríamos de na medida do possível, que as missões enviassem para o Departamento Geral de Planejamento Comunitário, que utilizam aqueles que tentam fazer uma educação de grupo e que seguem os currículos oficiais da Secretaria de Educação Estadual, as adaptações regionais, as que foram citadas aqui para que se possa ter um

conhecimento melhor.

MISSÕES NOVAS TRIBOS DO BRASIL!

Eu faço, para irmã Indiana, que apresentou o relatório do trabalho de assistência educacional da Prelazia do Rio Negro, a pergunta seguinte: foi relatado que alguns elementos não índios habitantes da região onde está a tribo, estão atuando como professores e pelo fato de conhecerem os costumes do local eles têm se entrosado muito bem com os professores. Eu tenho uma observação e uma pergunta, a observação é a seguinte: Tem-se constatado que em muitos casos, não posso dizer todos, em muitos casos os elementos da população circunvizinha à tribo são sempre os elementos que guardam as vezes maiores preconceitos contra a própria tribo, contra os próprios índios, eles nascem ali e desde crianças ouvem histórias que narram o conflito entre a comunidade indígena e a sociedade envolvente. Então a pergunta é esta: se coisas desta natureza estão se apresentando entre o professor da região e os índios alunos? E também qual seria a possibilidade de instruir esses professores no sentido de uma educação bilíngue e no sentido de respeito a cultura indígena uma vez que esses professores são de nível primário. Esta é a pergunta.

IRMÃ INDIANA MARQUES!

De um modo geral o professor que não é indígena, e que leciona as vezes na zona rural, nós damos um cursinho de orientação, como é que devem agir dentro da escola. Na região onde eu trabalho, não posso citar os indígenas de um modo geral na região onde trabalhamos eles são muito bem aceitos pela comunidade, e como todos nós somos imperfeitos, se há algum caso assim de não aceitação por parte do indígena, nós tentamos substituir esses professores, ou esse professor por outro mais capacitado ou que tenha melhor entrosamento. Isso é muito natural, prepararmos o professor pensando que vai dar bom resultado e as vezes não dá. Este ano por exemplo na região do Içana, tivemos que trocar dois professores, por outros, os professores do ano passado não se entrosaram bem, ficaram somente um ano lá e foram logo substituídos. Essas providências são tomadas justamente na época daquele cursinho que nós fazemos fim do ano e na época das visitas que os dois missionários itinerantes fazem em cada escola.

MISSÃO NOVAS TRIBOS DO BRASIL!

Tenho duas perguntas a fazer para a dona Barbara, relatora dos trabalhos do SUMMER. A primeira pergunta é a seguinte: A relatora disse ' que um elemento do corpo docente, isto é aquele elemento não índio, que ingressaria na comunidade, para introduzir um programa de ensino bilíngue, ele deveria em primeiro lugar conhecer a língua do grupo a que ele vai servir e para tanto haveria necessidade também de se conhecer a estrutura gramatical da língua. Agora nós sabemos o tempo que se leva para aprender uma língua indígena e para se conhecer também a estrutura de uma língua, preparar material didático adequado para se iniciar um programa de educação bilíngue. Então eu perguntaria, quantos tempo mais ou menos é calculado até que se possa iniciar efetivamente um programa de educação bilíngue e acrescentaria: será que dá tempo para essas tribos que estão sendo alcançadas rapidamente por outras vias e não o elemento especializado? Daria tempo de nós chegarmos lá e implantar um programa de ensino bilíngue e assim salvar essas comunidades desse encontro que nenhum de nós desejamos que ele tenha primeiro com a comunidade envolvente.

SUMMER INSTITUTE OF LINGUISTICS:

Em primeiro lugar eu gostaria de destacar que o elemento que deve fazer parte do corpo docente falante da língua, não tem que ser uma pessoa de fora, na primeira experiencia a pessoa que desenvolve esse trabalho vem de fora, mas a primeira entre eles é com um membro da comunidade indígena preenchendo essas necessidades, uma pessoa que comanda a primeira turma. Esperamos que de agora em diante essa necessidade seja preenchida por um membro da comunidade. O tempo que se leva para desempenhar esse trabalho, realmente é um tempo longo, se começarmos hoje o trabalho de análise, linguística etc, Eu não posso dizer que podemos começar educação bilíngue, como esclareci em menos de cinco minutos. Da experiencia que temos o tempo que leva para se analisar uma língua e trabalhar com a comunidade para o desenvolvimento da literatura, deve levar cinco anos! Nós podemos ver que as comunidades que estão sendo alcançadas agora, é difícil dizer e dentro de cinco anos nós podemos conseguir alcançar os objetivos, a não ser que se descubra outras maneiras.

MISSÃO NOVAS TRIBOS DO BRASIL:

Antes de fazer a segunda pergunta eu faria uma observação nos

trando a necessidade de se ter um linguísta de pronto, quando se pensa em atrair tribos indígenas. Em nosso último seminário, eu me lembro, que uma proposição existia, no sentido de incentivar o preparo de mais linguístas brasileiros. E a outra proposição seria que linguístas fizessem parte das equipes de atração visando o mais rápido possível o estudo das linguas ' dos grupos atraídos para que se estudasse a gramática e se preparasse material didático para a introdução do programa de educação bilingue. Eu ' não sei se algumas providencias estão sendo tomadas nesse sentido, seria de se lamentar que uma comunidade indígena fosse atraída e entrasse com o passar do tempo em contáto com a sociedade envolvente e as estradas, o progresso, os fazendeiros chegando e o pessoal chegando e os linguístas' não estivessem ali para preparar todo esse trabalho a fim de se fazer um tipo de educação em base científica.

O GENERAL ISMARTH DE ARAÚJO!

Eu posso informar ao plenário, que já solicitamos ao SUMMER , dois linguístas para atuarem na área dos índios Waimiris-Atroaris e que o SUMMER, já designou esses elementos, eu não posso dizer de pronto quem são esses dois, para começarem a estudar a língua dessa comunidade que ainda não está contactada ainda, ainda está arredia, mas está dentro da idéia' do expositor que é exatamente ~~quexexex~~ a idéia que a Funai tem de depois de terminado o contáto, iniciar exatamente o estudo linguístico, mas o SUMMER, pode dizer quem foram os dois designados.

SUMMER INSTITUTE OF LINGUISTIC!

Foi designado o casal Rick e Sharon Reece, que se encontram em Belém.

MISSÃO NOVAS TRIBOS DO BRASIL!

A resposta me satisfaz plenamente, inclusive me congratulo com o SUMMER e a Funai, nesse sentido. Então, a segunda pergunta é um pouco' diferente. Pensando na educação bilingue, no sentido de alto promoção da própria tribo, em que o índio sente que o professor é dele, a escola é de le, o material didático é dele e isto valoriza o índio e quando nós pensamos também no programa de economia e ação comunitária, nós pensávamos que os índios ao receberem um certo produto, se eles sentiam um certo resultado, um certo salário, se ele sentia uma certa recompensa do seu serviço,

pensando na auto-promoção da tribo, Eu perguntaria, que efeito psicológico tem tido sobre os monitores bilingues? conforme estou sabendo, quando eles estão em fase de preparação recebem da Funai, uma ajuda, uma espécie de bolça de estudo e uma vez formados monitores bilingues eles recebem um certo salário. Eu gostaria de saber que efeito essa ajuda monetária para os monitores bilingues representa para eles nesse sentido assim de auto-promoção, se eles sentem que aquele dinheiro é dele, é esforço dele, ou se eles sentem que ser monitor bilingue é para trabalhar em prol do seu povo, e que tem que receber uma ajuda de fora, um salário de fora? Então eu queria uma resposta um esclarecimento nesse sentido.

O PROFESSOR ROBERTO CARDOSO!

Com a palavra o professor Olympio Serra.

PROFESSOR OLYMPIO SERRA!

Eu estou sendo trazido ao plenário, para o debate sem condições em parte de informar. As observações que nós tivemos oportunidade de realizar, demonstraram que embora o ideal fosse a sustentação desse sistema pela própria comunidade, nós inclusive observamos que sendo o sistema educacional para todo cidadão brasileiro um sistema gratuito, não haveria razão de se jogar mais esse peso sobre a comunidade onde foi desenvolvida as experiências dado pelo extremo grau de pobreza, depois observamos que o próprio pagamento de bolsas para sustentação do aluno, da parte dele parece que houve uma compreensão, uma recompensa com trabalho para benefício de sua gente e serviu ao próprio sistema de treinamento para utilizar essa bolsa como a forma de educação em termos monetário nacional e de projeto aquisitivo, sugeria melhores escolhas etc, nas suas compras de supermercado nas cidades vizinhas etc, por esse lado estranhamente positivo, agora o fator conhecido da própria vida é a opção que se tem de programar salário porque ele tem direito ao sistema educacional gratuito.

PADRE ANTONIO IASI!

Quero apenas apresentar uma colaboração que podia ter sido feita em particular, mas feita de público tem mais força para o Sr. Presidente, pode agir. Trata-se do elemento representativo ou não das missões junto ao conselho. Eu creio que como colega e membro da congregação seria a pessoa mais indicada para poder criticá-lo por os outros se sentiriam

constrangidos, ele é da mesma congregação é Jesuíta, mas eu posso dizer que ele é uma pessoa totalmente desligada do assunto, não acompanha o assunto e não faz uma consulta aos missionários, a que eu saiba, e segundo informação que tenho de outros conselheiros, ele passa as sessões durmindo. Ora, esse parece que não é o elemento indicado para estar aí como conselheiro, nós propomos que escolha um outro representante que seja realmente engajado e que esteja disposto a tratar do assunto.

O SR. PRESIDENTE: GENERAL ISMARTH DE ARAÚJO

Eu desejo informar ao Padre Antonio Iasi, que já recebi esse conselho e o que V. Exa. está afirmando é verdadeiro, nesse aspecto que talvez seja doença, mas na realidade eu recebi como representante das missões religiosas. Mas, esse conselheiro...nós desejamos dar uma maior amplitude ao conselho indígena e apesar do Estatuto do Índio, afirmar que não dá definição de dizer quem deve ser por força do elemento conhecedor da problemática indígena, a nossa intenção é que dentro desse conselho indígenista, para que esse conselho tenha uma melhor dinâmica e possa participar como órgão normativo sugerindo que esses projetos de comunidades indígenas de criar uma espécie de representação muito diferente do campo em que a Funai atua, essa que é a idéia que está sendo transmitida, já que se trata de quem propõe ao presidente da república é o ministro do interior, a Funai vai sugerir ao Sr. Ministro uma nova reestruturação no conselho, efetivamente tenhamos gente capacitada para debater nos diferentes campos de atividades da Funai.

REPRESENTANTE DE PARTINTINS:

A respeito do assunto de hoje, eu agradeço muito ao CIMI, porque fiz o curso ano passado em Brasília, e a respeito da linguística eu acho que é uma organização bem conhecida e um trabalho perfeito para quem participa do curso. Acho que praticamente troca a canoa com o voador, no sentido linguístico. Essa foi a impressão que eu tive e acho que tiveram muitos aqui representantes que fizeram o curso. O problema nosso é cultura linguística é um meio. Quer dizer eu tenho um carro, mas para onde eu devo ir? Acho que neste sentido é competência das várias organizações, seja de saúde, seja de educação de elaborar junto com a Funai, junto com as missões, um plano de conteúdo que vai satisfazer esse índio que sabe ler

que sabe escrever. Isso eu acho importante, sobretudo ao povo brasileiro, a nação brasileira, porque nós somos estrangeiros e estamos aqui de boa vontade, de todo coração damos a vida. Mas, nós não temos uma cultura util prática, eu acho que só os brasileiros como a ajuda, lógico do órgãos que pertencem, que já trabalharam ali anos, podem elaborar porque para mim o problema é conteúdo, neste trabalho. Depois queria um esclarecimento a professora Barbara, quando eu voltei do curso, vimos na parte de cima do Andirá, onde temos um casal linguístas, lá as pessoas são alfabetizadas em fatos linguísticos. Mais para baixo onde tem mais contáto de motores com os brancos, este ano houve um contáto maior, o povo está pedindo o mobral, escolinhas, não liga com o problema de lingua. Talvez é aquela razão que a professora Barbara falava, ela pode me esclarecer. Quer dizer com facilidade é alfabetizado na lingua que entende, ora esse pessoal de baixo, entende o portugues, mas não fala, isso com certas cidades com que eles não querem usar a fonte bilingue, porque já está em meio caminho não querem voltar para não construirem uma ponte do outro lado, também uma reflexão particular, na europa tem lugares onde a lingua materna não é escrita, são dialetos, gírias etc e com os meninos, nós estamos fazendo uma experiencia, nós ouvimos a lingua nacional que se aprende nas escolas, quer dizer não sei se possa fazer uma... deixo a palavra a quem talvez possa responder.

SUMMER INSTITUTE OF LINGUISTICS

O padre realmente tocou num assunto muito sensível é difícil de encontrar pessoas da comunidade indígena que não se interessam em se alfabetizar na sua própria lingua. Eu pergunto aos membros do Seminário, se eu oferecesse aulas de natação sem água, alguém ia querer ver a minhas aulas? Acho que não. É a mesma coisa com a alfabetização, se não existe na da para ler, porque que alguém vai de noite, depois de um dia cansativo da sua plantação para aprender a ler, se não há o que ler na sua própria lingua? Então cabe a pessoa que está na comunidades, providenciar através dos escritos uma literatura indígena. O programa de alfabetização começa com essa literatura, depois dos devidos estudos linguísticos, procuramos um elemnto ou mais que se interesse em alfabetizar-se, e com eles nós podemos começar a formular um corpo de literatura que se precisa para ter o que oferecer a comunidade, depois de aprender a ler. Eu acho que só com

esse passo nós vamos prosseguir para frente com essas comunidades que não se interessam em fazer essa ponte de educação bilingue. Em relação ao conteúdo dos textos que o autor vai escrever na sua própria língua. É a regra de ouro do magistério, que leva o aluno do conhecido ao desconhecido. Então nós devemos começar dentro do conhecimento da pessoa na sua comunidade e assim através ou de um seminário local, contatos pessoais ou um seminário fortalecido talvez fora da sua comunidade com outros elementos de outras comunidades, nós podemos estimular curiosidades e interesse e com isso nós podemos ver que realmente ele vai dizer para nós o que ele quer dentro desse texto. Essa foi a nossa experiencia em Belém, no ano passado quando houve elementos de 12 comunidades diferentes, falando 12 línguas diferentes, em número de 12 indígenas e em número de 21 indígenas que através de estímulos desse tipo foram escrevendo o que eles queriam que a comunidade soubesse de Belém. Para completar essa terceira fase de literatura indígena, que se trata de testes para o currículo, eles voltam com 8, 10, 15 títulos em mãos da sua escolha que ele queria que a comunidade soubesse e não foi nada do que eu disse, sua comunidade precisa disso, não, foi dele mesmo, começou com um início humilde, eles mesmo vão dizer o que eles querem. Esse é o meu ponto de vista.

PRELAZIA DE RORAIMA!

Acho que perdemos muito tempo em discussões e outras coisas e quero fazer uma proposta para o proximo simpósio, para se avisar com uma certa antecedencia e o relatório e as aulas de linguista prontas de maneira que chegando todo mundo possa receber logo essas copias e reservar o tempo todo para discussões muito mais profícuas que simples dados numéricos.

PROFESSOR ROBERTO CARDOSO!

Eu gostaria apenas de dizer que o seminário ainda não terminou, e a respeito do problema de literatura, é algo que nós iremos procurar a resposta no ambito de projetos integrados. Acho que não está perdido o esforço de todos nós. E damos por encerrada a presente sessão matinal e convocamos outra para às 2:30 da tarde. Muito obrigado.

FIM.

" II SEMINÁRIO FUNAI - MISSÕES RELIGIOSAS - AMAZÔNIA LEGAL "

Em 8-4-75 às 14:00

O SR. PRESIDENTE! (GENERAL ISMARTH DE ARAÚJO)

Vamos reiniciar os trabalhos, a seguir com a palavra o Representante da Vice-Liderança do PartidoSr. Paulo Lucena.

O SR. PAULO LUCENA!

Lê...

O SR. PRESIDENTE!

Eu havia recebido uma carta ontem do ilustre representante de do nosso nosso parlamento, se não me engano, tocando nesse ponto, que ora está sendo abordado. Mas prontifiquei-me já que quero levantar as críticas de atuações, não só da Funai, como de outros órgãos para se discutir amplamente as soluções ou sugestões que pudessem ser apresentadas para melhorar aquilo que foi achado pelo grupo de trabalho. Continuamos nesse mesmo propósito porque as sugestões sendo válidas a Funai acolherá venha de onde vier.

O SR. PAULO LUCENA!

V. Exa. me contestou a carta com o telegrama, agradecendo as sugestões contidas na carta.

O SR. PRESIDENTE!

Eu mandei fazer um ofício, estava pronto inclusive, para discutirmos. Então, o ofício não chegou em suas mãos.

O SR. PAULO LUCENA!

Eu gostaria de ler o contexto da carta para que o plenário conheça. A carta foi dirigida ao Exmo. Sr. Presidente, Geisel, o qual nos enviou uma prova de boa vontade em solucionar problemas (Lê)...

O SR. PRESIDENTE!

Permita-me o ilustre parlamentar, não poder discutir no momento essas proposições, porque estão fugindo ao temário da reunião. Mas, nós estaremos prontos posteriormente para discutirmos os seus conhecimentos sobre o assunto.

O SR. PAULO LUCENA!

Eu ofereço a nossa colaboração e boa vontade para o trabalho que será execu-

tado.

O SR. PRESIDENTE!

Antes de iniciarmos os trabalhos da tarde eu desejaria fazer duas comunicações ao plenário. A comunicação feita ontem pelo padre Egydio, a Funai já tomou providencias junto a Delegacia Regional de Porto Velho, para apurar devidamente o caso relacionado com massacres de indios no seringal do Amazonas, em determinado deslocamento com a cooperação do SUMMER, para aquela área de um advogado para apurar devidamente o caso. A segunda comunicação é que pretendemos ainda hoje, atendendo a insistente ponderação com relação as missões religiosas. Para tarde está previsto o campo socio cultural, é religioso, evidentemente que quem deverá estar presidindo aqui dentro desse campo é um elemento que entendesse desse ponto religioso, mas eu convidaria o ilustre supervisor das missões para presidir os trabalhos que tem mais capacidade para encarar esse problema.

PADRE ANTONIO RASERA!

Primeiramente eu agradeço o convite do Sr. Presidente, e espero que a nossa aproximação física, aproxime cada vez mais o nosso intento de melhor servir aqueles pelos quais nós estamos aqui reunidos. Pediria a presença, seguindo o mesmo painel adotado ontem por sugestão do Padre Tiago, a presença aqui na frente dos relatores. Com a palavra o representante da prela-

PRELAZIA DO ALTO SOLIMÕES!

(Lê)...

ASSOCIAÇÃO BATISTA PARA O EVANGELISMO MUNDIAL!

(Lê)...

REPRESENTANTE DA M.E.V.A.!

(Lê)... Este é o relatório da posição socio cultural e religiosa de atuação da M.E.V.A.

MISSÃO NOVAS TRIBOS DO BRASIL!

(Lê)...

PRELAZIA DO RIO NEGRO!

A relação que está escrita, não é muito conforme ao meu caráter, por isso eu agora vou responder a este plenário, depois entregarei a pre-

sidencia. Não sou antropólogo, mas sou muito amante, diletante de todas as missões indígenas. Em primeiro lugar, como é que os salesianos encontraram o rio Negro com relação aos indígenas em 1915, quando o primeiro prelado chegou à 16 de agosto em S. Gabriel da Cachoeira, O rio Negro, na época era posse de poucas famílias, extratores da seringa, cada família tinha 300,400 famílias, isto é cada família indígena as dependencias trabalhavam de sol a sol em todos os tempos recebendo só as vezes a farinha, o resto nada, um pedaço de pano para cobrir as vergonhas, as mulheres uma saia e sempre com dividas, para se experimentar uma espingarda usava-se o corpo do indígena, isto é realidade. Quando o prelado chegou a primeira vez, como prelado de Taracuá, em 1917, encontrou uma grande maloca, onde está agora a Santa Casa, reunidos 450 indígenas, há seis dias enclausurados naquela maloca, nas condições que se pode descrever, porque não podiam nem sair daquele ambiente para nenhuma cidade. E o sr. Bispo de então, ao ver aquele estado e sendo convidado a entrar pelo chefe, desmaiou, isso foi relatado por aquele que outrora morava naquele local, essa era a condição do indígena do Rio Negro. Em 1936, eu mesmo assisti a banquetes em que os que tinham algo tomavam banho de champanhe, enquanto o pobre indígena andava cheio de feridas, cheio de doenças e de dívidas, e mais alguma coisa que não podemos dizer. Esse era o estado. Qual era o trabalho do salesiano? Em primeiro lugar o Bispo daquela época teve uma primeira preocupação, a língua, ele mesmo todos os dias separava 5 horas para estudar a língua e deixou muitos escritos para ensinarmos a doutrina. O padre Antonio, e tantos outros cujo o nome eu deveria lembrar o padre BRUCE. O padre é antropólogo, o padre é um doutor realmente no sentido da palavra, ali está com os seus volumes, ali está como catequista nas pesquisas de Jauareté, está ainda hoje em Taracuá, está curtindo, trabalhando, isto é, limando a própria saúde, a própria vida, para nos dar um trabalho pelo qual nós compreendamos com mais facilidade, realmente os indígenas e assim realizarmos o nosso diálogo. Não continuo nessa tecla, pois já escutamos sobre a saúde, sobre a cultura, aulas na prelazia do Rio Negro, está muito diferente. Há dois anos, realizou-se em S. Gabriel, um simpósio entre os sacerdotes da prelazia que trabalham com os Aíçás, da Venezuela, e nesse simpósio um padre Venezuelano disse que chegará o dia em que conseguiremos o trabalho entre os indígenas tukano, etc. Com relação a religião, onde se falou no pagé, no caxirí, e

naquilo que se chama *KAMUKVAI*, na minha pouca experiência quero afirmar que nenhuma dessas coisas é religião, é só ato social indígena, o indígena é eminentemente social, ele se preocupa desse relacionamento entre as várias tribos, entre eles há sempre ligação, o *ZABUPURI*, é entregar um produto que há em grande abundância numa região, para outra região, onde existe em quantidade muito limitada, para receber outro produto que escasseia na outra região, portanto em primeiro lugar, exemplo o *ZABUPURI* do peixe, o peixe é alimentação do indígena, num lugar onde existe muito peixe, a tribo que os possui trazem todo o resultado desse trabalho para uma outra tribo que não tem o peixe, mas tem farinha, então, isso é feito através de cerimônias, através de atos sociais, que renova aquela amizade que existe continuamente entre eles. Eles são religiosos, e acreditam num Deus só, eles tem pensamento do além e vivem em função do além, mas, querem a nossa civilização. Nós temos no *APUI* uma escola, não fazem nem vinte dias que foi uma professora, até o alto *AIARI*, Terezinha Bueno, essa moça, já fazem cinco anos que está trabalhando como voluntária entre a equipe do rio Negro, ela voluntariamente pediu para ir lecionar no *APUI*, pois conhece, porque quando fez o curso, eu me encarreguei de levá-la até lá a fim de que ela conhecesse aquele lugar, está se cumprindo o desejo daquela tribo, de que fosse enviado o professor para ensinar, porque eles queriam realmente conhecer os costumes nosso, e com isso se integrarem mais completamente. A missão católica está no Rio Negro, desde 1650, até o alto do Içana, onde está a missão Raposo, essa missão sem que nós soubessemos surgiu onde existiu em 1730 a missão Carmelita, sem nós sabermos, os documentos dos antigos, as razões nos deram de informar diretamente naquele lugar onde eles estiveram até eles puderem sustentar. Portanto a religião até mesmo no Içana, foi a católica, no princípio e quando o padre José, em 1936, no fim de 1935, deu a sua primeira viagem até o alto do Içana, de canoa, gastando vários meses, chegou até o alvo, eram dois elementos já conhecidos pela missão de S. Gabriel e o outro irmão, que faleceu no ano passado em Belém, ele reconhecia cada um desses indígenas que vinham lá do alto do Içana, trazendo os produtos e todos eles eram despachados na missão de S. Gabriel, gostavam disso porque não eram explorados, portanto me nos demoraram para ensinar aquela gente, eles ficaram contentes com isso. E em outro lugar, lá no alto *ITANHORE* em 1893, já havia internato, eu mesmo

falei com vários ex-alunos deste internato, acima de Taracua, os quais ainda hoje, me dizem a lembrança dos ensinamentos que os padres lhes deram naquela época — "está aqui no nosso coração, nós nos integramos, agora somos caboclos, mas nos integramos à Pátria brasileira, através dos ensinamentos que nos foram dados, o resto todo mundo conhece, todo mundo sabe aquilo que o Rio Negro, ou a Prelazia do Rio Negro está fazendo. Muito obrigado.

D. MIGUEL DAVERSA!

Tive ocasião de dizer que nós não trabalhamos diretamente no meio daqueles quatro grupos indígenas, no entanto algumas coisas posso dizer. Esses indígenas frequentemente aparecem em Humaitá, como também nas festas de interior. Na semana passada tive ocasião de assistir umas cenas, veio um casal, porque a mulher estava doida, então o marido teve a coragem de trazê-la para o hospital. Na saída os senhores podem imaginar, as crianças fizeram um cortejo atrás dos dois, mas aí foi que eu vi uma coisa, ela entrou numa loja comprando uma dúzia de velas e foi acender diante da imagem de Nossa Senhora de Loubes e lá ficou de joelhos todo tempo e os meninos fazendo POROA... Em questão de negócio, eu sei que eles são bastante inteligentes e espertos, agora não fazem como faziam antigamente, trocando produtos, por mercadorias com os brancos, estão exigindo dinheiro por saberem que na troca de mercadorias já foram enganados mais de uma vez. Tivemos notícia também que ultimamente eles atacaram uma família, essa família veio para o hospital e um deles morreu. Mas, não é por ódio ao branco, é por interesse, atacaram porque estavam com fome e roubaram farinha e roupas. Esses mesmos índios, foram na aldeia conosco pedir para irmos trabalhar com eles assim como trabalhamos com os outros, mas até agora não foi possível atendermos esse pedido porque não temos elementos humanos especializados. Em questão de religião a prelazia de Humaitá, segue as outras prelazias e arquidioceses, isto é nós aqui no Amazonas, temos um plano traçado em Santarém, na região e renovado ano passado nas nossas reuniões em Manaus. O mesmo sacerdote que trabalha no interior da prelazia, entra em contáto com esses indígenas, embora venha pregando e anunciando o Evangelho que Cristo mandou ensinar, sem constrangir e impor, isso se faz livremente e como eu disse nós já fomos pedidos mais de uma vez.

REPRESENTANTE DE ITACO ATIARA!

A arquidiocese de Manaus, e também a prelazia de Itacoatiara, estamos como já disse hoje de manhã, na fase de levantamento da população indígena da área da prelazia de Itacoatiara e da Arquidiocese de Manaus. No campo sócio cultural e religioso, eles são pessoas humanas com cultura diferente. Estamos estudando a estatística dos Watroaris-Walmiris, talvez nós vamos chegar a uma compreensão melhor do comportamento desses indígenas. Eu peço ao Presidente, Presidente da Funai, em favor dos indígenas Walmiris-Atroaris, no sentido de atender a situação em que hoje ... (Lê) ...

PADRE ANTONIO RASERA!

Temos dez minutos para o intervalo, antes de iniciarmos a próxima parte da sessão de hoje.

(intervalo)

PADRE ANTONIO RASERA!

Reiniciados os trabalhos da tarde, nesta parte da sessão nós vamos ter que revogar as perguntas a respeito do tema que foi apresentado há pouco. Sobrando tempo nós haveremos ou teremos aqui em plenário, a apresentação por parte da Funai, dos pareceres, observações e aquilo que os grupos de trabalho constatarem durante as visitas que fizeram antes do início do simpósio. E havendo tempo iniciaremos os trabalhos de grupo. Com a palavra o padre Tiago.

PADRE TIAGO BOETS!

Que haja divergência entre o antropólogo e o sociólogo, há de se compreender que haja diferença do ponto de vista diferente entre uma instituição como igreja ou missão de um lado e a FUNAI de outro lado pode-se compreender. Primeiro, tem a sua característica própria, religiosa, enquanto a segunda é fundamentalmente um órgão político. Agora eu gostaria de ouvir um pouco dos expositores, como é que os srs., das diversas missões, vêem a aproximação das diversas missões entre si, atuando na mesma área? Mais uma vez, assim como coloquei ontem, não que a gente vá julgar com as idéias novas de hoje, o passado. Passado é passado, já era, vamos em frente, eu me refiro aqui ao movimento ecumênico, e não somente ao movimento ecumênico, entre as igrejas não católicas de um lado e as católicas do outro, como também o movimento de aproximação das diversas igrejas, de denominação cristã entre si. Por exemplo aqui, a MEVA, Igreja Batista, Novas Tribos do Brasil e assim por

diante. Eu gostaria de ouvir algum depoimento, quanto a essa aproximação dos cristãos entre si.

REPRESENTANTE DA MISSÃO NOVAS TRIBOS DO BRASIL:

Nós estamos assistindo a um seminário FUNAI/MISSÕES, nós não estamos assistindo a um seminário MISSÕES/MISSÕES. Nós somos simplesmente relatores dos trabalhos prestados aos índios. Acredito que nenhum de nós veio com atribuição de sua igreja, para se pronunciar a respeito do problema ecumenismo. Eu pessoalmente, não tenho atribuição para me pronunciar, seria necessária uma reunião entre as missões para discutir o assunto, não sei se aqui seria o lugar adequado, agora quanto esforços para o bem do índio no que tange a sua saúde, nós podemos juntar esforços, eu não vejo porque razão, quando eu levo em minha rural por exemplo, um carregamento de remédio para a Missão Evangélica lá em Itacoatiara, não vejo porque razão eu possa colocar na mesma rural um carregamento de remédios para a missão Católica, inclusive lá deu-se o contrário do que estou dizendo, nós mesmos por falta de remédios fomos à enfermeiros colegas de dona Silvia, conhecida aqui Irmã Silvia, então tomamos um bom contingente de remédios, um bom estoque de remédios da CEME, que aquela irmã tinha para o atendimento ao índio. Então tratamos dos índios com aqueles remédios, que no passado estávamos com falta de remédio e ela nos cedeu e assim por diante. A irmã Silvia, pretende realizar um trabalho de educação na aldeia dos Xerentes, que ficou fora da área indígena demarcada lá em Tocantins na aldeia do Funil. Ela vai precisar de material didático, para isso, nós temos preparado algumas cartilhas dos Xerentes e vamos fornecer essas cartilhas Xerentes à irmã Silvia e vamos aproveitá-la com respeito ao aprendizado da língua Xerente e assim por diante. Podemos juntar muito esforços, agora pronunciarmo-nos aqui a respeito do problema do ecumenismo, eu acredito que pessoalmente não tenho nenhuma atribuição nesse sentido.

PE. TIAGO BOETS:

Não era também minha intenção, chegar a este nível, gostaria até de reportar uma sugestão do sr. e que num futuro não muito distante a gente promova um encontro das diversas missões entre si, a fim de estudarmos em conjunto esse tipo de colaboração. A minha preocupação surgiu justamente por causa do objetivo do seminário, qual seja a união faz a força, a conjugação dos esforços. É justamente no campo de saúde, educação, de ajuda mútua que eu vejo também uma possibilidade muito concreta de uma maior colaboração

mútua, uma vez que somos exatamente os executores de diversos programas que se encontram na mesma área, embora pertençam a missões diferentes.

REPRESENTANTE DA PRELAZIA DE PARINTINS:

Achei muito importante as perguntas do padre Tiago, porque o indígena, além de ter menos que as outras atividades de viver com representantes de religião, é algo que entra na vida espiritual deles. Acho importante também para a FUNAI, que se apresente no meio das religiões, tem muitos da FUNAI que dizem, nós não podemos suscitar só católico ou não católico, etc no caso prático para as nossas religiões, não é também aqui o lugar para fazer ecomunismo, mas acho que nós devemos olhar para o indígena nessa situação e ver quais são os muitos valores principais que essas pessoas querem receber, acho que na religião, os valores mínimos todo mundo tem, que nós deveríamos encostar a nossa atividade sobre estes valores básicos para ajudar a incentivar, animar pessoas indígenas. Acho que os valores locais éticos, são também religiosos, toda religião pode incentivar, pode doar. É importante cada religião ter aquela atenção de evitar, de propor coisas que podem atrapalhar o crescimento do índio porque uma diz uma coisa, o outro diz outra coisa. Em regra geral eu acharia bom ter a vontade, se num determinado lugar a maioria das pessoas em outro lugar tem mais atividades numa outra denominação cristã, deixar esse caminho, para evitar como acontece como os trabalhos que tem pessoas improvisadas, missionárias, até que tomam cachaça, pregam não sei o que, e depois atrapalham todo o trabalho de pessoas que vivem anos no lugar. Acharia bom ver mesmo, a respeito dos valores religiosos mais importantes dos índios e acho que as religiões poderiam propor esta sugestão.

DOM. ADALBERTO MARSI:

A nossa área realmente sofreu um aspecto muito forte com relação a crença. O impacto, quando a igreja Batista começou a sua atividade, por que depois, por último o nosso reverendíssimo cooperador D. José, falecido, se colocara sempre e numa posição de contraste e os Tikunas, naquela visão inicial de catequese, aceitaram aquilo quase como alguma coisa deles, como revolta, contra o civilizado. Portanto a nossa posição, a situação lá no alto Solimões, neste ponto é bastante grave. A prelazia em 1968, em uma reunião, traçamos como linha prioritária, um contáto com as igrejas Batistas, para ver se nos uniamos ao menos naquilo que era educação, que era assistência

orçamentária. Eu tentei por duas vezes esse contáto, mas falhei. A culpa será por parte da igreja Católica, mas praticamente nesse contraste tem culpa minha, e essa divisão de hoje, é devido justamente ao nosso pouco entrosamento, e não tivemos uma atuação mais presente na FUNAI, para equilibrar as forças, para mais ou menos solucionar o problema. E quanto se apresentou a quem para estudar, só chegaram para julgar, para condenar. Aí, além dos elementos das duas religiões, chegaram esses elementos externos que agravaram a situação.

PE. ANTONIO RASERA!

Alguém mais da igreja católica deseja fazer uso da palavra?

O PROFESSOR ROBERTO CARDOSO!

Embora eu não seja padre, eu não seja pastor, eu me declaro profundamente ecumênico. Eu acho que se a igreja que trabalha na catequese não se entenderem, dificilmente os grupos indígenas poderão se entender. Eu gostaria apenas de fazer uma versão sobre o grupo que tem bastante vivência e que não pertence a Amazônia, no sentido mais a vontade de falar, missão que atua no Mato Grosso, entre os Xerentes e que estão divididos entre católicos e protestante. Há um profundo faccionalismo dos grupos indígenas que reflete igualmente a meu ver no faccionalismo do grupo. Então, eu tenho impressão que se nesses processos de catequese também as igrejas tentaram estabelecer pontos entre os grupos que estão sendo alcançados pela catequese, esse faccionalismo pelo menos diminuirá bastante, então "e nesse sentido" que eu consideraria, uma postura ecumenica por parte dessas igrejas, que seria profundamente importante para a causa indígena e aqui vão duas perguntas a dois relatores, ao relator da Missão ou Associação Batista, que opera na área Tikuna, Eu gostaria de saber! (Lê)...

ASSOCIAÇÃO BATISTA PARA O EVANGELISMO MUNDIAL!

Eles jogam futebol com qualquer pessoa que os convide. Em S. Antonio do Itã, a maior parte são católicos e os outros que vem do Rio Itã, pode ser que tenham ou não religião, mas eles jogam futebol com qualquer turma que queira jogar com eles. Faz pouco tempo que um grupo de Betania, foi para Nova Itália, nós não condenamos isso, é privilégio deles, eles querem.

O PROFESSOR ROBERTO CARDOSO!

Pergunta para o representante da M.E.V.A. considerando que a

língua portuguesa é um instrumento de contáto com as populações alienígenas em que os Yanoamas, embora ainda estejam afastados do convívio da sociedade nacional, é muito possível que em tempo curto eles venham ter esse contáto? Então, o que a M.E.V.A. está programando em termos de ensino de português, para a população Yanoama?

REPRESENTANTE DA M.E.V.A.!

Eu só diria que nós estamos programando aquilo que é possível, começando com a língua que é a parte inicial, há poucas pessoas que conhecem a língua Yanoama, talvez uma meia dúzia de pessoas, é um grupo muito limitado e que está na fase inicial. Eu posso dar um exemplo, que estando lá e usando o português na presença deles e tentando ensinar o nome de objetos e animais, as coisas mais comuns, estamos introduzindo uma maneira mais rápida possível que é lógica.

PADRE ANTONIO IASI!

Quando nós criticamos a Funai, nós partimos das bases e então podemos criticar as missões também partindo das bases. Recentemente eu fiz uma pesquisa na área Tikuna e num posto lá no Feijoal, há três facções, quer dizer isso aí não contribui para a integração do índio na sociedade e muito menos no seu próprio grupo que está desagregado, temos apenas que pensar seriamente nisso senão nós não estamos integrando o índio, estamos integrando dentro de si mesmo e depois também ele não vai se integrar a não ser numa sociedade mínima, em uma parte da sociedade, sobretudo quando a sociedade envolvente e isso eu gostaria que tomassemos não como eu sendo católico, sacerdote, mas o fato é que a sociedade envolvente é na sua maioria católica, seja folclórica, etc. Mas, é. Então o índio com certas limitações, certas posições talvez um pouco puritanas, ele não vai encontrar possibilidade de se integrar na comunhão nacional, na sociedade envolvente, quando muito ele poderia vir para um grupo ~~selecionado~~ selecionado de cristãos, vivendo um outro contexto, então o problema se agrava e eu acho que nós não devemos exigir tanto dos índios a ponto que eles não bebam, não fumem, quando Moisés, permitiu pelas leis de Jesus Cristo, que os patriarcas tivessem várias mulheres e que inclusive se desquitassem, abandonassem a uma porção de coisas que a gente precisa saber que um povo não evolui assim como tão poucos anos, esse exemplo bíblico, os nossos irmãos evangélicos se fundem bastante na bi-

blia, deveriam ter sempre para nós e nossos trabalhos. É isso que eu gostaria de dizer a todos.

PADRE TIAGO BOETS!

Gostaria de insistir um pouco em outro aspecto em que se fundamenta também a minha preocupação, é o seguinte! Nós nessa civilização em que estamos, já estamos bastante acostumados e por isso estou um pouco contra o Padre Antonio Iasi, nós já estamos bastante familizizados com a realidade pluralista, já conseguimos conviver com isso, como não sei quantas idéias, com secularizações e tantas coisas mais, temos os nossos meios e defeitos e tudo, agora eu creio que juntamente em benefício do próprio índio que tem por natureza e origem esta vivencia extremamente comunitária deve ser tremendamente difícil de se assimilar a esta coisa que vem de fora e aquela pluralidade, por parte da própria vivencia do índio que conhece aquela vida comunitária tão enraizada e derrepente seria confrontada com várias filosofias,

O PROFESSOR OLYMPIO SERRA!

Nós queremos fazer um pedido aos colegas do Seminário, entendemos que acabamos de ver as dificuldades das missões em torno problema convencional, isso reforça ou ajuda a entender também as dificuldades que num plenário como este se discutir aquilo que efetivamente a Funai, propôs no tema, acho que todos percebem diferentes insinuanças que ocorre no plenário, que vão as vezes em pronunciamentos compreendidos até no esquecimento das mais caras tradições indígenas brasileiras comparada a uma experiencia norte-americana e em favor de instituições norte americanas. Isto dá uma idéia das dificuldades de se encerrar o tema que a Funai propôs, assim nós queriamos formular um pedido aos grupos de trabalho tentarem uma vez que eles, ao que se supoe, terão mais condições de pensarem em termos de uma prática indígenista, muito mais do que uma política indígenista, que eles enfrentem o problema com a possibilidade que tiverem, isso é, com o conciliar atividades missionárias e o prescreve o Estatuto do Índio quanto ao respeito de sistemas culturais indígenas. Parece que o tema era esse, no momento de relatar houve dificuldade inteiramente compreensiva de se enfrentar o problema, e todos deixamos de ser missionários, ou somos professores, ou antropólogos, ou indígenas, sertanistas, etc, e o tema a meu ver, infelizmente não teve condições para ser abordado como parece que deveria ser. É o meu pedido.

MISSÃO NOVAS TRIBOS DO BRASIL!

Percebe-se que sempre quando nós falamos no assunto "saúde", todos nós estamos de acordo, quando nós falamos no assunto "educação", todos nós estamos de acordo, quando nós falamos no assunto economia, todos estamos juntos, quando entramos para assunto "sócio-cultural a influencia das missões e missionários nas tribos indígenas então a coisa encrespa. Tem-se percebido, desculpem a linguagem pouco parlamentar, mas têm-se percebido que a maior divergencia nossa, de nós missionários cristão e outros assessores da Funai, encarregados de executarem a política indigenista, a nossa maior divergencia está justamente neste terreno, eu já falei com o Dr. Olympio ontem, se não me engano e alias já foi proposto no ultimo encontro Funai/Missões, que nós programassemos um seminário especialmente para o assunto sócio cultural 1, não sei se o Sr. Presidente, lembra dessa, mas pelo menos falamos' nesse assunto, de fato parece que teriamos muito a falar, e a abordar nesse terreno, agora eu também confesso que foi pouco o que apresentamos neste sentido, para começar nós tivemos muito pouco tempo para prepararmos os relatórios, de modo que chegando no assunto mais delicado, mais difícil onde as vezes as palavras traem a gente, nem sempre pronunciamos no momento as palavras, aquilo que realmente é, muito mais nós que somos leigos nesse assunto, as vezes queremos explicar a situação e torna-se traído pelas palavras. Não é fácil se explicar isso, porém o trabalho que nós fizemos está feito e as mudanças ocorridas nos lugares onde os elementos da comunidade indígena optaram pela fé cristão, os resultados das transformações estão ali, a unica coisa que poderíamos fazer, seria convidar aqueles que conhecem mais o assunto do que nós, os cientistas, antropólogos para fazerem um estudo, chegarem junto aos indios e receber influencia do missionário não só no campo da saúde, não só no campo da educação, da economia, mas também nesse campo socio cultural religioso, então fizessem um estudo daquelas transformações seria a unica coisa que nós poderíamos dizer. Agora já que estou aqui na frente quero dizer mais uma pequena palavra a respeito do assunto que foi levantado, do assunto ecumenico, pelas palavras do Padre Iasi, os senhores podem perceber que o assunto é muito complexo, envolve proposições teológicas e envolve liberdade de crença, de modo que não é um assunto para a gente dizer aqui em poucas palavras, porém eu acredito que havendo como tem havido, os

senhores podem ser testemunhas disso que estamos aqui participando desse ' seminário, missões católicas e missões protestantes em verdadeira fraterni-
dade, havendo respeito mútuo pela crença alheia, salvaguardando a liberdade de crença, nós podemos dar para os índios um testemunho que não estamos de-
sunidos, não estamos longe, agora as manifestações em contrário que foram
observadas em outras tribos, são quem sabe frutos ainda daquela época em
que havia o antagonista muito maior entre os católicos e os não católicos!
Atualmente com essa aproximação, ainda que não em papel, ainda que não em
reuniões que nós estabelecemos as nossas produções mas com esse receio mú-
tuo que está havendo entre católicos e não católicos, nós vamos dar teste-
munho ao índio que somos unidos. Quando eu levo na minha própria rural, por
exemplo, a irmã Silvia, para a aldeia do Funil, quando o índio chega em ca-
sa e vê a irmã Silvia, sentada recebendo orientação a respeito de língua
xerente, quando eles me vêem, eu e minha esposa no ambulatório das freiras,
pegando remédio e levando para casa, aquele índio que optar pela fé católi-
ca não discutirá o problema com aquele índio que optar pela fé evangélica,
eles vão ter as mesmas liberdades de crenças com um respeito mútuo um pelo
outro. Agora para dizer que o índio ao se integrar na sociedade brasileira
ele precisaria receber informação de uma religião só e eu nem sei que pala-
vra usaria para determinar o que seria isso, porque eu sou evangélico e
acho que sou integrado na sociedade brasileira sem problema nenhum, estou
aqui entre os padres, entre as freiras e mais estou aqui entre muitos ele-
mentos da própria Funai, que são defensores da filosofia positivista e nós
estamos aqui juntos, trabalhando juntos, agora ~~xx~~ se fossemos falar em ter-
mos de ~~ecumenismo~~ ecumenismo absoluto então seria necessário que unissemos
também com os positivistas e assim por diante, se nós fossemos aceitar pa-
ra discutir o postulado dessas várias correntes filosóficas, onde é que nós
iríamos, então meus colegas não há necessidade de nós levarmos aqui ao se-
minário este assunto, basta que haja respeito pela crença um dos outros e
essa ~~frat~~ confraternização mútua especificando bem no índio, nós vamos fazer
o trabalho e não vai haver problema. É o que tinha a dizer.

PRELAZIA DO RIO NEGRO (IRMÃO INDIANA)

Quero apenas expor aqui a minha opinião a respeito do assunto

de duas religiões na mesma tribo, eu acho que é um problema muito sério e nós temos que examinar pelo seguinte, num lugar mais desenvolvido o povo já conhece uma, duas ou mais religião até, num lugar pequeno, numa tribo onde tem por exemplo 500 pessoas ou 600 e assim por diante, já existe uma religião mas será que o povo já está preparado para receber uma segunda religião, então antes de nós católicos por exemplo entrarmos num ambiente onde estão os evangélicos, precisava antes ter um entendimento entre o Bispo e o Pastor, ou o Pastor e o Vigário e assim por diante, porque do contrário vamos criar uma certa, talvez, inimizade, uma certa divergencia entre os proprios indios, porque eles são muito unidos em família, e se algum deles sair para outra religião que está chegando agora, pode ser motivo de choque entre eles mesmo. Eu tenho exemplo prático, recebemos um convite para abrir uma escola no rio Igana, no lugar chamado S. José, nesse lugar há um grupo de católicos e um grupo de protestantes, agora eu me pergunto! eu poderia entrar ali para abrir uma escola, eu respondi que não, tanto que estou aguardando, falei agora com o pastor Paulo, a respeito disto, porque ou ele abre ou nós abrimos, porque se eu abrir uma escola, os protestantes talvez não queiram vir comigo. Então, fica aquele grupinho de católicos ali, se vai o evangélico abrir sem antes preparar a turma dos católicos ele vai ficar com a escolinha dele pra lá e os nossos católicos cá, de um lado e de outro, então eu acho que precisava antes um estudo com esse pessoal, prepará-los para receber outras religiões que poderiam chegar. Em S. Gabriel, por exemplo não houve esse problema, porque o ambiente era mais desenvolvido, então com a chegada da estrada os alunos já tinham o curso ginásial, já tinham o segundo grau, então eles estavam preparados para optarem para uma religião ou outra. Chegaram os protestantes e outras religiões e até agora nenhum fez opção para elas, pelo menos que eu saiba, se quiser eu acho que é só escolher, mas o ambiente já está preparado. Mas, será que Parí Cachoeira, Jauareté, e outros municípios, Marauá, estão preparados? Vai haver, como disse, aquela separação, em vez da religião unir, vai haver discordia, não porque estejamos ensinando a discordia é preciso antes haver um entendimento entre o chefe da católica e o chefe da protestante para ver se há possibilidade já de um entrosamento. Para complementar um pouquinho mais, nós temos duas escolas em ambiente protestante, tem uma no lugar chamado Livramento, o proprio Pastor veio falar com D. Miguel

por duas vezes, nós abrimos e está funcionando este ano. Que religião vamos dar ali? Até o momento está a religião protestante, porque a maioria da comunidade dele é protestante, agora se aprezer um católico ali, dois ou mais aí temos que estudar o problema, mas por enquanto quem mantém a escola e quem orienta somos nós. Mas quem leciona é o cunhado do pastor. Acho que há entendimento entre nós desde que haja esse diálogo anterior. Estamos aguardando aquela escolinha e vamos depender do Pastor que trabalha mais naquela região do que nós, mandei avisar para o pessoal, fizemos o levantamento através de um deles mesmo e nós vamos decidir.

PADRE PEDRO MARIA GAWLIK!

Sr. Presidente, eu peço permissão de pular este assunto sobre ecumenismo e entrar em outro tema, eu tenho a impressão que pelas observações de ontem e de hoje, que nós somos as vezes muito exclusivistas, se mudamos a religião do índio, assim acredito que muitos pensam, então nós estamos deturpando essencialmente também a cultura do índio e com isso destruindo o índio. Estou achando que justamente essa idéia inspirou um pouquinho esse artigo 58, onde depois foi usada a palavra "pertubar" de qualquer modo a prática da religião ou dos costumes, e é uma coisa que podemos interpretar de diversas formas, talvez também tenha sido alguma coisa inspirou o método presidencial e eu me refiro a minha experiência no meio dos Xavantes de 58 à 68 em Mato Grosso, eu posso garantir pelo menos, pela nossa religião católica, eu não vou falar a respeito de outras religiões, Evangélica e outras, mas eu acho, eu posso garantir que muito bem se pode cogitar e praticar uma mudança de religião no índio sem com isso pertubar a estrutura dele, eu sei que tudo isso aqui baseia-se em experiências dolorosas do ano passado, quando os missionários então achavam que tudo que era dança dos índios era o diabo, mas parece que nesse sentido tivemos o Concílio Vaticano II, que declarou perfeitamente a religião não significa um sistema de civilização, se adapta perfeitamente a qualquer costume e então nós estamos hoje, graças à Deus com uma mentalidade mudada, estou dizendo isso para dar isca à quem é mais competente no assunto para desenvolver melhor este aspecto.

D. MILTON!

Não vou defender uma tese teológica, nem fazer um sermão, nem estabelecer princípios, apenas lançar umas poucas idéias, simplesmente isto.

Evangelio, ciências humanas, como antropologia, sociologia e confissões evangélicas, católicos e não católicos, nós queremos dizer que nós cristãos precisamos de Ciências humanas, precisamos de Antropologia, da Sociologia e na nossa visão teológica muito bem explicitada pelo Concílio Ecumênico do Vaticano II, a igreja católica não é uma religião elevada para o homem que ainda não aderiu a ela, mas na nossa visão "Cristã" está como semente de evangelio em todos os seres humanos, de tal modo que desde a hora de sua morte na Cruz, todos os homens foram atraídos para ele, todos os homens caminham para ele, então todo o homem que procura com sinceridade a verdade, vai acabar no Cristo, então o antropólogo, o sociólogo que dentro do angulo da sua ciência procura a verdade concretamente é fiel ao que ele descobre de positivo, reflete e tira conclusões, ele está servindo ao Cristo, está servindo a nós, nos está dando matéria para explicitar o evangelho, de tal modo que quando nós chegamos com a Mensagem do Evangelho, por exemplo a uma missão, nós não vamos levar um Cristo, que ainda não está no índio, o Cristo já está nele, está como semente de evangelio, nós simplesmente vamos levar uma mensagem para ele explicitar e aperfeiçoar de tal modo que nós não vamos mudar a religião deles, vamos conduzi-lo a um crescimento da sua religião até que ele chegue ao Cristo, o trabalho do evangelio não é acabar com a religião do índio, mas é fazer aquela religião evoluir até chegar no Cristo, que já está nele, então "por essa razão eu gostei muito daquela apresentação do Padre salesiano de Porto Velho, como encara esses elementos culturais dos índios que estão muito ligados à religião, nós encaramos conforme a cultura de cada um, de cada povo, no caso aí do Rio Negro, aquelas práticas religiosas são encaradas como práticas sociais, são práticas que podem ser perfeitamente assumidas pela liturgia cristã, pela liturgia católica, explicitando a sua fé no Cristo, portanto a presença do católico, a presença do evangélico no meio dos índios, não é para levar uma religião nova, mas é para ajudar o índio a descobrir o que ele já tem, e explicar de um modo perfeito como S. Pedro no templo dos gregos ao encontrar o altar um Deus desconhecido disse: É esse Deus desconhecido que nós viemos pregar, nós também não vamos pregar o Deus desconhecido, mas talvez o Deus mal conhecido, pois bem, então nós fazemos um voto de confiança no trabalho do sociólogo e do antropólogo, desde que ele faça esse trabalho com toda honestidade, é uma ajuda que está dando para nós, não há

condições nenhuma do evangelho e ciencias humanas entre o evangelho e antropologia, entre evangelho e sociologia. Com relação aos nossos irmãos evangelicos, realmente dentro do ambito de confissões cristã, basta que nós nos respeitamos, todos nós estamos pregando o Cristo, basta que o indio tenha'' uma visão de que nós somos unidos na busca do Cristo, lembremos daquela palavra de S. Paulo! o que me importa é que o Cristo seja pregado,...da nossa parte há o máximo de esforço para nós nos entendermos, para nós nos respeitarmos, são essas palavras que eu queria dizer, sem estar defendendo tese teologica.

PADRE TIAGO BOETS!

Eu vejo que ao atravessar a história, que a igreja católica e a igreja não católica era a que tomava mais a iniciativa de construir escolas, e construir postos médicos, principalmente no interior, de tal forma que a aquele estabelecimento de ensino, aquele posto médico era identificado como sendo coisa da missão, quer católica, quer não católica. Experiencias outras dos últimos anos demonstram principalmente aqui na Amazonia, que a gente pode desligar aos poucos essas construções das próprias missões e as missões terão muito mais tempo e recursos disponíveis para a sua verdadeira função e ao mesmo tempo a gente parte para outro entendimento dos diversos grupos entre si, me refiro aqueles trabalhos de pequenas comunidades ao longo dos rios da Amazonia, em que a própria população já chegou a tomar a iniciativa de construir o seu centro social, a sua escolinha e que a sua infra-estrutura já se desligou mais e mais do ambito igreja, quer católica, quer não. Foi feito também aí um passo a frente de uma secularização sadia de que justamente esta infra-estrutura social, escolas, posto-médico e tudo não de responsabilidade de uma igreja e sim da responsabilidade da própria comunidade em consonancia com as entidades governamentais responsáveis por aquelas construções. Aí tem também outro ponto de partida. Não sei se deixei bem clara a miha idéia.

PADRE ANTONIO RASERA!

Gostaria de ouvir com toda sinceridade aquilo que os integrantes dos grupos de trabalho, estiveram nas várias regiões, missões aqui do Amazonas constatarem, especialmente os desejos dos indios, seus problemas, inclusive também as nossas deficiencias que vimos propaladas pela imprensa,

pelos jornais e gostaríamos de ver então de uma maneira direta, as quais receberemos todos nós com muito agrado e no sentido de colaboração. Cabe-me por sorte ter que presidir também esta parte, dada pelo General Ismarth, pedindo que continuássemos aqui embora abhassem ... eu que como era uma parte da Funai, seria muito mais interessante que as coisas estivessem sob a direção dele, em todo o caso como nós estamos indo para uma aproximação, para uma conjugação de esforços, eu também faço com muito gosto esse pequeno serviço. Gostaria então de pedir ao grupo que esteve na região de Roraima, que viessem apresentar as suas observações, relatórios etc.

O SR. RUBENS AUTO!

Este documento contém as proposições do grupo de Roraima e que já foram entregues à Funai. Por essas proposições, pode-se aquilatar de certo modo os problemas principais que o grupo de trabalho de Roraima, encontrou naquele território. O objetivo desse trabalho de grupo, como foi dito pelo Presidente da Funai, não foi fazer uma pesquisa em profundidade, nem uma fiscalização. Foi uma inspeção rápida, realizada em 15 dias apenas durante esses dias o nosso grupo teve a oportunidade de visitar vinte malocas diferentes, só isto mostra que o trabalho não podia ser feito em profundidade. Destas vinte e nove malocas, em quatro havia representantes da M.E.V.A. e em duas representantes da prelazia de Boa Vista, a M.E.V.A., e a prelazia de Roraima, é que faziam a assistência dos índios dessas malocas, restaram 14 malocas onde tinham uma missão apenas atuando e nessas malocas só bem recentemente a Funai, começou a penetrar. A 10a. Delegacia da Funai, foi instalada apenas no ano passado e a Funai mantém atualmente três postos indígenas, para uma infinidade de malocas. Portanto a tarefa principal do grupo foi verificar essa situação de Roraima, anotar aqueles problemas que se ressaltavam como os mais importantes, e que na opinião do grupo é ao contrário da expectativa de todos o problema da terra. Foi este o problema que encontramos em Roraima, a comunidade indígena do território que mantém um contato, muito antigo com a população regional, necessita de que a Funai lhes preste a maior atenção possível. Está registrada nessas proposições dos grupos, na parte de habilitação essas proposições que estão sendo feitas pelo grupo ou Presidente da Funai, medidas para tentar pelo menos uma solução nas áreas indígenas. Nas áreas das missões, já prevendo o prefixamento da M.E.V.A. e da Missão Catrimani, já prevendo uma provável corrida decorrente da abertura da Perimetral Norte, o grupo está tentando se antecipar um pouco aos aconteci

mentos históricos, fez também propostas e definições de áreas que seriam de pois encaminhadas pela Funai, as Autoridades paroquiais, sobre o aspecto dos trabalhos das missões, na área de Roraima, o grupo de trabalho pode verificar na área da M.E.V.A., áreas muito distantes de qualquer meio de acesso comum, pois só podem ser atingidas por meio de aeronaves de pequeno porte, notamos que os índios estavam ~~pr~~ bastante primitivos, devido o contáto relativamente recente e principalmente por causa do isolamento em que eles vivem em relação ao contáto com a sociedade Nacional. De um modo geral nos deram a impressão de boa saúde, o médico da nossa equipe não verificou nenhum caso grave, e examinou as fixas de controle da missão, aliás, há um tipo de ficha de controle da missão, aliás, há um tipo de ficha onde é localizado o nome do índio e até fotografia do índio, não me lembro em que missão foi, com todo o controle de medicamentos e vacinas que vem sendo aplicadas. Evidentemente a missão ainda não penetrou em toda a comunidade, especialmente na missão do Surucuru, onde não tivemos o prazer de ver nenhum índio, pois as malocas mais próximas, os índios tinham ido visitar os parentes como é o costume tradicional e periodico entre os Yanoamas. Na missão Catrimani, encontramos o mesmo sistema de controle por meio de ficha. Deixei propositadamente para o fim, uma referencia ao Banco Catrimani, porque o grupo de trabalho não considerou o grupo catrimani, como uma missão tão grave como repercutiu no seminário, é um sistema ao nosso ver mais adequado para a educação de índios nesse estado de aculturação em que se encontram. No entanto dada a abertura da Perimetral Norte, que passa a tres quilometros apenas da aldeia onde está instalada a missão, o grupo sentiu que esta chegando o momento da missão dar um passo a frente nesse sistema de educação, a propria missão pedia ao grupo professores em lingua portuguesa, porque eles vem alfabetizando os índios no dialeto Yanoama, da região no entanto a estrada até ali e é irreversível, os índios estão ao lado da estrada, o controle e os contáto vai ser cada dia mais difícil, então a propria missão sugeriu isso e pediu à propria Funai, facilidades para conseguir uma professora em portugues, para começar o ensino bilingue entre os Yanoamas, que por enquanto são monolingue. Considerando isto os grupos de trabalho numa das suas proposições sugere, sem mencionar evidentemente a missão, a introdução já de conhecimento sobre a média nacional. Eu acho que era somente isso, o grupo tinha a relatar.

O SR. PRESIDENTE!

Com relação ao grupo de Roraima, a presidência da Funai, constituiu uma comitiva a parte, e teve a oportunidade de ingressar na área da M.E.V.A. na região do Surucucu, somente nessa área que está sendo programada pela presidência, evidentemente como foi afirmado aqui pelo grupo, nós não vimos índios, fizemos perguntas às missões, sentimos isso, já que se trata de debate franco, que pelas distâncias, pelas dificuldades de transporte e pela infra-estrutura da própria missão, ela não tem capacidade de se aprofundar nem de descentralizar para poder atender aquelas comunidades indígenas. Essa que seria uma solução viável para a missão. Que ela tivesse infra-estrutura e pudesse dar assistência às suas comunidades que ^{no} momento são atendidas via área em aviões de pequeno porte, mas no momento não tem infra-estrutura. Foi exatamente a pergunta que fiz ao missionário, então no momento, o atendimento na área de Surucucu, está sendo centralizado belingue, o índio vindo a sede da missão para receber as orientações. Temos comunidades mais próximas, se não me engano, essas são atendidas diretamente, mas, as mais distantes são difíceis para a missão atender.

IRMÃO CARLOS ZACQUINI!

Eu gostaria de saber o que entende o grupo por missão que atuam em maloca, pois falaram que a prelazia só atende a duas malocas.?

O SR. RUBENS AUTO!

O que o grupo constatou é que a prelazia Catrimani, nas áreas visitadas pelo grupo, que a prelazia Catrimani e na Maloca Barata, nós não tivemos oportunidade de visitar o Surumu, estava programado. Mas, não houve tempo de irmos nesse local. Estivemos entre os índios com o padre responsável pela missão, uma de nossas proposições inclusive, é ajudar a missão a terminar o trabalho que vem desenvolvendo.

IRMÃO CARLOS ZACQUINI!

Mas, não era isso que eu queria, desculpe. Queria saber que entende por atuar na maloca porque nós temos padres, Bispos, Missionários na maloca da Barata, no Surumu, onde tem internato e hospital também, tem um padre, o qual atende um número muito grande de malocas, agora não entende com a presença permanente num lugar, mas visitas semanais em algumas, quinze dias em outras, mensais em outras e outras mais espaçadamente, não sei se isso não é considerado como atendimento.

O SR. RUBENS AUTO!

Não, talvez tenha havido ... aqui do relator, realmente o rela-

tor considerou como um dos locais de atuação. Mas, de fato em algumas malocas visitadas encontrou a presença da prelazia, inclusive pela existência de igrejas, como na maloca Raposo, onde parece que há um trabalho da prelazia, o índio daquela maloca já estão na 3a. igreja, a 1a. era de palha, a 2a. de sapê e agora a 3a. de alvenaria,. Encontramos inclusive, nas malocas um gerador de luz, que a missão tinha deixado lá, e se não me engano em virtude de visitar várias aldeias da prelazia.

IRMÃO CARLOS ZACQUINI:

Os índios queriam também fazer uma parte nessa maloca como em outras malocas onde funciona por exemplo um sistema de cooperativa para o índio. Também no Surumu, as visitas as vezes sejam menos frequentes pois o trabalho da Missão Surumu, os missionários não podem se ausentar muitas vezes e não podem atender muito frequentemente as malocas que vivem ao redor do Surumu, mas também há visitas periódicas inclusive com enfermeiras, geralmente até médicos quando possível.

REPRESENTANTE DO GRUPO QUE ATUOU NO RIO NEGRO:

Percorrer uma área geográfica que começava na fronteira de Roraima e se alastrava para o oeste, todo aquele ambiente do território brasileiro banhado pelo Rio Negro e seus afluentes. A nossa missão tinha um ponto muito flexível, se algum dos postos programado não pudesse ser atendido, nós tínhamos liberdade de trocar esses postos por outros, o que aliás aconteceu, foi na margem norte do Rio Negro, na região mais próxima de Roraima ou seja o rio Jauapery, Canamarí, Ibederí, por ser uma região muito difícil de ser navegada, o rio estava baixo, com muitas correntezas e outras peculiaridades. Os índios não estão na parte do baixo curso do rio, eles se localizam particularmente no meio e alto, onde as correntezas são impossíveis à navegação, particularmente seria muito ... composto de 8 a 9 pessoas do grupo teríamos que ter uma embarcação mais pesada para levar todos. Constatada nas regiões onde nosso PI, já estão instalados ou em fase de instalação que é justamente na região próxima e ao longo da Perimetral Norte, vai cortar esse PI, então constatado que nesse lugar além do difícil acesso também no caso de haver índio, nós decidimos aproveitar o tempo percorrendo outras áreas, assim percorremos o rio Içana e se fosse possível um pouco do Papurí e também o Tiquié, são rios onde moram grupos muito importantes de índios como os tukano e outros. A presença do Projeto RADAM, atuando na área do Rio Negro permitiu que nós fizéssemos uma visita em uma aldeia do rio PAUAPERÍ no alto

do Maturacá, fomos atendidos também em Marauia e há uma aldeia da M.N.T.B., nós só pudemos ir a do Tocotobi, na outra não deu, nessas aldeias nós encontramos ... foi a la.(Tocotobi) uma missão da N.T.B.muito bem instalada, muito bem orientada, tanto na parte de educação como na parte de saúde, os costumes são respeitados, então as nossas observações a respeito dessa aldeia é muito positiva nessa missão, passamos a Maturacá, lá encontramos também uma missão instalada com as edificações em alvenaria, muitas crianças matriculadas, o padre estava ausente, pois tinha ocorrido um acidente, os costumes políticos dos índios também respeitavam, tivemos a oportunidade até de assistir um ritual porque havia morrido um membro da tribo alguns dias antes e eles estavam comendo aquele mingau misturado com as cinzas do defunto e fazendo uma dança muito interessante, enquanto isso a missão assistia com perfeita tolerancia. A missão também está muito boa, tem instalações grandes e sendo construídas. No futuro permitirão que nós possamos atingir com facilidade em aviões de pequeno porte, daí nós fomos percorrer as missões tradicionais, as grandes missões do Rio Negro, Vauareté, Walpés, S. Gabriel, Parí-Cachoeira, que eram as três fixadas pela missão da Funai. Essas missões são demasiadamente grandes, graças a essa atuação nós pudemos encontrar nas aldeias mais próximas e até nas mais distantes sempre a presença de uma professora índia formada, ministrando aulas até a 3a. série nessas aldeias de índios, ainda na parte de educação nas aldeias de Novas Tribos, encontramos também uma boa apresentação, a foz do Sena que visitamos e mais uma outra no alto do Turuí, sendo bem equipada, material escolar eficiente e a presença do professor atuando. Depois de percorrermos tudo isso, Içana e Tiquié, nós olhamos também a atuação de cooperativas, perto de Parí-Cachoeira existem duas muito interessantes, uma perto da missão e a outra um pouco afastada, essas cooperativas também são bem avançadas. Quando nós passamos junto à missão Parí, eles não nos deram muita atenção no 1º dia porque estavam distribuindo os lucros adquiridos durante um ano, o que mostra a boa estruturação da cooperativa exclusivamente dirigida pelos índios, existe uma outra mais acima onde também se organiza, já compraram barcos, Nessa outra, junto da missão eles já construíram um barco, a missão não tem uma oficina e carpintaria muito boa e é possível que aqueles carpinteiros que construíram aqueles barcos se rivalize com qualquer outro barco feito nos melhores estaleiros do Amazonas, barco de madeira, é um barco muito bom que eles construíram para o uso da cooperativa, eles têm um grande orgulho disso, os outros de uma mis

são mais acima chamada Bela Vista, tem uma aldeia já organizada também e resolveram adquirir um barco já pronto, eles tem plena condição de receberem um pouco de impulso, um pouco de ajuda para partir para a diversificação, que por enquanto foi produzida muita farinha. O comércio tende a se precipitar e até a mudar de direção porque esse comércio é orientado no ramo da Colômbia, então os produtos particularmente se orientavam para os altos rios, apesar das deficiências, e das cachoeiras, isso porque obtinham melhores preços, agora com o desenvolvimento de S. Gabriel com a criação de condições melhores S. Gabriel triplicou ou quadruplicou a população e em importâncias econômicas, eles já estão pensando talvez em se dirigir para S. Gabriel. Essas rápidas observações todas positivas, não vimos nada de negativo. Foram consubstanciadas nesses documentos que foi distribuídos, foram as nossas propostas para serem estudadas pela Funai, porque algumas delas pode parecer até um pouco ousadas na questão de terras. Quem olhar aqui vai encontrar um negócio um pouco complicado, mas isso é apenas uma opinião nossa e essa opinião é bom que se diga, se baseou no seguinte: as terras do Içana são terras pobres não tem características da mata amazônica, a não ser pequenos trechos; as formigas dominam grande parte, nós encontramos índios que disseram que precisavam remar três horas para poder encontrar uma terra melhor e fazer sua roça. Então nós achamos que os vales desses rios todos fossem reservados aos índios, Tiquié, Papurí, Walpés, e até o Rio Negro, entre Cucuí até S. Gabriel e aqueles rios que tem na fronteira norte do país, lidaremos de outra maneira, mas também a nossa Funai, se caracteriza em reservá-las para os índios, a floresta naquele local tem características verdadeiramente Amazônicas, árvores enormes, terras férteis, um panorama belíssimo, seria um lugar que talvez atraísse o turismo, o que será daqueles índios ainda tão primitivos, quando o turismo chegar. Tenho a impressão que perspectiva não seria agradável, talvez melhor seria agregar tudo aquilo para os índios. Era isso que o grupo do Rio Negro tinha a dizer. Algumas perguntas?...

(segue)

PE. CARLOS CALLI:

Com relação as terras do Içana, acho que há um engano, do lado esquerdo do Içana são terras inaproveitáveis por onde iria passar a perimetral Norte que foi traçado, mas no lado direito e do lado esquerdo do Xiê / aí as terras são normais, superiores as terras de Juareté e todas aquelas / outras, é uma zona muito grande desde Cucui vai passando o rio Xiê, aí as terras são todas altas, vai subindo até o Tunuí, do Tunuí até a Serra do Caparro de futuro, via até o alto Içana até S. Joaquim? aí não passa do Ariramba e daí tem ainda 123 Km para se chegar a fronteira da margem direita, todas essas terras são terras boas, tiradas algumas excessões enquanto do outro lado realmente são terras fracas. Por isso o Içana sempre foi o seleiro do Rio Negro e pode continuar sendo o seleiro do Rio Negro.

PE. ANTONIO RASERA:

É uma contribuição que o padre Galli coloca para o grupo que naturalmente teve pouco tempo para ver, ele já tem 9 anos ali e conhece aquilo / palmo-a-palmo.

REP. ANTONIO RASERA:

Eu queria dar uma resposta ao padre Carlos a respeito o senhor / como profundo conhecedor daquela área, o nosso grupo apenas botiou ao longo do rio, não deu tempo, saímos um pouquinho fora das margens, mas foi tão pouco que não deu para ver. Cercamos a área, percorremos outros rios, mas / sempre pelas margens dos rios exceto nas aldeias Nacu que nós tivemos que percorrer duas horas a pé. O nosso presidente está lembrado aqui que a nossa proposta, é que fique reservado aos indígenas todas aquelas terras, e eu dava como justificativa o fato de serem terras pobres e então não se pode permitir que a civilização penetre nas terras.

IRMÃO CARLOS ZACQUINI:

Eu queria pedir, já que o relator falou em terras lindas, com lagos, uma coisa bonita, que não é sem dúvida a única nessa Amazonia, há / muitos lugares também no territórios de Roraima também tem terras lindas / lagos vegetação virgem, a fauna intacta e flora também, me chama isso a mente, talvez seja possível criar ou talvez sugerir através do senhor / presidente o órgão competente a criação também de um parque ou reserva da fauna e da flora, não sei se nessa área ou na área dos Ianomamis ou em outro lugar isso é possível fazer.

O SR. EDMILSON ROSAS:

Foi falado que a área do Rio Negro deveria ser o quanto antes reservada não quanto ao turismo, mas para que ele quando lá não chegar não seja, embora eu tenha procurado para tal, nós queremos declarar que já existe, pequenos estudos da área em sentido de turismo, o desejo da empresa seria, como já foi dito anteriormente, a preservação como um parque nacional em que o próprio índio seria parte integrante para receber a visita do turismo. Eu particularmente como estudioso do folclore e talvez um pouquinho de antropologia / eu sou contra a utilização do ser humano como atração turística, apesar de / trabalhar na empresa de turismo, assim sendo nós queremos declarar de que já existe uma proposição para a construção de um pequeno hotel, inclusive o pessoal das missões que recebeu a visita de uma equipe da Emantur e que foi feito um levantamento de potencialidade da área para a construção desse motel e a possibilidade de uma dessas empresas de táxi aéreo fizessem viagens normais para levar equipes de turismo que aqui chegam. Ainda está em proposição, ainda está em estudos, porém a proposição da criação do Parque Nacional já foi feito um documento ao Ministério do Interior solicitamos que isso fosse feito, para que se preservasse. Um pouco antes do assunto vir a pauta, questão de cooperativas, eu estive conversando com uma funcionária da FUNAI a respeito da minha participação nesse seminário seria a possibilidade do artesanato, porque que a cooperativa que já existe no Alto Rio Negro não monta ou providencia aqui na região, aqui na cidade, na capital uma agência ou um setor para que o turista, diretamente adquirisse esses artesanatos que há muita dificuldades. A FUNAI, fez uma tentativa através da arte índia no local denominado Parque Infantil / porém não funcionava em tempo integral, só algumas horas, eu acredito até essa agência de artesanato indígena já foi fechado, uma coisa é certo, a experiência nos declara de que a procura é muito grande, não sei se seria uma das soluções de ajudar as missões que a Funai fizesse esse posto voltar a funcionar e que o turista que aqui chega em razão de 179 mil no ano passado, pudesse adquirir alguma coisa desse artesanato e através da FUNAI esse dinheiro ou bens comprados com esse dinheiro chegasse até as missões, isso seria talvez / uma proposição e eu particularmente faria a FUNAI a reabertura da arte índia, no Parque Infantil ou então em outra área para que então voltássemos a adquirir diretamente da FUNAI os artesanatos indígenas, não estou fazendo isso crítica ao Museu do Índio que é que nos dá a grande cobertura, porque todo artesanato

MRL.16, 1-224/311 200.

nato indígena adquirido pelos nossos turistas são feitos no Museu do Índio, / que é uma missão Meritória, uma missão muito boa em razão de turismo e nós, / agradecemos. Mas gostaríamos que outras missões também os tivesse para que nós pudéssemos adquirir de outras tribos.

PE. ANTONIO RASERA:

Eu respondo apenas uma parte com relação a utilização do Índio, / no artigo 58 do Estatuto do Índio, diz o seguinte: (Lê)...

REP. DO GRUPO DO RIO NEGRO:

A parte de artesanato, é uma das coisas muito importante, um dos meios de subsistências cooperativas é justamente não cooperar, as missões tem inclusive sessões de aprendizagem de artesanato que é feito especialmente nas casas indígenas, eles vendem esse material, as missões adquirem e mandam, a qui para Manaus. No aeroporto nós temos uma lojinha índia, vamos ver como é que está o funcionamento nos horários de expedientes, pois não é possível que fique assim.

O SR. EDMILSON ROSAS:

O que acontece é o seguinte: é que normalmente o turista ou viajante quando chega, não compra nada no aeroporto, só quando sai, ele vai ter muito mais tempo no centro da cidade, então vamos pensar em um convênio com / empresa Amazonense de Turismo, um acordo, vamos estudar um processo no sentido de que esses artesanatos sejam vendidos ao público em geral mesmo aqui em Manaus, tem gente que gosta de comprar artesanato indígenas, nós fizemos uma experiência junto a Funai no Ano passado em que nós tínhamos uma média em um bosque na Eduardo Ribeiro, tínhamos uma média de 600,00 a 700,00 diário só de artesanato que vieram dos atóris e de outras tribos que ainda não são vendidas diretamente pelo Museu do Índio. A direção do Museu do Índio pode saber / do índice de venda e de procura do Artesanato indígena é muito grande, muito mais do que o artesanato dos caboclos dos nossos beiradões, em eles fazem aquelas cuias, não são tão procuradas quanto o artesanato indígena. Eu acho que seria uma solução de colaborarmos com essas missões.

REP. DO GRUPO DO RIO NEGRO:

Muito obrigado. A equipe teve notícia aqui, que há uma outra loja na Praça da Matriz, mas que só funciona no horário de expediente.

O SR. EDMILSON ROSAS:

Que me desculpe a Funai, mas, normalmente não está aberto.

REP. DO GRUPO DO RIO NEGRO:

Nós vamos providenciar isso. Muito obrigado.

PROF. ROBERTO CARDOSO:

Eu não tenho evidentemente nada contra o artesanato, eu acho que desde que os artefatos produzidos pelos índios, resultem em benefício para os índios, quer dizer retornem para os índios, então a coisa estaria resolvida, / contra o artesanato é apenas êsse comentário que eu queria fazer. Agora eu gostaria de colocar o problema que pode parecer acadêmico, mas não é, com referência a sugestão de secular Parque Nacional em áreas habitadas pelas populações indígenas, não se algo mudou, mas durante alguns anos atrás, quando do eu fazia a parte do Conselho Indigenista, eu me lembro que dedicamos, / meses discutindo o problema do Estatuto do Parque se, Parque Indígena ou Parque Nacional, os srs. devem considerar que existe uma legislação inclusive inclusive internacional que distingue as duas coisas, porque o Parque Nacional, é uma área reservada a fauna e a flora e que é controlada por entidades estrangeira á FUNAI, e controlada pelo IBDF ou por outras agencias, então eu acho, que nas áreas onde existe população indígena não se pode falar em Parque / Nacional se não nós estaremos ameaçando as populações indígenas se não podendo mais a FUNAI ser intermediária no contato com eles sobretudo com ameaça de Turismo. Então nesse caso qualquer dúvida que existe no sentido de reserva de terra seja como de fato indígena, a exemplo do que há no Brasil o / Indígena do Xingú, lá não é parque Nacional, A existencia das populações indígenas guardam um equilibrio ecológico muito grande na região e elas não precisam ser controladas pelo IBDF. O IBDF controla geralmente o alienígenas, e não o indígena, então esse que é o comentário, e que se distinguem bem Parque Nacional e Parque Indígena.

O SR. PRESIDENTE:

Eu queria complementar a informação do prof. Roberto Cardoso, / e dentro da atual concentração do Estatuto do Índio não há incompatibilidade de Parque Nacional e Parque Indígena, já que as finalidades são semelhantes desde que sejam conceituadas no Estatuto para Parque Indígena. O artigo 28 diz: (Lê)... Então não incompatibilidade entre índio e Parque Nacional, reservas Florestais, como se queria preservar as vezes no passado em determinadas áreas, que não era permitida a entrada de índios.

O SR. PRESIDENTE:

Tivemos a oportunidade por duas vezes de visitar a prelaia do

Rio Negro. Uma acompanhado pelo ilustre bispo D. Miguel, percorremos toda a área de Barcelos a Jauaretê, evidentemente sem nos aprofundarmos nas diferentes aldeias que compõem os rios e igarapés subsidiários do Rio Negro, Waupés e Tiquié. Pela segunda vez nós voltamos nas áreas de Parí-Cachoeira e de Jauaretê, posso afirmar que essas visitas que fizemos que inclusive, tive oportunidade de transmitir a minha opinião pessoal no livro de visitas da missão. A missão salesiana que trabalha nessa região possui uma infra-estrutura capacitada a produzir e a fazer mais alguma coisa em benefício dos nossos índios do que tem sido feito até o momento. É uma prelazia bem estruturada e que além da simples prestação de assistência já está trabalhando com os nossos índios em termos de capacitação profissional. Eu confesso que na primeira visita estranhei a formação de alfaiate na missão, porque, alfaiate? Depois eu senti o problema da própria missão, é o problema do fornecimento de roupas ainda em corte para as próprias crianças, para os alunos, então não se tratava simplesmente de dar uma profissão ao índio, mas também de atender as necessidades da própria missão de uma maneira mais econômica. Mas ela tem capacidade perfeitamente, isso nós vamos sentir no grupo a grande necessidade que poderá a prelazia do Rio Negro de fazer mais alguma coisa em benefício à aquelas comunidades.

REP.DO GRUPO DO PURUS:

No Purus foram visitados os índios Iamanmandi, Apurinã Palmari, um grupo Zuma Humaitá e Lábréia aproximadamente 18 Km da Rodovia Humaitá-Lábrea. Os Apurinãs dispersam no Igarapé Caitetu que sai no lago margeando o rio, Purus. O madeira visitamos os índios Murupirarra Parintintins e Pirai... A única entidade presente na área foi o Summer Institute of Linguistics. Quanto à saúde de um modo geral, apenas a ministração de medicamentos é feito por um membro do Summer não havendo nenhum problema para eliminar os... das doenças infecto-contagiosas e em consequencia a propagação no resto da população indígena. Quanto a educação, o grupo visitou apenas algumas escolinhas em aldeias onde o próprio linguista dá aulas e faz consequentemente o estudo da língua. Quanto ao aspecto sócio-cultural-religioso, o grau de contato era permanente com elementos da comunidade nacional representada por regatões / seringalistas e demais coletores de produtos regionais. O Linguista...(Lê)... No tocante aos anseios da população de um modo geral é principalmente o problema de terras, e por outro lado reclamação com relação a importação(Lê)...

Como o grupo se divide em duas partes, gostaríamos de convidar o Prof. Pacheco para descrever o problema do Alto Solimões.

PROF. PACHECO:

O grupo da Funai que percorreu a área do Alto Solimões que, visitou apenas a comunidade Tikuna, por enquanto é o maior grupo da, área e praticamente domina a população indígena da região. Nós visitamos as instalações da missão Batista, Porto Alegre, Betânia, a Prelazia do Alto Solimões em Belém e Nova Italaia. Vimos também os defeitos da Prelazia do Alto Solimões na aldeia do Feijoal. As observações que o grupo tem referente a participação da missão na atividade especial com os Tikunas e bastante pequena, esse foi o objetivo da nossa ida ao campo, simplesmente colher dados para projetos em fase de elaboração a fim de fornecer assistência a população Tikuna que foi bastante abandonada pela própria FUNAI, embora não seja um fato recente mas é bastante limitado. Em termos de economia, de saúde, educação e em termos, sócio cultural e religioso. Em termos de economia eu gostaria de fazer preservar a lacuna maior pedindo a presidência da FUNAI, e necessário se faz que nós preparemos uma série de proposições referentes a atuação da FUNAI, na área e que deverão ser distribuídos aos grupos e a maior parte dessas proposições é sobre problema de terras, e da instalação, de uma infra-estrutura assistencial, em termos assistencial jurídico, garantindo os direitos das populações indígenas e também em termos de sistema de cooperativas nas áreas que é caracterizada pela presença de patrões, donos de terras que monopolizam o comércio na área. Em termos de educação e saúde há presença de missões bastante limitadas na área- Elas funcionam com recursos disponíveis que seriam interessante uma colaboração com as missões que já estão atuando na área. Em termos de educação as proposições foram distribuídas ao plenário consta que um casal de Americanos que trabalha no Peru do Summer... que trabalham com os Tikunas mais ou menos a uns 20 anos, se trata de pessoas bastante categorizadas e com bastante conhecimento da língua, que poderiam iniciar o treinamento bilingue com a experiência já desenvolvida no Peru. De outro lado para tentarmos complementarmos em, termos educacionais vamos encontrar apoio por parte da prelazia e da

missão Batista para continuarem funcionando as escolas. Em termos de saúde a presença da missão na área praticamente se limita ao fornecimento de medicamentos ao índio. Não tem uma campanha sistemática de tratamento preventivo das doenças e para isso tentamos congregar esforços nesse sentido. São as coisas mais importantes e estou a disposição.

FREI ARSENIO:

Mais do que uma pergunta, queria levar conhecimento ao grupo de trabalho da FUNAI, nesses dias estava lendo um jornal, e entre os anuncios vi: "vende-se uma área de 5.000 hectares" na fronteira com a Colombia, entre os Municípios de Benjamin Constant e S. Paulo de Olivença, compreendendo 6 lagos e uma linda obra natural, não sei, do que se trata, mas antes que essa transação seja realizada, seria, bom a FUNAI, apresentar aquela reserva que foi proposta e pelo também uma desculpa a equipe que esteve no lugar da prelazia se não foram, recebidos urbanamente, mas não se trata de má vontade, quanto ao caráter mesmo do índio.

O SR. PAULO LUCENA:

Eu gostaria de fazer um pequeno esclarecimento, várias pessoas me perguntaram se eu era Senador ou Deputado, minha função no Senado Federal ela não tem ~~tem~~ aspecto político partidário é uma vinculação estritamente técnica, eu pertencço a assessória e sirvo ao gabinete da vice-liderança do MDB, isto é não tem conotação política a minha função, (Lê)...

O SR. PRESIDENTE:

O mesmo fato ocorre com relação a parte política, para a FUNAI não existe ARENA nem MDB, para a FUNAI existe o índio, e o auxílio, de qualquer um desses partidos, propiciar qualquer ajuda em benefício do nosso índio a FUNAI acolhe de braços abertos.

PADRE ANTONIO RASERA:

Alguem tem mas alguma pergunta a fazer aos relatores dos grupos do Purus-Solimões. Ainda faltaria o grupo que atuou no Rio Madeira, acontece que o rio Madeira como D. Miguel disse, não há uma atuação direta das missões, das prelazias e o grupo não estava portanto nessas áreas, apenas visitou os postos da FUNAI. Se o plenário,/

quizer saber o relatório o grupo estará disposto a vir colaborar, se o plenário achar que não é necessário então nós estaremos chegando ao fim dos nossos trabalhos. Alguém gostaria de saber o relatório do Rio Madeira, / que se pronuncia? Ninguém parece que quer saber.

PE. JUSTINO:(PRELAZIA DE ITACOATIARA)

Gostaria de ouvir o relato da visita ao rio Madeira e também, / aos postos de Santo Antonio do Abonary e do Alalaú.

O SR. PRESIDENTE:

Depois do Massacre que ocorreu com os sertanista Gilberto esse postos foram abandonados, Alalaú, Abonary, etc. Uma das interpretações, / desses massacre, seria a permanencia de elementos dentro daquela área, / chama-se FUNAI, ou não, atualmente nós estamos á margem da estrada que está servindo de base ao sertanista apenas para as suas penetrações, no momento todos os postos estão impedidos, Santo Antonio, do Abonary, Camanaú e Alalaú.

ANTROPÓLOGA ANA MARIA DA PAIXÃO:

Os Srs. a composição do grupo de trabalho, comunicando que os grupos foram formados por áreas do Rio Negro e outras áreas Amanania, incluindo todas as prelasias e missões que atuam, assim sendo na área do Rio Negro, concorrerão na parte de missões Prelazia do Rio Negro, a missão Novas tribos do Brasil e o Summer Institute of linguistica. Na FUNAI, os, técnicos da FUNAI que visitaram cada missão indicasse os participantes de cada grupo por área de atuação, por exemplo prelasia do Rio Negro quais os missionários que ela indicaria para fazer parte da área do Rio Negro, onde será implantado outro projeto global, bem como na área dos Yanoama, onde também será implantado outro projeto global na prelasia do Rio Negro, também atua. Estaremos aqui a disposição para fazer as inscrições. Hoje, e amanhã de manhã estão abertas a todos que queiram participar.

PADRE ANTONIO IASI:

Queria perguntar se esses novos projetos se referem só a Amazonia e Rondonia.

ANTOPÓLOGA ANA MARIA DA PAIXÃO:

Sómente a Amazonia e Rondonia - Roraima.

O SR. PRESIDENTE:

No relatório que foi apresentado podemos verificar que a FUNAI

não teve condições ainda de se aprofundar nas outras áreas para que pudesse pensar em termos de projetos temos que retornar a essas áreas para ter maior conhecimento. A área do Purus por exemplo pela 1ª vez foi uma mas também sem profundidade. A área do Maisí na área de Humaitá também sem muita profundidade. Então nós queremos ter a liberdade de pensar em termos ainda de projeto sem o conhecimento aprofundado e sem diagnóstico que possa conduzir a esse projeto. De modo que as áreas mais conhecidas, inclusive colaboração em relação a essas áreas. Isso não quer dizer que nós vamos desprezar as outras áreas. O 4º grupo que não foi citada e que vão, / participar de outras missões que estão englobadas nessas áreas de projeto nós vamos ainda captar nesse entrosamento FUNAI-MISSÕES dados que vão, / permitir a continuidade desses grupos. De modo que não significa desprezo absoluto por outras áreas de missões aqui no Amazonas.

ANTROPÓLOGA ANA MARIA DA PAIXÃO:

As pessoas participantes que queiram se inscrever agora, nós estaremos a disposição-

PE. ANTONIO RASERA:

Apenas duas colocações. A primeira é a seguinte: os nossos próximos trabalhos em grupo teremos o dia todo de amanhã para isso, de amanhã / para isso, nós poderíamos ganhar tempo se trabalhássemos hoje à noite, eu poderia eu poderia se a Assembléia está disposta a trabalhar hoje a noite ou iniciariamos o trabalho amanhã. A segunda colocação minha seria ou apresentação dos relatórios ou dos relatórios representantes de grupos que atuaram nas áreas tenho a impressão que foi atingido plenamente o objetivo de maior distinção e o atendimento tão solicitado no começo a que deixo aqui de público o meu agradecimento aos que vierem aqui relatar e especialmente a posição tomada pelo presidente da FUNAI, general Ismarth é um agradecimento meu por isso também por está aqui presidindo aqui no momento. Para encerramento eu entrego a palavra ao Sr. Presidente.

O SR. PRESIDENTE:

Eu informei inicialmente que os grupos de trabalho que se aprofundaram não tiveram preocupação de examinar, nem de criticar, nem de verificar as deficiências de missões. Nós procuramos olhar o índio, seja / ele integrando ou assistido pela FUNAI, ou seja assistido pelas missões religiosas, é um problema sério a situação dos índios das diferentes áreas

áreas dos grupos de trabalho. Parece que não estava sendo bem entendido pelo plenário, mas pelas exposições feitas pelos grupos de trabalho verificou-se que era esse o objetivo da FUNAI, inclusive as proposições que estão sendo feitas não quer dizer que seja para atender unicamente os índios atendidos pela FUNAI, não, as propostas foram feitas para atingir todos os índios de uma determinada área geográfica. Essa que foi a real intenção da FUNAI. Dou por encerrada essa reunião. Muito obrigado.

FIM.

MRL.16, p. 232/311

MINISTÉRIO DO INTERIOR
FUNDAÇÃO NACIONAL DO ÍNDIO - FUNAI

Dia 9/4/75

" II SEMINÁRIO - FUNAI - MISSÕES RELIGIOSAS - AMAZÔNIA LEGAL ".

(Em: 09.04.75 às 08:00 hs.)

O SR. PRESIDENTE:- (Gen. Ismarth de Araújo Oliveira)

Vamos reiniciar os trabalhos de hoje, e infelizmente co-
meçamos esta reunião lançando o protesto do Presidente da FUNAI contra
acusações feitas à pessoa do Sr. Ministro do Interior, acusações fei-
tas pelo Conselho Indigenista Missionário tachando-o de ter agido le-
vianamente. Como membro integrante do Ministério do Interior, a FUNAI
não pode concordar com essas afirmativas, temos que repudiá-las com
veemência pois trata-se de um Ministro de Estado e tem que merecer to-
do o nosso respeito e acatamento. De modo que a FUNAI repudia essas de-
clarações feitas pelo Conselho Indigenista Missionário.

Vamos passar à parte mais importante dos nossos traba-
lhos, é exatamente a que vai ser realizada em grupos. Hoje, não se tra-
balha mais na base de improvisação nem na base simplesmente de planos
assistenciais, a técnica moderna exige a implantação de um projeto in-
tegrado de desenvolvimento, abrangen do todos os órgãos que operam em
uma determinada área geográfica. Nós já temos subsídios para três áreas,
para em conjunto com as Missões Religiosas que operam nessas áreas, po-
dermos como resultado deste Seminário, levar subsídios e permitir a
implantação desse projeto integrado de desenvolvimento. Nas outras
áreas onde ainda não dispomos de elementos suficientes para permitir
quer um esboço do plano, exatamente esperando que as Missões Religio-
sas que são integrantes dos grupos nos forneçam mais subsídios além de
debater amplamente os problemas daqueles aspectos que foram focaliza-
dos. Essa explanação inicial antes da dispersão dos grupos é que eu de-
sejava fazer aqui em Plenário.

Depende muito da participação ativa de cada missão em
qualquer grupo de trabalho, debatermos francamente o problema fazendo
sentir as deficiências ou possibilidades que tenham de atuar em um cam-
po mais largo. Sem esse diálogo franco entre FUNAI-MISSÕES, nós não
conseguiremos atingir o objetivo de sair daqui com alguma coisa de pal-
pável com relação a essas comunidades indígenas. É esse o nosso objeti-
vo.

A ANTROPÓLOGA!:- (Ana Maria da Paixão)

Eu pediria aos senhores que aguardassem 10 minutos aqui no Plenário, antes de iniciarmos os trabalhos de grupos, para que sejam tomadas as últimas providências.

PE. TIAGO BOETS:

É só um pedido de informação. Os relatórios lidos aqui durante esses dias serão em conjunto distribuídos a todos os participantes ?

O SR. PRESIDENTE!:- (Gen. Ismarth de Araújo)

Exatamente, é que ontem pelo excesso de trabalho, queimaram as duas máquinas de xerox, tanto a da SUFRAMA como a da FUNAI. Estamos tentando resolver o problema em outro local.

IV GRUPO - "ÁREAS DIVERSAS"

O SR. RUBENS AUTO!:- (Presidente da Mesa)

Vou ler a relação das missões, para saber se todas estão presentes. (Lê)...

Estão faltando as Prelazias de: Roraima, Itacoatiara, Alto Solimões e Lábrea, que estão participando de outros grupos e por esse motivo usarão da palavra no fim desta reunião.

Dando andamento aos trabalhos, eu proponho que sejam discutidos os assuntos por área geográfica, uma vez que o grupo de "áreas diversas" não tem nenhum projeto global da FUNAI.

Pediríamos que os representantes da FUNAI e das Missões examinassem os problemas de saúde, educação, etc, porque seria mais fácil para o grupo ter uma visão global de cada área.

(Inaudível)...

Proponho que a Assembléia indique uma pessoa para ser o relator do grupo, já que eu como representante da FUNAI serei o coordenador.

O PROFESSOR!:- (Roberto Cardoso de Oliveira)

Eu gostaria de colaborar com a Mesa, complementando algumas informações que talvez sejam úteis para a escolha do relator. Eu tenho a impressão que o grupo não sabe exatamente que tipo de dados, o que a FUNAI espera com esse grupo. A Mesa deu algumas linhas mas talvez

falte acrescentar alguma coisa. Esse grupo constitui uma oportunidade' muito grande para todos nós de fazermos um levantamento de possibilidades de ação imediata em determinadas áreas. Com essas imediatas nós poderíamos ver duas vertentes, uma seria vertente policial, em certas áreas que estão sendo invadidas, ou que há massacre, ou caso de índios presos, como nós vimos recentemente através de um telegrama apresentado aqui em Plenário, que se referia a algo ocorrido no Acre, então é um caso típico de informação que cabe aqui, para que a FUNAI tome uma providencia imediata. A outra vertente seria problemas de epidemia, doenças, tudo isso que cai dentro da categoria de ação imediata, mas além desses dois tipos de informação, nós teríamos outras que se refere às necessidades gerais e globais da área e que devem merecer estudos prévios. Exatamente como o Sr. Presidente falou, hoje não se pode trabalhar mais, fracionando ou fragmentando atividades, Hoje as atividades devem merecer uma coordenação de forma que só possam ser aplicados na base de projetos integrados, então para a elaboração de projetos desse tipo é fundamental que a FUNAI possa fazer levantamento ou pesquisas na área, e essas pesquisas começam com coletas de dados fornecidas por alguém da área. Então esses trabalhos vão proporcionar uma lista de prioridades, a FUNAI vai reverter em projetos concretos de levantamento e naturalmente no futuro seriam aplicados nas áreas.

Já que ninguém sugeriu um relator, eu gostaria de indicar o Padre Tiago.

O SR. RUBENS AUTO (COORDENADOR DO GRUPO)

...(Inaudível)... é o seguinte, há certas áreas que estão incluídas no Grupo IV (Áreas Diversas), como por exemplo a do rio Purus, e a do rio Madeira, com as quais a Funai praticamente manteve o primeiro contáto com os seus problemas nessas viagens rápidas que o grupo Purus/Solimões fez naquela área. Ao nosso ver podemos examinar com muito cuidado e certa prioridade o problema, a situação dessas áreas bastante precárias.

A respeito dos órgãos e missões que atuam na área, como prelaia de Lábrea, Humaitá, SUMMER, têm feito o possível, isoladamente para atenderem uma pequena parte dessas comunidades, Então, o que a Funai es

pera desses órgãos ? Que eles se proponham a uma ordem de prioridade nas discussões que seriam a área Purus, e Madeira em torno de Humaitá. Pedimos bastante atenção nesse problema, para tirarmos medidas imediatas e em colaboração Funai/Missões, no sentido principalmente de fazermos censo das populações indígenas e termos uma idéia do montante do trabalho que nos espera e simultaneamente fazermos a imunização dessas populações, começando o trabalho de medicina preventiva.

As missões dessas áreas poderiam dar uma perspectiva à Funai, do que elas seriam capazes de fazer dentro dessa nossa idéia de iniciarmos os trabalhos?...

SUMMER INSTITUTE OF LINGUISTIC!

A Funai, deseja saber o número dos indígenas com os quais estamos trabalhando?

O SR. RUBENS AUTO! (COORDENADOR DO GRUPO)

Seria uma das primeiras contribuições e depois se fosse possível, as oportunidades que o Summer queria para a sua atuação na área em colaboração com a Funai.

SUMMER INSTITUTE OF LINGUISTIC!

Contando com os SAMARÍ, temos o número de 160 indígenas, onde estamos morando perto do lago de MARÁ, tem ainda um grupo no rio JUVXÍ, não sei bem o número, mas eu acho que está entre 30 a 50 pessoas, tem outro grupo que ainda estamos conhecendo no rio TAPUÁ e que são aproximadamente 100 pessoas. Creio que esse é mais ou menos o total dos SAMARÍ que conhecemos.

O grupo XAMAMADI, têm várias malocas em lugares diferentes e mudam frequentemente de uma para outra, de formas que eu não posso afirmar, mas é cerca de 20 até 50 pessoas por maloca, que constantemente estão se mudando.

O grupo JVMA, só tem sete pessoas.

O Grupo MURVIRARÁ, tem uma base de 100 pessoas, talvez com mais pessoas em outro local mais acima.

Os Apurinã, são grupos pequenos ao longo dos rios, temos um grupo perto dos PAUMARÍ, que é de mais ou menos 25 pessoas, tem 23 famílias no rio MANVIRIA GRANDE, e existem outras famílias no rio

IPAXUI, que de vez em quando aparecem para serem tratados, mas nós não sabemos o número exato de pessoas.

PE. TIAGO BOETS:

É uma questão de ordem, parece que assim o nosso trabalho vai demorar muito, então o ideal seria propor um projeto, uma vez que sentiu-se a deficiência de dados, seria o caso de agora discutir a validade desse projeto, ver que indicação teria, até onde vai, o que deve constar, detalhar um pouco e ver até que ponto se poderá realizar esse projeto, aí então poderíamos fazer agora um rápido levantamento de que entidade dispõe de dados. A idéia central seria propor o projeto, discutir o projeto como tal, ver os vários aspectos e ver quem dispõe de dados para colaborar.

PE. ANTONIO IASI:

Gostaria de saber se podemos fazer sugestões onde não há nenhuma assistência, nem da FUNAI e nem das Missões, de maneira que precisaria criar um projeto, eu poderia dar dados necessários para isso.

O SR. PRESIDENTE:- (Gen. Ismarth de Araújo)

Exatamente, a FUNAI está dentro da idéia do padre Iasi. São áreas que nós não conhecemos e que desejamos ter subsídios dessas áreas. Esse grupo que está aqui reunido, é porque nós ainda não conhecemos, não temos dados suficientes das diferentes áreas que possam permitir sequer pensar em termos de anti-projeto, de modo que qualquer conhecimento ou informação adicional das missões que já entraram nessas áreas ou de qualquer outro elemento, serão subsídios valiosos para o futuro anti-projeto da área.

PE. ANTONIO IASI:

Falando no caso dos Apurinãs, ao que parece eles estão acima da Boca do Acre, no rio Acre mesmo, sendo uma parte no Amazonas e o restante no Acre, pelo que pude constatar esses grupos vivem, uns no início da estrada que liga Boca do Acre a Rio Branco, outros mais além nessa mesma estrada com os quais não pude contatar devido a precariedade em que se encontrava a estrada, portanto há diversos grupos por aí, que somados dá mais de duas centenas. De maneira que qualquer projeto a respeito do atendimento ao Apurinan, me parece que não está sendo atendido

por ninguém, sobretudo acima da Boca do Acre.

O SR. RUBENS AUTO:- (COORDENADOR DO GRUPO)

Se não me engano, o Summer Institute of Linguistics tem atendimento apenas em volta de Lábrea e em Tapauá entre os índios BENI. Gostaríamos de saber como a Prelazia de Lábrea, Humaitá e o Summer Institute of Linguistics poderiam colaborar na parte do senso e na parte do atendimento médico de emergência com aquelas populações.

O SR. REPRESENTANTE DA PRELAZIA DE LÁBREA:

Nós não temos nenhum trabalho específico com os índios, da maneira com que tratamos os índios, tratamos também os civilizados. Os índios que nós temos em toda a Prelazia, os mais conhecidos, que têm mais relação com os civilizados, todos eles vivem como os civilizados, trabalham em castanha, sorva, plantam suas roças, etc. Acho que o mesmo problema que tem o índio da área do Purus, tem também o caboclo. Com a entrada dos sulistas atualmente na região, tanto o seringueiro como o índio estão sendo postos de lado. O seringueiro que já trabalhou tanto tempo na terra, que tem direito a terra, está sendo posto de lado, para que esses que vêm do sul, com muito dinheiro e possibilidades de trabalhar em outras áreas mais difíceis que estão completamente devolutas, e deixar o coitado interiorano que já lutou tantos anos sossegado na sua área de terras. O mesmo acontece com os índios também, que estão sendo afastados. Quanto ao problema de relacionamento, acho que é o caso mais sério que nós temos, porque existe uma certa desconfiança da parte do índio para com o civilizado e vice-versa. Teríamos que levar a população envolvente a aceitar o índio como pessoa humana. Mesmo a questão de saúde, educação, tanto o índio como o civilizado estão na mesma situação, os dois estão completamente abandonados. Os índios que encontram-se na cidade, frequentam o Colégio das Freiras, têm relações comerciais igual aos civilizados, enfim, todos têm uma vida igual. Todos eles andam vestidos, falam relativamente bem o português, pelo menos se vê, assim como muitos dos nossos civilizados sabem falar perfeitamente a língua dos índios, há um certo relacionamento, mas existe essa desconfiança, que é preciso ser tirada de lá. Já houve massacre tanto por parte do civilizado como por parte dos índios.

Logo que cheguei na Prelazia, houve um massacre muito triste' na Boca do Tapauá, onde os índios liquidaram por completo uma família e fizeram coisas das mais bárbaras possíveis, inclusive o chefe dos índios esteve prêso aqui em Manaus, depois foi afastado, voltou para a região' e quase que houve um massacre completo na cidade de Tapauá, se não fosse a interferencia de um missionário e do Prefeito que apaziguaram os ' índios, teria havido um massacre completo da cidade. Em linhas gerais,' esses são os problemas que existem na área do Purus.

PE. EGYDIO SCHWADE:

Pediria uma informação quanto ao censo. Como é que poderíamos colaborar? Então, parece que uma outra colaboração que o padre João esqueceu, nessa área, que a Prelazia de Lábrea já iniciou a pedido do Conselho Indigenista Missionário e logo que tivermos esses dados em mãos ' nós poderíamos fornecer, é exatamente um levantamento. No momento temos um padre já em visitas às populações do rio ITUCHI, tem como finalidade de conhecer a situação daquelas regiões.

O SR. RUBENS AUTO: - (COORDENADOR DO GRUPO)

É uma cooperação que já está sendo feita antecipadamente.

O SR. REPRESENTANTE DA PRELAZIA DE HUMAITÁ:- D. Miguel D'Aversa

Os indígenas da Prelazia de Humaitá estão muito perto da cidade. O primeiro grupo está a 60 km do lugar chamado Três Casas, onde temos os Parintintins que são mais ou menos uns 80. Depois de umas reuniões que nós fizemos em Porto Velho, com cinco Prelazias, fiquei entusiasmado.

No grupo Parintintins por exemplo no local Três Casas, me foi apontado um deles que tem mais ou menos uns 60 anos, que sabe bem o português e dizem que têm uma memória prodigiosa, então, será muito fácil ' eu me entender com eles para que possam me dar uma lista das famílias desse grupo. Existe um outro grupo que seria dos PIRARRANS, que estão no rio Marmelo à uns 90 km de Humaitá. Tem o grupo MAISI, e tem o grupo ' que está no lago do UGUAPIARA. Somando esses 4 grupos, teríamos mais ou menos uns 400.

Sobre o problema saúde, eu tive ocasião de dizer, que nós atendemos nas nossas viagens, e esses que estão mais perto da estrada, al -

MRL.16, 1.240/311

deados na margem do rio. Esses vêm frequentemente a Humaitá, porem a gente sente sempre a dificuldade e o acanhamento deles em sair do próprio habitat e ir à cidade. O problema que sentimos é saber o número de indígenas que vivem ali, no momento não sei, mas prometo fazer o quanto antes esse levantamento e mandar para a FUNAI. Quanto à saúde, precisamos cuidar da saúde, principalmente das crianças, ou com ambulatório no meio deles ou quem sabe mais um convênio com a Secretaria de Saúde. Em segundo lugar, temos que preparar uma pequena escola para esses 4 grupos. É o que eu proponho para esses grupos indígenas que estão na Prelazia do Madeira. O problema de terras, há 3 grupos que não tem problema pois estão em terras devolutas e eles dizem que são deles. Foi feita uma demarcação, chamaram o chefe de um dos grupos e disseram: as terras daqui são nossas, as de lá são suas, e ele respondeu: isso são vocês que dizem, mas essas terras todas são nossas. Isso é muito interessante.

PE. ANTONIO IASI:

O primeiro problema que acho fundamental para o projeto dos APURINANS é uma reserva de terras, porque eles estão sendo jogados de um lugar para outro quando chega o comprador das terras. É estudando o assunto com diversos índios da terra firme, (Porto Alegre) e da estrada, eles concordaram com um ponto interessante; inclusive foi habitat deles, é um pouco distante dos outros grupos, (eles escolheram) uma região a margem esquerda do rio INAUENI, logo abaixo da Boca do Acre/Amazonas, primeiro afluente da margem esquerda do rio Purus, e na margem direita desse rio, eles escolheram a área que seria o Igarapé S. Francisco e Prêto. O melhor seria reuni-los, nesse ponto, é bom fazer uma reserva e ver quem é que vai atender, concentrar, etc. Então a proposta, por exemplo, que eles mesmos escolheram essa área. Agora gostaríamos de ouvir se alguém tem alguma coisa a acrescentar.

PROCURADOR JURÍDICO DA FUNAI:- (Sr. Getúlio)

A indagação que eu faço é se essas terras se inserem dentro de uma área habitável pelos indígenas, dado o reflexo que isso tem dentro do Estatuto do Índio ao conceituar terras do índio.

PE. ANTONIO IASI:

Exatamente, tendo em vista a legislação, o primeiro assunto

que eu colocaria é que ali foi o habitat dele . Eu perguntei se ali era terra deles, eles responderam não, nós fomos colocados fora dali da fazenda S. João, isso é a primeira coisa que eu procuro saber, porque a terra escolhida por eles é boa, eles não escolhem terras que não sejam boas.

PROCURADOR JURÍDICO DA FUNAI:

Não será reserva, reserva é uma área destinada a servir de habitat para o índio, então, o caso seria de uma demarcação administrativa a ser executada pelo órgão.

PADRE ANTONIO IASI:

De fato no momento, espero que ninguém esteja dentro dessa área escolhida por eles, embora agora não estejam lá mas, proximamente estarão, aqui está o rio, aqui está a reserva, quer dizer eles estão bem próximos da área central que é toda deles. Quer dizer ali sempre foi o habitat deles, embora no momento não esteja nenhum índio no lugar em que eles escolheram.

PROCURADOR JURÍDICO DA FUNAI:

Poderia então haver uma proposição no sentido de agrupar esses índios e fazer uma demarcação administrativa nessas terras ~~de acordo~~ de acordo com a proposição.

O SR. RUBENS AUTO (COORDENADOR DO GRUPO)

Seria uma proposição no sentido de que a Funai estudasse o problema do proprietário, não é?

PROCURADOR JURÍDICO DA FUNAI:

Eu quero esclarecer que está em via de ser aprovado o Decreto que regulará a demarcação administrativa das terras e dentro do próprio processo de demarcação, haverá duas fases uma delas será de sub-desenvolvimento da área.

PADRE TIAGO BOETS:

Nós estamos tratando de dois projetos simultaneamente, é o problema do centro e o segundo é o projeto da demarcação administrativa da área dos aripuanãs.

PADRE ANTONIO IASI:

Eu creio que nós estamos tratando de projeto a respeito dos a/

MRL.16, p. 242/311 217

putinãs. O primeiro assunto fundamental é terras porque eles estão espalhados numa distancia enorme e não há atendimento para esses indios.

PROCURADOR JURÍDICO DA FUNAI:

O próprio procurador enfocou que o tópico primeiro a ser tratado seria o problema saúde, então a interpretação sobre terra me causou lamentavelmente um pequeno equívoco.

RUBENS AUTO (COORDENADOR DO GRUPO)

Pela ordem, o problema é o seguinte, surgiu a proposta do padre Iase, agora a proposta inicial foi o estudo dos problemas de todo o vale, então apareceu um caso concreto e eu gostaria que para os outros grupos também surgissem casos concretos. Evidentemente que a situação mais grave para aquele grupo é realmente a terra e a terra é a base fundamental na vida do indio, de fato a concentração de um grupo numa área limitada facilitaria o restante do trabalho. No entanto quanto ao tratamento de saúde, conforme os relatórios apresentados aqui, principalmente do SUMMER, aqueles grupos estão abandonados quanto a questão de saúde, de forma que para encaminhar as discussões eu propunha o seguinte: uma das proposições poderia ser essa proposta do padre Iase, de estudo de delimitação de uma área para os apurinã e a seguir o estudo com essa semelhança ^{caberia também} aos PALMARI, Jamamadi, seriam incluídos também, se bem que não devemos deixar de parte o problema do censo porque por que vai desorientar inclusive sobre a escolha de áreas para esses diversos grupos.

PADRE IASI:

Então para se pensar no atendimento de saúde, temos que pensar também nas reservas de terras.

PADRE EGYDIO SCHWADE:

No contáto com os indios estive observando que eles são agrupados em muitos grupinhos, e numa tentativa de reunião entre eles devemos tomar muito em conta isso, porque inclusive existem muitas divisões e que tem causado até mortes.

PADRE TIAGO BOETS:

O primeiro Projeto seria na área do Purus, o objetivo seria então (Lê)...

MISSÕES NOVAS TRIBOS DO BRASIL! (ABRAHAM KOOP)

Nos referindo as áreas indígenas, o Incra poderia colaborar com a Funai, pois mantem convênio com a Funai, a fim de resolver a situação das populações não indígenas da área.

PADRE ANTONIO IASI!

A respeito da área dos Aripuanã, eu não digo que nessa área se deva concentrar num só local todo o grupo indígena, mas que se concentre no sentido de se localizarem em toda a área, onde possa se dizer essa área é dos Apurinã. De modo que eu acho que eles devem deixar essas rivalidades, para evitar o que aconteceu com outras áreas como o Parque Xingú, que é um exemplo de concentração de dezenas de grupos que se decladiavam. O Apurinã, é um grupo só e o que sai é fofoca, isso ocorre em todos os grupos humanos. Então, não queremos reunir o grupo todo, queremos que haja uma área determinada para eles.

REPRESENTANTE DE LÁBREA!

A respeito daquela palavra que o padre Tiago, colocou, eu acho conveniente conservar porque embora a Funai trabalhe especificamente com os índios e esses estão também reunidos com outros ^{órgãos}, seria bom que houvesse uma conjugação de esforços entre a Funai e esses outros organismos, ou então que houvesse por parte da Funai uma maior insistência como também uma troca de dados, porque acontece o seguinte, com médico da Fundação SESP, ele faz medicina preventiva na cidade, então, ele atende a todos, não só aos civilizados como aos índios e também aos que moram na cidade, ele faz a visita domiciliar e atende a todos aqueles ^{doentes} que estavam lá. A respeito do igarapé que fica ao lado da cidade, é considerado como parte de Lábrea, então, ainda é atendido pela Fundação Sesp.

MARCOS EDWARD EMSHEIMER!

Eu gostaria de dizer que nós não podemos separar terras e economias. Muitas pessoas moram em certos locais, porque estão a procura de viver, tenho trabalhado entre essas pessoas e sei que eles têm terras que dizem suas, mas também não sei se os próprios pais deles não moravam lá, alguns foram enterrados naquela região e eles dizem essas terras nos pertencem, mas em outros lugares existem outros, porque estão a procura de empregos, estão procurando a onde possam buscar a panela, uma rede, querem

querem se integrar ao Brasil, querem se sentir brasileiros, nós sabemos que são, mas muitos deles não sabem, eles têm interesse em ser chamados brasileiros, eles não querem ser chamados de índios, se sentem orgulhosos quando são chamados de caboclos, eles querem as coisas da civilização. Agora se nós separarmos esse povo e colocá-los numa reserva, o que que vamos fazer? Existem índios que não se dão bem com os outros e se matam, se nós reunirmos os grupos, os jornais publicarão "A Funai está deixando os índios se matarem", mas nenhum de nós queremos fazer isso' queremos que eles tenham terras para viver e progredir.(inaudível)...

PADRE EGYDIO SCHWADE!

Acho que nesse sentido, dentro da proposta do Padre Iasi, de uma reserva mais ampla para um grupo, eu creio que seja a proposta mais realista porque também se espalha demais em todos os grupos outros problemas muito delicados, então me parece que no momento, na área apurinã, seria a proposta mais realista e simultaneamente uma ^{criação} motivações internas isso é, partidas do próprio grupo para se reunirem. Como no caso dos MACY que embora seja um povo disperso, impossível de se reunir num só grupo, mas dentro da reserva eles mantêm uma certa unidade' até nas próprias fofocas, que está servindo como uma espécie de união' do grupo, através da qual eles se interessam uns pelos outros. O grupo MORORE e MERURE só através de mentalização dos índios motivaram o grupo que estava próximo a CAXOCEL a virem para a reserva MORURE

PROFESSOR ROBERTO CARDOSO!

Na área do Purus, há um centro urbano, digamos assim, na Boca do Acre, o que ocorre nessa área é um centro de seringalistas etc, e a Funai deveria tomar decisões e evidentemente na tomada das decisões a Funai vai ter que considerar a infra-estrutura da área, para atender os postos em termos de projetos concretos. Nós nos dariamos por satisfeitos em considerar que a área do Purus é relevante, que a Funai registre isso e promova, de modo que essa é uma área que deve sair do Projeto que estão sendo discutidos nas outras áreas.

PADRE TIAGO BOETS!

(Lê)

PADRE ANTONIO IASI!

Quero sublinhar as palavras do professor Roberto Cardoso, porque em Boca do Acre, segundo os planos do Governo, vai ser exatamente' o porto do Acre, porque até Boca do Acre, é francamente navegável em qualquer época do ano, mas para Rio Branco é difícil, então o problema de Boca do Acre se assentou sobre esse aspecto, quando se propõe uma área, é porque não se pode propor diversas. Na fronteira do Acre eu pude constatar que os índios estão passando para a Bolívia, porque os paulistas estão comprando as terras do Brasil. E noventa e três famílias que estão no rio que divide o Brasil com a Bolívia, somente três famílias eram bolivianas o resto eram brasileiros. Então, nós prevenindo essa possibilidade dos índios sobreviverem com o mínimo que seja de quantidade de terra, nós sugerimos uma reserva.

O SR. RUBENS AUTO:

Temos aqui uma proposta concreta da área do Purus. Dentro desse Projeto, poderia ser incluída a demarcação administrativa das terras a purinã e a de outras áreas existentes no Purus.

PADRE TIAGO BOETS:

A Funai, deverá promover a demarcação administrativa de terras a pertencer aos índios aripuanã. Uma vez verificado que as terras que pertenceriam a eles já foram invadidas. Essa demarcação deverá se realizar através da verificação de quais as terras que eles mesmo escolheriam. (Lê)...

PROFESSOR ROBERTO CARDOSO:

A sugestão que foi feita por mim era de que todas as outras sugestões pudessem servir de subsídios a um projeto integrado.

PAULO LUCENA:

Conforme o temário de hoje o assunto seria...(Lê)...

RUBENS AUTO:

Nós não estamos numa reunião Plenária, e sim numa reunião de grupo para discutirmos problemas de determinadas áreas, para as quais a Funai não tem ainda projetos específicos.

PAULO LUCENA:

Eu não sabia que tinha havido uma modificação no temário, todavia eu acredito que minha sugestão tem objetivos sadios. Posteriormente

te eu voltarei ao assunto, se me solicitarem. Muito obrigado.

PROCURADOR JURÍDICO DA FUNAI- (Sr. Getúlio)

Nobre Representante do Vice-Líder do MDB, eu gostaria de esclarecer que ficaria muito deselegante para a Funai não acolher as manifestações em razão de que a própria Vice-Liderança escolheu um canal para expor as suas perguntas e satisfações pertinentes a Movimento Indigenista. Então não será esse o momento de se desprezar as questões trazidas.

O SR. PAULO LUCENA:

Eu gostaria de pronunciar algumas palavras a respeito do que acabou de expor o representante do Setor Jurídico da Funai, é de que as palavras que aqui usei, não representam a opinião política partidária do MDB, senão a opinião pessoal do Senador Evandro Carreira, e a minha pessoal como pesquisador de sociologia e antropologia na Amazônia, durante 15 anos. Muito obrigado.

PRELAZIA DE PORTO VELHO:

Voltando ao assunto eu acho que a primeira proposta vem mais concreta e perfeitamente viável. A segunda, é necessário considerar a área, mas como iremos fazer propostas nesse sentido? Então, é interessante fazermos mais concretas com a primeira proposta.

O SR. RUBENS AUTO-

Acho que as propostas podem ser duas. A primeira seria a do censo e atendimento médico de emergência. A segunda proposição seria a definição de uma área. A terceira, seria a criação de um projeto que integrasse para todo o vale do Purus.

(PAUSA DE 10 MINUTOS)

O SR. RUBENS AUTO:

Reiniciados os nossos trabalhos. Existem três proposições que a meu ver podem ser englobadas numa só proposição, com dois estágios. A proposição seria, a montagem naquela área do vale do Purus, de um projeto integrado para os indígenas da área com dois estágios, para desencadeamento imediato que seria o censo da população indígena e justamente com atendimento médico de emergência e a definição de uma área de terras para os índios apurinã, próximos a Boca do Acre, essa é a sugestão que eu apresento ao plenário, que as três proposições sejam incluídas numa só.

PADRE ANTONIO IASI:

Na boca do XANDRÊS, há um grupo Korina, que possui a única assistência permanente, que é uma escola mantida pela prelazia, a construção dessa escola facilitou o agrupamento de modo que eles estão interessados nessa idéia de se promoverem. A assistência sanitária, é dada esporadicamente por essa prelazia, aí também eles não têm quase nenhuma assistência, não têm reservas de terras e o problema é sempre o mesmo. Eu creio que não importa o assunto Korina, com esse grupo estudado por mim, certamente existem outras propostas e assuntos.

O SR. RUBENS AUTO:

Eu queria antes de dar a palavra ao representante das Missões Novas Tribos do Brasil, esclarecer que na boca do XANDRÊS, tem por enquanto apenas em portaria, um posto indígena no Alto Purus, de formas que talvez fosse uma idéia, de o plenário pedir para a Funai apressasse a instalação desse posto, que já existe. Não há devida delimitação de área para os Korina, se não me engano nessa área existe também os JAMAMADI, de um outro grupo indígena.

PADRE ANTONIO IASI:

Eu falei só do Purus, mais no vale do Purus, onde há um afluente que é o IACO, e lá no alto IACO, existem diversos grupos que também mereciam uma consideração, um estudo. Devo dizer que o único órgão que os está atendendo é a Missão Novas Tribos do Brasil, pude conviver dois dias lá com o Missionário José Peregrino Amaro, ele inclusive chamou um avião da "ASE Socorro" para poder levar uma índia que estava em dificuldades de parto normal e foi levado para o Rio Branco, com tanto esforço e dificuldades, mas infelizmente ela não conseguiu sobreviver. De modo que pude constatar o trabalho e as dificuldades desses seminários de conseguir que esses índios não sejam explorados, porque eles vivem dentro de um seringal trabalhando dia e meio para conseguir comprar uma garrafa de cachaça, pois eles ganham dez cruzeiros por dia e a garrafa da cachaça custa quinze cruzeiros, são explorados e portanto gostaríamos que fosse criado algum projeto, inclusive de reservas de terras. Lá no alto IACO, desde o tempo do SPI, já houve uma proposta de reserva de terras para esses índios que vivem na área do alto IACO, com o grupo CAMINAVA e o grupo MANXINELI

que também já trabalhou junto ao grupo linguístico, inclusive fizeram um campo num lugar chamado EXTREMA, Então, essa é a situação deles, estão sendo explorados nos seringais, têm a assistência da Missão Novas Tribos do Brasil, mas ela não pode exercer um trabalho de policiamento e impedir " que nos seringais venham os patrões explorar o indígena e as índias altas horas da noite nas aldeias, só em lugares próximos da missão, mas em lugares distantes não se pode fazer nada. Mais distante no vale do Purus e no alto do rio Iaco, existem aproximadamente 600 índios. É a proposta concreta que faço a Funai, gostaria de ouvir/^{se} alguém tem mais dados sobre o assunto.

O SR. RUBENS AUTO!

Eu quero esclarecer que também no Alto Iaco, a Funai está instalando um posto indígena, mas o problema de terra ainda não está em planos porque não foi feita a definição da área para os indígenas.

MISSÃO NOVAS TRIBOS DO BRASIL!

Temos missionários trabalhando ultimamente com os índios JAMINAUA no seringal Petropolis, temos também um linguísta aqui em Manaus, que está estudando português, escolhido também para o rio Iaco e fazer uma análise de pesquisa entre os índios JAMINAUA. O marcos é representante dos índios Korinas e CANAMARI eu dos índios Marúbu.

PROFESSOR ROBERTO CARDOSO!

Uma das proposta que eu acho que esse seminário deveria fazer agora é o estudo da área do Itui, do Javari. Então eu tenho impressão que nós podemos passar para essa outra área, a fim de que o grupo pudesse expor de uma maneira sistemática os problemas da área e vermos até que ponto a área é crítica, e se é crítica ela terá necessidade de levantamentos mais aprofundados.

O SR. RUBENS AUTO!

Gostaríamos que o grupo terminasse essa área circunvizinha do rio Purus, que seria a área de Humaitá, porque existem duas comunidades em cujas terra se localizam e está sendo cortada pela Transamazonica e parece também que estão numa situação de emergencia. Mas, chegando a um acordo nós passaríamos a área do rio Itui. Eu gostaria de saber ...nessa área prá

ticamente teríamos o apoio da prelazia de Humaitá e do SUMMER. Gostaríamos de saber que colaboração as duas entidades poderiam dar a Funai em termos de ajuda para um trabalho mais dinâmico.

PROFESSOR ROBERTO CARDOSO:

A Funai, não tem recurso para estar enfrentando todos os problemas desta área Amazônica, ~~que~~ são de uma maneira desintegrada. A Funai, só pode ajudar, a meu ver, no plano de integração nacional, esse plano só dá recursos se houver projetos integrados, então o Purus, terá o projeto, conforme já foi mencionado aqui, como área que está sendo satirizada em torno da Boca do Acre. Então vamos entrar numa outra área que talvez seja a do Javari, ~~CURUGA~~, e ~~CUVEVI~~, quem tem dados a trazer. Eu acho que qualquer plano adicional sobre a área satirizada em torno de Boca do Acre, possa ser encaminhado à Funai.

MISSÃO NOVAS TRIBOS DO BRASIL:

Os problemas que temos no rio Ituí, ~~é~~ ^{da invasão} as reclamações feitas pelos índios são em razão ^{da invasão} de certos civilizados, não no rio Ituí, onde nós estamos localizados, mas no rio ~~CURUGA~~, em outro grupo de Marúbu. Eu acho que o problema está sendo resolvido com a presença da Funai, atualmente. Mas, antigamente, há dois anos atrás, se não me engano, os chefes da tribo, os mais importantes que moram no curuçá, eles mandaram uma delegação para o rio Ituí, dizendo que por enquanto o rio Ituí não tem problemas com civilizados, porque eles não estão se aproximando mais além da boca do rio Paraguaçu, e disseram também! Vocês devem avisar todos os civilizados para não se aproximarem além do rio Paraguaçu, porque lá no curuçá, os civilizados estão morando junto conosco, entrando nas malocas e levando as mulheres indígenas para fora da cidade de Benjamin Constant, para outros lugares, inclusive um homem reclamava sobre um civilizado que havia levado a esposa dele e contam muitas histórias tristes. Para nós, o acesso no rio Curuçá é muito difícil, por exemplo o João o chefe da tribo diz que: os civilizados estão ^{com} as minhas esposas como prostitutas, e a minha reclamação é porque eles não estão me pagando pelo uso das esposas. No Ituí, acho que existem dois problemas, também os Marúbo, não usam bebidas alcoólicas, na cultura deles não têm bebida alcoólicas, o fumo é tipo um tubo onde eles puxam a fumaça e soltam pelo nariz, usam um tipo de entorpecente que

extraem do cipó, chamado de WASKA, eles usam essas coisas, mas, o álcool nunca chegou lá até a chegada dos civilizados em regatões. Há muitos anos eu falei com um pessoa aqui da Funai, não estou bem lembrado do nome do Delegado à época, daqui de Manaus, que nos falou que era contra a lei a venda de bebidas alcoolicas nessas comunidades e avisamos a todos os regatões. Então, onde estamos localizados não estão vendendo cachaça para os índios, as vezes eles compram um paneiro de farinha e levam um pouco acima a fim de vender para os índios a cachaça, mas em baixo, na primeira maloca no rio Ituí, há certos civilizados que estão chegando para fazer festas, não é festa indígena, é festa dos civilizados onde os índios ficam embriagados e certas doenças sociais estão começando a atingir os Marúbo, que antigamente não se encontravam com isso. É mais um problema que eu acredito existir. Os Marúbo, sempre têm negociado com os comerciantes do rio Ituí, especialmente a respeito do cedro e latex, quando saímos de lá eles estavam preocupados porque os comerciantes não poderiam mais tirar o cedro naquela região, estão preocupados se a Funai, vai mandar buscar o cedro. Eu sei que daqui a um mês alguém vai ter que mandar uma embarcação para retirar o cedro caso contrário vai ficar muito cheio, eles estão preocupados com o escoamento do produto deles, porque se os comerciantes não puderem entrar com os regatões então o que vão fazer com os produtos deles, mas, o Sr. Rubens, o sertanista, que está em concentração com os índios MAIRONS lá em baixo, afirmou que a Funai vai mandar uma embarcação, porque o rio vai esvaziar e não vai mais dar para tirar. Na área de Saúde, no mês de janeiro todos os índios do rio Ituí, foram vacinados contra tuberculose, com BCG e contra sarampo, já tivemos oportunidade de vacinar os índios contra tifo e outras doenças, porque nós como membros do grupo podemos alcançar todas as aldeias do rio Ituí. Também os índios do rio Ituí, mais do que os do curuçá, temos 30 índios bem alfabetizados que sabem ler e escrever. Vou focalizar um pouco mais a alfabetização, no ano passado conversando com a doutora Sá Coutinho em Brasília, achamos que tínhamos condições para colocar uma escola de línguas com um pouco de incremento para ajudar a formar a literatura indígena como também a cartilha para os índios terem mais desejo de ler. Agora, temos uns 30 adultos que sabem ler bem e o mesmo número de crianças, em Curuçá, nós não temos tido muito contatos com eles, mas

foram convidados à participarem das aulas e é difícil porque eles não têm familiares ali para morarem no tempo das aulas. Uma coisa que eu quero esclarecer é que o nome daquela tribo não é Marúbu, porque tem no rio ITAPUÍ outras tribos chamadas marúbu, também, que de vez enquanto fazendo certas coisa por causa da civilização, mas que estão em pé de guerra, dúvido, igual aos MAIONOS que moram abaixo de nós. As nossas tribos chamam-se : Srai-nawa, cana-nawa, sata-nawa, isco-nawa, bari-nawa, camã-nawa, (txonabo). São grupos diferentes, e todas essas palavras são "passarinhos", nós temos dado o nome deles de srai-nawa, que quer dizer povo passarinho, eles aceitaram esse nome mais de que Marúbu, nunca gostaram daquele nome.

O PROFESSOR ROBERTO CARDOSO:

É interessante se dizer aqui também, que essa área do Javari, nós já temos uma área de projeto que é no Solimões, cuja a base administrativa do projeto é a palavra norte. Eu tenho impressão que esse grupo atuante entre os Tikuna, vai dar um impulso muito grande para o grupo iniciar o levantamento no Purus, para fazermos uma composição desse grupo a fim de iniciarmos um trabalho na área de Roraima. E talvez fosse interessante considerarmos linguístas nesse trabalho, estamos começando a entrar em contato com a problemática Tikuna, e a mais parecida está acontecendo com os índios YANDAMA, com o projeto YANDAMA vai auxiliar em termos de educação a área do Javari, TAPAU, Curuçá, Ituí, Xiquito, talvez uma recomendação, a não ser que o grupo ache que as informações feitas não tenham subsídios relevantes para a recomendação de um projeto.

MISSÃO NOVAS TRIBOS DO BRASIL:

Uma coisa talvez eu possa acrescentar aqui, o Sr. Rubens, chegou ao nosso posto, se não me engano, em novembro ou dezembro, e a Funai tem demarcado as áreas do Ituí, Curuçá e outros lugares como reserva indígena, tem também avisado todos os moradores do rio Paraguaçu, que eles têm até o dia 30 de junho, para abandonarem essa área porque é reserva indígena, motivo pelo qual não poderão mais ficar ali, vai ser um problema por que os índios vão ter menos contato com a civilização.

O SR. RUBENS AUTO:

Foi colocado aqui um projeto sobre a área do rio Javari, que é uma área onde a Funai está atuando, começando a atuar em atração de grupos

desconhecidos e que será cortada pela Perimetral Norte, o projeto naquela área teria a mesma finalidade imediata de salvaguardar as populações indígenas contra contatos indiscriminados de invasores que fossem penetrando na área e defendendo também contra as doenças de certos civilizados. O problema me parece relevante em relação a informação do Projeto, porém a área é bem mais desconhecida para a Funai, de que a área do Purus, inclusive o SPI chegou a ter alguns postos em funcionamento, seria talvez o caso de uma recomendação para que a Funai, fizesse um levantamento, no caso não poderia ter a precisão de um censo, pois a maioria dos grupos habitam em outras áreas, mas seria o caso do prosseguimento dos trabalhos de atuação. Parece-me que se impõe apesar também da instalação de postos da Funai na área do Curuçá, por madeireiros e seringueiros, a delimitação da área, a fim de não ser invadida.

Alguém mais deseja falar sobre o assunto?... Podemos então, estudar um Projeto para as áreas do rio ITAPUVA e Javari. Esse projeto eventualmente colaboraria com as missões que trabalham na área, no caso Missão Novas Tribos do Brasil e a Prelazia do Solimões,. O assunto do rio Javari, pode ser considerado com encerrado, nesse caso vamos voltar a nossa idéia de discutir a área do Madeira em volta de Humaitá. Segundo, nos informou o Bispo da Prelazia de Humaitá, conhecidamente cinco aldeias naquela área e num desses grupos o SUMMER, já está fazendo pesquisas linguísticas há muito tempo, de forma que já existe algum material a respeito. De modo que eu gostaria agora de dar a palavra ao Sr. Bispo de Humaitá.

PRELAZIA DE HUMAITÁ (D. MIGUEL D' AVERSA):

Eu acho que o problema no rio Madeira, andando mais ou menos com as coisas nós podemos dividir o assunto em censo, terra, saúde e educação. Sobre o assunto de censo a prelazia pode encarregar a Funai, de fazer esse levantamento. Sobre a questão de terra, é necessário se fazer a demarcação das terras, porque o grupo que está aldeado por própria conta ao longo da Transamazonica, pode ser que criem problemas, seria o caso de se fazer um estudo e fazer a demarcação. Sobre a questão de educação, a prelazia por exemplo pode ser encarregada de fazer no meio dessa aldeia a construção da escola, ajudada por eles e tenho certeza que eles ajudam, será um trabalho comunitário se levantar a escola, é possível se fazer esse trabalho, a

professora ficaria por conta da prelaçia, agora o resto ficaria com a Funai. Poderíamos fazer o trabalho comunitário, montar a escola e apontar uma professora, a Funai ficaria com o pagamento dessa professora. No que diz respeito a saúde, foi dito em outra ocasião, que nós temos o hospital em Humaitá, havendo qualquer coisa a Funai tem convênio com a Secretaria de Saúde, o hospital estará a disposição. De forma que seria um Projeto para o rio Madeira, o censo, a demarcação das terras e as escolas, nós poderemos com o trabalho deles construir a escola e a Funai, ajudaria a pagar a professora e o hospital pelo menos facilitaria o trabalho de emergencia nessa área do rio Madeira.

O SR. RUBENS AUTO:

Pergunto ao representante do SUMMER se há condições para a preparação de munitores bilingue para os MURUPIRARA, e Parintintins.

SUMMER INSTITUTE OF LINGUISTIC:

Sim, eles estão mais atrasados por falta de interesses dos proprios indígenas MURUPIRARA, mas os Parintintin, são interessados e podemos aproveitar a oportunidade para eles aprenderem.

REPRESENTANTE DE ITACO ATIARA:

Quero apenas perguntar a equipe da Funai, se tem algum conhecimento da área do Autazes e também da área Laranjal.

O SR. RUBENS AUTO:

Nós não estamos discutindo o problema do Alto Madeira, porque no baixo Madeira a Funai tem uma equipe fazendo SPI. Eu penso que essa área do baixo Madeira, será discutida de maneira diferente da área do Alto Madeira em volta de Humaitá, que seria uma área de 1a. penetração da Funai, mas devemos examinar o problema.

Agora nós podemos tirar dessa discussão em torno das comunidades MURUPIRARA e Parintintins as seguintes conclusões: Há necessidade de uma definição imediata das terras dos Parintintin e MURUPIRARA, principalmente daquela aldeia que se localizou às margens da Transamazonica. A segunda etapa proposta pelo Bispo de Humaitá, de atendimento médico, que poderia ser feito pela equipe médica da 8a.DR da Funai, divisão das terras do Purus entre o Marmelo e o território de Roraima. Criamos sistematicamente um mini projeto no Purus, seria um mini-projeto, que a Funai teria para o atendimen

to global das comunidades indígenas. A Funai, vai estudar o projeto na área e Parintintin, com ênfase na demarcação de terras, atendimento de saúde e implantação da educação com a ajuda do SIL, da prelaia de Humaitá, e do hospital da Secretaria de Saúde e de Humaitá. Eu perguntaria se existe outra missão atuando na área?...

PADRE TIAGO BOETS!

A tônica desse grupo tem sido demarcação de terras, gostaria de saber se a Funai tem autonomia para atuar nessas demarcações, uma vez que existe o Incra, para fazer essas demarcações?

O SR. RUBENS AUTO!

A Funai, pode fazer, não tem problema, agora, quanto ao problema do Incra, eu pediria ao Procurador Jurídico da Funai, que respondesse ou apresentasse qualquer outro esclarecimento que seja necessário sobre esse problema de demarcação administrativa de terras.

O SR. PROCURADOR JURÍDICO DA FUNAI!

Realmente a Funai está encarregada na demarcação de todas as terras, menos na faixa de fronteira, ou às margens de estradas, ou rodovias federais.

PRELAZIA DE PROTO VELHO !

Gostaria de saber se é verdadeira a informação feita por alguém e que por princípio a família do índio caberia numa área de 50ha. mas, ao passo que por lei ocuparia uma área de 100 ha.

O SR. RUBENS AUTO!

Esse princípio de 50 ha. constitui no acordo Internacional de Genebra, em que diz que 50 ha. é de área mínima. Com referencia aos 50 ha. firmado na Convenção 107, de ser o mínimo para cada família tribal, a Funai no artigo 93 do Estatuto, fala: (Lê)...

Acho que podemos passar para o Baixo Amazonas. Seria interessante que o Coordenador da Funai falasse alguma coisa.

O SR. COORDENADOR DA FUNAI!

Nós visitamos a área do Baixo Amazonas, somando Itacoatiara, ainda aldeia COATA, em seguida laranjal, MAMURE e andirá, onde os funcionários da Funai estão atendendo essas aldeias usando parte de medicamentos. Não tivemos condições de percorrer toda a aldeia de nova esperança.

porque o rio estava impedido, nesses locais percorridos por nós não existiam problemas de saúde e a população do Andirá é toda não católica, pois apenas missões adventistas atuam na área.

O SR. RUBENS AUTO!

Uma vez que estamos na hora de encerramos nossa reunião matinal de grupo, deixaremos os debates a respeito da área Yanoama, para a parte da tarde.

Muito obrigado.

FIM.

II SEMINÁRIO FUNAI/MISSÕES RELIGIOSAS - AMAZÔNIA LEGAL

Em 9-4-75 às 14:00 horas.

O SR. RUBENS AUTO:

Vamos reiniciar os nossos trabalhos de grupo. Vou relatar a redação das proposições feitas no início dos trabalhos de hoje, pela manhã... Poderemos dar início aos debates da área Yanoama, de Roraima, especificamente a área do nordeste de Roraima, pois a área incluída no Projeto Yanoama, está sendo discutida neste momento por um outro grupo. Essa área que sobrou no território Yanoama, é a parte que engloba a população em seu município e que está em contato mais recente com a civilização nacional. O grupo macuxí, e ainda um grupo waiwai, está sendo atendido pela MEVA, fora da MEVA, encontra-se a prelazia de Roraima e o SIL, com um projeto de Pesquisa entre os macuxí. Como ficou dito ontem no meu breve relato, o problema mais grave desse grupo é o problema de terras. As terras são complementos sentidos por uma comunidade, de forma que eu sugiro que seja examinado esse aspecto da questão, mas quanto a área, é relativamente com a DR, criada ano passado em nove de julho, três postos ainda estão em instalação. A Funai espera a colaboração não só nesse sentido de terras, mas de qualquer modo. Todas as malocas visitadas pelo nosso grupo, possuíam escolas, os waiwais é um caso a parte, mas os três grupos que visitamos estavam começando a receber ensinamentos, e mesmo assim conservavam a língua materna, de maneiras que gostaria de ouvir as missões tecerem considerações a respeito. Na ocasião o tema é problemas waiwais, naquela área e que talvez seja um problema simples, vamos começar por esse problema waiwai.

REPRESENTANTE DA M.E.V.A:

Nos estivemos na baixa confluência do rio Yanoama, no local do posto, no rio Anauá. Existem 82 pessoas que estavam se mudando pouco a pouco para Caiena, mas são considerados cidadãos brasileiros e estão voltando e se localizando naquela área à convite da FAB, para cuidar da pista, estão espalhados naquela área procurando um lugar melhor para suas roças. De forma que não há problema, estão apenas pedindo pessoas para ensinar nas escolas, porque eles querem aprender português. Não tenho maiores esclarecimentos a prestar porque o nosso grupo esteve nesse local à noite, mas se houver perguntas...

O SR. RUBENS AUTO:

O problema waiwai, é um problema que parece tratar-se em primeiro lugar de um censo para definição da área e o outro problema é que deve ser iniciado um grupo brasileiro porque a população está retornando da Guiana

na Inglesa, o português ainda não falam, mas eu pediria interrupção nas discussões waiwai, porque o representante da prelazia de Roraima, está trabalhando em outro grupo, mas vai atender ao nosso chamado, ficará trabalhando parte em nosso grupo e no outro grupo também.

PRELAZIA DE RORAIMA!

As observações apresentadas nesse relatório a respeito do território de Roraima, são superficiais, e também não sei se estão corretos, porque foi feito em poucos dias, mas a intenção desse relatório é de levar à Funai possibilidades de mandar alguém, particularmente, para fazer uma pesquisa na área, uma pesquisa mais profunda a fim de poder atingir o alvo mais importante a respeito das atividades que foram feitas pela missão. A respeito de uma nota em que diz estar os índios com doenças, não lembro com certeza, doenças contagiosas e que seriam hospitalizados no hospital da prelazia, não concordo, não, porque o hospital não está equipado para esses tipos de coisas se deveria entrar em entendimentos com o Sr. Bispo, para poder discutirmos os assuntos que foram tratados nesse relatório, sobre os índios Yanoama, que estamos tratando a parte, por exemplo. Tem uma observação até certo ponto... em que diz: pg 6 (Lê) e logo abaixo diz: (Lê)... Eu acho que os dois capítulos estão se contradizendo bastante, mas acho que não vai depender desta sessão, isso vai ser discutido em outra comissão, na sessão Yanoama, eu queria apresentar esse aspecto porque aqui também tem um senhor que relatou o caso e seria esse o ponto inconveniente.

O SR. RUBENS AUTO!

Eu queria que o padre tivesse uma discussão profunda a esse respeito com o grupo. Quanto a segunda questão, essas são relacionadas com a determinada área número 1, mas, uma vez que o assunto será discutido em outro grupo nós entraremos no assunto da M.E.V.A e depois voltaremos ao assunto do padre Carlos. A perimetral norte, passa a uns 80 km aproximadamente desse grupo onde se localizam 82 pessoas. Então a etapa de trabalho do grupo será no sentido de se criar um projeto para esse local, a fim de se definir a área indígena dos waiwai.

PADRE EGYDIO SCHWADE!

Perguntaria sobre a situação da reserva em Roraima, fui informado que essa reserva será para todos os índios de Roraima,? Nesse caso eu daria uma sugestão concreta, seria de que toda a nação tivesse um mapa desse Plano de reserva e que fosse criada uma escola nessa reserva.

O SR. RUBENS AUTO:

No alto ~~Anawa~~, parte das terras dos índios estão garantidas pela existência da Fazenda S. Marcos desde o século passado e que foi reconhecida pelo Incra.

O SR. PRESIDENTE: (GENERAL ISMARTH DE ARAÚJO)

A Fazenda S. Marcos é bem definida e reconhecida. Portanto a Funai é quem tem obrigação de retirar elementos estranhos que estejam localizados naquela área.

REPRESENTANTE M.E.V.A.:

O problema da população é a pobreza do solo, dificultando a plantação da roça.

PADRE TIAGO BOETS:

Poderemos fazer a leitura de diversas sugestões que foram apresentadas à Mesa, a respeito do projeto Yanoama(Lê)....

O SR. RUBENS AUTO:

O grupo está de acordo com o que acabou de ser lido?... Então vamos continuar com a leitura das sugestões, padre Tiago.

PADRE TIAGO BOETS:

(Lê)....

PRELAZIA DE PARINTINS:

Existem três problemas na área dos andirá, a primeira é quanto a necessidade de demarcação de terras para uma reserva indígena, Quanto a saúde, pessoas especializadas, e que haja cursos de enfermagem no sentido de atender aquela população. # A respeito de educação, existe a falta de material, embora exista escola do Mobral, mas há necessidade de uma escola bilingue na área, e temos condições para a formação desses monitores em Porto Alegre, a escola do Mobral se localiza no Andirá....(inaudível)

PADRE TIAGO BOETS:

Vejamos a leitura de sugestões, para essa área!(Lê)...

O SR. RUBENS AUTO:

Todos estão de acordo com as proposições?....

PADRE TIAGO BOETS:

Continuando a leitura! (Lê)....

O SR. RUBENS AUTO!

Gostaria de ler para os aqui presente o artigo 28, paragrafo III , do Estatuto do Indios em que diz:(Lê)..... De maneira que não há dúvida de que a área será multiplicada de acordo com a população.

PADRE TIAGO BOETS!

(Lê).... O pessoal de Tefé, parece que atuam no rio Juruá.

O SR. RUBENS AUTO!

Atuam entre a área dos rios Itacoai e Itui....Essa foi a ultima ' participação da parte da manhã, ficou a área do baixo Amazonas, e Madeira para serem apresentadas, a área do Javari está em discussão...ado / ^{que} podemos conciderar como aprovada.

(PAUSA DE QUINZE MINUTOS)

O SR. RUBENS AUTO!

Reiniciado os trabalhos, para que sejam ouvidas todas as intervenções apresentadas à Mesa, e logo em seguida o encerramento do nosso trabalho de grupo.

PADRE TIAGO BOETS!

Atenção, a respeito do S.I.L.(Lê)...

O Sr. RUBENS AUTO!

Está em discussão a proposição, se todos estiverem de acordo...!

Com a palavra o padre Iasi para ler o relatório.

PADRE ANTONIO IASI!

O Relatório da parte da tarde abrange as seguintes áreas:(Lê)..

O SR. RUBENS AUTO!

Consultamos o plenário, se desejam ouvir cada tópico das proposições , pois cada uma possui vários tópicos...O plenário deseja ouvir cada tópico, então o padre Iasi, vai dar inicio a leitura.

PADRE ANTONIO IASI!

(Lê)....

O SR. ADOLPHO KILIAN KESSELRING!

Seria melhor substituir "pequena gleba" por "suficiente".

O SR. RUBENS AUTO!

Todos estão de acordo?...

PADRE ANTONIO IASI:

(Lê)....

O SR. RUBENS AUTO:

Todos estão de acordo....

PADRE IASI:

(Lê)....

Área Anawá ... (Lê)....

O SR. RUBENS AUTO:

Todos estão de acordo?....

Bem, chegamos ao final da leitura de todos os tópicos apresentados pelo grupo que percorreu as áreas que foram expostas nesta sessão do grupo IV, antes das 18:00 horas.

PRELAZIA DE ITACOATIARA:

Eu quero saber a respeito da situação dos Waimiris-Atroaris, seria interessante um estudo a respeito desse assunto para uma tomada de posição nos trabalhos com esses índios. (inaudível)....

SUMMER INSTITUTE OF LINGUISTIC:

Seria interessante esse aspecto, também gostaríamos de ter algum esclarecimento a respeito.

DR. CRISÓSTOMO:

É impossível hoje, porque o responsável por aquela área que é Apoená Meirelles, não está presente em nossa reunião neste momento.

O SR. RUBENS AUTO:

De fato se todo o assunto fosse tratado hoje, amanhã, seria a reunião de todos os grupos, mas dado a isso, fica marcada mais uma reunião do grupo IV, para amanhã as 8:00; ficando a reunião de encerramento para 6a. feira, das 8:00 às 10:00 da manhã... (Ainda, me parece que a solução para a proposta seria intensificar no rio Jatapú e Nhamundá, as atividades da Funai e missões religiosas naquela área.)

PRELAZIA DE ITACOATIARA:

A minha sugestão é de que amanhã, após a apresentação do Apoená, a respeito do andamento dos trabalhos, que haja uma discussão sobre a apresentação feita, quando ele também irá discutir conosco. E dentro desse ponto haveremos de chegar a uma proposição. Ainda a outra sugestão, de que

estude
a Funai a área dos Hixkaryana dos rios Jatapú e Nhamundá...(inaudível)
exatamente da maneira como o relator organizou.

O SR. RUBENS AUTO!

Então, acho que os nossos trabalhos de hoje estão encerrados e fica convocada para amanhã, às oito horas uma reunião para o exame do problema Waimiris-Atroaris, quando o grupo retornara e com a presença do ser-
tanista Apoena Meirelles, discutiremos os assuntos.

Encerrada a sessão.

FIM.

MINISTÉRIO DO INTERIOR
FUNDAÇÃO NACIONAL DO ÍNDIO - FUNAI

Dia 10/4/75

II SEMINÁRIO - FUNAI - MISSÕES RELIGIOSAS.

AMAZÔNIA LEGAL (Em 10-4-75) 08:00 hs.

O SR. PRESIDENTE: (Rubens Auto):

Conforme a proposta de ontem, hoje nós estamos aqui para examinarmos a situação dos Walmiris-Atroaris, a pedido do padre Egydio e do representante de Itacoatiara.

O PADRE JUSTINO MAC INNIS:

Quero pedir ao Apoena, esclarecimento total em torno da situação de atuação política nessa área Walmiris-Atroaris, para termos conhecimento do assunto.

O SERTANISTA : (Apoena Meireles)

Antes de mais nada, quero agradecer aos prezados colegas a oportunidade que me é dada, para prestar esclarecimentos aos que aqui estão presentes.

De um modo geral o trabalho de atração, quando é levado a diante, não pode ser baseado em fatos contemporâneos. É necessário que se faça retrospectos históricos das ocorrências com determinados grupos, para podermos avaliar e estudarmos seu comportamento, baseados em fatos anteriores. É o caso dos índios Walmiris-Atroaris. Nós não podemos estabelecer um planejamento de trabalho se não tivermos conhecimento dos fatos passados com esse grupo. Infelizmente, Denise, minha esposa, levou todo o material de pesquisa que diz respeito aos fatos acontecidos com esses índios. Mas, temos aqui algumas informações. Eu fui apanhado de surpresa, uma vez que o General Ismarth, só teve oportunidade de me avisar à noite, já que à tarde eu não pude estar presente aqui.

Então, dentro dessa análise, eu tenho um livro chamado: "JAUAPERY", de Alípio Bandeira, que foi o primeiro chefe da Inspetoria de Manaus, figura proeminente na causa indianista e do círculo direto de Rondon, na época. Na obra "JAUAPERY", publicada em 1926, a temática principal é o relato de um ponto pacífico que travou com os índios em 1911. Nós vamos observar que desde 1911, os índios Walmiris-Atroaris, já tinham contacto com o que nós chamamos de civilizados. "Jauapery," o

bra em que Alípio Bandeira, traça linhas gerais dos antecedentes históricos dos índios da região do "JAUAPERY". O autor deixa-se tomar de revolta ante o quadro que varia do trágico ao patético. Vou citar aqui apenas o que nos interessa no momento, as experiências de civilizados com os Waimiris-Atroaris, vou fazer a leitura de alguns trechos do livro de Alípio Bandeira, para aquilatarmos melhor os fatos ocorridos no passado com esses índios. Este livro é de 1926, lerei apenas alguns trechos, para não tornar cansativo (Lê).... Depois o autor verificou que Jauapery, não era a denominação indicada, que foi dada por Barbosa Rodrigues, mas sim Atroari. Diversas palavras neste livro, foram confirmadas pelos trabalhadores, que acompanhavam Gilberto, anteriormente. E existem muitas outras que servirão ao pessoal do SUMMER INSTITUTE OF LINGUISTIC, porque há muita coisa conhecida; tem vocabulários de frases coletadas na época e algumas dizem: "não me mate", "eu sou bom", "eu sou amigo", "eu sou paz". Essas pesquisas que estamos fazendo, é objetivando mudar a imagem que foi criada a respeito dos índios Waimiris-Atroaris, criou-se hoje em dia uma imagem de que esses são bárbaros, perversos, é um problema insolucionável. Mas, sem me ater a consequência dos últimos massacres do Padre Calleri e Gilberto, eu acredito que seria falta de ética da minha parte julgar fatos tão recentes que entristecem a todos nós. Eu estou fazendo esse trabalho desejando mostrar que esses índios vêm sofrendo desde épocas remotas, contatos desastrosos com civilizados, às vezes com frentes pioneiras, as vezes com o próprio pessoal do SPI, com missionários também e sofreram por parte do Governo do Estado do Amazonas, na época, inclusive expedições primitivas, talvez os fatos anteriores, sirvam para justificar hoje o comportamento dos Waimiris-Atroaris. Acredito que pelos fatos narrados, os senhores podem observar que é difícil aceitar, agora, uma proposta de paz. Eu tenho a minha diretriz e meta de atração, feita enquanto eu estava na área e não vou abrir mão dela. O meu método de atração se restringe à abertura da estrada Manaus-Caracaraí, que não foi traçada por mim, eu não participei do Projeto e quando aqui cheguei ela já estava em construção, mas me propuz a dar uma solução pacífica aos problemas com relação aos índios. Então, todo o nosso papel está concentrado em dois pontos, colocar a estrada no eixo onde está o pessoal do BEC e os

Walmirís-Atroarís no eixo da estrada. Existem duas picadas laterais, uma onde está o pessoal da FUNAI a distancia de 3 Km do eixo da estrada, objetivando, caso o índio apareça, haja o contáto inicial com o meu pessoal e não com o pessoal da estrada. Os postos de atração que são: Alalaú I e II Camanaú e Abonará I e II, esses postos estão abandonados porque ao instalarmos o posto, se dá impressão ao índio de fixar ali um grupo civilizado, e eles talvez não saibam o que é FUNAI ou BEC. Então eu acho desnecessário a fixação nesses postos, o que caracteriza uma posse efetiva sem o consentimento do índio, bastando a estrada que está cortando a reserva indígena. Acredito ser um preço muito grande pago por eles. Quando há dispensa do pessoal do BEC e quando a estrada fica paralizada, nós vamos aos postos e lá colocamos brindes, mas sem nos fixarmos nesses postos, para não caracterizarmos uma presença permanente. Colocamos brindes nesses postos distantes da estrada para evitar que o índio venha para a estrada a procura desses brindes, e periodicamente nós vamos até lá a fim de verificarmos se eles apanharam ou não. O que acho muito importante e necessário é que haja uma reformulação por parte da imprensa e de outros setores com referencia ao índio Walmirís-Atroarí, seria interessante que se fizesse um estudo sobre as ocorrências históricas para que possamos aceitar e justificar o comportamento deles no presente. O pessoal da FUNAI, no momento com a construção da Manaus-Caracaráí, está se concentrando nessa estrada e evitando com isso que haja algum problema, então há interesse de nossa parte de fazer uma atração, trazer esses índios para a estrada a fim de ficarem misturados com outros tipos de pessoas de nível mais baixo que o deles, porque poderia causar problemas, principalmente; já que estou recentemente na área, não acredito que tenhamos condições, um surto de gripe ou sarampo, caso o índio venha à estrada e seja acometido dessas doenças, de ir à maloca e prestar assistência a esses índios. Não há interesse de um contáto direto com esses índios, se eles não chegarem até a estrada, melhor para mim.

PE. EGYDIO SCHWADE:

Inicialmente queria dizer da minha satisfação em ver você mais uma vez aqui. Não é o primeiro seminário que nós somos companheiros de trabalho, me parece sobretudo que naquele seminário de março de 1973,

em Cuiabá, você marcou com sua presença a mesma coragem em favor dos índios. Eu não tenho nada a observar no momento, de profundidade sobre a pessoa dos sertanistas, e quanto ao método de atração, creio que cada um procura de fato se aprofundar nesse terreno. Fiz uma pesquisa sobre um ponto levantado ontem pelo padre Justino e outro colega, com referência aos sertanistas que integram aquela frente de trabalho, o pessoal que trabalham no serviço de proteção ao índio, e com pessoas que conhecem esses índios há mais de 40 anos. Primeiro tivemos uma confirmação sua de que esses índios são pacíficos, e uma segunda constatação com relação aos presentes, todos eles foram unânimes em dizer que os Walmirís-Atroarís possivelmente presente com "morte à presente". Eles matam os civilizados, e cada vez ganham mais presentes. Haveria aí uma ligação a respeito ?

O SERTANISTA:- (Apoena Meireles)

Acredito que os índios Walmirís-Atroarís, sejam extremamente conscientizados contra qualquer atitude de paz proposta por nós, pelos fatos anteriores e recentes. Isso os leva a adotar uma atitude de permanente guarda contra qualquer tentativa nossa. Quando eu falei de fatos recentes, eu não quizei tecer críticas ao padre Calleri, nem ao Gilberto, quizei dizer que só foi contada um lado da história, a do nosso lado, o lado dos índios, só será contado quando eles desejarem contactarem conosco, afirmo isso porque está sempre aparecendo na imprensa, os Walmirís-Atroarís de uma maneira bem negativa. Acredito que há índios mais aguerridos, como os Parintintins, aqui no Maisí-Mirí com a pacificação que foi feita por CURT NIMUEDAJU e que durou muito tempo, Então eu gostaria que esses índios fossem encarados como todos os outros foram, não de uma maneira especial. O problema de morrer, todos nós estamos sujeitos, crimes são praticados aqui todos os dias por civilizados, bem mais terríveis e chocantes de que os praticados por eles, a morte praticada pelo índio, talvez ela cause impacto, porque é praticada por armas bem rudimentares, como: flexa e arco. Isso talvez cause impacto maior de que as mortes que nós observamos por aí, praticadas de maneira estúpida e com armamento bem mais sofisticados.

PE. ANTONIO IASI:

Apoena, você se presta não só para dar esclarecimentos

concretos em torno de um assunto, mas levanta toda uma problemática indígena, da qual você já aludiu em parte. Gostaria de fazer algumas considerações e depois algumas perguntas. Notamos no problema indígena Wal
mirís-Atroarís, que eles são vistos como uns corvos, nós podíamos esten-
der essa observação para todos os índios brasileiros. O general DEMÓCRITO
disse pessoalmente que é preciso se dar reforço, e ele resolve o problema
do índio encontrado na diretriz de uma estrada, é só dar reforços e ele
consegue levar esse índio para outra parte, como se o índio fosse um
grande bloco de pedra, que para transportá-lo precisa de um instrumento
possante, como um guincho, e estaria resolvido o problema, e insistiu :
- o índio quer é comer. Então, ele diz que pode resolver o problema mui-
to facilmente, tendo recursos materiais. Além disso no jornal, o profes-
sor Crisóstomo disse que nós devíamos ser mais práticos e deixarmos um
pouco de lado as teorias dos antropólogos e linguistas, para resolver o
problema indígena. Por outro lado me congratulo com o seu ponto de vista
quando diz que, tem um método de atração e não vai abrir mão desse méto-
do. De maneira que agora nós gostaríamos de perguntar como é que você
justifica a sua consciencia, não em termos religiosos, mas em termos hu-
manos, dentro desse problema de ter que trabalhar, para isso tomo suas
palavras editadas em uma revista, em que diz: (Lê)... Também sugeriu
pacificação mais rápida e outra mais lenta, vindo a propósito levantar
esse problema da reforma do Estatuto, e que o Ministro propõe uma inte-
gração mais rápida, que contraria fundamentalmente o 1º dos artigos do
Estatuto. Acho que nós poderíamos fazer neste encontro, uma sugestão de
que não se altere o Estatuto. De modo que eu faço a pergunta: como jus-
tificar a sua consciencia de ser humano num trabalho desse, com pressões
de grupos humanos, de mentalidade diversa à sua ? E a sugestão é que não
se altere o Estatuto do Índio, exatamente porque parece contra o 1º prin-
cípio de uma atração lenta. É isso que tinha a perguntar.

O SERTANISTA:- (Apoena Meireles)

Quero dizer ao padre Iasi, que a minha concepção sobre o
índio, não se restringe somente ao índio. Isso já disse através da im-
prensa, que na minha opinião, o problema do índio só será resolvido quan-
do for resolvido o problema de 70% da população nacional marginalizada.

dos grandes centros urbanos. Esse é o meu conceito sobre a solução do problema "índio". Acredito sem restrições que nem mesmo a FUNAI e nenhum outro órgão solucionará definitivamente o problema do índio, antes de serem resolvidos os problemas dessa maioria que vive nos grandes centros urbanos, bem mais fácil de serem assistidos. Acredito que todos nós Missão, FUNAI e outros organismos, estejamos atenuando o processo desassociativo e desintegrador. Esta é a minha concepção na qual eu me baseio para dar uma resposta a minha consciencia. Quanto ao problema de estrada, hoje a estrada Cuiabá-Caximbo, na época os Villas Boas, fizeram a atração dos Kreen-nã-Kore, evitando justamente que essa estrada causasse problemas sérios aos índios, e que eles ficassem abandonados à sua própria sorte. É o meu problema aqui, não estou preocupado com os índios, e sim com a estrada, não estou preocupado com os índios porque eles estão nas suas malocas, não vou tentar ir lá, e nem manter contáto nenhum, porque todo trabalho de atração, todo contáto serve para uma auto-promoção do sertanista. Não interesse da minha parte em auto-promover-me à custa dos Walmirís-Atroarís, principalmente depois que eu li esse livro de Alípio Bandeira, quando tomei conhecimento através de outras fontes de fatos ocorridos com eles. Acredito que eles devam ter uma consciencia baseada numa atitude. Nosso problema ali, é estrada e estamos nos concentrando todos na estrada, depois que a estrada passar, também nós não continuaremos preocupados com os índios, passaremos a nos preocupar com as invasões, e essas serão rechaçadas através da Polícia Federal, ou através de nós mesmos, se eu permanecer na área; qualquer tipo de invasão será rechaçada da maneira que desejarem, a bala, ou do jeito que os grupos econômicos desejarem, não se repetirá o que aconteceu no Aripuanã, isso eu posso deixar bem claro aos senhores.

DOM MILTON CORREA:

Apenas uma questão de ordem prática. Num trabalho desse, há possibilidade de um contáto com os missionários, por exemplo, seja na parte do diálogo, seja mesmo nas viagens de contáto com os índios? Suponhamos que eu tivesse na arquidiocese, algum padre capacitado para servir de missionário. Haveria possibilidade de uma aproximação dele ao grupo, seja aqui em Manaus, para troca de idéias, seja em serviços dessa expedição?

O SERTANISTA:- (Apoena Meireles)

Eu responderia ao Sr. Bispo, que isso foge um pouco das minhas atribuições, porque eu não teria condições de analisar a capacidade desse missionário. Esse caso seria submetido a Presidência da FUNAI e algum outro departamento. Agora, de minha parte, não haveria inconveniência nenhuma, da mesma forma como outras pessoas participaram de minha expedição, ele teria todo atendimento e toda colaboração no sentido construtivo de solucionarmos os problemas., será aceita, não há objeção nenhuma da minha parte.

DOM MILTON CORREA:

Com relação a esse tipo de assunto que você tocou, de reprimir a Fundação do Índio, é claro que de modo algum há oposição. Não vejo nada a censurar no seu método de atração, e nos seus esforços delimitados para a pacificação de índios, pena que há invasões. Entretanto, declaro que nós temos direitos a uma defesa, e apenas acreditando na sinceridade do procedimento dinâmico, eu gostaria de recomendar que realmente ficasse nessa posição e nunca na de provocação. No caso de haver invasão, que haja o máximo de empenho para dialogar com as autoridades, para receber não de grupos econômicos e sim das autoridades, uma orientação, e poderia então, por ser realmente esse método, ou melhor essa condição pertence não a grupos econômicos, mas sim, as autoridades competentes, de tal modo que acho importante ter seu diálogo com autoridades, a fim de manifestar o seu ponto de vista e defendê-lo. Estará fazendo aí, um grande bem para os índios, e apenas para a dignidade pessoal que sirva à arbitrariedade, que forme por parte de terceiros.

PROFESSOR OLYMPIO SERRA:

A nossa Constituição, tem sentido, e nós acreditamos que problemas da gravidade, no caso Walmirís-Atroarís; ele vive uma participação global e a procura de reflexões que possam explicar determinados comportamentos que foram apresentados por Apoena Meireles, em sua exposição, além de uma defesa efetiva da vida ou sobrevivência indígena, expôs também um esforço no sentido de explicar certos comportamentos que ocorrem, aí no caso, eu lembro da intervenção do padre Egydio, quanto ao desenvolvimento de esforço desse tipo. Foi uma pesquisa feita pelos cole

gas dele, com pessoas que já tiveram contáto com esse grupo há mais de 40 anos, e segundo ele, essa pesquisa surgiu uma relação entre presente e morte do civilizado, me parece que háveria uma outra hipótese, que foi levantada por colegas numa reunião do Conselho Indigenista, onde fomos convocados pelo Presidente da FUNAI, essa hipótese é de que provavelmente da constatação de determinadas represálias com morte do civilizado, não acredito em pontos críticos do território Walmirís-Atroarís, parece modificar todos contátos pacíficos duradouros que eles tiveram em postos, pontos ou seringais, fora daquilo que eles consideram território e isso que se supõe que possa ser atribuído ao processo da aliança política pelo grupo Walmirí-Atroarís, e Wai-Wai também através de uma ESORGAMIA de grupo. Isso talvez explicasse melhor uma energia na defesa do seu espaço vital. Não há uma relação pura e simples com resentes, digamos assim vamos matar para ganhar presente, mas sempre que se fixa algo permanente dentro do seu território, há uma represália a isso.

O SERTANISTA:- (Apoena Meireles)

Aproveitando as palavras do professor Olympio, eu poderia dizer que num dos relatórios de Gilberto, ele diz que MAROAGA haveria concordado com a abertura da estrada, mas não queria que ninguém se estabelecesse na área. Entretanto nós temos ali quatro postos, alguns bem distante da estrada. Isso não sei se poderíamos caracterizar a fixação do elemento não índio no território Walmirís-Atroarís. Com relação aos presentes, que o padre Egydio citou, nós estamos querendo demonstrar aos Walmirís-Atroarís, que não há de nossa parte nenhuma revolta ou atitude hostil com relação ao que houve. Eu acredito que qualquer problema de atração, cabe a nós, no caso de morrer índio e pessoal da FUNAI, sairmos perdendo. Quer dizer, eu acredito que houve problemas, já morreram Gilberto e padre Calleri, mas todos esses sacrifícios em vidas humanas são INFINITOS em relação a quantidade de índios que já foram mortos por civilizados do passado, e nós agora estamos pagando os efeitos desses erros cometidos no passado. Isso talvez seja uma compensação pelas muitas crianças, mulheres e índios que foram mortos em épocas passadas.

REPRESENTANTE DA PRELAZIA DE PORTO VELHO:

Fiquei muito satisfeito de ouvir, que depois de feita a

estrada a FUNAI, estará disposta a evitar qualquer invasão dos brancos na área indígena. Não entendo dessa estrada, porque estou chegando de Rondônia, conheço a abertura da estrada que lá existe ~~que lá existe~~, acho que está surgindo problemas e eu gostaria de ter uma orientação da FUNAI, do que está ocorrendo, a fim de eu participar do assunto, uma vez aberta a estrada, ela não vai ficar sem moradores, com licença ou sem licença, os colonos vão chegando, se estabelecendo e mais cedo ou mais tarde os índios vão atacar, os colonos vão ter que defender. Eu não sei como é feita essa política aqui no Brasil, para essas áreas serem colonizadas, não sei se já existe um loteamento dessa estrada, quais são as medidas que a FUNAI está tomando para planejar esse futuro, a fim de não haver invasão tendenciosas.

O SERTANISTA:- (Apoena Meireles)

O programa dessa estrada antes de ser construída, um Deputado: Abraão Sabbá, riscou no mapa mais ou menos por onde essa estrada iria passar, e loteou toda a área. A medida que nós estamos tomando, aproveitando a construção da estrada, é estarmos instalando postos em todo o percurso da estrada. Os índios Walmirís-Atroarís habitam aquela região compreendida entre Abonarí, Alalaú e Camanaú. Pela parte oeste nós temos dois postos de fiscalização, Alalaú I e Camanaú, no eixo da estrada temos um posto no Abonarí, onde começa a reserva indígena, esse posto está situado nesse local, e depois quando estiver passando tráfego na estrada, nós estamos pensando em estabelecer uma cancela, enfim para isso nós vamos ser obrigados a ter ali umas quatro ou cinco viaturas, para estarmos constantemente percorrendo a estrada entre o Abonarí e o Alalaú. Eu sugeri, ainda não oficialmente, porque me falta dados, estou novo na área, a criação ali de um parque indígena Walmirí-Atroarí, com esse parque seria aumentado a reserva que até agora vai só até a margem do Alalaú. Tem uma área interditada que vai até o Igarapé Pretinho, tudo isso é sugestão feita há época de Gilberto. Eu sugeri o aumento da reserva, para que ela não ficasse só no Igarapé Pretinho, mas que se estendesse até à margem esquerda do Jauapery e até suas cabeceiras, e fecharia no entrocamento do Jauapery, Alalaú ao oeste.

PE. EGYDIO SCHWADE:

Desejo complementar a minha intervenção de antes. Conti

nuo afirmando que o problema Walmirís-Atroarís, não está nenhum método, nem no sertanista, o problema não é colocado nas pessoas nem em métodos. Mas, queria complementar, na minha opinião, coloca-se exatamente em ser ou não ser, ponta de lança no desenvolvimento dos grandes grupos empresariais. Então a sua colocação em resposta ao padre Iase, dizendo que procura atenuar o problema. Acho que neste sentido nós começaríamos a criar problemas para situações estruturais, e dar a FUNAI uma situação que tenha armas. A FUNAI estruturalmente, ela não se comprometa com problemas e que simplesmente atenuar certas coisas, mas que coloque radicalmente o problema fundamental, vou dar um exemplo, lembrem-se que na aquele simpósio de Cuiabá, a FUNAI propôs ao padre Thomás Lisboa, a pacificação dos índios Cinta-Larga, ao longo da estrada que estava sendo aberta, e o padre na oportunidade perguntou diretamente ao prefeito de Aripuanã e ao pessoal da comunidade e Fundação Nacional do Índio, se a estrada haveria de continuar e não de parar enquanto os serviços fossem feitos, e a resposta foi que a estrada continuaria de qualquer forma, então o padre Thomás disse que neste caso eu devolvo a verba, porque prefiro ver o índio morrer de arco e flexa na mão do que vê-lo mendigar ao longo da estrada, o que sempre foi feito. E parece que com esse gesto o padre Thomás livrou a FUNAI de uma responsabilidade que seria jogado em cima dela como foi o caso Kreen-nã-Kore, não é o caso em se falar estritamente, talvez em FUNAI, mas como a FUNAI se prestou no caso como você falou também, que não está na Manaus-Caracarái unicamente para pacificar os Walmirís e sim, está para dar uma cobertura ao 6º BEG, assim como o outro sertanista Gilberto falava, porque no caso se colocasse ao nível de pessoa, eu estaria com você, então o status é alguma coisa, e se fosse poder depois continuar os trabalhos de fato, mas pode ser que o Apoena colocasse em outro local e daí? Então eu acho que a gente tem que ler nesse sentido realisticamente os jornais, não só as notícias sobre os índios Walmirís-Atroarís mas também no lado como apareceu no dia 25 de março em "A Crítica", sob o título "Manaus Caracarái será inaugurada em outubro", (Lê)... E também cita vários órgãos de situações e posições.

O SERTANISTA:- (Apoena Meireles)

Apenas aproveitando aqui para que não me perca. Acredito na FUNAI, na própria administração da FUNAI, e por isso eu creio que contarei com todas as despesas necessárias para criar naquela área, e não ocorra o que ocorreu no Parque do Aripuanã. O Parque do Aripuanã, por ocasião da morte do Gilberto, os índios Walmirís mataram dois colonos, o que foi divulgado pela imprensa e tal fato foi autorizado por nós, e pela equipe do Parque do Aripuanã, acho que aqueles índios, se tomassem as medidas que achassem necessárias, visando que não continuasse sendo invadidas as suas terras, então seria muito cômodo para mim, eu não me afastar da área da estrada e deixar os índios Walmirís-Atroarís ali, 'lógico que se os índios podem morrer de arco e flexa na mão em suas próprias terras, em vez de mendigar, seria ótimo, mas eu ainda acredito na FUNAI, se um dia eu tomar essa decisão, não sairei da área, me aliarei aos índios, para estar com eles nessa luta e não fugirei ao problema, 'deixando-os sôzinhos, eu estarei lá para orientá-los, e oferecer todo o conhecimento que a gente tem do problema, agora eu ainda acredito na FUNAI, acredito que o novo presidente há realmente um interesse e boa 'vontade em solucionar o problema dos índios, se não fosse então iria tomar as mesmas posições que tomei com o presidente da FUNAI anterior, então eu acredito e acho que esta é a solução que estou podendo fazer no momento, alí naquela área.

O SR. PRESIDENTE:- (Gen. Ismarth de Araújo)

O assunto já foi esclarecido e faltava apenas a palavra do Presidente da FUNAI, nós estabelecemos um crédito de confiança ao sertanista Apoena, que já sabemos da capacidade dele de trabalhos realizados. Não há dúvidas que nesse área dos Walmirís-Atroarís vai constituir um desafio para a FUNAI, e quando o sertanista Apoena foi convidado, ele não foi pra lá ignorando de que esta, seria talvez a tarefa mais difícil da FUNAI, com a estrada, defender essas comunidades indígenas. Acredito que, quando o padre Egydio leu o artigo do jornal, que impressio-nou o governo, isso não quer dizer que esse desenvolvimento seja feito na área dos índios Walmirís-Atroarís, porque seja de número de reser--vas, seja de parques indígenas, essa área tem que ser mantida intacta,

fora de qualquer penetração de elementos estranhos, e para isso a FUNAI tem o seu poder de polícia, e pode enviar força federal e até o exército para impedir a ocupação indevida na área, ela dispõe de meios para evitar que isso ocorra. A preocupação maior que nós estamos sentindo aqui na explicação do Apoena não é com relação a penetração de indivíduos na área, essa a FUNAI tem meios de evitar, e deve evitar que os índios sofram a influencia da estrada, e evitar que os índios Walmirís - Atroarís ocorra o mesmo que ocorreu com os índios Kreen-nã-Kores, essa que é a maior preocupação dele, aceitamos sugestões do Sr. Bispo, que foi excelente, e quaisquer sugestões que venham ajudar a FUNAI na solução desse problema, serão sempre bem-vindas, nós não queremos ser os donos da verdade, pelo contrário, acho que esse problema envolve a responsabilidade até de comunidades que sejam missões religiosas, sejam outros órgãos que queiram colaborar em vez de simplesmente dizer que está errado o trabalho da FUNAI, ou querer sugestões efetivas para minimizar o problema, não resta dúvida que serão atendidas, a FUNAI aceitará de boa vontade.

PE. JUSTINO MAC INNIS:

Desejo saber se essa área Walmirís-Atroarís é uma reserva indígena ou uma área indígena ?

O SERTANISTA:- (Apoena Meireles)

Até o Alalaú, ela é uma reserva, do Alalaú até o Igarapé Pretinho é uma área interditada. Agora já solicitei ao Presidente da FUNAI, e ele já se prontificou em aumentar a reserva até o Jauapery e naturalmente submetendo essa minha proposição aos escalões superiores, embora haja uma corrente alegando que a partir do Igarapé Pretinho não existe aldeamento indígena. Mas essa minha proposição, pretende-se que seja aumentada essa área para que os grupos ou fazendas que venham se estabelecer na área, que fiquem distantes dos índios como área de segurança ou seja, mesmo que lá não tenha índios, aldeamentos, pelo menos entre o Igarapé Pretinho e Jauapery fique um espaço reservado para evitar que os índios fiquem muito próximo, talvez daqui a 10 anos de elementos estranhos da comunidade indígena, então nós ficaremos, que essa área compreendida entre o Igarapé Pretinho e Jauapery como área de se-

gurança, e se tem índios eu não sei, acho que ninguém pode afirmar e inclusive eu pretendo sobrevoar breve aquela área para ver se realmente não tem, acredito que deve existir nas cabeceiras daqueles afluentes, aldeamentos indígenas.

PE.JUSTINO MAC INNIS:

E também a respeito do Estatuto do Índio e da Constituição, eu quero um esclarecimento, por exemplo: vai passar a estrada, uma vez que sabemos, ela passará a 70 metros de uma maloca, e do outro lado, 4 ou 5 Km de distancia. E também o fato de o Igarapé Santo Antonio do Abonary, sendo uma via de passagem dos Walmirís, eles desciam até o rio Atumã. Eu queria perguntar se o Estatuto do Índio funciona no que diz respeito a área. Falando em termos de integração do INCRA, harmonioso habitat natural e liderança local. Nesses 3 aspectos como é que o Estatuto do Índio e a Constituição funcionam a respeito dessa área indígena.

Acredito que o Estatuto do Índio, não pode ser concebido de uma maneira estática, toda vez que se for fazer alguma coisa em benefício do índio, ele pode ter uma concepção mais dinâmica em determinados artigos, e isso pode vir facilitar uma real medida por parte da FUNAI na defesa do índio. Quanto ao problema dessas malocas, existem muitas na área, sobrevoamos muitas malocas, e inclusive fui tomando conhecimento de determinados aldeamentos. Existem muitas malocas em trânsito, abandonadas, isto quando os índios saem do rio Alalaú para o Abonary, existe uma maloca no meio do percurso, quer dizer, é uma maloca no intervalo de trânsito e inclusive essas que estão situadas próximo a estrada, não tem índios, somente a que está situada a 8 Km, essa realmente tem índios. O fato seria necessário explicar, é que a estrada ainda não atravessou toda reserva, mas o desmatamento quando cheguei lá na área, já havia atravessado toda área Walmirís-Atroarís e segundo as pessoas da época, não havia tido choque nenhum, os índios apareceram pacificamente, só houve a morte de 3 elementos, após o massacre que houve no Alalaú I, depois com a morte de 3 elementos do desmatamento de uma empreiteira, então do mau conhecimento só houve esse choque, que foi dizer que a estrada ainda não atravessou a reserva, mas o desmatamento já está no Jauapery.

PE. JUSTINO MAC INNIS:

Também soube que foi colocada uma grade embaixo da Ponte do rio Santo Antonio do Abonary, falando a respeito do habitat natural e sobre o Estatuto do Índio. É nesse ponto específico, gostaria de saber como funciona o Estatuto do Índio ?

O SERTANISTA:- (Apoena Meireles)

O que eu posso informar ao senhor, que realmente existe uma ponte no Abonary, mas esta ponte não existe nenhuma grade, ela permite o tráfego do rio, inclusive do Abonary I e II, ela fica mais ou menos no meio das distancias entre um e outro, e nós temos sempre passado por ali de canoa.

PROCURADOR JURÍDICO DA FUNAI:- (Sr. Getúlio)

Não há absolutamente incompatibilidade entre a proteção condicional firmada em favor do índio, com o desenvolvimento nacional. A Constituição Federal, reconhece ao índio as terras por ele habitada, estabelece que essa garantia será realizada nos termos que a Lei Federal determinar. O próprio Estatuto, prevê as exceções à essas regras gerais estabelecidas na Constituição, e entre elas se situa o desenvolvimento Nacional. Evidentemente prevista a passagem como seria a solução decorrente da vigência, da aplicabilidade do preceito será por compensação de terras. É evidente que o grande problema é favorecer limites de tolerancia entre a posse do índio e o desenvolvimento Nacional.

O SR. PAULO LUCENA:

Sob o contexto que travou com a pessoa do Sr. Apoena Meireles, esse bravo sertanista, denotou uma profunda contradição sociológica ao contexto indígena, principalmente no que se refere aos Atroarís. A profunda angustia que Apoena exteriorizou com tanta autenticidade (Lê)... A posição que S. Exa. como autêntico magistrado, nos causa muita alegria, porque nós vemos que há realmente possibilidade de solucionar problemas. Gostaria de fazer uma sugestão, se o assunto transcende as soluções deste seminário, é muito mais profundo do que se pensa, então o Apoena como autêntico defensor do movimento nativo, na sua sinceridade, ele denotou que há realmente essa contradição, esse interesse autenticamente indígena, e aqueles interesses da força econômica, isso

que nós consideramos ser um protesto, porque destroi a economia, por - que ~~destorce~~ prioridades, etc. Então gostaríamos de patentear aqui a ' nossa sugestão à Presidencia da FUNAI, para que o assunto fosse mais ' profundamente debatido, possivelmente em outro simpósio, para ter uma solução talvez muito viável e muito interessante em prol do nosso ín - dio. Muito obrigado.

O SR. RUBENS AUTO:- (Presidente da Mesa)

Acho que o assunto foi bastante debatido, e foram presta dos esclarecimentos muito bons pelo sertanista Apoená Meireles sobre ' esse assunto realmente palpitante, e que vem despertando um interesse ' muito grande, não só entre as missões como também em vários setores de opinião. A atração dos índios Walmirís-Atroarís é realmente um desafio a FUNAI e a todos nós, trata-se de fazer um contáto, um relacionamento de amizade com esse povo, que através de quase um século vem sofrendo ' uma pressão muito grande da nossa sociedade. Parece que ficou claro tam - bem que é de todo o interesse da FUNAI que o assunto seja motivo de su - gestões, de críticas construtivas, porque a FUNAI está mais do que nun - ca aberta a esse diálogo, não só no campo dos Walmirós-Atroarís como ' também em outros de suas atividades, no entanto é preciso que se inte - ressem pelo assunto, encaminhem as idéias e sugestões que puderem escla - recer e servir de ajuda à FUNAI e aos sertanistas nessa questão Walmiris Atroarís, acho que essa sessão de hoje foi muito boa para todos nós ' que fizemos um balanço geral da situação, vimos as dificuldades dessa ' tarefa, lançamos os olhos para o futuro, para os perigos que poderão ' advir com a pacificação desses índios, acho que ficou claro também o desejo de colaboração de todos.

PE. TIAGO BOETS:

Agora uma sugestão como relator e como participante, nós ' ouvimos uma série de considerações a respeito de um determinado proble - ma, a situação dos Walmirís-Atroarís. Como relator senti uma grande di - ficuldade de relatar tudo isso. Considerando também que o assunto dos Atroarís, é um assunto que mais vem a tona aqui em Manaus, mais do que qualquer outra área de atração, de atritos de índios, principalmente ' aqui no Amazonas, considerando ainda como foi dito no primeiro dia, que

os jornais nem sempre estão em condições de dar uma informação segura à opinião pública, eu teria uma proposta a fazer como relator e como participante desse simpósio, é o seguinte: que a FUNAI através do Apoe na e de outro, com alguém do CIMI e algum representante das missões, elebre um texto único, em que se coloque todas essas considerações de uma maneira equilibrada a fim de informar à opinião pública, de maneira bem objetiva. Não sei se ficou claro.

PADRE ANTONIO IASI:

O Estatuto é a Pauta, no momento, pela qual devemos seguir para a realização da política indígenista e ela fala em integração lan ta, harmoniosa e é exatamente o contrário viria perturbar toda a experiência que apenas estamos começando nesse setor, na prática de atuação desse instrumento legal que ainda não foi definitivamente provada a sua deficiência, então eu acho que uma alteração agora viria perturbar o assunto. Aproveitando as palavras do Sr. Presidente que falou mais uma vez da colaboração das missões com a Funai, eu diria, a título de questão sugestão, que poderia ser votada e sendo pacífica que a funai aceita a colaboração das missões, sugerimos! (Lê)...

O SR. RUBENS AUTO:

A primeira proposição feita por D. Milton, foi das missões colocarem junto à Funai, aqui em Manaus, ou na frente da atuação um elemento credenciado e com experiência na causa indígena para prestar colaboração ao trabalho do Apoená. A primeira sugestão é considerada aprovada. Quanto a segunda sugestão, está sendo redigida e será apresentada logo a seguir.

PADRE TIA GO BOETS:

(Lê)...

PROCURADOR JURÍDICO DA FUNAI:

Permitam-me propor, seria de acordo com um órgão assistencial que a lei nos conferiu obrigatoriedade de dá à política indígenista brasileira, cabe a nós, só para inserir esse aspecto de acordo com a orientação do órgão federal de assistência.

PROFESSOR OLYMPIO SERRA:

Eu achei que o aspecto apresentado pelo Dr. Getúlio, foi

oportuno, mas parece que há um conflito dentro da própria proposta. Ela é contraditória. A Funai, não pode conceder privilégio a nenhum tipo de Mensagem junto ao índio, mas assegura direito a todo tipo de Mensagem.

PADRE ANTONIO IASI:

O objetivo cabe aqui porque são todas missões representadas no momento, se nós tivéssemos outra representação, talvez ~~estender~~ demos mais. Mas, eu creio que as missões presentes no momento são essas. Queremos dizer que há a possibilidade de se levar uma Mensagem, que no caso é humana cristã, mas um homem amor e revelação divina. É a minha definição para a conclusão de outras que não estão aqui presentes.

PROFESSOR OLYMPIO SERRA:

Eu acredito que uma forma de solucionar a questão, que me parece seria inconstitucional, oferecer um título de privilégio se colocasse em termo de religião, qualquer coisa, que ao invés de deixar palavras que possam suscitar controvérsias ou merecessem críticas ao Seminário, que teve todo um contexto democrático, que se ponha ao invés de Mensagem humana e Cristã, "apoio humano e cristã".

PADRE ANTONIO IASI:

Aliás apoio humano e cristã, não sei se é bem concreto no caso, mas se levarmos cada uma das missões aqui representadas que trabalhem junto aos índios de acordo com o seu objetivo, porque a Constituição Nacional garante a toda população liberdade de e o Estatuto do Índio, não contradiz que ficam assegurado aos indígenas os mesmos dispositivos das leis do país.

REPRESENTANTE DE HUMAITÁ:

Nesses dias, como tema do nosso seminário, nós tivemos economia e ação comunitária, saúde, educação socio cultural e religião, se não me engano esse é o unico pensamento que nós temos sobre religião, e portanto é o unico pensamento e reflexão que entra, eu acho por mim, que esse pensamento do Padre Iasi, apoiado por nós falamos em sentimento religioso, porque é seminário entre Funai/missões, nós não fazemos nenhuma distinção entre todas as missões. Portanto eu acho que é justo se neste seminário nós tratamos de tantas coisas, é necessário esse principio de ensino, pelo menos de aperfeiçoamento neste caso dos

índios.

PROFESSOR OLYMPIO SERRA:

Eu volto a insistir que é inconstitucional à liberdade de crença, incluindo a liberdade religiosa do indígena.

REPRESENTANTE DA PRELAZIA DE PARINTINS:

A Funai, aceitando as missões, como colaboração, creio que reconheça o objetivo e acho que deve ser aceito sem nenhum acordo por que já é conhecido os trabalhos das missões.

O PROFESSOR OLYMPIO SERRA:

Eu discordo do representante da Prelazia de Parintins, o que ocorre entre o órgão Federal e as missões religiosas, no caso missões cristãs, a posição do órgão é quanto a uma ajuda assistencial exclusiva e acredito que uma deficiência no nosso seminário, foi a falta de debate nesse aspecto do problema sócio cultural e religioso nos fomos reparar na ocasião em que o tema foi abordado. Nossa colaboração inclusive pedindo a substituição da mensagem foi para caracterizar essa cooperação aceita, mas concreta, o que não quer dizer que a mensagem não diria isso. Eu acredito que a maior mensagem do missionário é a do exemplo.

REPRESENTANTE DA PRELAZIA DE PORTO VELHO:

Eu não quero discutir se é possível a ~~exist~~ assistência sem ideologia, vamos deixar para os filósofos. Mas quero evitar que implantemos uma ideologia que obrigue o índio ficar com a sua religião antiga, isso não podemos fazer. Mas, eu imagino uma turma de índios que a sua religião está chamando um religioso, e esse tem obrigação de atender uma vez que o próprio índio está chamando. Ele tem esse direito de chamar, mudar a sua opinião e até ficar dentro do seu esquema milenário que herdou há milhares de anos.

PADRE ANTONIO IASI:

De fato, as missões devem prestar assistência ao índio. O xalá! nós missões pudéssemos prestar assistência que nós é específica e assim nós teríamos armas para fazer progressismo, não teríamos o remédio e outros meios que possam ser utilizados como instrumentos progressivos, se as missões fazem essas assistências diversas, eu acho er

MRL.16, p.281/311

bedo e a Funai deveria pedir que as missões ficassem dentro das suas finalidades específicas que é levar a mensagem do Evangelio, porque eles não podem se integrar sem ouvir ou ter a oportunidade de ouvir as revelações divinas. Eu ~~creio~~ que a Funai deveria exigir que as missões ficassem dentro da sua finalidade que é ~~ix~~ não dar roupa, nada mas, levar a mensagem evangélica e se fazemos isso é porque falta. Na área a Primeira a chegar é a missão, não tem farmácia, remédio, nada e nós temos que procurar fazer alguma coisa. Em 1970 conversando com o Pastor Rinaldo, entre os índios Xerentes, ele disse nós estamos aqui para dar uma mensagem aos índios, mas como eles estão morrendo nós não podemos catequizar ou então assistir essa agonia lenta. Oxalá! que as missões não prestem nenhuma assistência aos índios e que se mantenham dentro da sua finalidade, essa é a maior colaboração que nós podemos prestar à Funai.

O SR. RUBENS AUTO:

Eu gostaria de fazer uma sugestão a respeito da sugestão apresentada pelo padre Antonio Iasi.

RELATOR DO GRUPO IV:

Creio que é esta a sugestão proposta, ou redação proposta pelo coordenador dos trabalhos: (Lê)...

O SR. RUBENS AUTO:

Todos estão de acordo?... Aprovada. Há ainda uma proposta do Sr. Paulo Lucena, representante da Vice-Liderança do MDB, que é a seguinte: (~~xxxxxxxxxxxxxxxxxxxxxx~~) Lê...

O SR. PAULO LUCENA:

(Lê)...

O SR. PAULO LUCENA:

Alguém deseja se manifestar sobre a questão? ...A assembleia está de acordo. Há uma ~~quarta~~ quarta proposição. (Lê)... Eu acredito que não há qualquer intenção da Funai, nem do Ministério em fazer qualquer alteração no Estatuto, agora no momento. E depois, parece que houve uma notícia no jornal, que acho não terem sido confirmadas que tem um outro aspecto. Eu me recordo que o Padre Iasi, fez a sua justificativa e um dos pontos principais seria exatamente ao apressamento de pacificação. Mesmo que o Estatuto fosse modificado nesse tópico, também seria modificada a

lei da Funai, que faz menção à pacificação a longo prazo, não me recordo direito da palavra, mas a idéia é essa da pacificação sem pressões, sem violências etc à cultura indígena. De forma que eu pergunte ao Padre Iasi, se mantém a sugestão nesses termos, ou apresenta outra sugestão que reforce. ...

PADRE ANTONIO IASI:

Se a própria Funai está dizendo que não haverá modificação no Estatuto, nós iremos retirar a proposta..

O SR. RUBENS AUTO:

Então o Padre Iasi, retira a sugestão feita. Ainda há três propostas já debatidas em Plenário: (Lê)... Estão todos de acordo... Apróvada. Outra proposta: (Lê)... Esta foi a proposta de D. Milton.

O SR. PAULO LUCENA:

A respeito da última proposição eu gostaria de fazer uma sugestão, é que se ~~subtende-se~~ por missão qualificada... Eu gostaria de ter uma explicação mais ideal sobre essa colocação.

O SR. RUBENS AUTO:

"Missão qualificada" seja substituída por "missão com experiência em indigenismo".

PADRE ANTONIO IASI:

Poderia ser ainda "reconhecida pelo órgão".

O SR. RUBENS AUTO:

"Experiência indigenista reconhecida pelo órgão".

PADRE TIAGO BOETS:

(Lê)...

O SR. RUBENS AUTO:

Estão todos de acordo... Há mais uma sugestão (Lê)... Esse foi em decorrência de um debate sobre distorções de informações e má compreensão da própria posição dos Walmiris-Atroarís, frente a nossa sociedade. Quer dizer, devido ao longo contáto agressivo entre brancos e Walmiris-Atroarís. (Lê)... Estão todos de acordo... Está aprovada.

O SR. PAULO LUCENA:

Eu queria aproveitar a presença do representante do SIL, para formular uma sugestão que talvez não esteja no plenário, mas a nossa idéia é oportuna, é sobre a grafia dos vocábulos nos idiomas indígenas,

talvez pelo fato de uma grande maioria dos técnicos que atuam no setor ' serem estrangeiros, cujo idioma original é o inglês e o alemão, os fonemas aplicados na fonologia dos idiomas indígenas, eles têm as letras marginais do nosso idioma k, w e y. Gostaríamos que essas letras fossem substituídas na fonologia pela letra c, u, e i, que são letras intrincadas do nosso alfabeto. Essa sugestão destina-se ao melhor congruência entre a sociedade envolvente que fala português e a sociedade indígena. Eu acredito que teria uma melhor conotação nacionalista, não querendo dizer que eu não seja um cosmopolita, eu acredito que seria muito mais fácil da sociedade im envolvente assimilar os idiomas indígenas.

O PROFESSOR OLYMPIO SERRA:

É um problema técnico e os problemas técnicos devem ser ' traçados tecnicamente.

O SR. RUBENS AUTO:

Além do mais eu queria esclarecer que a grafia dos indígenas foi resolvida em congresso e só poderá ser alterada em congresso semelhante. Os nossos trabalhos estão terminados, agradeço a colaboração ' de todos e vamos agora para o intervalo.

(INTERVALO)

O SR. PRESIDENTE (GENERAL ISMATH DE ARAÚJO)

Srs. Vamos reiniciar a penultima parte de nossos trabalhos e de acordo com a programação a apresentação das diferentes proposições ' apresentada pelo grupo IV de trabalho. A ultima seria o encerramento deste encontro. Queria tecer considerações a respeito dessas apresentações de proposições no que está escrito no documento que cada um recebeu que seria apresentação das proposições em plenário, seguida de votação dessas proposições. O que nós vimos desde ontem no acompanhamento que fizemos ao trabalho do Quarto Grupo, seria uma discussão Funai/Missões religiosas ' do diferentes problemas, onde essas proposições foram objeto de participação de ambos os lados e discutindo exaustivamente essas proposições ' para que elas pudessem ser apresentadas aqui em plenário justificadamente. Eu acho que é um assunto que o plenário ~~que o plenário~~ deve apreciar é que a votação que está prevista se baseia numa votação quase que simbólica e eu não acho justo que o trabalho exaustivo de um grupo de traba

lho possa ser destruído por votação de outros grupos que não participaram dos debates daquele grupo. Mas, o plenário poderá livremente usar da palavra, para esclarecer determinada proposição, trazer uma nova redação para essa proposição, poderá sugerir mais alguma coisa, inclusive acrescentar um conhecimento de causa que o próprio grupo não tenha visto. Não queremos tirar a liberdade do Plenário de se manifestar. Mas, eu acho que não é justo destruir todo o trabalho que cada grupo realizou dentro do seu próprio grupo de trabalho. Tem uma proposição apresentada à Mesa, vai ser submetida ao plenário,, do Supervisor da Funai, de que encerramos o trabalho agora. Não houve tempo de serem rodadas as proposições para serem apresentadas a todos os participantes do Seminário e iniciarmos mais cedo, inclusive ele compromete até a rodagem das proposições e trazer prontas. Então, encerraremos mais cedo os trabalhos e começaremos mais cedo na parte da tarde. É a proposição que está em Pauta para o plenário discutir, ou iniciamos agora e encerramos às 12:00 horas e iniciamos na parte da tarde dentro do horário previsto. Duas normas.

PADRE ANTONIO RASERA:

Com relação a primeira eu acho ótima, apenas um particular o Sr. disse que poderíamos reformular a redação, contanto que o conteúdo permanecesse idêntica ao reformulado pelo grupo.

O SR. PRESIDENTE:

Dentro da idéia que o grupo apresentou.

PADRE ANTONIO RASERA:

Com relação a II, fui eu o ~~relator~~ proponente e naturalmente advogo a minha causa, mas com uma condição de que os quatro relatores trouxessem ao plenário e distribuíssem a todos os participantes com as conclusões que o grupo aprovou, se não, não adianta deixar para depois se vamos ~~deixar~~ iniciar sem ter em mãos tudo aquilo que o grupo chegou a conclusão definitiva. Eu me prontificaria a trazer cópia para todos que estão aqui participando e gostaria que os outros grupos também se prontificassem.

O SR. PRESIDENTE:

A Funai, praticamente recebeu agora ao término dos trabalhos, toda aquela série de proposições, e muitas delas tem que serem batidas para depois serem rodadas, então evidentemente que cada grupo, ca

da participante não poderiam ter em mãos uma cópia desses trabalhos. Se há interesse de cada participante do Seminário, tenha em mãos a cópia das proposições do grupo para acompanhar é válido, e também haveria outra modalidade de simplesmente o relator apresentar oralmente a proposição e o pessoal mesmo sem ter a cópia, tem capacidade de intervir e seria proposição com proposição, e apresentar, de modo que as idéias estão aí, para serem debatidas em Plenário. Duas proposições: a primeira seria, todos os participantes não terem em mãos proposições dos diferentes grupos, a outra é a "H", com o compromisso dos grupos de rodarem os trabalhos para depois serem distribuídos.

PROFESSOR OLYMPIO SERRA:

Sr. Presidente, é buscando dar continuidade ao trabalho, e participando da proposta que se vai concluir agora, nós faremos uma sugestão simples, de que os relatores se reunam durante 10 minutos e eliminem as respostas e então venham as propostas de caráter regional e fiquem as propostas de caráter geral.

PE. ANTONIO RASERA:

Se uma coisa foi estudada em âmbito geral, o que se poderia fazer, seria os relatores se reunirem para fazer uma análise do estilo, do português, ou coisa semelhante, mas se o grupo achou que aquela determinada proposta lá do Solimões, válida, mesmo que seja num sentido um pouco mais geral, tem que também mostrar o grupo pensou sobre aquele assunto.

O SR. PRESIDENTE: - (Gen. Ismarth de Araújo)

A proposta do professor Olympio não foi no sentido de eliminar a proposição de cada grupo, daquele trabalho que o grupo realizou, não houve essa idéia, seria simplesmente questão de apresentação em Plenário, acho que foi essa a idéia do professor Olympio.

PE. ANTONIO RASERA:

A proposta seria então que, aquilo que foi aprovado pelos grupos, não fosse passível de reprovação pelo Plenário.

O SR. PRESIDENTE: - (Gen. Ismarth de Araújo)

Eu não disse, não aprovação, seria uma aprovação, digamos simbólica, mas que não pudesse invalidar o trabalho feito por cada grupo, poderíamos fazer uma votação aqui, mas seria praticamente simbólica.

O SR. PRESIDENTE:- (Gen. Ismarth de Araújo)

Em votação a proposta de número 01...

REPRESENTANTE DA MISSÃO NOVAS TRIBOS DO BRASIL:-

se

Eu não/se todo mundo que se levantou, e os que ficaram sentados, entenderam. Eu pergunto, como é que nós podemos votar em uma coisa se está dependendo de três ou quatro redatores. Então se um redator pode chegar aqui às duas horas com todo o material pronto e outro redator não pode, então seria o caso desses redatores se reunirem, e ajudarem-se uns aos outros, e depois apresentar as duas horas de trabalho completo, se eles disserem que podem, então eu creio que é melhor, agora se eles não puderem então não temos outra alternativa, e temos que continuar os trabalhos nessa base de ouvir simplesmente o relato e prestarmos atenção.

O SR. PRESIDENTE:- (Gen. Ismarth de Araújo)

A proposição do grupo com a devida justificativa, será lida proposição por proposição pelo relator de cada grupo. Então não será lido bastantes relatórios, tudo em conjunto para que os participantes não pudessem intervir, seria proposição por proposição, acredito que mesmo não tendo em mãos ... talvez pudesse ganhar esse tempo necessário. E nessas discussões estamos perdendo tempo. Quem é o relator do 1º grupo que vai iniciar a proposição? Vou passar à Mesa ao relator do grupo que vai apresentar suas proposições.

O ANTROPÓLOGO:- (Kenneth Taylor)

~~XXXXXXXXXXXXXXXXXXXX~~

Sr. Presidente, neste caso eu gostaria de sugerir o seguinte: se é que nós vamos ficar até 2hs ou 2,30hs para receber por escrito todas as proposições, acho que é bem cômodo se aguardara até aquela hora para podermos acompanhar com documento escrito.

O SR. PRESIDENTE:- (Gen. Ismarth de Araújo)

É a segunda proposição.... A proposta que fizhá pouco, seria de iniciar agora a apresentação dos relatórios, independente de cada integrante do seminário, elemento/ter em mãos esse relatório, para ganharmos tempo. Então foi aprovada a proposição de encerrarmos os trabalhos agora e voltarmos à tarde com todos os relatórios mimeografados.

"II SEMINÁRIO - FUNAI - MISSÕES RELIGIOSAS-AMAZÔNIA LEGAL" TAL

(10-04-75 às 14:00hs.)

O SR. PRESIDENTE: (GENERAL IRMARTH DE ARAÚJO)

Vamos reiniciar a nossa palestra , dando a palavra ao 4º grupo "Áreas Diversas", pediria ao relator que ocupasse a Presidencia da Mesa, e os demais membros de grupos ocupasse a 1ª. fileira, para que fiquem em condições de responder a qualquer intervenção, e fazer qualquer pergunta. Os demais grupos à proporção da intervenção, seria bom que distribuissem na ocasião, os relatórios, para ganharmos tempo. Todas as sugestões dos demais grupos, distribui na hora em que o grupo possa intervir.

PE. ANTONIO IASI:

Proposição I . (Lê)...

O SR. RUBENS AUTO:

Essa é a 1ª. proposição que se refere ao projeto global do Vale do Purus. Se todos estiverem de acordo, podemos considerar essa proposição como aprovada. (Aprovada).

PE. ANTONIO IASI:

Proposição II. (Lê)...

O SR. RUBENS AUTO:

A proposição 2ª. refere-se ao projeto global no Vale do rio Madeira, dividido em duas áreas geográficas: Madeira-Humaitá e a do Baixo-Madeira. Todos estão de acordo... (Aprovada). Agora serão lidas as recomendações .

PE. ANTONIO IASI:

Recomendações. (Lê)...

O SR. RUBENS AUTO:

Das duas recomendações que apresentamos agora, a 1ª. refere-se ao trabalho de divulgação do índio, principalmente na parte educativa... A segunda se refere para que ao se estudar uma área, a Funai procure englobar dentro dessa área a população indígena.... Em votação...

PROFESSOR OLYMPIO SERRA:

Q/O antes da votação da proposta, transferir o termo recomendação para proposição..

O SR. RUBENS AUTO:

Quanto a proposta do Professor Olympio, a coordenação não

se opõe. (aprovado)

PADRE IASI:

...(Lê)...

O SR. RUBENS AUTO:

Está em votação o Projeto do Professor Olympio...

O SR. PAULO LUCENA:

Gostaria de usar a palavra sobre esse projeto do alto soli-
mões, na região específica do Javari, do vale do Javari. Eu gostaria de
trazer informações, que talvez o grupo de trabalho não tenham conheci-
mento de certos pormenores. Queria informar que desde 1954 a 1964 fo-
ram mor-
tas naquela região 34 pessoas e há naquela região controvérsia sobre quem
matou essas pessoas, se Marubos, ~~MARDIONAS~~, se Canamaris. Cerca de 9 mu-
lheres e crianças foram sequestradas, tivemos oportunidade inclusive de
encontrar uma mulher que foi sequestrada há 15 anos atrás e foi devolvida
a sociedade juntamente como seu marido, recentemente através de equi-
pes da Petrobrás que percorreram aquela região. No rio Curuçá, habitavam
2 mil pessoas há cerca de 15 a 20 anos atrás, mas houve desentendi-
mentos en-
tre brancos e índios naquela região, e ela foi despovoada, por esse motivo
os seringueiros tiveram que sair. São informações que eu creio serem mui-
to importantes e também para verem que os índios estão em pé de guerra,
não é guerra quente, mas guerra fria que de vez em quando esquenta, e há
necessidade de um estudo profundo das causas dessa guerra fria. Muito obri-
gado.

DR. JOÃO CRISÓSTOMO:

Q/O A finalidade dessa reunião é aprovar ou não essas
proposições ?

O SR. RUBENS AUTO:

A proposição sobre o projeto do Vale do Javari está em vota-
ção... (Aprovada). Projeto de Roraima, são três proposições, referente a
1a. a área indígena dos índios Macuxi, Apixana, englobando o nordeste do Ter-
ritório. A 2a. se refere a área indígena Wai-Wai no Território de Anawá.
A 3a. se refere ao Estado do Amazonas na área Hixkaryana do rio Jatapú e
Nhamundá. As três proposições estão sendo apresentadas para a aprovação
do Plenário... (Aprovada). Pausa de 2 minutos para meditação de propostas.

O SR. PRESIDENTE:

Acho que o grupo poderia explicar melhor o que os levou a

essa proposição de número II...

PE. ANTONIO IASI:

O sentido disso surgiu de uma intervenção do professor Olympio quando disse, que a missão deve se impenhar, não deve se omitir, de modo que, quando se pensou na redação, nós estávamos pensando no risco que pode correr o missionário e não os índios. Nós estamos visando evitar choques com os índios.

~~XX~~

~~A idéia que foi trazida aqui,~~

PRELAZIA DE PORTO VELHO:

Eu sugira se colocar (defender esses direitos usando meios legítimos).

O SR. PRESIDENTE:- (Gen. Ismarth de Araújo)

A idéia que foi trazida aqui, já vem ocorrendo em algumas outras áreas indígenas e inclusive missões religiosas, temos o exemplo das áreas BORDAI E MERURI em que a própria missão corre o risco com relação a fazendeiros e invasores daquela área, quando procuram defender a terra do índio. Dentro de uma determinada área de uma missão religiosa, essa deve ter alguma responsabilidade com relação não só aos indígenas, mas dentro do que prevê o Estatuto, de garantir a terra ao índio que é uma das coisas prioritárias.

PE. GIUSEPPE DALLA VALLE:

A palavra defender, nós entendemos de uma maneira quando nós estamos aqui no seminário e de outra maneira, quando estamos em agitação e principalmente quando falamos com pessoas que não tem grau de entendimento que nós temos. Acho que a proposição deve ser reformulada no sentido de que se conscientize a palavra defender.

O SR. PRESIDENTE:- (Gen. Ismarth de Araújo)

Eu concordo plenamente que esta redação não está correspondendo a realidade dos fatos, ela tem que sofrer uma supervisão do consultor jurídico da FUNAI, mas há um fato, se uma missão religiosa percebe que entrou invasor nessa área, ela será a lá. a entrar em contato com esse invasor, mostrando que está entrando ilegalmente em uma área indígena. Aí ela corre o risco de como o invasor vai aceitar essa intervenção. Os problemas jurídicos decorrente da interferência dessa missão vai passar para a FUNAI, isso não quer dizer que a missão se omita aos direitos das comuni-

dades indígenas.

PROFESSOR OLYMPIO SERRA:

A redação que eu proponho seria esta: (Lê)... E o procurador jurídico sugere: (Lê)... (Palmas).

PE. ANTONIO IASI:

Lê...

O SR. RUBENS AUTO:

Passamos as proposições da reunião de hoje. "Proposições Diversas". Está em votação a 1a. proposição...(Aprovada).

PE. ANTONIO IASI:

II Proposição. (Lê)... (Aprovada). III Proposição. (Lê)...

O SR. RUBENS AUTO:

Nós temos uma idéia a apresentar que seria assim: (Lê)...

PROFESSOR OLYMPIO SERRA:

Eu tenho uma 2a. proposta, que se crie uma coordenação permanente para problemas indígenas em nível regional.

O SR. RUBENS AUTO:

Então ficaria assim: (Lê)... (Aprovada).

PE. ANTONIO IASI:

Proposição... (Lê)...

O SERTANISTA:- (Apoena Meireles)

Eu não conheço a problemática de outras regiões, então eu concordo com a sugestão de que seja discutido o assunto Walmirís-Atroarís numa outra oportunidade e que essa parte fosse retirada.

PE. ANTONIO IASI:

Proposição... (Lê)...

PROFESSOR OLYMPIO SERRA:

Há duas propostas à mesa. Uma que seja feita as correções e outra que se retire a proposta na íntegra.

O ANTROPÓLOGO:- (Kenneth Taylor)

O sugiro o seguinte: (Lê)...

O SR. RUBENS AUTO:

Submeterei à Plenário o texto da proposição com as alterações sugeridas...

PE. ANTONIO IASI:

Redação final da proposição... (Lê)... Sugestões ... (Lê)...

OSR. RUBENS AUTO:

Todos estão de acordo... (Aprovada).

PE. ANTONIO IASI:

O relator do 4º grupo apresentou as seguintes proposições:

(Lê)...

PREIAZIA DE PORTO VELHO:

Eu pediria que fosse incluída a área de jurisdição da 8a. Delegacia Regional da FUNAI.

O SR. RUBENS AUTO:

... Alguém deseja falar a respeito do assunto... Há uma proposição da MEVA de que o próximo seminário se realize periodicamente de 2 em 2 anos, tratando de assuntos da região Amazônica.

IRMÃO CARLOS ZACQUINI:

Minha sugestão é que se pedisse a colaboração da FAB nessa oportunidade, quando ela colabora com muitas missões. Realmente o peso econômico para essas missões é muito elevado para essas viagens.

O SR. PRESIDENTE:- (Gen. Ismarth de Araújo)

No dia de hoje a 8a.DR tem sob sua jurisdição o Território de Rondonia e o Estado do Acre, Então ficaria, da atual 8a.DR.

O SR. RUBENS AUTO:

(Lê)... (Aprovada). Aqui termina a parte do IV grupo. Vamos para o intervalo .

.....

O SR. PRESIDENTE:- (Gen. Ismarth de Araújo)

Reiniciados os nossos trabalhos. Vamos a parte do grupo do Rio Negro.

O ANTROPÓLOGO:- (Peter Silverwood Coppe)

Vamos apresentar as propostas formuladas pelo nosso grupo de trabalho.

PADRE ANTONIO RASERA!

Quanto a área de saúde, (Lê)... 1.1.

O A ANTROPÓLOGO: (PETER SILVERWOOD)

Padrão de saúde-imunização frequente de surtos de tuberculose gripe etc. (Lê)... (aprovada)

PADRE ANTONIO RASERA:

Proposição 1.2(Lê)...1.3 (Lê)...1.4 (Lê)...

O ANTROPOLOGO: (PETER SILVERWOOD)

Área de terras .

PADRE ANTONIO RASERA:

(Lê)... 2.1.

O ANTROPÓLOGO: (PETER SILVERWOOD)

...incluindo a área dos Yanoamas, alto Jauaperí, essa área do rio Negro, contem cer de 12 mil à 13 mil indígenas, não há problemas de invasão de terras até agora, há necessidade de se delimitar para assegurar essas terras. Item 2.2, (Lê)...

O ANTROPÓLOGO:(Kenneth Taylor)

Eu sugiro que se coloque uma linguagem mais técnica: "Demarcação Administrativa de terras".

PE. ANTONIO RASERA:

Quem conhece a geografia do lugar, terá entendido que a proposição não expressa, todos os indígenas contidos nessa região . No município de S. Gabriel e Santa Isabel, existem indígenas Tucanos que não fazem parte do projeto... Portanto precisa-se demarcar uma área para essas populações.

O ANTROPÓLOGO:- (PETER SILVERWOOD)

Então ficaria da seguinte maneira: (Lê)...

PE. ANTONIO RASERA:

O 2º parágrafo de 2.1 . (Lê)... (Aprovada).

O ANTROPÓLOGO:- (PETER SILVERWOOD)

Item 2.2 .

PE. ANTONIO RASERA:

(Lê)...

PE. GIUSEPPE DALLA VALLE:

Acho que se deveria levar em consideração a situação geográfica, que é de custo acesso para a população dos municípios.

PE. ANTONIO RASERA:

Então ficaria com a seguinte redação: (Lê)... (Aprovada). Área jurídica do Alto Javari. (Lê)... (Aprovada). PROPOSIÇÃO 4.1... (APROVADA).

O SR. PRESIDENTE:- (Gen. Ismarth de Araújo)

Só queria prestar uma informação, que infelizmente o Sr. Se-

cretário de Educação do Estado do Amazonas, não pode mandar representante para participar do Seminário porque o convite não chegou em suas mãos, e talvez com a participação da SEDUC, assim como a da SESAU, poderia nos levar a realizações concretas dos interesses indígenas.

PE.ANTONIO RASERA:

Proposição 4.2 (Lê)... (Aprovada). Agora vamos a área de ' economia e ação comunitária. (Lê)^{5.1}. Item I e II ...

O SR.PRESIDENTE:- (Gen.Ismarth de Araújo)

Eu estou assinando no momento, um ofício dirigido ao Comandante de II Grupamento de Engenharia e Construção...

O ANTROPÓLOGO:- (PETER SILVERWOOD)

Alguém quer apresentar alguma sugestão a respeito da proposta... (Aprovada).

PE.ANTONIO RASERA:

Proposição de número 6. (Lê)...

O SR.RINALDO DE MATOS:

A proposição foi feita, com a intenção de evitar conflitos entre Missionários e funcionários da própria Fundação Nacional do Índio, agora nós reconhecemos que aqui, essa proporção é apenas redundante, porque na Constituição é assegurado o direito de crença, e também o direito de culto, quer dizer a difusão de crença, uma vez que essa difusão não contraria a ordem pública, de modo que nós estamos simplesmente aqui, repetindo, e não havia necessidade dessa repetição, porque não obstante esses direitos assegurados pela Constituição, e não obstante não haver nenhuma restrição a esses direitos, tanto no que diz respeito a liberdade de crença, como no que diz respeito a liberdade de incumbir quer pelo exemplo quer pela palavra, a crença em que a Convenção de Genebra se expressa, o Estato do Índio e mesmo o Estatuto da Funai, se omitem a esse respeito pelo fato de que o documento maior que é a Constituição, dá ao índio ou garante esse direito. De modo que não haveria necessidade de se ... agora acontece o seguinte, que na prática algumas coisas têm acontecido e dá a nós a necessidade de se inserir essa definição. Era essa a explicação que eu tinha a dar.

PADRE IASI:

Eu não estou interessado na redação da proposição e sim no

assunto, eu acho que não é pretenciosa, não há nenhuma redundância quando no Estatuto do Índio diz que aos indígenas se aplica as leis do país, nos mesmos termos em que se aplica aos demais brasileiros. De maneira que eu acho que a proposição está boa.

REPRESENTANTE M.E.V.A/:

Eu acho que não está sendo firmada essa palavra "necessariamente", creio que ela tem que acabar. (palmas.)

PADRE ANTONIO RASERA:

Vamos colocar a proposição da seguinte maneira: (Lê)... To dos estão de acordo... (aprovada)

O SR. PRESIDENTE: (GENERAL ISMARTH DE ARAÚJO)

Acho que o objetivo deste seminário está sendo atingido, nós aqui temos plena liberdade de discutir, várias opiniões foram ouvidas e por isso o plenário está de parabéns. Era esse o esclarecimento que eu tinha a dizer. (palmas). Eu tenho duas propostas a fazer, a primeira é encerrar os trabalhos agora e iniciarmos amanhã, ou prolongarmos hoje pela noite e amanhã será somente o encerramento do Seminário... Aprovada a segunda proposição de prolongarmos o trabalho hoje à noite.

FIM.

" II SEMINÁRIO - FUNAI - MISSÕES RELIGIOSAS - AMAZÔNIA LEGAL "

(10-4-75 às 20:00 hs)

O PRESIDENTE DA MESA: (REPRESENTANTE DA M/E/V/A/)

Proposição IV, item 1,2,3 e 4 (Lê)...

O ANTROPÓLOGO: (KENNETH TAYLOR)

O que queremos sugerir é que levando-se em consideração da tribo Yanoama, a sua cultura, e o grau de aculturação que tem diversos indígenas da área, eles merecem uma equipe volante especificamente para eles e constitue no item 2, atuação não só para os Yanoamas, mas a todos e inclusive os que estão no Estado da Amazonas. Em discussão...Aprovada.

O SR. PRESIDENTE DA MESA:

Proposição V. É a respeito do hospital que já está em estudos, mas que vai se tornar realidade.(Lê)...

O SR. PRESIDENTE:(GENERAL ISMARTH DE ARAÚJO)

Acho que teremos que mudar a redação dessa proposição, pois a Secretaria de Saúde, não pode fazer o contáto direto com o indio.

O ANTROPÓLOGO: (KENNETH TAYLOR)

A sugestão pode ser feita em termos da presidencia da Funai entrar em contáto com a SUCAM, que é a entidade do Ministério de Saúde , e que vai tomar conta daquele hospital, para auxiliar. Alguém tem algum comentário à fazer...(aprovada)

O PRESIDENTE DA MESA:

Lê...

O ANTROPÓLOGO (KENNETH TAYLOR)

Em votação...(aprovada)

O SR. PRESIDENTE DA MESA:

Proposição 7 (Lê)...

O ANTROPÓLOGO KENNETH TAYLOR:

Em votação ...(Lê)... (aprovada)

O SR. PRESIDENTE DA MESA:~~Em votação...~~ Proposição 8 (Lê)...~~O SR. PRESIDENTE DA MESA:~~O ANTROPÓLOGO KENNETH TAYLOR:

Em votação...(aprovada)

O SR. PRESIDENTE DA MESA:

Proposição 9 (Lê)...

O ANTROPÓLOGO KENNETH TAYLOR:

Em votação...

O SR. PRESIDENTE GENERAL ISMARTH DE ARAÚJO:

Talvez fosse Bom que o grupo acrescentasse "preparo dos Yanoamas para o uso de roupas..."

O ANTROPÓLOGO KENNETH TAYLOR:

Esse ponto foi discutido hoje, pela manhã e a idéia foi da utilização da palavra preparo, justamente para não usar ...desses três itens. É um preparo lentamente para os índios Yanoamas, passarem a usar roupa.

PRELACIA DE RORAIMA:

Uma coisa que nós consideramos hoje de manhã é que não se forneça roupa para esses indígenas, porque eles têm, os trabalhadores da Perimetral Norte, já forneceram para eles, é suficiente começarmos a ensinar a eles como usarem essas roupas, ainda mais que dando para eles, esses vão distribuindo e em meses ou em um ano todos os Yanoamas terão roupas, não é interessante se atender porque eles não têm condições de saber o valor, e poderiam ser roubados com muita facilidade.

O ANTROPÓLOGO KENNETH TAYLOR:

Notem bem que a palavra usada é prioritária naquela área, há outra área Yanoma, mais afastada. Em votação...(aprovada).

O SR. PRESIDENTE DA MESA:

Proposição X. (Lê)...

O ANTROPÓLOGO KENNETH TAYLOR:

Todos nós somos participantes do Projeto, inclusive Missionários, não somente nós que participamos ontem da reunião de grupo, mas também funcionários da Funai....(inaudível)

O SR. PRESIDENTE: (GENERAL ISMARTH)

Quem é que vai fornecer o treinamento na área Yanoama?

O ANTROPÓLOGO KENNETH TAYLOR:

Existem novos missionários chegando na área e esses funcionam de uma maneira sistemática na missão da M.E.V.A. e que têm condições de fornecer esses treinamentos.

PADRE ANTONIO RASERA:

Eu pediria uma explicação, porque se diz que é uma língua com vários dialetos.

O SR. PRESIDENTE GENERAL ISMARTH DE ARAÚJO:

Exatamente, essa foi a pergunta que eu fiz.

O ANTROPÓLOGO KENNETH TAYLOR:

....(inaudível)...um ou outro dialéto dessa língua e o número de pessoas conhecedoras vai a mais de dez ou quinze. Ainda em discussão...(aprovada)

O SR. Presidente da Mesa:

Proposta XI (Lê)...

O ANTROPÓLOGO KENNETH TAYLOR:

Nessa proposição temos dois problemas que o projeto vai a crescer. O 1º é o seguinte: existem alguns pontos onde não tem a rádio transmitindo esse tipo de comunicação. A segunda,: As missões da área tem um sistema fixo decomunicar com Boa Vista, com o Governo de Boa Vista, mas não entra em comunicação com a Funai, e acontece que já existe na área três Postos da Funai, mas essas missões não entram em contáto com o rádio da Funai...

O SR. PRESIDENTE:(GENERAL ISMARTH DE ARAÚJO)

É uma proposição válida, mas não vai depender exclusivamente da Funai, toda a parte de comunicação do País, tem que ser submetido ao Departamento de Telecomunicações, Nacional, Então isso aí está demonstrando que há uma rede de telecomunicações, ou que está se propondo a criar uma rede independente a que já existe na Funai, então aí que o problema vai residir e talvez a rede não vá funcionar já que vai depender de um outro Ministério, da aprovação desse Ministério.

O ANTROPÓLOGO KENNETH TAYLOR:

Mas, acho que seria integrar essa rede a já existente na Funai. Ainda em discussão...(aprovada).

O SR. PRESIDENTE DA MESA:

Proposição XII (Lê)...

O ANTROPÓLOGO KENNETH TAYLOR:

Em discussão...(aprovada) . Eu gostaria de agradecer a participação de todos os participantes de nosso grupo que colaboraram na ela

boração das proposições. Muito obrigado.

O PRESIDENTE (GENERAL ISMARTH DE ARAÚJO)

Vamos dar a palavra ao Grupo do Alto Solimões.

O PRESIDENTE DA MESA: ~~(XXXXXXXXXXXXXXXXXXXX)~~

Vamos a parte final dos trabalhos de nosso grupo. I Proposição) (Lê)...

RELATOR: (BISPO DO ALTO SOLIMÕES)

(Lê)... Em discussão...

O PRESIDENTE GENERAL ISMARTH DE ARAÚJO:

Deve sofrer uma revisão antes de imprimir, porque a idéia da Funai, é distribuir globalmente a todas as missões religiosas essas proposições de cada grupo. Na primeira quadra de criação de área indígena, esse deveria ser um trabalho que deveria ficar afeto ao grupo. A delimitação da área necessária. Essa é, que é a idéia.

O PRESIDENTE DA MESA:

~~Nã~~ Submeto a votação... (aprovada)

RELATOR:

II Proposta... (Lê)...

O SR. PRESIDENTE GENERAL ISMARTH DE ARAÚJO:

Qual seria a finalidade desses antepostos?

BISPO DO ALTO SOLIMÕES:

(inaudível)... para substituir ...

PADRE TIAGO BOETS:

É apenas o aspecto dentro de uma estrutura. O sistema econômico, como tal me parece que essa proposição é um tanto imediatista, é válida para aquele momento, mas não pode desvincular esse problema estrutural, quanto a economia da região, então a minha proposição é de se deixar como está, mas acrescentaria que ao mesmo tempo se estude a estrutura econômica para encontrar soluções mais específicas.

O SR. PRESIDENTE GENERAL ISMARTH DE ARAÚJO:

Parece que o ideal é se comercializar o que eles estão produzindo no momento.

O SR. LA MARTINE:

A minha sugestão é que na proposta que fosse apresentada fosse incluída a diversificação da produção agrícola do índio.

PADRE TIAGO BOETS:

Faz-se uma análise da estrutura / da região ^{econômica} para encontrar so-

luções efetivas para contornar a situação...

O RELATOR(BISPO DO ALTO SOLIMÕES)

A Proposta seria essa (Lê)...

O PADRE TIA GO BOETS:

A diversificação está positiva, mas a diversificação é uma solução depois de uma análise integrada de uma estrutura inteira..

O RELATOR:

Vamos passar ao III item(Lê)... Não havendo manifestação do Plenário(aprovada). Proposição I(Lê)...Essa proposição corresponde ao IV Item, Proposição II(Lê)...

O SR. PRESIDENTE:

A Prelazia não apareceu em lugar algum...

O RELATOR:

A Prelazia fica responsável por Belém Feijoal, onde já mantém sua escola, a colaboração que pode dar é nesse sentido...Item V.. (Lê), Proposições I,II,III,IV...

O SR. PRESIDENTE DA MESA:

Submeto à discussão...

PADRE ANTONIO IASI:

Já que o tema é religião,eu estranho que na relação do grupo de trabalho não apareça nada a respeito do Movimento Socio Religioso, em consequencia da grande repercução dentro do Grupo como é o Movimento da Cruz. Eu pergunto o grupo não quis tomar nenhuma posição em face desse assunto?

O RELATOR:

Faltou o representante do Movimento da Cruz,que fizesse a proposta.

O PRESIDENTE GENERAL ISMARTH DE ARAÚJO:

O Professor Roberto Roberto Cardoso, foi o elemento que veio para a área especificamente para estudar o Movimento Religioso e está preparando um relatório a respeito.

O SR. PRESIDENTE DA MESA:

Dentro da situação Tikuna, muitos grupos desconhecem.... O movimento da cruz, está presente em todos os intens, inclusive naquela idéia de cooperativa, a característica fundamental desse movimento é mais ecumenico de que religioso.

O PRESIDENTE GENERAL ISMARTH DE ARAÚJO:

Tenho a impressão que o grupo deveria aceitar sugestões do Plenário de como corrigir essa situação.

REPRESENTANTE DA PRELAZIA DE RORAIMA:

Queria saber se o representante do movimento da cruz, que deve ser religioso, se foi convidado para esse simpósio? se foi convidado não veio e também o representante da missão Elin, que também não apareceu, isso fica aí ou vai ter alguém que substitua esse movimento ou qualquer tipo religioso.

O SR. PRESIDENTE DA MESA:

Eu acho que o representante do MOVIMENTO DA CRUZ, não foi convidado... Vamos submeter novamente a discussão. A idéia é que os organismos religiosos em colaboração com a política indigenista brasileira fiquem vigilantes em torno da situação indígena.

O SR. LAMARTINI:

Eu gostaria de fazer uma proposição. (Lê)... (Palmas).

O SR. PRESIDENTE DA MESA:

Proposta encaminhada à Mesa. Em discussão...

O SR. PRESIDENTE DA FUNAI (GENERAL ISMARTH DE ARAÚJO)

As vezes dentro de um seminário como este é difícil trazer um representante de cada comunidade///.(inaudível)

O SR. PRESIDENTE DA MESA:

Submeto a votação...(aprovada)

O SR. PRESIDENTE (GENERAL ISMARTH DE ARAÚJO)

Agradeço a participação de todos os grupos. Evidentemente que seria meu desejo poder ouvir a opinião de cada um dos representantes de missões a respeito dos aspectos positivos e negativos deste seminário porque iria servir de subsídios para a Funai em outras oportunidades. Amanhã será o encerramento de nossos trabalhos, quando iremos reiniciar às 9:00 horas da manhã a parte final de nosso Seminário. Muito obrigado.

FIM.

MINISTÉRIO DO INTERIOR
FUNDAÇÃO NACIONAL DO ÍNDIO - FUNAI

dia 11/4/75

"II SEMINÁRIO FUNAI-MISSÕES RELIGIOSAS - AMAZÔNIA LEGAL"

Em: 11/04/75 às 9:00 Hs.

O SR. PRESIDENTE:- (Gen/Ismarth de Araújo)

Reiniciada a sessão de encerramento do Seminário FUNAI-MISSÕES RELIGIOSAS. Eu pediria as Missões que fizessem uma apreciação geral a respeito dos trabalhos realizados, Apreciações globais dos aspectos positivos e negativos, e posteriormente seria dada a palavra ao representante das missões católica e não católica. E logicamente depois a FUNAI irá também fazer a apreciação dela.

DOM MIGUEL D'AVERSA:

Apenas duas impressões: a 1a. é sobre o conhecimento geral bastante completo do trabalho que as Missões e a FUNAI realizam nessa vasta área Amazônica. 2a. é sobre a união que há entre todas as missões. O amor que se tem ao índio, que transcende as barreiras da nacionalidade, e leva às vezes o missionário até ao heroísmo, a defender o índio, a trabalhar pela sua formação total, sócio-econômico e religioso. Desde o início nós pedimos sinceridade neste seminário, aquilo que nós pedimos, nós recebemos, e aquilo que a FUNAI pediu também recebeu. De modo que no encerramento deste nosso Seminário, eu volto contente porque sei que fomos sinceros, e a FUNAI também, acho que pensa do mesmo modo, porque as perguntas que nos fizeram nós respondemos, e as perguntas que foram feitas à FUNAI, também foram respondidas, quer dizer, houve sinceridade, e esta foi uma das razões principais desse nosso Seminário.

O SR. PRESIDENTE:- (Gen.Ismarth de Araújo)

Acredito que cada grupo de trabalho tenha designado um elemento para fazer a parte de despedida. Vamos começar pelo Rio Negro.

PE. ANTONIO IASI:

O que ficou claro no grupo, ou o que nós combinamos, é que nós vamos apresentar as proposições como foram feitas no grupo e individualmente. Cada uma dessas proposições expressou a idéia de uma ou mais pessoas, não é portanto uma síntese, porque teríamos de entrar em discussão de algumas teses. Passaremos a ler as proposições: (Lê)...

O SR. PRESIDENTE:- (Gen.Ismarth de Araújo)

Eu pediria ao Padre Iasi, que essas observações fossem entregues à FUNAI, pois devem fazer parte integrante do relatório final des

te nosso Seminário, isto será feito também com os outros grupos. As falhas apontadas evidentemente só terão valor se forem debatidas dentro do grupo.

PE. ANTONIO RASERA:

Pontos negativos. (Lê)... Pontos positivos. (Lê)...

DOM ADALBERTO MARSI:

Pontos negativos. (Lê)... Pontos positivos. (Lê)...

O SR. PAULO CORENCHUC:

Eu represento o grupo Yanomami. (Lê)... Estes são os pontos positivos e negativos apresentados pelo nosso grupo.

O SR. PRESIDENTE:- (Gen. Ismarth de Araújo)

Passo a palavra agora a Dom Milton, representante do nosso Arcebispo.

DOM MILTON CORREA:

Minhas senhoras e meus senhores, Exmo. Sr. general Ismarth de Araújo Oliveira. Ao encerrar o II Seminário FUNAI-Missões Religiosas... (Lê)... Nessas minhas palavras eu quero agradecer a FUNAI, a honra e a confiança do convite, e da nossa participação neste Seminário, eu quero externar a minha alegria de ter tido contato com funcionários da FUNAI, e deixo aqui votos de muita confiança em nossos contatos futuros e também protestos de muita alegria aos nossos irmãos evangélicos, porque realmente sendo fieis ao Cristo, todos trabalhamos por uma causa comum. Fazer com que o Cristo que já está na mente e no coração dos nossos índios, seja por eles conhecido e abraçado, e com o evangelho, integrar-se perfeitamente na civilização nacional, conservando no dinamismo da sua própria cultura. Muito obrigado. (Palmas).

O SR. PRESIDENTE:- (Gen. Ismarth de Araújo)

Vamos dar a palavra ao Conselho Indigenista Missionário.

PE. ANTONIO IASI:

Queremos falar em nome de todas as missões, para nos unirmos com a FUNAI, não para formar um bloco de oposição, mas para que houvesse maior conjugação de esforços e maior resultado. Podemos dizer que o CIMI, no momento consta só de **missionários** católicos e o indígena Capitão Eugênio Alves (bororo), que é realmente um dos conselheiros do CIMI, ele é muito mais do que eu, no CIMI, porque eu sou um simples acessor, e ele é um verdadeiro conselheiro dentro deste Conselho. O CIMI assume atitudes e toma decisões, mesmo que tenha que correr algum risco. Resta-nos agradecer, par

ticipamos intensamente do encontro, não houve, como diz a imprensa, nenhum ... Agradecemos ao Sr. Presidente essa referencia. Muito obrigado.

O SR. PRESIDENTE:- (Gen. Ismarth de Araújo)

Vamos dar a palavra agora ao Representante do Comando Militar da Amazônia.

REPRESENTANTE DO COMANDO MILITAR DA AMAZÔNIA:- (Cap. Rodrigues)

Exmo. Sr. General Ismarth, presidente da FUNAI, demais participantes deste Seminário. Eu fui convidado para representar o Comando Militar da Amazônia, para participar e acompanhar os trabalhos da FUNAI, aqui em Manaus. Cumprindo determinação do Comandante Militar da Amazônia, a cerca de 30 dias me encontro acompanhando os trabalhos da FUNAI. Tive a oportunidade, de durante uns 15 dias, acompanhar o grupo de trabalho que visitou a área do Baixo Amazonas, naquele grupo tive a ocasião de expressar minhas idéias, idéias essas de um elemento estranho à FUNAI, de um elemento que apenas visa o engrandecimento do trabalho da FUNAI e em consequência do Brasil. Posteriormente já em Manaus, durante a apresentação dos grupos, das suas observações à Presidência da FUNAI, mais uma vez tive oportunidade de sinceramente apresentar minhas idéias, e naquela mesma oportunidade tive a felicidade de ver o Professor Olympio propor ao Presidente da FUNAI, que não realizasse este tipo de trabalho em outra área do Brasil, antes de retornar a Manaus e verificar aqui, a execução do que estava-se propondo naquele momento, proposição esta, que foi logo aceita pela Presidência da FUNAI. Quanto a realização deste Seminário, creio que dispensa comentários, ele transcorreu sob um clima de tranquilidade e terminou sob um clima de sinceridade, portanto só me resta parabenizar a Presidência da FUNAI, pelo trabalho sincero, fiel, honesto e leal, que realizou durante esses 30 dias aqui, trabalho este que, dão condições de planejar e executar a política, junto aos indígenas da Amazônia. Essas são em linhas gerais, a impressão que vou transmitir ao Comandante Militar da Amazônia.

MEMBRO DO CONSELHO CURADOR DA FUNAI:

Na qualidade de membro do Conselho Curador da FUNAI, quero apresentar aqui a nossa participação, e verificar que a balança deste Seminário pesou para o lado positivo. Nós verificamos que em um ambiente todo democrático nós chegamos a conclusões de igualdade. Foi mencionado aqui que as missões falaram muito mais, claro, a FUNAI é apenas uma, e os são várias pessoas.

A FUNAI embora esteja aqui com toda a sua equipe administrativa, economica e financeira ainda é pequena, diante de várias missões religiosas que es-
visa tão presentes aqui, então, têm que falar mais mesmo. O Conselho Curador, no fim de cada exercício em termos economicos e financeiro, o resultado dos trabalhos não só da FUNAI como também a todos vocês, inclusive missões religiosas, porque estão direta ou indiretamente ligadas através de projetos, a esse órgão. Portanto eu pediria aos senhores que não esquecesse aquele conceito que foi tão explicitado aqui, durante os trabalhos, pelo representante da Secretaria de Saúde, que quer dizer: a proporção na totalidade do indivíduo... quando expresa-se perfeitamente, "Corpo são e mente sã", este é o desejo do Conselho Curador, através de sua análise que fez dos problemas econômicos que envolvem todos. Muito obrigado. (Palmas).

O SR. PRESIDENTE:- (Gen. Ismarth de Araújo)

Eu queria dar agora, a palavra a um representante das Missões Evangélicas.

O SR. RINALDO DE MATOS:

Não houve tempo para se eleger o representante das Missões Evangélicas, mas nós estamos aqui para falar alguma coisa também, que representa o pensamento das Missões Evangélicas, presentes neste seminário. Como um dos participantes já de vários seminários Missões-FUNAI, acredito que as apreciações melhores que podemos fazer desses encontros, é que nós verdadeiramente temos nos encontrado. A aproximação entre Missionários e elementos da Assessoria da Fundação Nacional do Índio tem sido bem franca e bem leal, e neste último encontro, ainda que em determinada ocasião, em determinado momento, as discussões ficavam um pouco vaciladas, acredito que nós estamos nos encontrando. E enquanto a Fundação Nacional do Índio vai esquematizando o seu programa no aspecto técnico de assistência ao índio, tem por outro lado os missionários como pioneiros, vamos dizer assim, tendo uma programação de retaguarda às vezes bem estruturadas. Agora este encontro de elementos técnicos com esses pioneiros, nós vamos chegar finalmente a uma programação que leve realmente resultado para os nossos índios do Brasil. Essa é uma apreciação que faço deste encontro, e até sugeriria que daqui pra frente nós chamássemos este seminário - simpósio, de encontro porque esse é um verdadeiro encontro. Gostaria também de deixar mais uma apreciação à pessoa do Sr. Presidente, ele se conduziu nesta reunião, calmamente, tranquilamente, dando liberdade a todos, como já foi frisado, além

disso o Sr. Presidente não ostentou a sua posição, quer de presidente da Fundação Nacional do Índio, quer como militar, no seu alto posto de general, ele deu a todos nós aquela liberdade, isto é, nos deixou a vontade. Não se distanciou de cada presente missão, pelos corredores, ele também não fugiu do encontro ^{os} com/missionários, conversava com da missionário como se fossem colegas de trabalho, falando/~~xxxx~~^{dos} problemas práticos, sobre a assistência dos índios brasileiros, e aqui eu gostaria de lembrar, finalizando, que três deveres cristãos que nós levamos sempre em nossas mentes e em nosso coração: 1º) o dever de acato e obediência às ordens emanadas do governo. Diz o apóstolo S. Paulo: toda alma seja sujeita as autoridades constituídas. Em 2º lugar o dever de respeito, certa ocasião o apóstolo S. Paulo depois de preso em Jerusalém, enfrentando o sinédrio e a congregação dos principais sacerdotes, ele exasperou-se um pouco e disse a uma das autoridades, alguma coisa um pouco ríspida, quando o sumo-sacerdote mandou que lhe ferisse na boca, ele disse: estás aí assentado... para julgarme segundo a lei, e contra a lei, mandas me agredir, então alguém repreendera essas palavras um pouco ousadas do apóstolo dizendo: injurias o sumo-sacerdote! Então ele lembrou de um princípio já estabelecido no velho testamento dizendo: não falarás mal de uma autoridade do seu povo. Esse é um dever cristão que aclamo. Voltar as falhas, críticas construtivas, tudo isso achamos inteiramente em ordem, mas o princípio continua estabelecido, "não falarás mal de uma autoridade do seu povo". E o 3º e último dever, é o dever da intercessão, mais uma vez o grande apóstolo nos ordena: o que se faz por ações, intercessões, pelos reis e por todos que estão revertsidos de autoridades, assim nós queremos dizer no final deste simpósio, que como cristãos, nós estamos sempre orando por aqueles cristãos em autoridades, quer governamentais, quer administrativas, e finalizando quero deixar para o sr. Presidente a certeza de que nós, em nossas orações, quer pessoais, quer em nossas congregações, estaremos pedindo à Deus que abençoe a pessoa do Sr. Presidente em sua gestão na FUNAI, para que essa tarefa difícil mas, gloriosa seja levada a contento, em dar assistência ao nosso irmão indígena brasileiro. (Palmas).

O SR. PRESIDENTE:- (Gen. Ismarth de Araújo)

chegou o momento de nós encerrarmos o nosso seminário, onde eut enho observações próprias, cada missão atribuída aos elementos da FUNAI participaram dos grupos de trabalhos. Inicialmente eu desejaria em um plano

geral, qual a idéia da vinda da FUNAI, nós programamos uma viagem à Amazônia, uma viagem que seria de conhecimento, constitui uma área geográfica extensa, onde a própria FUNAI tem toda uma infra-estrutura na área, e ^{há} ~~muitas~~ regiões ainda desconhecidas para a própria FUNAI, então eu denominei essa viagem nossa, transferência da cúpula da FUNAI para a região de Manaus, de uma programação de percorrer várias áreas geográficas, mas naquele sentido de conhecimento. Conhecimento não só da própria FUNAI, mas existem determinadas áreas de pequena escala, conheceram também em pequena escala o trabalho das missões religiosas, então com esse duplo objetivo é que nós viemos a Amazônia. ~~Kerangãxxx~~ Evidentemente em uma viagem 20 dias não poderíamos abranger todas as áreas do Estado do Amazonas, nem do Território de Roraima, daí o acatamento pela Presidência, pela proposta já focalizada aqui, feita pelo professor Olympio Serra, de a FUNAI prosseguir o seu trabalho de conhecimento dessa área, antes de passar para uma outra área geográfica do país, precisamos ainda conhecer mais coisas, para podermos então planejar o conhecimento de causa. Nesse aspecto de viagem da FUNAI, apresentou realmente aspectos positivos. Áreas onde a FUNAI nunca tinha visitado, propiciou à administração algum conhecimento sobre a realidade indígena das populações existentes naquela área, de modo que em termos de FUNAI foi realmente positiva essa viagem, e justificou o investimento financeiro que fizemos durante esse período. A segunda etapa foi a realização do Seminário, o objetivo real do seminário, como foi focalizado aqui, por culpa da própria FUNAI, não tenha sido ... ao Plenário, era na realidade completar a 1a. fase de conhecimento de outras missões religiosas, esse é que era o objetivo real, já que nós não podemos abranger na viagem que realizamos, todo o conhecimento que seria necessário, para a segunda fase dos trabalhos. Então gostaríamos de ouvir das missões, dados que a FUNAI não possui, talvez ^{se} fosse dado esse esclarecimento, a palavra monólogo não tivesse surgido. Nós não nos aprofundamos nesse trabalho, não houve tempo de aprofundar. A mecânica adotada pelo seminário seria: 1a. fase: conhecer melhor as missões, o trabalhos que elas vêm realizando e a sua capacidade de realizar ~~xxxxx~~ mais alguma coisa, além daquilo que vinha sendo feito. A 2a. etapa, então partir para trabalhos de grupos e na 3a. fase, apresentação de proposições, talvez por falta desse esclarecimento inicial com mais ênfase a ser dado, ^{já} que o objetivo era esse. O objetivo da entrada da FUNAI na área das Prelazias sem o objetivo de criticar em absoluto, e

sim de conhecer o índio, parece que não foi bem entendido, e foi a tônica das discussões, gerando até um certo clima de desconfiança, quando não era isso em absoluto o que a FUNAI tinha em vista. Nós afirmamos que a parte principal do Seminário seria a 2a. fase, houve um perfeito entrosamento, FUNAI-Missões Religiosas, pudessem discutir amplamente os problemas das comunidades indígenas, e partir com propostas ^{que pudessem} a curto, médio e longo prazo solucionar os problemas existentes. A 2a. etapa de trabalho, que não foi focalizada, mas que eu observei, no aspecto de... os nossos missionários, tratando das deficiências de infra-estrutura da SUFRAMA, inclusive debater amplamente os problemas, esse foi um aspecto que a própria Presidência observou, que as falhas de infra-estrutura não prejudicaram o andamento dos trabalhos em grupo. Na 3a. fase nós sentimos aqui pelas proposições, que os grupos de trabalho ~~se~~ encararam com seriedade os problemas existentes nas diferentes áreas geográficas. Outra coisa que desejo ressaltar, foi o debate no campo religioso, acho que pela primeira vez a FUNAI atua em ordem para um amplo debate no campo religioso das Missões Religiosas, esse foi um aspecto positivo nessa área de debates, parece que não havia idéia nem de se tocar nesse assunto religioso, e o debate propiciou amplo conhecimento, não só por parte das missões, sejam católicas ou evangélicas, acho que foi outro aspecto positivo. Como observações gerais, eu acho que como aspecto positivo do seminário para a própria FUNAI, um melhor conhecimento da área, não queremos dizer total, mas passamos a conhecer melhor aquelas áreas que foram objeto de participação dos nossos grupos de trabalho. Passamos também a conhecer melhor os trabalhos realizados pelas missões religiosas, praticamente das diversas missões e prelazias a própria Presidência só conhecia a Prelazia do Rio Negro onde estive por duas vezes. Não é objetivo, absolutamente, da FUNAI, querer substituir esses trabalhos que as Missões Religiosas vem fazendo, o nosso objetivo é exatamente de íntima integração e pacificação de todas as missões em um trabalho conjunto de dirigir os nossos indígenas. Outro aspecto positivo, um melhor entrosamento entre as missões católicas e as missões evangélicas. Propiciou também as próprias missões, conhecimento de outras áreas que não ~~se~~ eram conhecidas, então tenho a impressão que sairão daqui com uma visão global de problemas que outras áreas estão enfrentando. Nós consideramos essa atuação da FUNAI nesse Seminário, praticamente como índice de trabalho na região Amazônica, achamos que a Amazonas merece ter prioridade em relação as outras áreas geográficas

do país. Em uma totalidade da Amazônia Legal, praticamente 50% da população indígena do país é exatamente que ainda precisa receber uma maior assistência seja da FUNAI, seja das Missões Religiosas. As falhas que foram apresentadas pelos diferentes grupos de trabalho, a própria FUNAI reconhece, apesar de nós termos tido a preocupação necessária, para que as diferentes missões recebessem o convite e ^{se}preparassem em bom tempo para o Seminário, mas algumas missões ainda falharam nessa preparação, acho que a maioria das missões receberam essa notícia da participação quase em cima da hora, então evidentemente a proposta apresentada por um dos grupos, de pelo menos um prazo de 90 dias de antecedência, ^{seja levado ao}~~xxx~~ conhecimento das missões, então é uma proposta perfeitamente válida, houve falhas administrativas evidentemente da própria FUNAI. Nós próprios da FUNAI reconhecemos que temos deficiências. Um dos aspectos a ser corrigido de falhas apresentadas é maior assistência aos nossos indígenas, o chefe de posto tem apoio integral da FUNAI, em última análise, é ele quem está realizando em nome da FUNAI, um trabalho perante aquela comunidade indígena, então ele é o elemento que mantém contato direto com as comunidades, por isso recebe todo o apoio da Fundação Nacional do Índio... (Inaudível).

Desejaria frisar, que as Missões Religiosas além do trabalho que vem realizando em relação as comunidades indígenas, elas poderão exercer um grande papel, quando se trata ~~quando se trata~~ da integração do índio na Comunhão Nacional, Prelazias que atuam em comunidades indígenas e não indígenas poderão pesquisar essa população não índia para uma futura integração, para que essa integração seja feita sem restrições, sem igualdade de condições, acho que esse é um papel paralelo em que as missões poderão cooperar com o trabalho da duas comunidades indígenas e não indígenas. Chegando ao fim dos trabalhos, tenho a impressão que aquele ambiente de desconfiança inicial, decorrente de falta de esclarecimentos, foi plenamente superado. A FUNAI deu plena liberdade aos missionários de falar, expressar o seu pensamento, de modo que tenho a impressão que da 2a. fase em diante os trabalhos transcorreram em plena normalidade, e já em um ambiente de plena confiança. Nós viemos aqui para congregar e não para dirigir, nós temos que unir esforços no sentido de beneficiar as comunidades indígenas, no sentido de preservá-la, para que essa comunidade que ainda existe neste país, seja transformada em elementos úteis a comunidade no dia de amanhã. Como estamos iniciando na semana próxima a "Semana do Índio", que

ria fazer uma comunicação, de que entre os ~~XXXXXXXXXX~~ agraciados com a medalha do mérito indigenista, existe o índio. O índio que durante longos anos vem prestando serviços a diversas comunidades indígenas no trabalho de atração, então pra mim já é uma medalha de real valor, o índio receber uma medalha de mérito indigenista pelo trabalho realizado, nas condições de índio. Em se tratando da Semana do Índio, eu queria trazer ao Plenário, uma mensagem recebida do Instituto Indigenista Inter-Americano a respeito do Dia do Índio. (Lê)... Gostaria antes de terminar, desejar as diferentes missões que participaram deste Seminário, a sinceridade com que participaram dos trabalhos, a sinceridade que demonstraram nas proposições, no prosseguimento desses trabalhos. Acreditamos que outros Seminários serão realizados, mas dentro da proposta aprovada, de 2 em 2 anos, e a FUNAI estará presente para continuar esse início de trabalho realizado neste Seminário, nós consideramos que muitas das propostas poderão já ser desencadeadas, quando se pensar em termos de projetos, vamos exigir ainda a complementação de estudo por parte de outros órgãos, como foi ventilado aqui, para complementar a infra-estrutura do projeto, inclusive com participação válida de outros elementos do próprio governo estadual ou municipal. Essas congratulações são sinceras da Presidência e de toda a equipe da FUNAI, o nível do Seminário foi elevado, as discussões foram feitas amplas, também em nível elevado, de modo que me congratulo sinceramente com todas as missões religiosas, em particular quero agradecer a presença de Dom Milton, que representando a Arquidiocese de Manaus, prestou uma real colaboração, com suas intervenções oportunas e felizes nos debates do nosso Seminário. E agradecer aos outros órgãos que aqui, apesar de não integrantes do seminário, vieram também prestar a sua colaboração, órgãos do governo de Manaus e do Território de Roraima, a participação do representante da Secretaria de Saúde e o representante da Secretaria de Educação do Território de Roraima. E também a participação ativa da Secretaria de Saúde de Manaus, com vários representantes presentes neste seminário. Fazemos votos que essas falhas apresentadas, e que a FUNAI não deseja absolutamente que as proposições e projetos fiquem exclusivamente no papel, senão este Seminário não teria sentido, e nenhuma finalidade. Vamos efetivamente realizar aquilo que nós nos propusemos nessa área, que é um resumo daquilo que as Missões Religiosas que aqui operam, realizaram um processo de assistência e desenvolvimento dessas comunidades indígenas. Isso cada Missão, cada Prelazia pode sair

MRL.16, p.311/311

daqui na certeza de que esses trabalhos terão o devido procedimento nas
as falhas apresentadas. Muito obrigado, meus senhores e desejo felicida
dades a todos em suas tarefas. (Palmas).

- F I M -